



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues Rittiner

**O matrimônio transpondo fronteiras:
a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo
afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal**

Rio de Janeiro

2014

Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues Rittiner

**O matrimônio transpondo fronteiras:
a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-
conjugal e de migração afetivo-conjugal**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Josefina Gabriel Sant'Anna

Coorientadora: Prof.^a Dra. Lorena Parini

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

R615 Rittiner, Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues.
O matrimônio transpondo fronteiras: a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal / Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues Rittiner. – 2014.
262 f.

Orientador: Maria Josefina Gabriel Sant'Anna.
Coorientadora: Lorena Parini.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Casamento – Aspectos sociais – Suíça – Teses. I. Sant'Anna, Maria Josefina Gabriel. II. Parini, Lorena. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 392.5(494)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues Rittiner

O matrimônio transpondo fronteiras: a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 04 de novembro de 2014.

Orientadores: Prof.^a Dra. Lorena Parini - Coorientadora
Université de Genève

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Josefina Gabriel Sant'Anna – Orientadora
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof. Dr. Russell Parry Scott
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Ana Paula da Silva
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dra. Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Clara Maria De Oliveira Araujo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Rio de Janeiro

2014

DEDICATÓRIA

Pour toi, Jean Claude

Que m'as toujours dit:
"Vas-y. Tu vas y arriver".

AGRADECIMENTOS

Acredito que uma das coisas mais satisfatórias na vida é olhar o que conquistamos e saber que não estávamos sozinhos. Por isso, são muitos a quem devo aqui agradecer por terem contribuído, cada um à sua maneira, nessa trajetória. Pela impossibilidade de nomear cada um de vocês, agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste trabalho, mas não posso deixar de citar aqueles que estiveram mais próximos e os que, mesmo sem saber, sempre me estimularam nesta caminhada.

Aos meus informantes, que gentilmente cederam parte de seu tempo e compartilharam de suas vidas privadas ao conversar comigo para a feitura deste trabalho.

Ao Mário e à Cocas, por sempre acreditarem em mim e me encorajarem a seguir em frente.

A Letícia Loreto Querétte, que me acompanha nesta trajetória há mais de dez anos, sempre com um ouvido paciente, uma palavra amiga, risadas e me colocando de volta no caminho certo.

A Cecília Loreto Mariz, pelos conselhos cruciais durante todo o período de elaboração deste trabalho.

A Luciana Ribeiro e a Cecília Patrício pelo apoio moral, pela leitura atenta, reflexões inestimáveis, críticas e por todos os conselhos pertinentes.

A Gildas Bokonon-Ganta, pela revisão do texto em francês e ajuda com a feitura dos gráficos e tabelas.

A Mohamed Rameez e Alexandre Desgeorges, pelos conselhos na elaboração dos gráficos e tabelas.

Ao professor Doriam Borges, por me ter mostrado como usar os programas necessários para colocar em gráficos o que tinha em mente, já que estes eram a melhor maneira de justificar e explicar meu trabalho.

À professora Cristina Costa, pela leitura atenta e correção do texto.

Aos colegas de curso, pelo bom convívio e pelas proveitosas discussões, especialmente a Marina Cavalcante, Leopoldo Guilherme Pio e Ozias Soares.

Às instituições que tornaram possível a concretização deste trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa

de estudos e pela bolsa sanduíche que me permitiu fazer a pesquisa de campo na Suíça, tornando possível a concretização deste trabalho. Ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Ao Institut des Etudes de Genre de l'Université de Genève (Unige).

À minha coorientadora Lorena Parini (Unige), pelo apoio e recepção durante minha estadia na Suíça para a pesquisa de campo.

À minha orientadora Maria Josefina Gabriel Sant'Anna (Uerj), pelo apoio nesta longa trajetória.

Concretizo mais, agora comigo. Nunca senti saudades da infância; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por índole, e no sentido directo da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás. Que eu saiba ou repare só a falta de dinheiro (no próprio momento) (...) são capazes de me deprimir. Tenho, do passado, somente saudades de pessoas idas, a quem amei; mas não é saudade do tempo em que as amei, mas a saudade delas queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido.

Fernando Pessoa

RESUMO

RITTINER, Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues. **O matrimônio transpondo fronteiras**: a formação de famílias interculturais em um contexto de turismo afetivo-conjugal e de migração afetivo-conjugal. 2014. 262f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta tese é um estudo sobre os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais, a saber, entre homens suíços e mulheres de países em desenvolvimento. O objetivo é buscar compreender esses relacionamentos e seu aumento através do que aqui denomino *turismo afetivo-conjugal* e *migração afetivo-conjugal*. Por um lado, e através dos discursos dos homens suíços, perceber como constroem seus projetos de vida, suas masculinidades, as motivações de suas escolhas pelo relacionamento com alguém de um país e cultura diferente da sua de origem, as causas dessas escolhas, como se percebem como homens e pais de família, suas percepções acerca das vivências e tensões na sociedade suíça face às ressignificações atuais da família e do casamento. Por outro lado, por estarem, todas as esposas em um contexto de migração, captar em que circunstâncias acontece a trajetória migratória feminina na atualidade, a feminina para a Suíça e, para o propósito específico desta tese, a migração em um contexto afetivo-conjugal intercultural. E, através dos discursos das migrantes pretende-se apreender o sentido de suas escolhas, assim como as dificuldades vivenciadas por algumas delas. A amostra foi composta por vinte entrevistas: uma tailandesa divorciada, um suíço divorciado e nove casais constituídos por suíços e mulheres de quatro países em desenvolvimento. A amostra foi reunida após exaustiva busca via internet, Facebook, Orkut e através outras estratégias: ida a bares e restaurantes da cidade, sugestões e conhecimentos dos colegas do alojamento e faculdade. A análise das falas dos entrevistados permite concluir que os suíços, ao buscarem relacionamentos afetivo-conjugais com mulheres de países em desenvolvimento, na verdade, desejam constituir uma família coesa, unida que valorize os valores tradicionais. Assim, mulheres de países em desenvolvimento são escolhidas por seus valores familiares mais “tradicionais”, ou seja, pelas suas qualidades como companheira de vida. Através da análise do discurso dos sujeitos perquiridos e dos dados estatísticos fornecidos pelo Centro de Estatística Suíço foi possível verificar como a migração e o turismo constituíram meios pelos quais os entrevistados conseguem formar uma família intercultural, como se organizam para tal, suas estratégias e projetos de vida. As falas das esposas migrantes mostram mulheres com *agency*, mas também possíveis dificuldades vivenciadas no país de destino, por se encontrarem longe de casa, de sua família e país de origem. As motivações por um relacionamento afetivo-conjugal intercultural mostram o desejo de ter para si uma família onde seus membros sejam menos independentes entre si.

Palavras-chave: Turismo afetivo-conjugal. Migração afetivo-conjugal. Casamento intercultural. Família. Masculinidade. Identidade.

RÉSUMÉ

RITTINER, Maria Eduarda Noura Céu Rodrigues. **Le mariage en transposant frontières**: la formation de familles interculturelles dans un contexte de tourisme affectif-conjugal et de migration affective-conjugale. 2014. 262f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Cette thèse est une étude sur les relations affectives conjugales interculturelles, à savoir, entre les hommes Suisses et femmes de pays en développement. L'objectif est chercher à comprendre ces relations et son augmentation à travers ce que j'appelle ici de *tourisme affectif-conjugal* et de *migration affective-conjugale*. D'une part, et, par les discours de l'homme Suisse percevoir comment ils construisent leurs projets de vie, leur masculinités, les motivations de leurs choix par une relation avec quelqu'un d'un autre pays et culture différente de la sienne d'origine, les causes de ces mêmes choix, comme se perçoivent comme des hommes et des parents, leurs expériences et perceptions concernant les tensions dans la société suisse face à réinterprétation actuelle de la famille et du mariage. D'autre part, étant, toutes les femmes, dans un contexte de migration, capter les circonstances dans laquelle la trajectoire migratoire féminin se passe dans l'actualité, la féminine pour la Suisse et, le but spécifique de cette thèse, la migration dans un contexte affective-conjugale interculturel et, à travers les discours des migrantes, appréhender leurs choix, ainsi que les difficultés vécues par certaines d'elles. L'échantillon a été composé de vingt entretiens: une femme thaïlandaise divorcée, un homme Suisse divorcé et neuf couples constitués par des hommes Suisses et femmes de quatre pays en développement. L'échantillon a été recueilli après une exhaustive recherche sur Internet, Facebook, Orkut et par d'autres stratégies: aller dans les bars et restaurants de la ville, des suggestions et des connaissances des collègues de l'hébergement et de l'université. L'analyse des entretiens montre que les Suisses, au chercher des relations affectives conjugales interculturelles avec des femmes dans les pays en développement, en fait, désirent former une famille unie, solidaire, qui valorise les valeurs traditionnelles et le désir d'avoir une famille pour soi-même où ses membres soient moins indépendants. Ainsi, des femmes de pays en développement sont choisies par leurs valeurs familiales plus «traditionnelles», c'est-à-dire, par leurs qualités comme partenaire. À travers l'analyse du discours des sujets étudiés et des données statistiques fournies par le Centre de Statistique Suisse a été possible de vérifier comme la migration et le tourisme ont constitué des moyens par lesquels interviewés réussissent à former une famille interculturelle, comme ils s'organisent pour cela, leurs stratégies et projets de vie. Les paroles des femmes migrantes montrent des femmes avec *agency*, mais aussi de difficultés vécues dans le pays de destination, en étant loin de leur famille et pays d'origine.

Mots clés: Tourisme affectif-conjugale. Migration affective-conjugale. Mariages interculturelles. Masculinités. Identité.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise porcentual de casamentos entre homens suíços e mulheres suíças – 1987 a 2009	67
Gráfico 2 - Variação dos casamentos entre homens suíços e mulheres suíças	70
Gráfico 3 - Análise temporal do crescimento e variações dos casamentos entre suíços(as) 1987 a 2011	70
Gráfico 4 - Evolução total da taxa de fecundidade	71
Gráfico 5 - Casamentos dos suíços com os países de fronteira de 1987 a 1999	74
Gráfico 6 - Casamentos dos suíços com os países de fronteira de 1999 a 2011	74
Gráfico 7 - Análise temporal de casamentos de suíços-suíças e suíços-estrangeiros - 1987-1999	77
Gráfico 8 - Análise temporal de casamentos de suíços-suíças e suíços-estrangeiros - 1999-2011	78
Gráfico 9 - Dez países cujas mulheres os suíços mais se casaram- 1987 a 2011 ..	79
Gráfico 10 - Dez países com quem mais mulheres os suíços se casaram na última década - 2001 - 2011	80
Gráfico 11 - Casamentos entre homens suíços e mulheres brasileiras - 1987 – 2011	81
Gráfico 12 - Casamentos entre mulheres suíças e homens brasileiros – 1987 - 2011	82
Gráfico 13 - Evolução temporal dos casamentos interculturais e entre suíços x suíças e suíços x estrangeiras - 1987 a 2011	83
Gráfico 14 - Domicílios suíços: três... dois... um...: três... dois... um...	84
Gráfico 15 - The global flow of people. Where everyone in the world is migrating	262

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos casais entrevistados – Genebra, 2012- 2013	32
Figura 1 - Mapa da Suíça e países limítrofes	75
Foto 1 - .. Solicitação de ajuda para a pesquisa, nas redes sociais	236

LISTA DE TABELAS¹

Tabela 1 – População residente na Suíça em 2012	58
Tabela 2 - Migração segundo a principal motivação - Pessoas de 15 a 74 anos no momento da migração em 2008 (Unicamente entre as pessoas nascidas no estrangeiro)	59
Tabela 3 - Migração segundo a principal motivação, em 2012	60
Tabela 4 - Média de casamentos dos homens suíços com mulheres suíças	66
Tabela 5 - Casamentos (%) segundo a origem dos cônjuges, de 1970 a 2009	66
Tabela 6 - Idade média do primeiro casamento na Suíça em geral e por Cantão ...	68
Tabela 7 - Pernoites na Suíça, segundo o país de origem dos hóspedes (em milhões, valores arredondados) – 2011-2012	181
Tabela 8 - Países turísticos preferidos pela população suíça	182
Tabela 9 - Casamentos interculturais em 1987, por continente	237
Tabela 10 - Casamentos interculturais em 1988, por continente	238
Tabela 11 - Casamentos interculturais em 1989, por continente	239
Tabela 12 - Casamentos interculturais em 1990, por continente	240
Tabela 13 - Casamentos interculturais em 1991, por continente	241
Tabela 14 - Casamentos interculturais em 1992, por continente	242
Tabela 15 - Casamentos interculturais em 1993, por continente	243
Tabela 16 - Casamentos interculturais em 1994, por continente	244
Tabela 17 - Casamentos interculturais em 1995, por continente	245
Tabela 18 - Casamentos interculturais em 1996, por continente	246
Tabela 19 - Casamentos interculturais em 1997, por continente	247
Tabela 20 - Casamentos interculturais em 1998, por continente	248
Tabela 21 - Casamentos interculturais em 1999, por continente	249
Tabela 22 - Casamentos interculturais em 2000, por continente	250
Tabela 23 - Casamentos interculturais em 2001, por continente	251
Tabela 24 - Casamentos interculturais em 2002, por continente	252
Tabela 25 - Casamentos interculturais em 2003, por continente	253

¹ As tabelas 9 a 33 dos Casamentos interculturais, por continente estão reunidas nos Apêndices.

Tabela 26 - Casamentos interculturais em 2004, por continente	254
Tabela 27 - Casamentos interculturais em 2005, por continente	255
Tabela 28 - Casamentos interculturais em 2006, por continente	256
Tabela 29 - Casamentos interculturais em 2007, por continente	257
Tabela 30 - Casamentos interculturais em 2008, por continente	258
Tabela 31 - Casamentos interculturais em 2009, por continente	259
Tabela 32 - Casamentos interculturais em 2010, por continente	260
Tabela 33 - Casamentos interculturais em 2011, por continente	261

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1	AS MIGRAÇÕES AFETIVO-CONJUGAIS INTERCULTURAIS.....	44
1.1	O encontro dos casais interculturais através da migração e do turismo.....	45
1.2	O fluxo migratório na atualidade.....	48
1.3	A migração feminina na atualidade.....	53
1.4	O caso migratório entre a Suíça e o Brasil.....	57
1.5	As agências dos sujeitos no fluxo migratório.....	61
2	O MATRIMÔNIO TRANSPONDO FRONTEIRAS.....	65
2.1	Ressignificações na formação da família e do casamento na Suíça	65
2.2	A interculturalidade nos relacionamentos afetivo-conjugais	76
3	MASCULINIDADES EM CONSTRUÇÃO NO RELACIONAMENTO AFETIVO-CONJUGAL INTERCULTURAL.....	88
3.1	As transformações na construção da(s) identidade(s), na atualidade.....	92
3.2	Identidade feminina x masculina	96
3.3	“A mulher está nos caçando na sociedade. Agora não temos mais um lugar. Elas tomam o trabalho dos homens e eles se encontram desempregados”	100
3.4	“Nós também melhoramos em muitas coisas. Isto está claro. Mas penso que hoje em dia o homem tornou-se fraco”	109
3.5	Paternidade e suas significações: “não são necessariamente as mulheres que são emocionalmente mais próximas dos filhos... Depende das famílias”	116
3.6	“Eu não faço diferenças entre o homem e a mulher. Eu não sou tão tapado assim”	125
4	RESSIGNIFICAÇÕES NA SOCIEDADE, NA FAMÍLIA E NO CASAMENTO	130
4.1	“A família é ao mesmo tempo um marcador, é uma referência, uma coisa normalmente estável, que evolui”	141

4.2	“É muito difícil definir, mesmo para um país pequeno como a Suíça, um esquema de família suíço”	141
4.3	Diferenças geracionais: “Na época, a família tinha muito mais certezas. As coisas deviam ser daquele jeito, eram daquele jeito questionávamo-nos menos”	146
4.4	Diferenças entre a família na Suíça e nos países das esposas.....	151
4.5	“O casamento é construir algo em todos os sentidos do termo” ...	155
4.6	“Quer-se uma vida moderna onde cada um trabalha, cada um faz o seu negócio e, em seguida, se houver discordância, divorcia-se, tem-se cada um o seu próprio dinheiro e, depois, o que resta da vida?”	158
4.7	Diferenças, semelhanças, fidelidade.....	161
5	O TURISMO AFETIVO-CONJUGAL E A MIGRAÇÃO AFETIVO-CONJUGAL.....	174
5.1	Breves considerações sobre o turismo.....	174
5.2	Turismo afetivo-conjugal.....	176
5.3	Migração afetivo-conjugal.....	184
5.4	“Um dia não era nada, outro dia tudo aquilo. E ainda me chamando a <i>beautiful</i>. “Bonita, bonita”, pô!”	189
5.5	“Aí eu falei: 'Menina, esse homem, esse loiro do olho azul, eu tenho que arranjar um loiro pra mim’”	193
5.6	Menina, eu dei um <i>kimura</i> nele, nesse filho da mãe, que ele caiu aí	197
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
	REFERÊNCIAS.....	219
	APÊNDICE A.....	236
	APÊNDICE B.....	237
	ANEXOS.....	262

INTRODUÇÃO

Definindo os contornos da pesquisa

A presente pesquisa tem como objeto os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais formados entre homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento². A proposta é tentar apreender, a partir do discurso do homem, seus projetos de vida, como se percebem como homens e pais de família e, por outro lado, por todas as esposas se encontrarem em um contexto de migração, captar em que circunstâncias ocorre a trajetória migratória feminina na atualidade, a feminina para a Suíça e, para o propósito específico desta tese, a migração em um contexto afetivo-conjugal intercultural. E, através dos discursos das migrantes, buscar compreender seus projetos de vida, assim como captar de que maneira a migração e o turismo contribuem para o aumento desses encontros interculturais. O intento é, portanto, apreender, através dos discursos dos sujeitos envolvidos, a percepção sobre si, suas famílias, suas escolhas, e as circunstâncias que os cercam na dinâmica da estruturação desses relacionamentos.

Ao pesquisar os relacionamentos afetivo-conjugais, o trabalho se insere na discussão sobre as experiências de vida e subjetividades dos sujeitos nos seguintes eixos temáticos: o aumento dos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais, suas causas e motivações; a percepção da existência de um “mal-estar” nas relações de gênero e na família na sociedade suíça; a construção da masculinidade

² Entende-se como países em desenvolvimento o conceito usado por Celso Furtado (1996): país em desenvolvimento ou país emergente são termos geralmente usados para descrever um país que possui um padrão de vida entre baixo e médio, uma base industrial em desenvolvimento e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) variando entre médio e elevado. Não existe uma única definição internacionalmente reconhecida de país desenvolvido e os níveis de desenvolvimento, econômico e social podem variar muito dentro do grupo dos países em desenvolvimento e alguns desses países possuem um alto padrão de vida médio. Por outro lado, Javier Santiso, diretor e economista-chefe para a área de desenvolvimento da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) afirmou no World Economic Forum para a América Latina, em 2009, onde foi um dos palestrantes, que é cada vez mais difícil falar em um mundo onde há "centro e periferia". "O centro é cada vez menos o centro e a periferia, cada vez menos a periferia. A América Latina e a Ásia estão exportando cada vez mais, assim como a África." No entanto, no seu trabalho, "Os Brics e o equilíbrio de poder global" (s/d) usa tanto a definição "países em desenvolvimento" como "países emergentes" (SANTISO, 2008). Assim, neste trabalho será usada a denominação países em desenvolvimento para referir os países aqui estudados, Brasil, Filipinas, República Dominicana e Tailândia.

dentro de um contexto social suíço e familiar intercultural; a migração e o turismo como meios de construção de uma família intercultural.

Deste modo, a pergunta que orienta este trabalho pode ser inicialmente formulada da seguinte maneira: O que leva os homens suíços a se casar cada vez mais com mulheres dos países em desenvolvimento e, por outro lado, cada vez menos com mulheres suíças?

A Suíça é percebida, por muitos, como um “paraíso na terra”, tanto economicamente como socialmente, por ser um dos países com menos desigualdades sociais e econômicas. Daí, a questão: O que está acontecendo no “paraíso terrestre” para que, a cada ano, os homens e as mulheres suíças se casem cada vez menos entre si, visto que, entre 1987 e 2011, houve um decréscimo de aproximadamente 31% de casamentos, enquanto que, entre homens suíços e mulheres estrangeiras houve um acréscimo de aproximadamente 137% no mesmo período? Por outro lado, estaria o aumento do turismo global contribuindo para esse aumento de casamentos interculturais? Ou, até que ponto o aumento da migração, e, especificamente, da migração feminina nas últimas décadas estaria facilitando esses casamentos interculturais?

As mudanças na família trouxeram consigo o discurso negativista de como ela estava fadada a se extinguir, mas, ao contrário do que os pessimistas prognosticaram, ela não acabou, não está acabada e dificilmente irá acabar um dia. Embora, com certeza, tenha sofrido ressignificações nas últimas décadas. Contudo, várias formas de ser família despontaram na atualidade e é do que trata este trabalho, de uma das configurações de família que, nas últimas décadas, está aumentando cada vez mais, a saber, as famílias heterossexuais interculturais entre homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento. A escolha por mulheres desses países – brasileiras, filipinas, dominicanas e tailandesas – se deve ao fato de que, na pesquisa do mestrado, – embora o foco, na época, tenha sido somente os homens suíços casados com mulheres brasileiras –, os dados estatísticos entre 1995 a 2003 apontaram alguns desses países como aqueles com cujas mulheres os suíços mais se casavam. Vale salientar que alguns países oscilaram para mais ou para menos, no conjunto dos vinte e quatro anos aqui analisados (1987 a 2011), como foi o caso da República Dominicana.

A ideia de pesquisar os relacionamentos afetivo³-conjugais interculturais, formados por homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento deve-se ao desejo de dar continuidade às pesquisas anteriores (CÉU RODRIGUES, 2001; NOURA RITTINER, 2006). Em “*Turismo Afetivo: relacionamentos interculturais*”, realizada na graduação em Administração, Organização e Planejamento do Turismo, foram trabalhados os casamentos de homens dos países desenvolvidos com mulheres brasileiras. Neste trabalho foi abordado o meio pelo qual os homens euro-americanos buscavam o relacionamento afetivo-conjugal, a saber, o turismo. Mais tarde, no Mestrado em Antropologia, o foco de estudo foi centrado nos homens suíços que se casavam com brasileiras, visto ser esta a nacionalidade das mulheres com quem mais eles se casam, na atualidade. A abordagem focava o discurso do casal intercultural sobre suas motivações, seus anseios, assim como o que de positivo e negativo advinha do relacionamento.

Neste momento, o objetivo é ir mais longe e comparar o discurso dos homens suíços casados com mulheres de diferentes países em desenvolvimento – alguns dos países com cujas mulheres os homens suíços mais se casam na atualidade, a saber, Brasil, Tailândia, República Dominicana e Filipinas –, buscando apreender as diferenças e/ou semelhanças de suas escolhas por uma mulher de um país que não o seu de origem para um relacionamento afetivo-conjugal, seus projetos de vida, suas percepções acerca das vivências e tensões na sociedade suíça face às ressignificações atuais da família e do casamento, elegendo como campo de análise os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais. Por outro lado, visto que todas as esposas estão dentro de um contexto de migração, pois todas vivem no país de seus cônjuges – quer tenham migrado antes ou após o casamento –, o trabalho objetiva, também, apreender em que circunstâncias acontece a migração feminina na atualidade, a migração feminina para a Suíça, e, neste caso específico, a migração feminina em um contexto afetivo-conjugal intercultural. Do mesmo modo, pretende-se verificar as possíveis dificuldades encontradas pelas mulheres devido à importância dos dados obtidos com suas entrevistas, mesmo as esposas não sendo, inicialmente, o foco principal da pesquisa.

³ Relativo a afeto ou afetividade. Afetividade: Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. **Novo Aurélio Século XXI** (FERREIRA, 1999, p.62).

Outra questão que se buscava compreender era se a procura por esposas de outras nacionalidades que não a brasileira se devia a um imaginário diferenciado das mulheres, como demonstrado, anteriormente, por alguns dos homens casados com brasileiras.

O interesse por esse tema se deve, também, ao fato de que venho de uma família intercultural, visto que sou mestiça, descendente de brancos e negros – meus avôs são brancos, portugueses, e minhas avós, angolanas e negras –, cresci entre duas culturas, duas religiões, duas etnias, duas nacionalidades, duas línguas, já que minha mãe falava com a sua no idioma nativo, Kimbundo e, atualmente, eu estou inserida, também, em um casamento intercultural. Mas, outro ponto de interesse por este tema se deve ao fato de, por anos, ver nossos amigos e conhecidos suíços, e até mesmo familiares, se casarem cada vez mais com mulheres estrangeiras, particularmente brasileiras, muitas vezes fazendo de meu marido e de mim, assim como de nossa casa no Recife, “um trampolim” para alcançar seus objetivos de um relacionamento afetivo-conjugal estável. Outro fator que despertou minha curiosidade para este tema foram as falas de alguns homens, enquanto vivíamos na Suíça, sobre ser praticamente impossível constituir uma família com uma mulher suíça, pois os interesses destas, atualmente, eram outros que não a família e, por isso, eles buscavam casar-se com mulheres estrangeiras.

Consequentemente, a abordagem proposta para buscar compreender os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais de homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento e seu aumento nas últimas décadas está focalizada na percepção do homem sobre a família, o casamento e a masculinidade e, por outro lado, na migração feminina, no turismo, meios pelos quais os sujeitos se têm encontrado, levando ao aumento dos casamentos interculturais. A importância desse conjunto de fatores reside em que, por uma perspectiva analítica, estas inter-relações tornam claro aspectos do casamento intercultural e das relações interpessoais dos sujeitos em questão que dificilmente seriam apreendidos se analisados separadamente. Daí ter sido feita, primeiramente, uma abordagem teórica da literatura sobre os temas em cuja confluência o objeto desta pesquisa se situa, a saber: família, casamento, masculinidade, migração e turismo.

Contudo, para basear este trabalho em dados concretos sobre o aumento ou decréscimo dos casamentos entre suíços, não encontrei muitos trabalhos que pudessem auxiliar em números absolutos ou em porcentagem. Deste modo, entrei

em contato com o centro de estatísticas⁴ suíço que, gentilmente, me enviou um banco de dados de todos os casamentos de suíços(as) entre si, assim como entre eles e estrangeiros(as) dos mais de duzentos países existentes em nosso planeta entre 1987 e 2011. Para melhor compreensão e leitura desses dados, eles foram organizados em forma de gráficos e tabelas, o que poderá contribuir para a análise de futuros estudos sobre famílias interculturais.

Desta forma, os dados estatísticos apresentados ao longo deste trabalho sobre os casamentos suíços e a migração feminina são secundários, mas possibilitam perceber as mudanças na família, no casamento e na sociedade suíça, assim como nos países circunvizinhos, que vivem esta mesma situação em sua realidade atual. Os dados foram organizados por ano, sexo, continentes, países com quem mais mulheres os suíços se casaram nas últimas décadas, o que possibilita apreender com quem (nacionalidade) e de que forma os mesmos estão constituindo suas famílias.

Por outro lado, apesar de muitas pesquisas abordarem a família e suas mudanças na atualidade, ainda hoje há carência de trabalhos sobre as famílias interculturais e, mais precisamente, a partir da percepção do homem, seus anseios e projetos de vida. Assim, a relevância deste trabalho consiste, também, na busca da compreensão de como o homem se percebe e que estratégias usa, na sociedade atual, para lidar e fazer face a essa nova mulher que surgiu a partir da emancipação feminina. E esta relevância se torna ainda maior pelo fato de não existirem muitos trabalhos focando a percepção do homem quanto às ressignificações que têm advindo na família e no casamento. Em contrapartida, a carência de trabalhos se aplica, também, em relação aos que apreendem a percepção da mulher migrante e suas escolhas por uma família intercultural.

A ideia de abordar o trabalho pela perspectiva do homem deve-se, também, ao fato de que os discursos sobre a igualdade dos sexos e muitas das pesquisas científicas que tratam das relações de gênero tendem a se centrar nos assuntos das mulheres, suas dificuldades, quase transformando o conceito gênero em sinônimo de mulher. Daí, a curiosidade em saber: E o homem? Como se sente? Como se situa como homem face a todas essas mudanças? Será que as relações de poder entre homens e mulheres permanecem iguais? E será que são regidas da mesma

⁴Office Fédéral de la Statistique (OFS); Insee Démographique; do Mouvement de la Population; e Service d'Information de la Section Démographie et Migration.

forma? E, se o homem continua detendo o mesmo poder, o que o está levando à dita “crise da masculinidade”? Até que ponto a emancipação da mulher suíça e seu maior acesso à vida pública estariam contribuindo para o aumento dos casamentos interculturais segundo a percepção do homem suíço?

Consequentemente, para o presente estudo, a escolha de fazer a pesquisa de campo na Suíça resultou do fato de ser praticamente impossível encontrar, no Brasil, homens suíços casados com mulheres de outros países que não o Brasil. Por conseguinte, o trabalho de campo foi feito na Suíça francesa, embora também tenham sido incluídas duas entrevistas na Suíça alemã e outras duas na França, a fim de aumentar a amostragem e assim poder avaliar com maior precisão os parâmetros em estudo.

Necessário esclarecer que ainda é escassa a literatura no campo das Ciências Sociais, abordando os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais entre homens da Suíça – ou outros países desenvolvidos – e mulheres dos países em desenvolvimento, quanto aos aspectos das concepções de família, masculinidade e afetividade. Mas, ao fazer uma pesquisa mais profunda, foram encontrados trabalhos sobre casamentos mistos, que se referiam a casamentos entre pessoas de diferentes religiões ou a casamentos entre pessoas de raças e classes diferentes (BARROS, 2003; FONSECA; 1987, GOLDSCHMIDT, 2004). Embora se perceba esse tipo de mixidade nos casamentos interculturais, não era esse o foco da questão nos meus estudos anteriores assim como no atual. Outro aspecto interessante foi que a bibliografia encontrada sobre estrangeiros e brasileiras versava sobre turismo sexual (DIAS FILHO, 1998; LEHMAN-CARPZOV, 1994; PISCITELLI, (s/d); ROSA, 1999), tema que tentei evitar em toda minha trajetória de pesquisadora, dado que o interesse é estudar a formação de famílias entre diferentes culturas, diferentes países e, principalmente, tentar apreender suas motivações para a escolha de um casamento intercultural.

Evidentemente, face ao contexto histórico das relações de gênero, ou seja, com as relações de poder entre homens e mulheres, não cabe aqui, de modo algum, contestar que vivemos numa sociedade onde ainda predomina a dominação masculina (VALE DA ALMEIDA, 2000), mesmo depois de décadas desde o começo das revoluções feministas. Com certeza, têm ocorrido alguns avanços em relação às conquistas femininas na sociedade ocidental, mas ainda se está longe de atingir

uma igualdade real. Um exemplo disso é a divisão sexual do trabalho e, atente-se, em sociedade precisamente fundada sobre o trabalho.

No entanto, é fato que poucos estudos têm sido feitos sobre o masculino e sua realidade, face a essa nova mulher que surgiu a partir do feminismo. E os estudos encontrados são basicamente voltados para a “crise do masculino” (BOECHAT, 1997; CALDAS, 1997; DORAIS, 1994b; SERRURIER, 1996; ULSON, 1997) devido às conquistas da mulher. Outro fator interessante é que os homens ou, melhor dizendo, o masculino, também não está sendo devidamente incluído nas políticas públicas de desigualdade entre os sexos, o que poderia ser devido ao fato de serem considerados como detentores do poder, o que de fato são. Assim, falar de gênero ou de poder nos discursos políticos ou nos estudos científicos é ainda quase sinônimo de falar de mulheres ou do feminino como se o masculino não existisse, ou seja, existindo apenas como dominador?

No final de minha primeira pesquisa, em 2001, tive acesso a um livro (PAPP, 2002) em que dois capítulos (HOTVEDT, 2002; PEREL, 2002) abordavam os casamentos interculturais entre pessoas de países diferentes. Para me apoiar teoricamente no Mestrado, acabei fazendo uma pesquisa mais aprofundada, o que me levou à bibliografia francesa, canadense e suíça (BARBARA, 1993; NANCHEN, 1990; PHILIPPE; VARRO; NEYRAND, 1998; VARRO, 1984; 2003). E, há alguns anos, durante uma viagem, encontrei uma senhora, Deta Engel, que estava vindo ao Brasil exatamente para fazer o lançamento de seu livro “Debaixo da mesma neve”, que apresenta relatos de mulheres brasileiras que foram ou são casadas com homens alemães. Em nossa conversa, Deta falou-me sobre suas experiências como mulher casada com um alemão, as dificuldades encontradas por muitas brasileiras, em relação às diferenças culturais e, principalmente, ao clima. Pude constatar, ao encontrar recentemente uma entrevista dela, no Jornal do Comércio, a confirmação do que me dissera. Afirmou ao jornalista do JC, quando este lhe perguntou se repetiria a experiência de casar e viver na Alemanha: “Voltar a viver tudo outra vez, penso que sim, desde que fosse com o mesmo alemão. Alegre, divertido, viajador, sem fricotes. Fala português, estuda espanhol e quer ir embora daqui. Eu também.”⁵ Mais recentemente, falei com Jordi Roca (2010; 2009; 2008; 2007), um estudioso das famílias mistas formadas entre homens espanhóis, suíços, italianos e

⁵ Jornal do Comércio Online. Entrevista a Jodeval Duarte. Acesso em: 16/07/2014. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/1998/0411/cd0411j.htm>

portugueses e mulheres latino-americanas e eslavas, que ele denomina “migrantes de amor”. Outro trabalho abordando os casamentos de mulheres brasileiras e europeus é o de Adriana Piscitelli (2010), pontuando como os casamentos de “conveniência” ou “por interesse” não são destituídos de sentimentos e não são, tampouco, menos seguros, ou seja, não são sinônimo de casamentos abusivos.

Metodologia de pesquisa

Para a elaboração deste trabalho, a abordagem privilegiada será, desde o início, determinada pelo objeto de investigação, que exige dispor de uma informação ao mesmo tempo quantitativa⁶ e qualitativa.

A primeira, ou seja, os dados estatísticos, tem o objetivo principal de revelar como, nas últimas décadas, a migração feminina ficou mais visível e as mulheres se tornaram uma maioria entre os migrantes. Sobretudo, objetiva revelar um dos grandes traços da migração atual feminina originada do mundo inteiro para a Suíça, a saber, especificamente as mulheres que estão casadas com homens suíços, a fim de identificar os países mais representativos como exportadores de esposas, ou seja, de mulheres em *migração afetivo-conjugal*. Essa realidade, a migração afetivo-conjugal, pode ser percebida, claramente, nas tabelas 2 e 3.

Por outro lado, os dados sobre as preferências dos países dos quais são oriundas as mulheres com quem mais os suíços se casam (dez países) podem ser melhor percebidos no gráfico 10. Dentre eles, cinco são países em desenvolvimento: Brasil, Filipinas, Tailândia, Iugoslávia e Polônia, os três primeiros aqui estudados. Esse gráfico leva a perceber uma certa preferência, por parte dos homens suíços, por casamentos com mulheres dos países em desenvolvimento ou países latinos, como Espanha e Portugal, que também estão incluídos entre os dez países mencionados.

Sua importância consiste também nas informações sobre a migração mundial feminina para a Suíça, mais precisamente informações sobre a quantidade de casamentos interculturais por ano, por sexo e por país, nos últimos vinte e quatro

⁶ O banco de dados estatísticos é secundário e foi cedido pelo Centro de Estatísticas de Neuchâtel (Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration).

anos. Os dados de 1987 a 2011 incluem tanto os casamentos entre suíços e suíças como entre suíços(as) e estrangeiros(as), deixando claro que, efetivamente, os homens suíços estão casando cada vez mais com mulheres estrangeiras e cada vez menos com as suíças. Por outro lado, os dados também revelam uma modificação no comportamento feminino suíço, ao mostrar que elas se casam cada vez menos que os homens suíços, têm menos filhos e, quando os têm, é cada vez mais tarde, o que parece uma constante nos países euro-americanos, na atualidade. Outro detalhe importante desses dados é que a taxa de natalidade só não é mais baixa ainda porque as mulheres suíças estão tendo mais filhos como solteiras, viúvas e divorciadas do que como casadas. Este decréscimo ocorre desde 1930, como se pode verificar no gráfico 4.

Conseqüentemente, esses dados estatísticos se mostram importantes como complemento à pesquisa qualitativa se analisados no contexto das famílias heterossexuais interculturais. Segundo Wilson Trajano Filho e Carlos Benedito Martins (2004), a análise dos dados quantitativos pode ser feita filtrando-se

(...) os dados quantitativos com uma interpretação antropológica, ao articular a análise dos grandes agregados com elementos de cunho etnográfico, como os estudos de casos que reforçam ou se opõem às médias e tendências observadas nos dados quantitativos (...) (p. 14).

Acrescentam os autores que essa prática leva, frequentemente, ao estudo de casos particulares e a trabalhar com o micro, o que tende a “gerar um sentimento difuso de um certo desdém com relação às grandes agregações quantitativas” (p.14). Deste modo, para que se encontre um equilíbrio, a abordagem quantitativa dos dados de natureza macro deve ser contraposta e complementada com um enfoque qualitativo de ordem micro. Com isso, o encontro dessas duas formas de aproximação do mundo pode levar a uma maior compreensão do fazer antropológico, ou seja, um maior entendimento, que permita,

(...) a um só tempo capturar os sentidos subjacentes aos dados descarnados e romper com o caráter imediato da descrição do que está ao alcance da observação, produzindo mediações que levem ao desenho mais geral do estado e da dinâmica da antropologia... (TRAJANO FILHO; MARTINS, 2004, p.14).

Para isso, primeiramente, foi feito um levantamento das mudanças de foco de pesquisa da migração⁷ ao longo dos tempos, do aumento da migração feminina nas últimas décadas e como isso propicia ou facilita o aumento dos casamentos interculturais. Assim, serão abordadas, também, as mudanças, nas últimas décadas, com respeito à migração, principalmente, a migração feminina, já que houve um grande aumento neste período, as mulheres constituindo a maioria dos migrantes e, desta maneira, contribuindo para o aumento dos casamentos interculturais.

Para melhor compreensão sobre o encontro intercultural desses casais foram analisados os dados sobre a migração atual, considerando que todas as esposas, neste trabalho, são migrantes e de diferentes países e sem elas não haveria o casamento intercultural. No entanto, as circunstâncias de suas migrações não acontecem todas da mesma maneira, ou seja, umas buscam a migração como meio de concretizar um casamento intercultural (PISCITELLI, 2010; ROCA, 2010), algumas se tornam migrantes após se terem casado, em decorrência do marido retornar ao país de origem, outras entram em um relacionamento afetivo-conjugal quando já eram migrantes e encontraram seu par no país em que estão vivendo como migrantes.

Inicialmente, o interesse era abordar igualmente um pouco da migração de esposas oriundas de cada um dos países pesquisados – Brasil, Filipinas, Tailândia e República Dominicana. Mais precisamente, em relação à migração feminina desses países para a Suíça. Contudo, os dados respectivos dos outros países, que não o Brasil e a Suíça, se mostraram insuficientes para essa abordagem. Daí a opção por analisar com maior profundidade a questão do Brasil e da Suíça.

Há aspectos, no fenômeno migratório, ligados às experiências pessoais dos indivíduos, e que os números são incapazes de traduzir. Para atingir a dimensão ocultada pelos dados estatísticos, os dados quantitativos foram completados com uma pesquisa qualitativa, a saber, com entrevistas dirigidas ao casal intercultural formado por homens suíços e suas esposas migrantes.

A pesquisa de campo foi realizada sob uma perspectiva qualitativa, seguindo um roteiro de entrevista e um questionário sobre os dados sociodemográficos. Para obter informações sobre a vivência dos atores sociais em seus próprios contextos foi feita uma entrevista em profundidade, *in loco*, que visava captar a dinâmica cultural

⁷ Serão usados os termos migração ou migrante tanto para a imigração como para a emigração, dado que, segundo Sayad (2006), tanto um como outro são migrantes.

por meio de contato direto e pessoal com o universo pesquisado, meio pelo qual é possível ir além das respostas obtidas, ou seja, observar e interpretar, durante a entrevista, os trejeitos, falas, silêncios dos sujeitos inquiridos, para uma melhor compreensão de suas falas.

Ao todo, foram feitas 20 entrevistas. Nove casais, formados por homens suíços e mulheres brasileiras, filipinas, dominicanas e tailandesas. Um dos entrevistados foi Brás, um homem suíço, de origem brasileira, divorciado duas vezes e, atualmente, em um relacionamento estável com uma brasileira. Quando Brás entrou em contato comigo disse que era suíço e que uma amiga lhe falara da pesquisa. Ao longo da entrevista, ficou claro que ele era, de fato, suíço de passaporte, mas de origem brasileira. Como a pesquisa era com homens suíços e não tinha sido delimitada a origem, sua entrevista foi incluída, pois seu contexto de vida era bastante interessante e bem diferenciado dos outros homens perquiridos. Os outros entrevistados do núcleo brasileiro foram casais: Paula e Paul, Andréia e André, Patrícia e Pierre, Rita e Reis. Do núcleo da Tailândia foi entrevistada Tichani, uma mulher tailandesa divorciada de um homem suíço. Embora fosse divorciada, tinha-se o propósito de entrevistar o seu ex-marido também. Mas, por causa das viagens constantes dele devido, à natureza de seu trabalho, não foi possível realizar a entrevista. O propósito dessa entrevista era buscar apreender melhor as dificuldades encontradas no casamento intercultural de alguém que tinha sido casado e agora estava divorciado. No entanto, através de Tichadi foi possível chegar a outro casal, Thai e Thyago. Do núcleo das Filipinas, Lôtus e Mike e, finalmente, do grupo da República Dominicana, Kat e Ken, Maria e Mário e Luíza e Luíz. O nome dos entrevistados foi modificado, assim como a cidade de um dos casais, para melhor preservar seu anonimato.

A escolha por entrevistar casais formados por homens suíços e mulheres desses países está relacionada ao fato de serem os países em que os homens suíços se casam mais, bem como querer apreender, nas falas dos homens, as diferenças e/ou semelhanças sobre a motivação de suas escolhas por mulheres desses países específicos e não de outros.

No entanto, houve algumas dificuldades para ter acesso aos casais. Embora houvesse interesse em entrevistar também alguns casais formados por mulheres marroquinas – ou mesmo de outro país árabe, para ter uma maior variedade de nacionalidades, culturas e continentes, já que os países do norte da África estão

entre aqueles em que as mulheres mais se casam com homens suíços –, não foi encontrado nenhum casal que aceitasse conversar; não consegui me inserir na comunidade marroquina ou árabe, embora fosse repetidas vezes a bares e restaurantes dessas comunidades para tentar ganhar sua confiança com conversas amistosas, explicando do que tratava a pesquisa. Na maioria das vezes, eram os homens árabes que estavam no atendimento e, claramente, não facilitavam o acesso às mulheres de sua família que possivelmente estivessem casadas com suíços. Provavelmente pelo fato dos homens árabes serem bastante protetores em relação às mulheres de sua família, diria, mesmo, bastante ciumentos em relação a elas.⁸

Desta maneira, inicialmente conversei com as esposas – com exceção de Mike, com quem falei primeiro –, como meio de melhor me conhecerem e para que não se sentissem excluídas da pesquisa. Uma estratégia para chegar ao foco inicial da pesquisa, o casamento intercultural visto sob a perspectiva do discurso e da percepção do homem suíço. Esta era também uma estratégia para ganhar a confiança das esposas e, desta forma, ser apresentada aos seus maridos e possíveis amigos(as) inseridos(as) em um relacionamento intercultural. Através das conversas com as esposas foi possível, num primeiro momento, conhecer a amplitude do fenômeno migratório nas famílias das pessoas perquiridas e como elas interagem com suas famílias nos países de origem, o que levou a mudar ou, melhor dizendo, a acrescentar outro foco à pesquisa inicial, a saber, a migração.

As questões foram direcionadas, a fim de obter respostas sobre onde e como o casal se conheceu e se tinham amigos(as) que também eram casados(as) com suíços(as), além dos seguintes aspectos sociodemográficos: a) país de origem; b) como se conheceram; c) estatuto matrimonial; d) quantas vezes por ano voltam ao país de origem; e) se o marido viaja junto; f) tempo de casamento; g) religião; h) idade; i) idade e sexo dos filhos; j) nível de instrução; k) tipo de atividade; l) qual a relação do marido com a família de origem da esposa. No entanto, o que era só para ser uma pequena entrevista de levantamento de dados sociodemográficos transformou-se em entrevistas bastante proveitosas, como, por exemplo, no caso de

⁸ Sempre que meu marido e eu estávamos de férias no Marrocos, eu era parada várias vezes por dia pela polícia e tinha de mostrar o meu passaporte para ser liberada. Sempre queriam verificar se não era uma marroquina saindo com um estrangeiro e os amigos marroquinos de meu marido sempre diziam que ele poderia ficar tranquilo, pois eles sempre me “protegeriam” quando ele não estivesse por perto.

Paula, que resultou em uma entrevista de mais de cinco horas consecutivas, onde foi possível melhor perceber a importância da migração feminina no contexto das relações afetivo-conjugais interculturais.

Como todas as entrevistas nos trabalhos anteriores (da autora desta pesquisa) foram feitas no Brasil, mesmo o casal estando, na época, vivendo na Suíça, as entrevistas foram feitas via internet (pelo Skype, Orkut, MSN, Voipbuster) ou em seu período de férias no Brasil, ficaram esmaecidas algumas questões: a da migração feminina, e mais especificamente uma migração resultante de um casamento intercultural com um suíço, ou ainda uma migração com a intenção de se casar com um suíço.

Embora tivesse consciência de que poderia haver uma prévia intenção, em algumas mulheres, de encontrar um estrangeiro para se casar, do mesmo modo que havia em alguns homens uma certa predisposição para encontrar alguém ao viajarem em turismo (fato percebido em estudos anteriores, por isso, denominei de “Turismo Afetivo” (CÉU RODRIGUES, 2001), pude agora constatar que, efetivamente, algumas mulheres tinham como projeto casar-se com um homem estrangeiro. Para isso, tentavam encontrá-lo durante o período de férias dele em seu país ou planejavam viajar para encontrá-lo no país dele. No entanto, o fato mais marcante foi que, através das entrevistas com as mulheres, foi possível perceber que, mesmo que todas elas não tivessem um projeto de se casar com um homem estrangeiro – pois o trajeto e o projeto de vida de cada uma delas são únicos –, todas elas, pelo fato de viverem no país dos maridos, estavam em um contexto de migração. E sua condição de inseridas em um relacionamento afetivo-conjugal com um suíço levou a perceber que todas essas mulheres estavam em um reverso da moeda do “turismo afetivo-conjugal”, a saber, a “migração afetivo-conjugal”.

Deste modo, o presente trabalho, inicialmente planejado para apreender a visão do homem sobre suas escolhas e percepções acerca da família, do casamento, suas masculinidades e sobre si mesmo, acabou sendo redirecionado, também, para as esposas migrantes, seus projetos de vida e de casamento intercultural, assim como as possíveis dificuldades encontradas.

As entrevistas com os casais foram tanto individuais como em presença do cônjuge e realizadas em locais diversos. Alguns casais entrevistados convidaram a pesquisadora para suas casas para realizar as entrevistas. Com outros, os encontros foram em restaurantes e em bares, no alojamento em que morei durante

minha estadia na Suíça ou ainda na biblioteca da faculdade em Genebra, a Unige⁹. A escolha dos locais foi deixada aos entrevistados, para que se sentissem o mais à vontade possível. As entrevistas com os homens suíços foram feitas em francês – embora todos os homens casados com brasileiras falassem português –, para que se sentissem mais à vontade em falar em seu próprio idioma. No caso de Pierre, Reis, Ken, que eram suíços alemães, as entrevistas também foram feitas em francês, nestes casos porque a pesquisadora não falava alemão, mas também por eles terem preferido e se sentirem mais à vontade com o francês do que com o português. Inicialmente, Pierre falou em português fluentemente, mas depois mudou para o francês. Deste modo, acredito que se perderia muito do que seus discursos transmitem se suas falas fossem traduzidas na íntegra, o que levou à opção de deixá-las em francês e enfatizar, assim como destacar em negrito os temas focais.

Os sujeitos e o campo da pesquisa

Como primeiro contato, pretendia encontrar os sujeitos a serem entrevistados entre os meus amigos suíços casados com brasileiras, ou seja, dentro do que Gilberto Velho (2008a) denomina “universo familiar”, e nas comunidades de “Brasileiras casadas com suíços” ou “Estrangeiras casadas com suíços” do site de relacionamentos Orkut, como feito em pesquisa anterior, no ano de 2005. Esperava que depois me indicassem suas amigas que tivessem o perfil necessário para a pesquisa. De repente, os amigos não estavam disponíveis por um motivo ou outro e o Orkut - no período pré-campo, no ano de 2012, e durante o campo de novembro de 2012 a setembro de 2013 –, estava praticamente desativado devido ao grande sucesso do Facebook atualmente¹⁰. Suas comunidades estavam praticamente abandonadas e, apesar do Orkut ter as comunidades de “Estrangeiras/os na Suíça”, “Brasileiras casadas com suíços”, entre outras, ainda ativas, não houve resposta

⁹ Universidade de Genebra, onde fiz o intercâmbio entre novembro de 2012 e setembro de 2013.

¹⁰ Tentei acessar em 04/08/2014 para recuperar o pedido de ajuda que publiquei, mas foi impossível encontrar a página. Parece estar completamente desativado. Pela notícia dada no Folha de São Paulo em 30/06/2014, o Google decidiu desativar permanentemente o Orkut. Acesso em: 05/08/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2014/06/1478488-google-decide-tirar-orkut-do-ar-ate-o-fim-do-ano.shtml>>

aos apelos de colaboração para a pesquisa, feitos tanto em português como em francês, conforme segue:

Casamentos Interculturais¹¹

Meu nome é Maria Eduarda, sou doutoranda no Brasil em Ciências Sociais na UERJ/Unige. Meu trabalho de pesquisa diz respeito aos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais entre homens suíços e mulheres de países em desenvolvimento. Na pesquisa inicial fiz um estudo sobre os casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras e agora dou continuidade fazendo um trabalho comparativo com os países em desenvolvimento com os quais os homens suíços se casam mais - Brasil, Tailândia, Marrocos, Filipinas e República Dominicana, Sérvia/Montenegro... Alguns de vocês ajudaram e muito nesse trabalho. Agora, para o desenvolvimento desta nova pesquisa, devo apoiar-me, também, na recomendação de todos os que conheçam alguém dentro deste perfil. Se vocês estão ou conhecem alguém dentro desse perfil, por favor, entrem em contato comigo. mencrr@gmail.com 00.41.79.547.68.79

Com o decorrer dos meses na Suíça, pude constatar que estava com muita dificuldade em encontrar sujeitos para entrevistar devido ao comportamento introvertido da população suíça e ao fato de eu ter chegado à Suíça no outono. Precisei de um tempo para encontrar alojamento e me ambientar na cidade; quando, finalmente, me situei, era quase inverno, o que dificultou o acesso, porque com o frio, as pessoas ficam menos propensas a sair de casa. Após seis meses de campo, ao perceber o quão difícil era encontrar os casais interculturais, pedi ajuda aos meus amigos e colegas, pelo Facebook. Brinquei, inclusive, com eles, dizendo que estava quase mudando minha pesquisa para Antropologia da Gastronomia, pois no alojamento onde morava havia mais de 50 nacionalidades diferentes e todas as noites havia vários pratos típicos de cada um desses países, feitos pelos co-habitantes.

[Maria Eduarda Noura Rittiner](#)

[3 de abril de 2013](#)

Estou a pensar que gosto de arranjar problemas. Ainda não tenho entrevistas suficientes para terminar este bendito doutorado. Em vez de ficar atrás de homens suíços para entrevistar, deveria ter escolhido antropologia da gastronomia. Onde estou vivendo tem pelo menos pessoas de 30 países diferentes. Todos os dias os vejo cozinhar pratos dos seus países. Muitas vezes até os como. Digam: não seria bem mais fácil o meu campo? Por isso, se algum de vocês conhecer um homem suíço casado com alguém (mulher, claro) do Brasil, Tailândia, Marrocos, Filipinas,

¹¹ Acesso em: 05/08/2014. Disponível em:
<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=218374&tid=5862081161577477777>>

República Dominicana, Servia/Montenegro... enviem-no para mim antes que eu me decida pela antropologia da gastronomia.

Paola, por exemplo, ouviu falar da pesquisa através de um dos meus amigos do Facebook e entrou em contato comigo, o que resultou nas entrevistas de Andréia, de André e de Brás.

Com a dificuldade de encontrar sujeitos para entrevistar, principalmente os casais formados com marroquinas e asiáticas, comecei a formular novas formas de encontrá-los. Dei-me, por vezes, andando pelas ruas de Genebra a me perguntar se a mulher do meu lado era tailandesa ou filipina, pois cada rosto asiático era uma potencial entrevista. Na verdade, algumas delas eram, mas não eram casadas com homens suíços e nem conheciam quem fosse, em seu entorno.

Em um dado momento, decidi colocar o resumo de minha pesquisa em todos os andares nos quadros de anúncios da Unige e também no site de relacionamento do alojamento onde morava. Alguns co-habitantes do alojamento me indicaram restaurantes e um karaokê na vizinhança. Assim, passei a frequentar restaurantes asiáticos e árabes, na esperança de conhecer alguém que me facilitasse o acesso aos sujeitos da pesquisa. Passei, também, a frequentar o salão de cabeleireiro de uma dominicana, Maria, no bairro onde morava, pois ela me disse ter muitas clientes dominicanas. Fui fazer os cabelos com ela quatro vezes, cortei-os uma vez, para que ela pudesse familiarizar-se comigo e sentir-se mais à vontade. Seu salão era pequeno, quatro lugares, e ela trabalhava sozinha. Quando tinha muitas reservas chamava outra dominicana para ajudá-la, principalmente quando era para fazer apliques de cabelo. Maria conheceu seu marido na Suíça, pois já era migrante e, quando decidiram casar, trouxeram os dois filhos dela, de seu relacionamento anterior, da República Dominicana, para viver com o casal. Após o casamento, montou seu salão de beleza. Finalmente, após a terceira vez fiz a entrevista com ela. Mas, levou semanas para que conseguisse a entrevista com o marido, o que me deixava preocupada, pois também tinha interesse em entrevistá-lo.

No mês de maio de 2013, já estava na metade do meu período de campo e não tinha nem a metade das entrevistas. Comecei a pensar em fazer entrevistas com mulheres de qualquer nacionalidade, e não apenas as oriundas dos países que detêm o maior número de casamentos com suíços. Entretanto, com uma condição: que os homens fossem suíços. Tinha feito algumas entrevistas com as mulheres, mas não conseguia me encontrar com os maridos, como no caso da brasileira Rita e

de duas dominicanas, Maria e Kat. Finalmente, consegui as entrevistas de casais de suíços/brasileiras, mas faltava completar as dos outros países.

No mês de julho eu estava me sentindo literalmente dentro do que Roberto Da Matta (1978) denomina de “*anthropological blues*” e só tendo o meu Diário de Campo para desabafar.

Esta não foi uma boa semana para mim, academicamente falando. Pouca ou nenhuma leitura e nenhuma entrevista.

Não pensei que seria tão difícil encontrar as pessoas para entrevistar. Sabia que não estariam enfileiradas esperando por mim, mas não esperava que fosse tão trabalhoso. Até agora não consegui nenhuma entrevista com famílias formadas por marroquinas e só encontrei uma família das Filipinas.

Fui à Missão¹² Filipina, mas até agora não tive retorno. No primeiro dia em que lá fui a responsável logo me disse que era um assunto privado e que eu não deveria fazer esse tipo de pergunta às pessoas. Ela ficou de entrar em contato com os casais que ela conhecia, mas, pela maneira que ela falou ficou claro que não entraria em contato, já que considerava o tipo de pesquisa muito invasivo.

Fiz uma lista de restaurantes dos países em que busco fazer as entrevistas e tenho andado pela cidade, tentando falar com os donos dos restaurantes e com os garçons, perguntando se conhecem alguma mulher do seu país casada com um suíço. Só perguntar não tem dado muito certo, então tenho almoçado com frequência nesses mesmos restaurantes, na esperança de encontrar mais alguém que aceite fazer a entrevista.

Cansativo e desesperador. (Diário de Campo, Genebra, 18/07/2013).

Depois de muitas caminhadas pela cidade, idas a restaurantes tailandeses, árabes, bares orientais onde se fuma muito Narguilé, barulhentos e desafinados Karaokês, casas de especiarias orientais e africanas, ao final de minha estadia de dez meses na Suíça consegui vinte entrevistas, constantes do quadro 1, a seguir, com os respectivos dados sociodemográficos.

¹² A Missão do Brasil chama-se “Missão Permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas e demais Organismos Internacionais em Genebra”; vários outros países têm uma Missão em Genebra, representando seus países junto à ONU.

Para esta pesquisa foram entrevistados dez homens suíços, tanto da Suíça francófona como da Suíça alemã, um de origem brasileira morando em diferentes cidades e cantões da Suíça e um morando na França. A seleção dos casais baseou-se no interesse e disponibilidade dos mesmos.

Do núcleo dominicano foram entrevistados três casais: Ken e Kat, Mário e Maria e Luíz e Luíza. Ken é suíço alemão, tem trinta e um anos, vive em Genebra, é casado há dois anos com uma dominicana, Kat. A última vez que a vi em Genebra ela estava grávida, embora ainda não soubesse disso quando fiz a entrevista. Ken é engenheiro e exerce sua profissão, é católico. Ele me foi apresentado pela esposa, semanas depois de tê-la entrevistado. Conheci Kat por indicação de um morador do alojamento onde morava; a Missão de seu país em Genebra ficava no mesmo prédio em que se encontrava a Missão dominicana. Ela é economista, conheceu seu marido na lavanderia do bairro em que moravam e descobriu depois que os dois moravam no mesmo prédio. Foi um processo longo para conseguir a entrevista com Ken, pois ele viajava bastante a trabalho. A entrevista de Kat foi feita na Missão e a de seu marido semanas depois, no Starbucks.

Mário é suíço francofônico, de Genebra, tem o ensino técnico, setenta e sete anos, foi taxista, está aposentado, é protestante, casado há catorze anos e não tem filhos. Sua esposa, Maria, tem dois filhos de uma relação anterior em seu país de origem e eles foram viver com a mãe e o padrasto, após o casamento. Maria foi quem me apresentou ao marido meses depois de tê-la conhecido e semanas depois de tê-la entrevistado. Havia uma certa relutância de sua parte, pois no dia em que lhe falei do meu trabalho, uma cliente dominicana que estava sendo atendida em seu salão de cabeleireiro, ao ouvir sobre a pesquisa declarou imediatamente que não daria a entrevista. Na curta conversa, declarou que não ousaria nem falar ao marido para participar da pesquisa, porque ele era bastante reservado e não iria gostar de responder ao tipo de perguntas da pesquisa. No entanto, depois que a cliente saiu, Maria e eu tivemos uma conversa informal enquanto ela me fazia os cabelos. Foi quando fiquei sabendo que o marido era bem mais velho do que ela, que seus dois filhos eram de um relacionamento anterior, que montou seu salão de cabeleireiro depois de seu casamento. Fui várias vezes ao salão de Maria fazer os cabelos e cortá-los uma vez, para ganhar sua confiança. Finalmente fiz a entrevista,

mas levou várias semanas até conseguir marcar a de seu esposo. Tanto a entrevista de Maria como a de Mário foram feitas no seu salão de cabeleireiro.

Luíz é suíço francofônico e vive em Genebra. Tem quarenta e seis anos, está casado há cinco anos, embora tenha dito que tinha curso superior, não abordou sua formação nem a profissão quando a questão foi colocada. Não pratica nenhuma religião e não tem filhos. Conheci Luíza, sua esposa, através de Kat, que me deu o número de um conhecido dela, Elvis, também da República Dominicana, que conhecia todos da comunidade dominicana. Através de Elvis, tive contato com outras mulheres dominicanas, embora só Luíza tenha aceito conversar comigo. Ao falar com Elvis, ele me deu a impressão de ser uma espécie de “relações públicas” da comunidade dominicana. Conhece toda a comunidade e todos parecem conhecê-lo, como afirmou Kat, e se dirigem a ele para buscar informações ou ajuda, como foi o caso de Kat, que ligou para ele na minha frente para perguntar quem mais da comunidade era casada com homens suíços. As duas entrevistas, de Luíz e de Luíza, foram realizadas em uma cafeteria de Genebra.

Depois de ter conversado com Kat, fui de Missão em Missão e assim encontrei o núcleo da Tailândia. No entanto, mais uma vez não consegui que a comunidade da Missão marroquina me facilitasse o acesso às possíveis mulheres do Marrocos casadas com homens suíços.

Em relação ao núcleo da Tailândia, fiz três entrevistas, uma delas com Tichani, uma mulher tailandesa divorciada de um suíço francofônico. Combinamos, após nossa conversa, marcar com seu ex-marido, que tinha concordado em falar comigo quando ela lhe falou de meu trabalho de pesquisa; mas a entrevista acabou não acontecendo, pois os horários dos dois, segundo ela, não coincidiam. Tichani é formada em literatura inglesa, trabalha como secretária executiva da Embaixada, é budista e não tem filhos. Apresentou-me a Thai, uma colega, com quem pude conversar mais tarde e, semanas depois, conversei com seu marido Thyago, que é suíço, mas também vem de uma família intercultural. Sua mãe é suíça e seu pai vietnamita. São casados há cinco anos e meio e ele tem curso técnico, exerce a profissão de Administrador do Ofício Federal¹³, tem quarenta e um anos, é cristão e não têm filhos. As três entrevistas foram feitas nos respectivos locais de trabalho.

¹³ Corresponde a um trabalho como funcionário público.

Do núcleo das Filipinas pude entrevistar Mike, que também é suíço francofônico, de Genebra, e se casou há vinte e três anos. Tem o ensino secundário, é militar de profissão, protestante, e tem dois filhos de vinte e dezessete anos e uma filha de dezoito anos. O alojamento onde morava tem uma igreja católica e “espaços” onde os protestantes se reúnem duas vezes por semana e, em outros dias da semana, uma diferente corrente protestante de membros africanos se reunia. Durante o período em que morei no alojamento, sempre via pessoas de olhos “puxados” entrarem e saírem dessas reuniões religiosas e decidi ir falar com eles para lhes perguntar de que país eram. Quando me disseram que eram filipinos, pedi para falar com o “pastor” deles, a quem expliquei meu trabalho. Ele me apresentou a um casal, no entanto, o marido recusou-se imediatamente a falar comigo, pois não se tratava de nada relacionado à igreja. Como soube que havia um outro casal, fiquei esperando até o final da reunião. Sempre me dirigi às mulheres primeiro, mas com esse casal foi o inverso, pois o marido saiu primeiro e ficou esperando pela esposa, que ministrava algum tipo de ensinamento bíblico a outros membros da igreja. A um dado momento, perguntou-me o que eu queria falar com sua esposa e expliquei-lhe sobre o trabalho. Contrariamente ao senhor com quem eu tinha falado antes, aceitou de imediato conversar comigo e quando a esposa, Lôtus, finalmente chegou, apresentou-me a ela, a quem explicou sobre a entrevista, decidindo, de imediato, em que dia seria melhor conversarmos e me convidou a visitá-los em sua casa, para a entrevista.

O núcleo brasileiro foi onde tive mais acesso e onde pude fazer nove entrevistas. Quatro casais e um senhor divorciado. Andréia e André foram indicados após meu apelo de ajuda aos meus amigos e colegas no Facebook. Fiz as entrevistas em seu apartamento. André é suíço francofônico, vive em Genebra, foi casado anteriormente com uma francesa, está casado há seis anos com sua atual esposa. Tem curso superior, é gerente de produção e desenvolvimento de software, tem quarenta e oito anos, não tem filhos, embora os quatro filhos de sua esposa, de um casamento anterior, vivam com eles. São dois meninos de vinte e dois e dezoito e duas meninas de vinte e quatro e dezessete anos. Andréia tem curso superior, conheceu o atual marido no trabalho, tem 50 anos, não tem religião, e já vivia na Suíça quando conheceu seu marido, na empresa em que ambos trabalhavam. Foi

casada anteriormente com outro homem suíço, mas não entrou em detalhes sobre a relação anterior.

Pierre é suíço francofônico, vive na França, onde entrevistei o casal em sua casa. É casado há cinco anos, tem curso superior, trabalha com informática, tem quarenta e dois anos, não tem religião, tem dois filhos, um menino de treze anos do primeiro casamento com uma brasileira e um de seis anos de seu atual casamento. Ambas as crianças moram com o casal. Este casal também foi indicado através do Facebook. Patrícia tem curso superior, é professora primária, embora não exerça atualmente. Tinha uma escolinha no Brasil, atualmente dedica-se à família e trabalha com artesanato, que expõe em sua pequena loja no térreo de sua casa.

Reis é suíço alemão, mora em Lausanne, está casado há um ano, tem mestrado, é engenheiro civil, tem trinta anos, é neoapostólico, e não tem filhos. Sua esposa, Rita, era colega na universidade de um dos moradores do alojamento em que eu morava e nos colocou em contato. Fiz a entrevista do casal em restaurantes, a da esposa em Genebra, perto da universidade onde estudava, e a de Reis em outro restaurante, na cidade em que trabalhava, Vevey, no Cantão de Vaud. Rita está terminando seu mestrado. Conheceu seu marido na Espanha, enquanto os dois estavam fazendo turismo com amigos. Ficaram se correspondendo e viajando para e Suíça e para o Brasil até se casarem, há um ano.

Brás é suíço, embora tenha nascido no Brasil. Foi-me indicado pelos contatos do Facebook e nos encontramos no alojamento onde eu residia, após ele ter entrado em contato comigo ao saber da pesquisa. Brás vive em Genebra, tem curso técnico, tem atualmente uma relação estável com uma brasileira. Foi casado da primeira vez com uma brasileira, com quem tem uma filha de vinte e três anos, e uma segunda vez com uma suíça de origem holandesa. Tem cinquenta e nove anos e é ateu.

Paul é suíço alemão, casado há quinze anos e tem dois meninos de catorze e doze anos, quarenta e seis anos, tem curso técnico, bombeiro de profissão, católico. A entrevista foi feita na sua casa, após sua esposa, Paula, ter entrado em contato comigo por ter visto uma nota sobre meu trabalho na comunidade de “Brasileiros vivendo na Suíça” no Facebook. Ela considerava ser importante que eu falasse com eles, pois acreditava que as pessoas deveriam saber como os casais interculturais vivem. Não só as alegrias, as conquistas, mas também suas dificuldades no dia a dia.

Apesar de ter postado pedindo ajuda para os membros das comunidades de Brasileiros na Suíça, no Facebook, em dez meses, só houve uma resposta significativa, a de Paula.

Ela me pediu que a fosse encontrar no Estado de Friburgo, pois tinha muito a falar sobre as dificuldades das brasileiras casadas com estrangeiros e, particularmente, do casamento dela com um suíço. Foram mais de cinco horas de entrevista. Estava com medo que as segundas baterias terminassem sem que eu tivesse a oportunidade de falar com seu marido. Embora as esposas não fossem, inicialmente, o foco principal da pesquisa e meu objetivo não fosse aprofundar as entrevistas com elas, algumas se dispuseram a falar livremente, o que me possibilitou obter excelente material sobre elas e suas percepções a respeito de seus casamentos interculturais, suas escolhas e seus projetos de vida, e, sobretudo, acerca do status de migrante de cada uma delas devido aos seus casamentos interculturais, ou seja, cada uma delas estava em um contexto de migrante e em uma relação afetivo-conjugal.

Marco teórico

O propósito deste trabalho é compreender os relacionamentos afetivo-conjugais, seu aumento nas últimas décadas, os projetos de vida em um contexto de relacionamentos afetivo-conjugais interculturais de homens suíços casados com mulheres de países em desenvolvimento, assim como a motivação para um casamento com alguém de uma cultura diferente da sua. Por outro lado, conhecer os projetos de vida das mulheres migrantes através dos seus discursos, dado que “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso” e precisam ser compreendidas como sendo “produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2012, p.109).

Para a realização deste trabalho foi feita uma análise do discurso de homens suíços casados com mulheres dos países em desenvolvimento, uma vez que são com quem mais se casam na atualidade. Suas narrativas foram analisadas, com o

intuito de captar como os homens interagem em um casamento intercultural, destacando as motivações de suas escolhas, bem como de que forma essas uniões se configuram na atualidade. Do mesmo modo, tentou-se compreender as diferenças entre seus casamentos interculturais atuais, seus casamentos anteriores e os casamentos entre suíços(as) em seu entorno. Para isso, é preciso estar atento, também, para quem fala, como fala e para que fala visto que o discurso pode ter inúmeros significados. A análise de seus discursos permite também perceber como se dá o intercâmbio entre os homens suíços e sua nova família, com o intuito de captar como eles se percebem como homens e “pais de família” neste contexto familiar intercultural, ou seja, como elaboram seus projetos de vida.

Devido ao caráter central do indivíduo e de sua “biografia” neste trabalho, já que se trata da análise dos discursos dos sujeitos, ou seja, de sua história oral, vale a pena salientar que isso diz respeito a algo bem mais complexo do que se possa supor, em um primeiro momento. A ideia de história de vida, de seus relatos, pode levar a uma noção equivocada de “unidade do eu”, como aponta Pierre Bourdieu (1996), ou seja, poderia incorrer em uma visão errônea de uma identidade coerente e determinada, como uma continuidade, uma série de acontecimentos lineares, seguindo uma ordem cronológica, como um todo, mais racionalizada do que de fato o foram, como se suas escolhas tivessem sido pensadas e repensadas conscientemente desde o início. Deste modo, o que aqui se apresenta é uma interpretação da construção de um objeto de pesquisa e não a descrição literal desse mesmo processo.

As leis que regem a produção dos discursos na relação entre um *habitus* e um mercado se aplicam a essa forma particular de expressão que é o discurso sobre si; e o relato de vida varia, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, segundo a qualidade social do mercado no qual é oferecido - a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso coligido. Mas o objeto desse discurso, isto é, a apresentação *pública* e, logo, a oficialização de uma representação *privada* de sua própria vida, pública ou privada, implica um aumento de coações e de censuras específicas (...) (BOURDIEU, 1996, p. 188-189).

Joan Scott (1989) vai além, ao afirmar que as relações de sexo são socialmente construídas. Articula a noção de construção social com a de poder que está inserida no processo dessa mesma construção, o que permite analisar como se estabelecem as relações de poder e agência na construção do masculino no casamento intercultural. A autora tem uma visão de gênero que inclui não só o

parentesco como também o mercado de trabalho, pois é sexualmente segregado, a educação, enquanto instituições socialmente masculinas e, por fim, o sistema político. Acrescenta que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). Dentro dessa perspectiva:

No seio desses processos e estruturas, tem espaço para um conceito de realização humana como um esforço (pelo menos parcialmente racional) de construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade dentro de certos limites e com a linguagem – conceitual – que ao mesmo tempo coloque os limites e contenha a possibilidade de negação, de resistência e de reinterpretação, o jogo de invenção metafórica e de imaginação. (SCOTT, 1989, p. 20, 21).

A Antropologia de gênero também será um recurso para trabalhar as masculinidades. Miguel Vale de Almeida (2000) mostra que, na relação do dia a dia, não há uma dicotomia definida entre masculinidade e feminilidade, pois essas são vivenciadas como um conjunto de qualidades que se verificam no campo sexual oposto. “Assim, é reconhecido que um homem pode ter certos comportamentos, emoções ou actividades “femininas” e vice-versa. Não pode é possuí-las ou exercê-las exclusivamente, o que remeteria para a anormalidade” (VALE DE ALMEIDA 2000, p.60). Quando este autor (1996) menciona a ‘masculinidade de homens’ é para analisar a complexa relação entre homens concretos e suas masculinidades, “(...) partindo da noção de que a masculinidade seria um fenômeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática e que constituiria um campo de disputa de valores morais, em que a distância entre o que se diz e o que se faz é grande”, o que indica que há uma idealização da masculinidade e que esta é pulverizada por outras práticas para que os homens possam exercê-la.

Assim sendo, o que aqui se apresenta é um texto baseado nos discursos (interpretações) dos informantes que, nos dizeres de Miguel Vale de Almeida (2000), é o que se produz em Antropologia, e que esta tem “o trunfo de ser a única ciência humana em que (ainda) se valoriza a descrição da condição humana *per se*” (p.19) mas também estão apresentados dados estatísticos que contribuem para mostrar tanto o aumento da migração e, mais especificamente, da migração feminina global, como da migração feminina para a Suíça, contribuindo, desta maneira, para o aumento das famílias interculturais.

Portanto, ao falar aqui de família e de casamento estar-se-ia referindo ao que Jeni Vaitsman (1994) caracteriza na situação pós-moderna, ou seja, (...) “é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas” (p. 19).

Deste modo, a família atual, o casamento e os sujeitos envolvidos neste trabalho poderão ser melhor compreendidos pelos seus discursos, pois neles estão inseridos, mesmo que inconscientemente, seus projetos de vida, suas aspirações, motivações, desejos, o que pode levar a uma melhor compreensão das reconfigurações sociais, familiares, matrimoniais e pessoais dos sujeitos em questão. Portanto, como assinala Eunice Ribeiro (1983), “é por ser a família (...) composta de seres vivos que a antropologia deve repousar sobre o trabalho de campo, isto é, sobre a observação direta do contraste entre as regras ideais e aquilo que os nativos efetivamente fazem” (p. 31).

Eunice Duhram (1983) afirma que a transformação da família e os vários “arranjos conjugais” constituem, hoje, uma das maneiras mais importantes para descrever a sociedade moderna e, através da família e do casamento intercultural, pode-se perceber muitas dessas ressignificações. Isto acontece porque o casamento intercultural é um “fato social” (DURKHEIM, 2002) que se verifica quando pessoas de culturas diferentes entram em contato, e “c’est bien cette situation de “contact”, cet ensemble, qui constitue une configuration d’interculturalité”¹⁴ (HAMMOUCHE, 1998, p.121). É neste âmbito que se foca o interesse deste estudo sobre a família. Procurar compreender, através dos discursos do homem suíço, até que ponto a emancipação da mulher suíça contribui para o aumento de casamentos interculturais entre os homens suíços e as mulheres estrangeiras, o fundamento de suas escolhas por uma relação afetivo-conjugal intercultural, como se sentem como homens e “pais de família” na sociedade atual, como o fator da migração feminina influi nesses casamentos, assim como captar a percepção dos sujeitos envolvidos na estruturação desses relacionamentos.

Dado que a negociação é comum nas relações conjugais atuais, pois já não existem papéis definidos ou um modelo social único a ser seguido, o que levou o sistema de direitos e obrigações na família a tornar-se bastante difuso, criando

¹⁴ É bem essa situação de “contato”, esse estar junto, que constitui uma configuração de interculturalidade.

conflitos permanentes entre o casal (DURHAM, 1983) e compreendendo que todas as relações são baseadas na descoberta do “outro” e, subsequentemente, na discussão sobre suas diferenças, em uma sociedade definidamente marcada pela heterogeneidade, a família e as relações de gênero se mostram um bom ponto de partida para o estudo dessas mudanças que estão ocorrendo na sociedade atual.

Gabrielle Varro (2003), ao falar de família, aponta para o conceito misto e intercultural como oferecendo duas perspectivas antípodas, pois a primeira – a mixidade - situa o ponto de vista intersubjetivo, quer se trate de amizade, vizinhança, camaradagens escolares ou de casamentos. Por outro lado, a segunda perspectiva - a interculturalidade - subordina o ponto de vista individual à pertença, às entidades coletivas, identificadas cada uma delas com uma “cultura”. E este é exatamente o foco, pois, ao contrário do que acontecia décadas atrás, quando as mulheres eram inseridas no círculo familiar do marido e não eram consideradas como problema, ou seja, o objeto de estudo, hoje se percebe que elas são seres com vontade própria, projetos próprios e cultura própria e, portanto, precisam ser percebidas e estudadas fora do contexto de assimilação ou aculturação da sociedade que as acolhe.

Varro (2003) considera que, enquanto a mixidade é produto da mistura, da interferência, da mestiçagem, ou mesmo de uma nova identidade – como no caso da criança “mista” ou “mestiça” –, no *inter-cultural* – o hífen ainda está presente -, ou seja, reintroduz uma ideia de fronteiras, mesmo que a intenção seja a de as demolir ou a de construir pontes. É exatamente na preservação desse hífen que se encontra sua importância, pois este possibilita que cada cultura seja mantida ou, pelo menos, que não seja aniquilada, pois as fronteiras e, neste caso específico, Nos casamentos interculturais, podem ser um meio de conservar suas identidades, suas culturas.

Desta forma, falar de casamento ou família intercultural¹⁵ significa fazer menção a duas pessoas de nacionalidades e culturas diferentes, unidas pelo casamento, sem distinção étnica, religiosa, linguística ou outra, não querendo com isso dizer que essas diferenças não estejam presentes. Intercultural, no casamento, é o resultado do encontro entre duas culturas que, estando em fricção, apreendem

¹⁵Segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (1998), “inter” é um prefixo derivado do Latim que significa *entre; no meio de*; usado normalmente na formação de verbos, substantivos e adjetivos e que, na língua portuguesa, mantém seu sentido inalterado. Ou seja, no que diz respeito à etimologia, a preposição *entre* deriva da preposição latina “*inter*” “*no meio de, junto de*” no sentido espacial e “*durante, no espaço/intervalo de, dentro de*” no sentido temporal. É no sentido espacial “*no meio de*” e no temporal “*dentro de*” que trabalharei os casamentos interculturais.

uma da outra seus saberes sem, no entanto, perder sua cultura de origem. Entretanto, o casamento intercultural pode ser ou vir a ser cultural, étnica, religiosa, linguisticamente misto¹⁶, no entanto, o termo “casamento intercultural”, aqui utilizado se refere a relacionamentos entre casais de nacionalidades e de culturas diferentes, em que o senso de pertencimento de cada um dos cônjuges está ligado à cultura de origem. Não obstante, são mistas as crianças que resultam desses casamentos interculturais, pois têm duplo pertencimento, visto que absorvem cultura, saberes, línguas, de duas fontes, mesmo que haja sempre uma cultura predominante, a do cônjuge autóctone.

A tese foi estruturada em cinco capítulos, conforme considerações a seguir.

No capítulo *As migrações afetivo-conjugais interculturais* é abordado como a migração, na atualidade, tem sofrido ressignificações, colocando a mulher em foco. Elas se tornaram a grande maioria de migrantes em quase todos os países. E, conseqüentemente, acabou sendo uma das maneiras mais frequentes pelas quais os casais interculturais se encontram, sendo a outra pelo turismo. Deste modo, será apresentado como os sujeitos da pesquisa se conheceram, como o aumento da migração contribuiu para isso, o caso específico da migração Suíça x Brasil e como o ser humano, desde sempre, se sentiu motivado a migrar pelos mais variados motivos. No entanto, os dados estatísticos apresentados, neste capítulo, sobre as motivações da migração, apontam para um tipo de motivação bem particular, a saber, a *migração afetivo-conjugal*.

O *Matrimônio transpondo fronteiras*, capítulo dois, trata das ressignificações da família e do casamento na Suíça, a maneira como a mulher suíça reorganiza sua vida familiar e o aumento dos casamentos interculturais entre os homens suíços e as mulheres estrangeiras, principalmente dos países em desenvolvimento e latinos. Os dados foram obtidos, em sua maioria, através do banco de dados estatísticos, em sua maioria cedidos pelo Centro de Estatística Suíço.

O capítulo três, *Masculinidades em construção no relacionamento afetivo-conjugal intercultural*, objetiva, pelo discurso do homem, pontuar como eles constroem suas masculinidades, o lugar que ocupam na família, no casamento,

¹⁶ O casamento misto supostamente implica em outras diferenças que a do sexo, visto que a *mixidade* sexual está implícita em todos os casamentos, embora já estejam acontecendo alguns casamentos entre pessoas do mesmo sexo e a Suíça tenha legalizado, em 2005, os casamentos homossexuais e o Brasil em 16/05/2013.

como pais, face às mudanças advindas na família, e como percebem as mudanças de comportamento dos homens nas últimas gerações.

No quarto capítulo, as *Ressignificações na sociedade, na família e no casamento*, é abordada, através do discurso do homem, a percepção masculina acerca da família e do casamento, buscando apreender como estas percepções se resignificaram, assim como a maneira masculina de perceber as mudanças geracionais quanto às relações de gênero, os papéis de gênero desempenhados, as diferenças e semelhanças entre a família e o casamento na Suíça e nos países de origem de suas esposas, assim como percebem a fidelidade no casamento.

E, finalmente, em *O turismo afetivo-conjugal e a migração afetivo-conjugal*, quinto capítulo, são colocadas algumas questões percebidas ao longo da pesquisa, desta vez pela percepção das mulheres migrantes acerca da migração afetivo-conjugal, entendida aqui como um reverso do turismo afetivo-conjugal. São também incluídos depoimentos sobre a construção de projetos de casamento intercultural de algumas das entrevistadas, assim como as dificuldades que podem advir de um casamento intercultural.

1 AS MIGRAÇÕES AFETIVO-CONJUGAIS INTERCULTURAIS

O que equivale a dizer que, estabelecido em si, o estrangeiro não tem um *si*. No limite, uma segurança oca, sem valor, que centra as suas possibilidades de ser constantemente outro, ao sabor dos outros e das circunstâncias. *Eu* faço o que se quer, mas não sou “eu” – meu “eu” está em outro lugar, meu “eu” não pertence a ninguém, meu “eu” não pertence a “mim” ... “eu” existe?

Julia Kristeva

Vive-se numa época em que cada vez mais as fronteiras entre os países se diluem, onde o outro está cada vez mais perto devido aos meios de comunicação – telefone, TV, internet –, assim como pelos meios de transportes mais acessíveis. E estes são, obviamente, alguns dos fatores que contribuem para o aumento dos casamentos interculturais. Este capítulo tem como propósito analisar como a migração, mais especificamente a migração feminina, vem crescendo nas últimas décadas, contribuindo para o aumento dos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais, assim como apontar as mudanças na sociedade, na família e, conseqüentemente, no casamento, na Suíça.

Será abordado, primeiramente, como os casais se conheceram, as reconfigurações da migração; a migração Norte/Sul x Sul/Norte; a migração feminina mundial e seu aumento nas últimas décadas, o caso específico da migração Suíça/Brasil, para então tratar das ressignificações na sociedade e na família suíça e, finalmente, do aumento dos casamentos interculturais, nos últimos vinte e quatro anos, entre mulheres na condição de migrantes na Suíça com homens suíços.

Não obstante o aumento dos casamentos interculturais estar relacionado ao aumento da migração laboral, mais especificamente, da feminina, em contrapartida está também relacionado ao maior fluxo turístico, nas últimas décadas. Cada vez mais, através do turismo, as culturas se aproximam e a Suíça é um dos países onde seus habitantes fazem mais turismo mundial, além de ter uma enorme reputação em relação ao turismo receptivo. Abordar-se-á, primeiramente, como aconteceram os encontros entre os sujeitos da pesquisa.

1.1 O encontro dos casais interculturais através da migração e do turismo

Os casamentos interculturais permitem refletir acerca de categorizações conjugais, ou seja, em uma forma, entre as mais variadas que existem, de se constituir família, na atualidade. O ser humano tem necessidade de compartilhar, de estar junto, de se comunicar, mas, devido às mudanças aceleradas que estão acontecendo tão rapidamente, na sociedade, algumas pessoas tentam novas maneiras de conviver, de manter contato, de amar. Outras o fazem como meio de resistência às mudanças ou, simplesmente, por oportunidade, já que as mudanças não agem da mesma forma em todos os casos e, conseqüentemente, são diferentes as maneiras de sentir e reagir a elas. Mas, o fato é que o acesso às outras culturas - e com isso, também, ao casamento intercultural – tornou-se bem mais fácil, considerando os novos modos de acessibilidade hoje existentes, em termos de transportes, televisão, revistas, jornais, internet.

Por isso, é um equívoco pensar que um casal intercultural tem poucas chances de se encontrar, por serem de culturas e países diferentes, como se pode constatar a seguir, pelas formas como os sujeitos descrevem ter se conhecido.

Na verdade, muitos deles se encontraram como todos os casais, ou seja, no decorrer de suas vidas cotidianas e dentro das suas redes de sociabilidade, como por exemplo, nas cidades em que vivem. É como Mário conheceu sua esposa, “*a Genève*”; ou “*dans une discothèque, Isla Bonita à Genève*” (Luíz); “*au travail. On travaillait dans la même entreprise*”(André); “*à l’église, ici en Suisse*” (Mike); ou, ainda, “*dans le salon de lavage de la rue de Prieuré en Genève. On était voisin dans un immeuble*” (Ken).¹⁷ No caso desses casais, eles se conheceram na Suíça, onde suas esposas estavam na condição de migrantes.

Outro meio pelos quais os casais se encontram são as agências matrimoniais. Hoje, existem franquias de agências matrimoniais no Brasil, pelo Sebrae. Em Portugal, a agência matrimonial Amore Nostrum está recolhendo assinaturas para apresentar à Assembleia da República (AR) um pedido de legislação que regule a atividade no país. Seu diretor geral, Nuno Aldeia, adiantou que esta “ação destina-

¹⁷ Em uma discoteca, Isla Bonita, em Genebra (Luíz); no trabalho. Trabalhávamos na mesma empresa (André); na igreja, aqui na Suíça (Mike); na lavanderia da Rua Prieuré, em Genebra. Éramos vizinhos, morávamos mesmo prédio (Ken).

se a proteger a 'boa imagem do sector', dado existirem no mercado empresas que 'descredibilizam' a actividade, ao mesmo tempo que 'desrespeitam a própria privacidade das pessoas'."¹⁸

Erika Sousa Vieira (2000), em seu estudo "Amor sob encomenda: um estudo antropológico sobre agências de encontros", mostra como as agências parecem ter uma grande influência sobre os clientes, pois lhes dão o sentimento agradável de "serem escolhidos" entre tantos outros inscritos, o que os faz sentir como se fosse um elogio, como o disse uma das informantes. Contudo, essas agências podem constituir um local seguro de encontro, pois não só as pessoas são todas cadastradas como têm um objetivo comum: encontrar um parceiro para um "relacionamento sério". Não obstante, as expectativas de alguns clientes se mostram muito idealizadas e difíceis de concretizar, exigências em relação à idade, cor de olhos, status social, por exemplo. Num quadro geral, os homens se centram mais na idade, pois preferem mulheres com cerca de 25 anos ou cinco a dez anos mais novas do que eles, embora não exijam o mesmo nível social e econômico que o deles. As mulheres priorizam o caráter de seus possíveis parceiros e o nível social, que deve ser igual ou superior ao delas.

Outro meio de procurar um par para o casamento é através dos sites de encontros na internet. Em uma reportagem na Revista Veja, Rosana Zakabi (2002) aponta alguns números que levantou entre os principais sites de relacionamento do Brasil, em relação ao sucesso das agências matrimoniais no país. Podia-se verificar como elas faziam sucesso, pela descrição de seus clientes: "40% dos clientes têm nível superior completo, 5% fizeram mestrado, 1% doutorado e 20% estão cursando alguma faculdade." Um outro site mostra que "66% possuem automóvel, 31% fumam, 43,7% praticam esportes regularmente e 3,3% são homossexuais." Isso já acontecia em relação a relacionamentos de pessoas do mesmo país, mas é, também, um meio facilitador para um primeiro contato entre pessoas que vivem em países diferentes e que procuram encontrar um(a) parceiro(a) para um relacionamento sério. O aumento dos casamentos interculturais na Europa Ocidental, em geral, com mulheres de países do Leste Europeu se deve, em grande parte, ao acesso dos homens aos sites de encontros pela internet (ROCA, 2008).

¹⁸ Disponível em: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/agencia-matrimonial-quer-lei-para-actividade-de-marcacao-de-encontros-1247009>>

Assim, um dos motivos que mais levam as pessoas a procurar uma agência matrimonial é a dificuldade de se relacionar fora de seu ambiente de trabalho, visto que passam muitas horas dentro dele e não têm muito tempo para sair com amigos para paquerar, por terem estado durante muito tempo dentro de um relacionamento e achar que perderam a prática da paquera ou, simplesmente, não têm paciência para encontrar o seu par pelos meios “convencionais”.

Outra forma de os casais se conhecerem é mostrado na primeira entrevista do núcleo da Tailândia, com Tichani, que conheceu o marido enquanto ele estava na Tailândia, fazendo um estágio em um hotel em que ela trabalhava. No entanto, somente quando foi para Genebra, a trabalho, é que se encontraram novamente e começaram a relação.

En Thaïlande. On était d'abord ami. En fait lui, quand on était plus jeunes (7ans, 8ans en arrière) **il était allé en Thaïlande pour faire un stage dans un Hôtel et moi j'ai aussi travaillé là-bas** donc on était collègues et amis. Après quand il est rentré en Suisse, on n'a pas gardé contact. **Moi j'ai par la suite changé de travail et avec ce nouveau travail, je suis arrivé à Genève.** On s'est rencontré de nouveau et **c'est là qu'on a commencé notre relation.** (Tichani)

É neste âmbito que se encontra a particularidade dos relacionamentos aqui estudados. Todas as esposas se encontram em um contexto de migração, o que não quer dizer que todas tenham pensado ou se organizado para que isso acontecesse, mas, como dito anteriormente, os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais se dão, também, no decorrer do cotidiano. Ou seja, muitos começaram nos momentos de lazer dos sujeitos: em suas férias, durante as viagens de turismo.

Foi o caso de Thyago, que conheceu sua esposa durante suas férias: em “*Bangkok, il y a 10 ans*” (Thyago)¹⁹. No caso de Reis e sua esposa, os dois estavam de férias na Espanha quando se encontraram pela primeira vez e ficaram anos namorando à distância, se comunicando via internet, até que finalmente se casaram.

Il y a trois ans et demi à Barcelone pendant un voyage. Moi j'étais avec un ami. On voulait connaître la ville et faire la fête. Rita était avec des amies à

¹⁹ Em Bancok, há dez anos (Thyago).

elle, en train de faire un voyage en Europe et on s'est rencontré dans le même hôtel (Reis).²⁰

Pierre estava de férias no Brasil, visitando a família da ex-esposa quando conheceu sua atual esposa que é afilhada de sua ex-sogra.

Então, e eu já tinha, eu já ouvi falar dela, porque a mãe da minha filha já tinha falado dela, uma menina muito esforçada, tudo, tinha uma escola, etc. E ela também já sabia desse nosso primeiro casamento assim. Eu já tinha visto fotos, já sabia. Então eu fiquei um tempo no Nordeste do Brasil, São Luís. E lá eu fiquei afinal uns 6 meses, mas durante esse tempo que eu morei sozinho lá, um apartamento em cima da casa da minha sogra, da avó da minha filha. E, um dia, a Patrícia foi visitar a madrinha dela que era essa sogra. (...) Então, se conheceu, a gente se conheceu e tudo, e duas semanas a gente se noivou... (Pierre)

Paul conheceu sua esposa, Paula, no Recife, durante o período de férias com um amigo. Depois desse primeiro encontro, viajou várias vezes para o Brasil para se encontrar com ela e Paula também foi para a Suíça, o que é uma constante nos casais que se encontram durante o período de férias, pois, até decidirem pelo casamento, tanto o homem como a mulher vão e vêm várias vezes para melhor se conhecer e também para se certificar de que a mulher se adapta ao país.

Embora o fluxo migratório pelo turismo seja um dos meios pelos quais os sujeitos desta pesquisa se encontram mais, a migração laboral tem, por outro lado, um grande papel nesses encontros, como será visto em seguida.

1. 2 O fluxo migratório na atualidade

Desde os primórdios, os homens – comerciantes, conquistadores, aventureiros – se deslocam pelos mais variados motivos: mudanças climáticas, migração de caça, pobreza, comércio, espírito de aventura, entre outros. Atualmente, as motivações se mantêm ou mesmo aumentam e, assim, o número de pessoas com necessidade de se deslocar de seu habitat tem aumentado também.

²⁰ Há três anos e meio em Barcelona durante uma viagem. Eu estava com um amigo. Queríamos conhecer a cidade e festejar. Rita estava com amigas dela fazendo uma viagem pela Europa e nos encontramos no mesmo hotel. (Reis)

O socioeconomista Reynald Blion (2001)²¹ aponta que as numerosas migrações foram e ainda são motivadas pela procura de uma melhoria de vida por parte do migrante que deixa a família no seu país de origem. As motivações podem ser as mais variadas como, por exemplo, para estudos, por motivos de doença, trabalho, reunião de família, casamento.

Alguns fatores/acontecimentos contribuíram para a mobilidade mundializada: a queda do muro de Berlim, em 1989, que permitiu a mobilização de populações limitadas em suas próprias fronteiras por cinco ou seis décadas; a redução da dificuldade de obtenção dos passaportes nos países em desenvolvimento, que possibilitou uma saída generalizada; os preços mais acessíveis das passagens aéreas, os pacotes de viagem, entre outros. No incrível gráfico interativo (gráfico 15, nos anexos) “The global flow of people. Where everyone in the world is migrating” (SANDER; ABEL; BAUER [s/d]), é possível visualizar de onde saem e para onde vão todos os fluxos migratórios, na atualidade.

Em seu *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: migrantes no Brasil*, Denise Cogo e Maria Badet (2013) mostram os últimos dados das migrações da Organização Internacional das Migrações (OIM). As autoras revelam como, no ano de 2000, o *Informe sobre las Migraciones en el Mundo* produzido pela OIM registrava “a existência de 150 milhões de migrantes no mundo”, ou de pessoas que vivem em um país diferente do seu de origem. “Essa soma alcança, na atualidade, 214 milhões, segundo edição de 2010 do mesmo relatório, o qual estima que uma, em cada seis pessoas no mundo, é migrante” (2013, p.15).

Há muito discutida pelos estudiosos, a migração aparece tanto como uma escolha individual como coletiva. Para Victor Piché (2013), na escolha pessoal se aprofundam mais as razões ou as motivações que levam à decisão de migrar, mas, de um ponto de vista mais global, o foco é mais centrado nos fatores sociais e econômicos que levam as pessoas tanto a migrar como a não migrar. Essa dicotomia indivíduo/sociedade ou micro/macro trespassa ao longo dos estudos migratórios, incluindo aqueles que focam o aspecto positivo da migração para quem

²¹ Criador do [MARS - Media contra o Racismo no Desporto](#) e Diretor de Media & Diversidade no Conselho da Europa, socioeconomista e especialista em migração e desenvolvimento.

migra, em contrapartida ao impacto social e econômico da migração nas sociedades de acolhida.

Assim, a migração não se limita a um fluxo de pessoas indo e vindo. Quando se fala sobre migração, está-se referindo à sociedade como um todo, tanto da sociedade de saída do migrante como da que o acolhe. Mas, como afirma Abdelmalek Sayad (2006), vale a pena salientar, mesmo parecendo uma banalidade, que a migração é um “fato social total”, única característica, aliás, que reúne a aprovação da comunidade científica. O autor explica melhor a migração como um fato social quando mostra que, através dela, acontece um intercâmbio entre as ciências, como a antropologia, a sociologia, a demografia, as ciências políticas, a geografia, a história, a economia, o direito e a psicologia. Isso porque a migração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço. Em segundo, o espaço não é somente um espaço físico, mas social, econômico e cultural.

Desta forma, ciências como a demografia e a geografia, ao tratar do deslocamento físico, precisam das outras ciências para explicar todos os fatos sociais característicos da migração, visto que ela abrange problemas econômicos, linguísticos, sociais e culturais. Ao falar de migração, Sayad (2006) explica que se trata da sociedade como um todo, de sua dimensão diacrônica (perspectiva histórica de formação e demografia) e também de sua extensão sincrônica (estruturas sociais e seu funcionamento). Não obstante, ao se pensar a migração, não se pode separá-la de uma parte extremamente importante, a emigração. E, no caso específico deste estudo, a migração feminina que resultou, por sua vez, em um casamento intercultural, assim como a migração feminina resultante de um casamento intercultural. Assim, Sayad acrescenta que,

(...) l'immigré n'existe, pour la société qui le nomme comme tel, qu'à partir du moment où il en franchit les frontières et en foule le territoire ; l'immigré «naît» de ce jour à la société qui le désigne de la sorte. Aussi celle-ci s'autorise-t-elle à tout ignorer de ce qui précède ce moment et cette naissance (2006, p. 18).²²

²² (...) o migrante só existe para a sociedade que o denomina como tal, ou seja, a partir do momento em que atravessa a fronteira, que adentra o território que não o seu de origem, o migrante “nasce” nesse dia para a sociedade que o designa como tal. Desta maneira, esta autoriza-se a ignorar tudo o que precede o momento em que se torna migrante. (Tradução livre da autora)

De acordo com Catherine W. de Wenden (2010), os anos 1980 marcam o início de um novo período das migrações contemporâneas, que colocam em questão os pilares do sistema internacional, ou seja, a soberania (o Estado) e a cidadania (a Nação). A primeira ocorre por colocar em causa a noção de fronteira e a segunda por contribuir para a dissociação da cidadania da de nacionalidade e propor novas formas de mobilização centradas no direito de ter direitos com ou sem documentação legal. Com o tempo, o perfil dos migrantes foi mudando, dando fim a uma maioria de migrantes masculinos, pouco escolarizados, vindos do meio rural; e a plasticidade das figuras sociais dos migrantes em um mundo em mudança leva a constituir, durante a sua migração, vários tipos de perfis sociais. Assim, a mesma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, migrante em situação irregular, estudante, turista, empregado, candidato a asilo, requerente ao reagrupamento familiar. Muitos dos migrantes usam vários canais para entrar na legalidade, mesmo que o perfil utilizado seja socioeconomicamente diferente do real do demandante, o que às vezes pode levar a uma degradação acentuada para viver em outro lugar e efetivar seu projeto migratório.

Nessa mesma linha de pensamento, Cogo e Badet (2013) acrescentam outro fator à diversidade das novas migrações, ao afirmar que as migrações, atualmente, apresentam uma maior diversidade de grupos étnicos e culturais envolvidos, assim como um número bastante significativo de mulheres que migram tanto de maneira independente, quanto como chefes de família. Há, também um acréscimo do número de pessoas que vivem e trabalham no estrangeiro, sem regulamentação jurídica, bem como de migrantes temporários e de circulação. Acrescentam as autoras que, segundo o Relatório da OIM de 2010, os “(...) EUA têm o maior número de migrantes, ao passo que na Europa situam-se os seis países com populações mais numerosas de nascidos no estrangeiro: França, Alemanha, Federação da Rússia, Espanha, Ucrânia e Reino Unido” (COGO; BADET, 2013, p. 16). Mas, embora muito se fale, na atualidade, das migrações na Europa e nos Estados Unidos da América, é necessário lembrar que nem sempre o fluxo migratório foi nessa direção.

Cogo e Badet (2013) nos apresentam dados do IBGE, constatando que um dos países marcados historicamente pela imigração no período 1819 ao final da década de 40 foi o Brasil, que recebeu cinco milhões de migrantes, sobretudo

italianos, portugueses, espanhóis, alemães, japoneses e suíços. Outra leva de migrantes que o Brasil recebeu foi de 1950 até meados da década de 60, quando os grandes fluxos migratórios para o país cessaram.

No entanto, não se trata aqui somente de pessoas indo e vindo de um país para o outro. Os migrantes, ao decidirem ou ser forçados a sair de seus países, na maioria das vezes deixam suas famílias para trás, com quem guardam laços afetivos, econômicos, sociais, culturais. Reynald Blion (2001) acredita que esses laços mantidos entre os migrantes e seus familiares em seus países de origem podem ser de várias formas. Uma das primeiras e mais visíveis consiste nas transferências financeiras para o país de origem. Por exemplo, o Marrocos tem recursos anuais de cinco bilhões de dólares decorrentes das transferências da poupança migratória, que equivale às receitas totais das exportações de bens e de serviços, cerca de seis vezes o déficit da balança comercial ou ainda mais do dobro da ajuda pública ao desenvolvimento recebida anualmente por este país. Todo esse envio de dinheiro para seus países de origem se deve, também, ao fato de todo migrante desejar, um dia, voltar para casa, como apontou Deta Engel em sua entrevista.

No entanto, para Mike, essas remessas de dinheiro para o país de origem das esposas pode ser o lado negativo da relação afetivo-conjugal intercultural, visto que pode haver muitos abusos. Acredita que, quando um homem se casa com uma mulher de um país pobre, haverá sempre o problema de dinheiro em relação à família que ficou, como no caso de sua esposa Lôtus, cuja família ficou nas Filipinas. Mas, no caso dele e de sua esposa, eles gerenciam esse problema com certas regras. Eles fazem o que precisam fazer, mas sem ultrapassar os limites.

Ce qu'il n'y a pas chez nous mais qui **pourrait être négatif**, c'est que, si, comme étant suisse, **on marie une fille d'un pays pauvre, il y a toujours un petit peu le problème d'argent pour la famille qui reste aux Philippines**. Chez nous, **on le gère avec certaines règles** qui font que, ma foi, on supporte ce qu'on fait mais **on ne dépasse pas des limites**. (Mike)

Pode-se assim verificar que é uma recorrência entre migrantes, o envio de suas economias para o país de origem, como acontece em outros países, como o México e a Índia. No México, segundo Blion (2001), essas transferências anuais são estimadas em quatro bilhões de dólares, o que corresponde à décima quinta parte das receitas totais das exportações de bens e serviços, 15% do déficit comercial. Na

Índia, as transferências são avaliadas em cinco bilhões de dólares por ano, ou seja, um quinto das receitas de exportações de bens e serviços, o dobro do déficit comercial e três vezes o valor da ajuda pública recebida. Esses números são importantes, pois o envio desse dinheiro é um dos meios de os migrantes manterem contato com o país de origem. Por outro lado, por serem as mulheres mais da metade dos migrantes na atualidade, essas remessas, em boa parte, resultam de seu trabalho.

Ainda sobre as remessas de dinheiro dos migrantes, Cogo e Badet (2013) mostram os dados do Banco Mundial em relação aos países em desenvolvimento: em 2009, os migrantes enviaram 414 milhões de dólares para seus países de origem e, destes, mais de 316 milhões se destinaram aos países em desenvolvimento. Segundo ainda o Banco Mundial, as estimativas apontam para um fluxo total de 406 milhões de dólares enviados aos países em desenvolvimento, durante o ano de 2012, representando um aumento de 6,5% em relação a 2011; e as mesmas projeções do Banco Mundial apontam que, em 2013, as remessas de dólares aumentaram 8%, 10% em 2014, para alcançar, em 2015, um total de 534 milhões de dólares (p.16, 17). É importante assinalar que, dessas remessas de dinheiro enviadas aos países de origem dos migrantes, cerca da metade são feitas por migrantes mulheres, muitas delas inseridas em um relacionamento afetivo-conjugal intercultural. A migração feminina não só aumentou como ficou mais visível, devido aos estudos que têm sido feitos por e sobre elas, nas últimas décadas.

1.3 A migração feminina na atualidade

Desde os meados dos anos 1980 e início dos anos 1990, a feminização dos fluxos migratórios acentuou-se, porém, mais do que isso, o registro dessas mulheres acabou surgindo e sendo contabilizado nos estudos migratórios, pois inicialmente os estudos feitos sobre migração focavam pouco ou nada sobre as mulheres. Uma das razões para isso era o fato da migração feminina ocorrer mais dentro do reagrupamento familiar. No século XXI, na sua maioria e à semelhança da migração masculina, a migração feminina tem como objetivo o trabalho, como pode ser percebido, por exemplo, em Lôtus, esposa de Mike, que foi para a Suíça para

trabalhar e acabou conhecendo o marido na igreja que frequentavam. Maria, a cabeleireira dominicana esposa de Mário, também trabalhava na Suíça quando conheceu o esposo. Andréia, outra das mulheres perquiridas, conheceu seu marido suíço no local de trabalho. Kat, a economista dominicana, esposa de Ken, também trabalhava na Missão quando conheceu seu marido na lavanderia e, finalmente, Tichani, a tailandesa, começou o relacionamento com o ex-marido quando foi para a Suíça a trabalho, embora já se conhecessem, por ele ter trabalhado, anteriormente, na Tailândia. No entanto, as motivações da migração feminina vão além de apenas laborais, um aspecto a que voltaremos mais adiante.

O *Relatório do 36º Congresso sobre Migrações, em 2007, em Lisboa*, afirma que, desde a década de 80, este fenômeno da migração feminina tornou-se mais visível e que a América Latina foi a primeira região, nos anos 1990, a ter uma quantidade quase igual, tanto de mulheres como de homens migrantes. Um exemplo foi que, em 2004, a média do fluxo migratório de mulheres emigradas dessa região já era de 49,6%. Uma característica da migração feminina é que cerca de 80% dessas migrantes envia uma parte do seu salário a outra mulher no seu país de origem, para assegurar que os fundos sejam bem administrados (gastos domésticos, saúde, educação). Esta feminização da migração é constatada tanto a nível intrarregional como inter-regional. Em relação à migração inter-regional, a migração feminina é direcionada principalmente para os EUA, depois para a Espanha e para o Japão. Na Espanha, a maioria dos migrantes oriundos da República Dominicana, da Colômbia e do Brasil são mulheres, e 60% dos migrantes provenientes da América Latina e das Caraíbas trabalham no setor dos serviços domésticos. Uma das entrevistadas, Paula, fala sobre sua experiência de emprego na Suíça e as dificuldades encontradas por ela e por suas conhecidas.

A maioria que trabalha ou é em firma de limpeza, restaurante, ajudante de cozinha...(...) Até porque, em cidade como essa, quando tem um emprego... Aparece um emprego de cozinha, muitas das vezes eles já têm uma pessoa. Até porque, como eles se conhecem, aí já tem aquela suíça dona de casa, que já não está querendo ficar dentro de casa, porque o menino já está grande, já está indo pra escola... Ou tem aquelas que já estão ficando velhas... Porque aqui a maioria se tu for ver... Tu ia ver, é senhora. Porque já está ficando velha, aí já conhece a mãe do dono, não sei o que... Aí já tem o emprego, entendeu? (Paula)

Quando decidiu começar a trabalhar, pois seus filhos já estavam grandes, somente depois de várias tentativas Paula conseguiu um emprego de limpeza em

um restaurante da região; mas, como gostaram de seu trabalho, acabou virando ajudante de cozinha.

Eu vi que esse daí, quando ele estava procurando uma pessoa pra limpar o chão... Ele me deu porque ninguém estava querendo aquele emprego. Primeiro, que não era um emprego com horário fixo. Muita gente aqui não quer. Uma vez por semana. Muita gente também não quer. Então eu acho que... Eu vejo assim, que ele primeiro me deu o de limpeza como quem diz "é, vamos ver até quando vai dando", no dia que não puder vai encontrar outra. Mas à medida que ele viu que eu trabalhava bem, que depois, tudinho, que eu passei pra cozinha, a cozinhar, aí foi quando... Entendeu? (Paula)

No caso de Paula, que vive em uma pequena cidade, além de ter dificuldade em encontrar emprego, visto que não existem muitos, acredita que as estrangeiras precisariam de assessoria para melhor encontrar um emprego. Por exemplo, ajuda em elaborar um currículo; sua experiência de procurar emprego inicialmente foi dificultada pela falta de um currículo. Esta é uma das dificuldades que encontrou, assim como algumas outras estrangeiras que conhece e que se sairiam melhor se houvesse alguma instituição ou órgão de ajuda às estrangeiras. Ela conta que, na cidadezinha onde mora, o serviço de ajuda aos desempregados é desatualizado e os anúncios que constam em seus sistemas são muito antigos e, portanto, de empregos já preenchidos.

Aí eu cheguei lá, primeiro me arrumei, tudinho... Mas hoje, quando eu vejo, poxa, eu tinha a possibilidade de ter melhorado muitas coisas no currículo, de ter posto muitas coisas que, pra gente acha que não é importante, depois é que foi ver que sim, é importante. Então, se tivesse aqui uma associação, no mínimo, que fosse uma vez por mês, que fosse para estrangeiras... (Paula)

No entanto, Paula relata também como, às vezes, é possível contar com a rede de amizades, grupo social de origem e como estas podem vir a ser importantes.

Eu conheço uma brasileira aqui que ela tem um salão e eu sempre digo "porra, Rosana, tu é uma pessoa que eu tenho muito respeito". Porque, olha, essa brasileira, pô, ela dá trabalho a várias brasileiras. E não só brasileira, também dominicana, assim. Pra você ver que quando não aparece a faxina ou a cozinha a pessoa tá fodida. Sabe como é? A dificuldade de arrumar emprego? Aí, essa brasileira... O salão dela é pequeno, mesmo assim ela já contrata pra tentar ajudar, sabe como é? (Paula)

No entanto, essa feminização da migração tornou-se uma constante em numerosos países, em particular na América do Norte, na Europa, no Oriente Médio, na Ásia, na América Latina e na Oceania; em quase todas as regiões do mundo, as mulheres constituem a maioria dos migrantes, com exceção da África e do mundo Árabe.

Em 2002, o número de mulheres a emigrar do Sri Lanka foi duas vezes superior ao dos homens. Entre 2000 e 2003, as mulheres representaram cerca de 80% do total dos migrantes indonésios. Em 2005, mais de 65% dos 3000 migrantes quotidianos filipinos eram mulheres. A mesma tendência tem sido observada na América latina: em 2001, 70% dos migrantes brasileiros e dominicanos que rumaram a Espanha eram mulheres. Os países da região dos Andes enviam contingentes de mulheres para a Europa em número muito superior ao dos homens. Da mesma forma, as mulheres representam ainda 70% dos migrantes latino-americanos que têm como destino Itália. (Relatório do 36º Congresso sobre Migrações em 2007)

Quanto às profissões exercidas por essas migrantes, em sua grande maioria são aquelas menos remuneradas ou que ocupam níveis inferiores na hierarquia profissional, como no caso de Paula. As mulheres são ainda maioria nos setores mais precários, como o trabalho doméstico ou as atividades informais e nos setores de cuidados de saúde. Assim, os dados mostram que 60% das migrantes latino-americanas trabalham como auxiliares domésticas. Na Espanha, 70% das migrantes são empregadas nesse setor, devido ao aumento do envelhecimento da população da Europa Ocidental. Outro setor onde as migrantes são muito empregadas é no ramo da saúde. A necessidade, na União Europeia e nos Estados Unidos, de enfermeiros explodiu ao longo dos últimos anos, segundo a Organização Mundial de Saúde. A Grã-Bretanha necessitou, em 2008, de mais 25.000 médicos e de mais 250.000 enfermeiras, em relação a 1997. Os EUA, até 2020, terão necessidade de mais de um milhão de cargos de enfermeiras e o mesmo déficit ocorre no Canadá e na Austrália (Relatório do 36º Congresso sobre Migrações, em 2007).

Além de mostrar como a configuração das migrações mudou, esses dados trazem um registro do aumento da migração feminina sul/norte, um aumento de possibilidades de vir a acontecer um relacionamento afetivo-conjugal intercultural. No caso específico deste estudo, homens e mulheres em um contexto de relações afetivo-conjugais entre culturas diferentes das suas de origem, os dados levam a questionar: A migração e o turismo são os únicos fatores que provocam o aumento dos casamentos interculturais? Estaria a migração sendo usada como meio de se

concretizar casamentos interculturais? Ou ainda, estaria o homem, através do turismo, buscando formar uma família? Quais são suas reais motivações para formar uma família com alguém de uma cultura que não a sua de origem?

A seguir, tratar-se-á de como ocorreu a migração, especificamente entre a Suíça e o Brasil.

1.4 O caso migratório entre a Suíça e o Brasil

A identidade cultural de cada indivíduo é formada pelo seu espaço geográfico, pela época de seu nascimento, pelo seu idioma e pela sua religião. No caso da Suíça, que é um pequeno país, sua identidade foi definida por essa pequena dimensão, tornando o povo suíço mais individualizado e centrado em pequenos núcleos, pequenas comunidades, estimuladas também, mesmo que não intencionalmente, pelos quatro idiomas falados no país (francês, italiano, alemão e romanche), que delimitaram, mais ainda, as intrafronteiras. Como se sabe, a religião foi outro ponto a favor da individualização e separação societária. As divergências à época do surgimento do calvinismo (segmento protestante fundado por João Calvino) privilegiaram os comerciantes burgueses, que ansiavam por uma doutrina religiosa capaz de justificar sua atividade lucrativa, duramente condenadas pela Igreja Católica, que, até os dias atuais, tem-se mostrado atuante no país.

A Suíça faz fronteira com a França, a Alemanha, a Áustria, Liechtenstein e a Itália, tinha uma população de 8.030.060 de habitantes, em 2012; destes 73,4% falam alemão, 20,5% francês, 4,1% italiano e 0,7% romanche. Quanto à religião, em 2012, a Igreja Católica Romana é o maior grupo religioso do país, com 38,2%. A Igreja Reformada Evangélica, com 26,9%, a muçulmana, 4,9%, e 0,3% de judeus. Os sem religião duplicaram entre 2000 e 2012, com 21,4%. Outras religiões, 1,3%²³. Mas, segundo Uli Windisch et al. (2002), *“on souligne aussi la diversité linguistique et culturelle de la Suisse, ce fait supposant qu’il n’existe pas de “vrai” Suisse, tous les*

²³Fonte: Démographie et Migration/Service d'information de la section - Neuchâtel/Suisse.(Tradução livre da autora)

*Suisses étant des étrangers les uns par rapport aux autres. Par conséquent, la notion même d'étranger serait absurde*²⁴ (p. 164).

A tabela 1 mostra a população da Suíça e a estrangeira, em 2012, por idade e sexo; esta última conta com 1.869.969 de habitantes. Vale salientar uma particularidade da Suíça: ser um dos poucos países que têm uma população masculina maior do que a feminina, entre os vinte e os sessenta e quatro anos de idade.

Tabela 1 - População residente na Suíça em 2012

População residente permanente em 31 dezembro 2012					
	Total	Homens	Mulheres	Suíços	Estrangeiros
Total	8 039 060	3 968 524	4 070 536	6 169 091	1 869 969
Idade					
0–19 anos	1 643 307	843 605	799 702	1 260 146	383 161
20–39 anos	2 143 593	1 082 521	1 061 072	1 443 031	700 562
40–64 anos	2 853 542	1 434 143	1 419 399	2 212 711	640 831
65–79 anos	1 007 955	469 232	538 723	887 972	119 983
80–99 anos	389 254	138 781	250 473	363 904	25 350
100 anos ou mais	1 409	242	1 167	1 327	82

Fonte: La Statistique de la Population et des Menages (STATPOP)

Mas a Suíça não se limita a isto. Embora seja um país de pequenas dimensões, principalmente se comparado ao Brasil²⁵, é conhecida, mundialmente, pela sua criatividade empresarial,²⁶ pelas suas montanhas e pelos esportes de inverno,²⁷ pelas suas florestas e chalés e, mais, é referência mundial no que concerne ao turismo. A Suíça se destaca, também, por ser um país onde a cultura nacional é constituída de várias culturas e vários idiomas no mesmo território

²⁴ “Sublinha-se também a diversidade linguística e cultural da Suíça, fato que supõe que não existe uma “verdadeira” Suíça, todos os suíços são estrangeiros uns em relação aos outros. Por conseguinte, a noção mesmo de estrangeiro seria absurda”. (Tradução livre da autora)

²⁵ A superfície suíça é menos da metade do Estado de Pernambuco, no Nordeste brasileiro.

²⁶ Embora não tenha inventado o relógio, inventou a fabricação do relógio em série; é conhecida, também, pelos canivetes Victorinox; os maravilhosos chocolates; pela eficácia do sistema bancário, pela indústria farmacêutica e por ter uma das melhores educações escolares do mundo.

²⁷ O ski, o snowboard, os trenós, a patinagem.

nacional, vivendo em harmonia e, talvez, seja essa uma das muitas razões pelas quais o país atrai tantos migrantes e turistas.

Na tabela 2 pode-se verificar as migrações por motivação para a Suíça, em 2008, onde se percebe, no quesito 6, que 8,2% de homens e 21,5% de mulheres migraram com a intenção de fundar uma família, para se casar, o que passará a se denominar de *migração afetivo-conjugal*, um assunto que será discutido mais adiante.

Tabela 2 - Migração segundo a principal motivação - Pessoas de 15 a 74 anos no momento da migração, em 2008 (Unicamente pessoas nascidas no estrangeiro)

Motivações	Homens		Mulheres	
	em milhares	em %	em milhares	em %
1. Para iniciar um trabalho previamente encontrado	204	33.9	123	19.4
2. Para encontrar trabalho	112	18.7	69	10.8
3. Para estudar	35	5.9	31	4.9
4. Para pedir asilo	36	6.1	15	2.4
5. Para acompanhar família ou a encontrar	63	10.4	173	27.2
6. Para se casar, para fundar uma família	49	8.2	136	21.5
7. Outra razão	94	15.6	81	12.8
Não sabe	(2)	(0.3)	()	()
Sem resposta	5	0.8	5	0.8

Fonte: Enquête Suisse sur la Population Active (ESPA)

Na tabela 3 pode-se observar que a motivação de migração em razão de reagrupamento familiar é o segundo motivo em números absolutos e assim como em %. Isso leva a perceber que a motivação da migração afetivo-conjugal continua em alta, visto que, em 2012, 45.379 pessoas, ou seja, 31,6% da migração foi motivada pelo reagrupamento familiar. E nestes números estão incluídos as migrações motivadas pelo casamento, ou seja, os casamentos interculturais.

Tabela 3 – Migração segundo a principal motivação, em 2012

Motivação	Fluxo 2012 em números absolutos e em %	Autorização UE/Aele ²⁸ em números e %	Autorização Estados terceiros ²⁹ em números e %
Reagrupamento familiar	45'379 31.6%	24'711 54.5%	20'668 45.5%
Estrangeiros com quota de emprego remunerado	11'478 8.0%	7'285 63.5%	4'193 36.5%
Estrangeiros com quota de emprego não remunerado	59'288 41.2%	58'982 99.5%	306 0.5%
Estrangeiros sem atividade lucrativa	5'945 4.1%	5'232 88.0%	713 12.0%
Formação e desenvolvimento profissional	15'641 10.9%	7'422 47.5%	8'219 52.5%
Retorno à Suíça	71 0.0%	39 54.9%	32 45.1%
Refugiados reconhecidos	1'857 1.3%	-	1'857 100%
Caso de rigor (motivos humanitários)	2'440 1.7%	85 3.5%	2'355 96.5%
Outras entradas na Suíça	1'684 1.2%	596 35.4%	1'088 64.6%
<i>Total</i>	143'783 100%	104'352 72.6%	39'431 27.4%

Fonte: Organisation de Coopération et de Développement Economique - OCDE

A Suíça nem sempre foi um país de imigração. No início do século XIX era um país de emigração. Com a ajuda de mercenários, começa a emigração para o ultramar, frequentemente encorajada pelo governo dos Cantões³⁰, ansioso para se livrar dos “pobres”. Desta maneira, surgiu a New Bern e a New Glarus, nos Estados Unidos, e a Nova Fribourg, no Brasil. Nessa época, outras cidades foram fundadas pelos migrantes suíços na América Latina, como a cidade de Esperanza, em 1856, na Argentina; outras cidades foram fundadas, no Chile e Uruguai. Muitos desses migrantes se integraram na sociedade local, o que não os impediu de enviar dinheiro para o país de origem. Outros até mesmo fizeram fortuna, como Johann Georg Volkart e seu irmão Salomon, que construíram, em 1851, um império de algodão na Índia, com cerca de 163 filiais, e César Ritz, que se transformou no rei da indústria hoteleira. Outros tiveram menos sucesso (MEMO [s/d]).

No caso específico da migração suíça para o Brasil, Martin Nicoulin (2005) narra alguns acontecimentos da época dos primeiros migrantes suíços e como

²⁸ Association européenne de libre-échange (Associação Europeia de Livre Comércio).

²⁹ Os Estados terceiros não fazem parte da EU ou da AELE.

³⁰ Cantão é o similar, no Brasil, a Estado (Estado de Pernambuco, Estado do Rio de Janeiro).

Sebastien Nicolas Gachet teve uma grande participação. Gachet, financiado pelas indústrias e com o apoio do Cantão, intermediou o tratado entre o rei D. João VI e a Suíça, para a vinda dos primeiros migrantes suíços. Assim, em 1818, D. João VI assinou um decreto autorizando a vinda de 100 famílias suíças do Cantão de Fribourg. Desta maneira, os suíços foram os primeiros migrantes oficiais a chegar ao Brasil³¹ e se estabeleceram na agora chamada Nova Friburgo.

Em contrapartida, o povo brasileiro também é constituído por várias culturas, ameríndia, europeia e africana. Assim, embora a Suíça e o Brasil tenham formação bem diferente, são países conhecidos pela sua capacidade de coexistir “em harmonia” com as diversas culturas existentes em sua própria cultura.

1.5 As agências dos sujeitos no fluxo migratório

A população do Brasil é fruto de sucessivas misturas raciais e culturais espalhadas por seu vasto território, sendo o quinto país com maior extensão territorial, no mundo. No decorrer de sua história, alguns fatores, como a presença de um idioma (português) fizeram com que as doutrinas de uma única religião³² (Católica) fossem propagadas por todo o território brasileiro, “unindo”, desta maneira, o povo, mesmo que existam diferenças regionais significativas. O clima tropical do território brasileiro também influenciou bastante na identidade de seus indivíduos.

As Filipinas³³ também têm uma história de miscigenação, embora bem diferenciada. Em relação à migração, teve seu apogeu no século XIV, com a

³¹ Vale mencionar o fato destas famílias terem sido as pioneiras na imigração brasileira. Estas migrações ocorreram porque no Brasil se fazia necessária a substituição da mão de obra escrava devido ao abolicionismo. Nesse ínterim, a Suíça sofria com os efeitos das disputas do Império de Napoleão, que assolava toda a Europa, e com a Guerra de Sonderbund, uma luta interna que envolvia os cantões católicos conservadores e os protestantes liberais. No final da disputa os protestantes expulsaram os jesuítas (considerados responsáveis pela guerra) do país, deixando muitas sequelas no campo político e econômico suíço.

³² Não me refiro à união de estado e igreja desfeita com a declaração da República, em 1891, que instituiu o estado laico, mas à união pela fé nas doutrinas cristãs católicas. Também não excluo outras religiões, inclusive as de origem africana, que existem no Brasil, porém destaco aquela que mais tem influência no país embora nas últimas décadas a igreja evangélica tenha ganho maior espaço.

³³ Acesso em 23/08/2014. Disponível em: <<http://filipinas.costasur.com/pt/historia.html>>

chegada do reino *madjapahit*, trazendo a religião muçulmana. Até os dias de hoje os nomes próprios, assim como os de família, têm raízes portuguesas e espanholas. Foi introduzida ao cristianismo no século XVI, quando o português Fernão de Magalhães, a serviço do Rei da Espanha, descobriu as ilhas. Os espanhóis permaneceram no país durante três séculos, fazendo de Manila a sua capital. No entanto, em 1898 as Filipinas foram declaradas um país independente, pelo General Emílio Aguinaldo. Mais tarde, ficaram sob o domínio americano, que estava em disputa, na época, com a Espanha; uma disputa que se prolongou por quase meio século.

A Tailândia³⁴ também teve sua história de ocupações e de miscigenação cultural. Os europeus começaram a chegar no século XVIII e, embora fosse de interesse dos portugueses, britânicos, holandeses e espanhóis, a ocupação se deu pela França e os Estados Unidos. Anteriormente, fora parte do reino do Sião, em 1939 seu nome foi substituído por Tailândia, que significa país livre. Isso aconteceu como resultado de uma revolução, em 1932, contra o governo inglês, feita por estudantes que se encontravam em Paris. Durante a Segunda Guerra Mundial a Tailândia voltou a ser ocupada, desta vez pelos japoneses. No entanto, desde que o rei Rama IX tomou posse, em 1946, o país passou por muitas mudanças, em seu reinado de mais de 60 anos. Depois de um tsunami assolar a costa tailandesa, em 2004, o país, finalmente, voltou a ser um local de destino turístico.

A República Dominicana foi o primeiro território americano a ser descoberto pelo português Cristóvão Colombo. A ilha era chamada de Quisqueya pelos índios caraíbas. Cristóvão Colombo estabeleceu uma colônia na costa atlântica, logo destruída pelos indígenas; a sua capital, Santo Domingo, na costa caribenha, foi fundada mais tarde, em 1496. No entanto, em 1697, a terça parte da ilha do lado ocidental foi cedida à França e, um século depois, toda a ilha Hispaniola também passou para o controle francês. Entretanto, a Espanha voltou a reocupar e, finalmente, em 1844, se tornou independente. O país voltou a anexar-se à Espanha em 1861 e reconquistou a independência em 1865.

É nesse contexto de pluralidade cultural que essas nações, tão diferentes entre si, se encontraram nas relações interpessoais e nas relações de família e isso

³⁴ Acesso em 23/08/2014. Disponível em:
<http://www.turismotailandes.org.pt/1_sec2_1_historia.html> e
<<http://thailandia.costasur.com/pt/historia.html>>

se deve à facilidade com que milhões de pessoas partem e chegam de uma multiplicidade de países, a cada momento. O que levava, séculos atrás, à migração, ou seja, colonização, acabou por tomar um outro formato em nossos dias.

Fatores os mais diversos desencadeiam migrações que colocam em movimento milhões de homens e mulheres fazendo com que o contato entre os diferentes povos se estabeleça com mais rapidez: estágios ou estudos em países estrangeiros, fluxo de migrações de trabalhadores para certos países onde há uma maior oferta de trabalho. Os organismos internacionais, congressos, colóquios e reuniões de vários tipos – científicos, comerciais, esportivos – são outros fatores que também contribuem para o deslocamento de indivíduos de um local para outro, mesmo que por um espaço de tempo menor. Os deslocamentos de pessoas forçadas pelas guerras, assim como a adoção de crianças estrangeiras são outros tipos de migração. Todos esses movimentos de massas contribuem para elevar a possibilidade de um casamento intercultural. Mas, vale salientar que foi através do turismo que muitos dos casais interculturais se encontraram.

Desta forma, pode-se perceber que, se a migração e seus atores são portadores de desenvolvimento, tanto nos países em que trabalham como em seus de origem, ao enviar remessas de dinheiro, qualquer processo de desenvolvimento econômico e social também é fator na migração, de aumento do fluxo e movimento da atividade humana, nem que seja pela recomposição dos espaços econômicos, sociais e até mesmo culturais e políticos que provocam.

Daí perceber-se os migrantes, assim como os sujeitos que participaram deste trabalho, não simplesmente como sujeitos de estudo, mas como atores e portadores de estratégias no sentido que Sherry B. Ortner (2007a) mostra, ao dizer que homens e mulheres têm capacidade de *agency*, ou seja, “a própria idéia de *agency* pressupõe uma subjetividade complexa por detrás, na qual um sujeito parcialmente internaliza, parcialmente reflete sobre – e finalmente, nesse caso, reage contra – um conjunto de circunstâncias no qual se encontra” (p. 398, 399). O que pressupõe que, como agentes, ao reagir contra ou a favor das circunstâncias em que se encontravam, esses sujeitos têm um projeto de vida, mesmo que muitas vezes não estejam conscientes disso.

A seguir, será visto de que modo acontecem as reconfigurações na sociedade suíça em relação à família e ao casamento, como homens e mulheres interagem, assim como suas estratégias para constituir uma família, na atualidade.

2 O MATRIMÔNIO TRANSPONDO FRONTEIRAS

Que llegue el momento en que, cuando nos pregunten:
"¿Nacionalidad?", podamos responder:
"Humana", y que esta respuesta refleje
la universalidad de la dignidad.

Elizabeth Jelin

A sociedade suíça, assim como a maioria das sociedades euro-americanas, têm sofrido ressignificações em sua estrutura familiar. Este capítulo tem como objetivo apreender de que maneira a família e o casamento, na Suíça, têm sido ressignificados. Para melhor compreensão, o tema será abordado com base nos dados estatísticos sobre as mudanças na sociedade, na família e no casamento na Suíça e, finalmente, nos dados acerca do aumento dos casamentos interculturais, nos últimos vinte e quatro anos, entre mulheres na condição de migrantes na Suíça e homens suíços.

Esses dados buscam apreender como são formadas as famílias na atualidade, as escolhas das mulheres suíças quanto à família, ao casamento e à decisão de ter ou não filhos, de que forma os homens suíços têm reagido a essas mudanças e como se organizam para constituir família em uma sociedade em evidente mudança.

2.1 Ressignificações na formação da família e do casamento na Suíça

A Suíça é um dos países da Europa com maior média de casamentos, mesmo com um movimento de diminuição gradual a cada ano. Embora a média dos casamentos na Suíça seja maior do que a do restante da Europa, a média de casamentos de homens suíços com mulheres suíças diminui a cada década –, uma tendência na maioria dos países euro-americanos. Na década de 90 foi de 87,8 %, com uma baixa considerável (77,1%) no período de 2000 – 2010, ou seja, um decréscimo de 10,7% (tabela 4).

Tabela 4 - Média de casamentos dos homens suíços com mulheres suíças

Média por década	
1990	87,8%
2000	77,1%

Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration.
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Para melhor compreensão deste fenômeno foi organizada a tabela 5, referente aos casamentos segundo a origem dos cônjuges, no período 1970 a 2009. Percebe-se que os casamentos entre suíços tiveram um decréscimo acentuado, respectivamente, entre 1970 e 2009, de 74,7% para 51%. No entanto, os casamentos mistos tiveram uma alta, de 15,8%, em 1970, para 35,8%, em 2009. É devido aos casamentos mistos que a média de casamentos na Suíça têm mantido um número mais ou menos estável.

Tabela 5 - Casamentos (%) segundo a origem dos cônjuges, de 1970 a 2009³⁵

	1970	1980	1990	2000	2009
Os 2 cônjuges são suíços	74.7	77.3	68.	56.7	51.4
Casamentos mistos ³⁶	15.8	17.0	23.0	30.0	35.8
Esposo estrangeiro / esposa suíça	7.3	6.7	7.6	9.7	16.1
Esposo suíço / esposa estrangeira	8.5	10.3	15.4	20.3	19.7
Casamentos entre cônjuges estrangeiros	9.5	5.7	9.0	13.3	12.8
De mesma nacionalidade	7.2	4.0	6.0	8.1	6.2
De nacionalidade diferente	2.4	1.7	3.0	5.2	6.6

Fonte: L'Office des Migrations/ Système d'Information Central sur la Migration - ODM/SYMIC

Por conseguinte, os casamentos entre suíços(as) e estrangeiro(as) ou entre estrangeiros(as) entre si tiveram um aumento, nas últimas cinco décadas. Em contrapartida, os casamentos entre suíços sofrem decréscimo a cada década, o que leva a questionar o que está acontecendo na sociedade suíça que faz com que seus concidadãos se casem cada vez menos entre si e cada vez mais com estrangeiros.

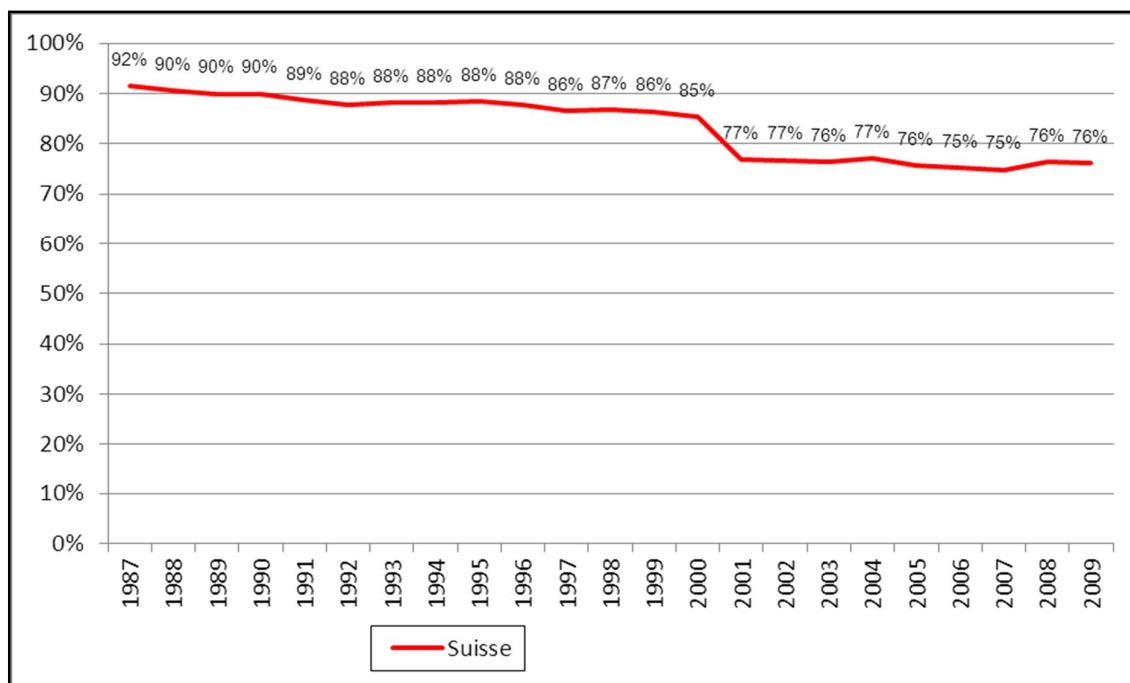
³⁵ Depois de 2001, só os casamentos da pessoa domiciliada na Suíça são contados.

³⁶ Soma dos itens seguintes: Esposo estrangeiro / esposa suíça e Esposo estrangeiro / esposa suíça

Consequentemente, o fato de só os casamentos de suíços(as) com estrangeiros que vivem na Suíça serem contabilizados pelo censo leva a perceber que o número de casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres estrangeiras aumentaria caso fossem contados, também, os casamentos dos suíços que vivem nos países de suas esposas ou mesmo em outros países.

No gráfico 1, é possível verificar como os casamentos de homens suíços com mulheres suíças diminuíram no período 1987-2009. Em 1987, 92% dos homens suíços casavam-se com mulheres suíças, em 2009 este número já era de 76%.

Gráfico 1 - Análise porcentual de casamentos entre homens suíços e mulheres suíças – 1987 a 2009



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Esse decréscimo nos casamentos ocorre, mesmo entre os suíços que moram fora do país. Concordemente ao que acontece na Suíça, os homens casam mais que as mulheres. E a diferença é ainda maior entre os de 2ª geração, no estrangeiro (mais de vinte pontos percentuais): 54,6% (homens) contra 31,5 % (mulheres).

(OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION [s/d])

Hoje, os homens e as mulheres, na Suíça, além de se casar menos, também se casam cada vez mais tarde. A tabela 6 apresenta a média de idade do primeiro casamento dos homens e mulheres na Suíça em geral e por Cantão, entre os anos de 2008 e 2012. Os casais têm atualmente cinco anos a mais no primeiro casamento, em relação a 1971. A idade média no primeiro casamento não cessou de aumentar desde 1970, passando de 26,5 anos para os homens e 24,1 anos para as mulheres para, respectivamente, 31,7 e 29,5 anos, em 2012 (OFS - SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION). No entanto, a média da idade dos homens não é maior porque estão se casando com mulheres estrangeiras, como se verá ao longo deste trabalho.

Tabela 6 - Idade média do primeiro casamento na Suíça em geral e por Cantão

Cantão	Homens			Mulheres		
	2008	2010	2012	2008	2010	2012
Suisse	31.4	31.6	31.7	29.1	29.4	29.5
Zurich	31.9	31.8	31.8	29.5	29.5	29.3
Berne	31.3	31.4	31.7	29.0	29.3	29.4
Lucerne	31.7	32.1	32.2	29.3	29.6	29.8
Uri	31.7	32.3	32.8	28.5	29.4	29.3
Schwytz	32.0	32.5	32.4	29.2	29.9	29.7
Obwald	31.9	31.7	32.1	29.3	29.8	29.8
Nidwald	31.9	31.7	32.9	29.4	29.9	30.1
Glaris	30.9	30.7	31.6	28.7	28.5	29.1
Zoug	32.5	32.3	32.2	29.9	30.0	30.0
Fribourg	30.8	31.1	31.6	28.4	28.9	29.5
Soleure	31.8	32.0	31.8	29.0	29.8	29.3
Bâle-Ville	31.8	32.1	31.6	30.0	29.9	29.5
Bâle-Campagne	32.0	32.1	31.7	29.9	29.7	29.7
Schaffhouse	30.7	30.9	31.5	28.1	28.7	28.9
Appenzell Rh.-Ext.	30.6	31.0	31.8	28.5	28.9	29.2
Appenzell Rh.-Int.	31.3	32.6	32.0	29.2	29.8	29.6
Saint-Gall	31.0	31.3	31.7	28.4	28.9	29.3
Grisons	31.7	32.0	32.3	29.8	29.6	30.1
Argovie	31.5	31.7	31.6	29.1	29.4	29.4
Thurgovie	31.1	31.5	31.8	28.6	28.9	29.3

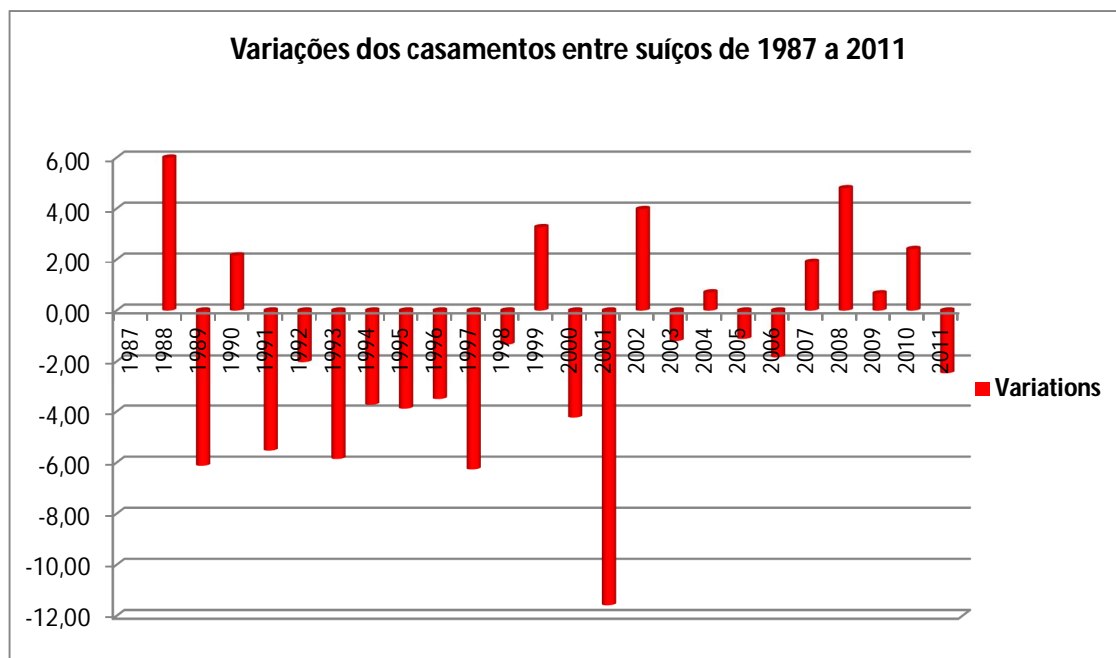
Cantão	Homens			Mulheres		
	2008	2010	2012	2008	2010	2012
Tessin	31.8	31.9	32.4	29.3	29.8	30.0
Vaud	31.0	31.1	31.0	29.0	29.0	29.0
Valais	30.9	31.2	31.4	28.8	29.0	29.2
Neuchâtel	30.0	30.3	30.5	28.2	28.6	28.2
Genève	30.8	31.1	31.5	28.8	29.4	29.8
Jura	30.4	30.7	31.2	28.4	28.1	29.1

Fonte: Statistique du Mouvement Naturel de la Population(BEVNAT), Statistique de l'Etat Annuel de la Population(Espop), Statistique de la Population et des Menages(Statpop)

Amélie de Flaugergues (2009), da Section de Démographie et Migration de Neuchâtel, mostra dados das últimas décadas em seu relatório *Les comportements démographiques des familles en Suisse de 1970 à 2008*. Aponta que o número de casamentos por ano está relativamente estável na Suíça. Foram recenseados 41.534 casamentos, em 2008 (1.717 a mais do que em 2006 e 1.204 a mais do que em 2007). Os anos 1980 tiveram os recordes de menos casamentos realizados e os anos 1970 de mais casamentos, mas a composição dos casais mudou sensivelmente. A cada ano há mais casamentos de suíços com estrangeiros; o número mais que duplicou em 30 anos, passando de 15,8%, em 1970, para 36,2%, em 2008. No entanto, registra-se uma forte baixa nos casamentos entre suíços, de 77,3%, em 1980, para 51,5%, em 2008, sendo em sua maioria de homens suíços com estrangeiras 67%, em 1980, e 56%, em 2008.

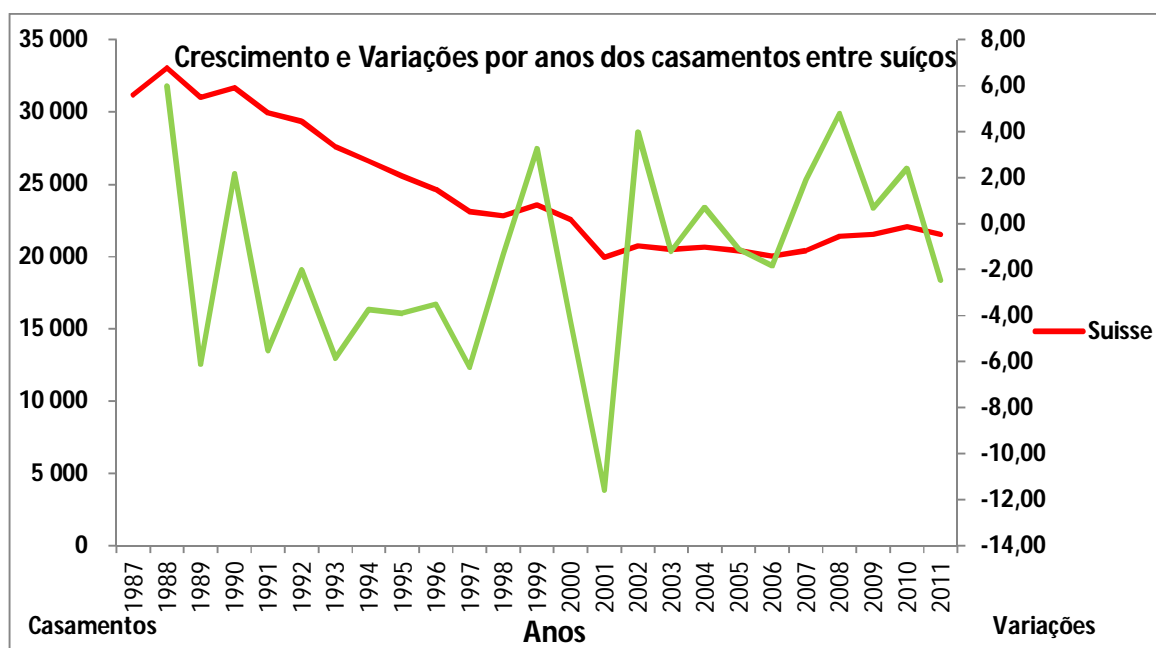
Os gráficos 2 e 3 mostram o crescimento de variações dos casamentos entre homens e mulheres suíços entre 1987 e 2011, ou seja, nesse período de vinte e quatro anos os casamentos entre suíços decresceram por quinze anos, tendo sido esse decréscimo por oito anos consecutivos entre os anos de 1991 e 1998.

Gráfico 2 - Variação dos casamentos entre homens suíços e mulheres suíças – 1987 a 2011



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013

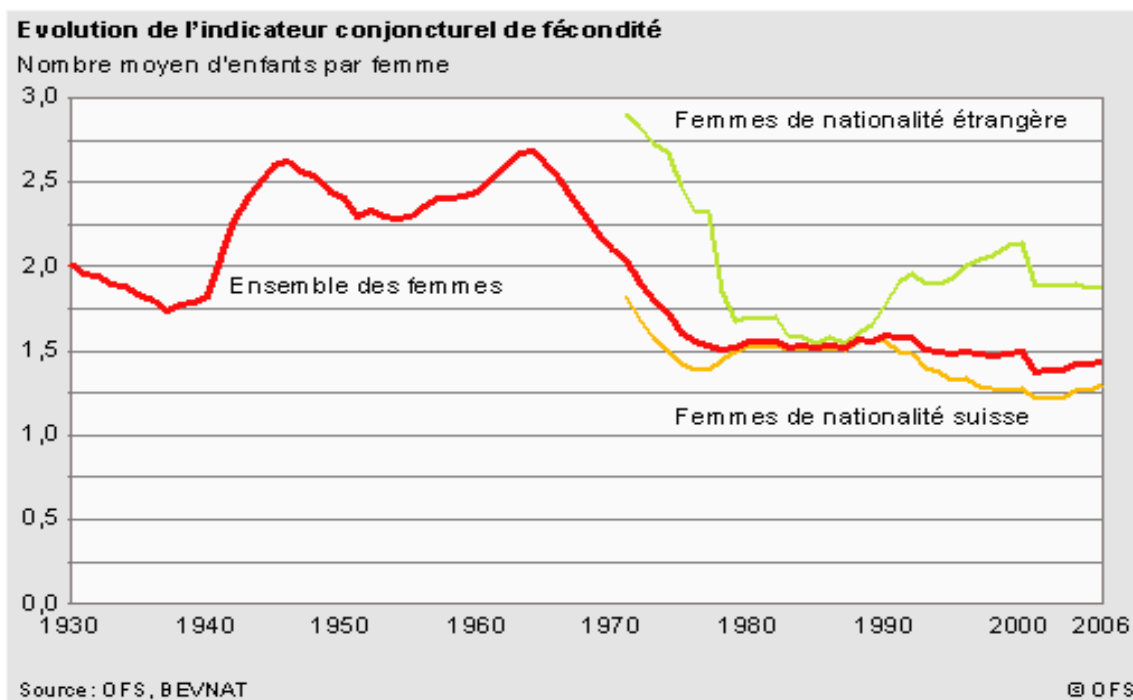
Gráfico 3 - Análise temporal do crescimento e variações dos casamentos entre suíços(as) - 1987 a 2011



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Esse decréscimo gradual de casamentos entre suíços está, notadamente, modificando o formato da família suíça. Outro fator que reflete nas famílias suíças é o decréscimo de filhos por casal; e não é maior devido aos nascimentos dos filhos dos casais interculturais ou dos casais de estrangeiros que vivem na Suíça. Vale salientar, ainda, que as mulheres suíças têm filhos cada vez mais tarde, como na maioria dos países euro-americanos. No gráfico 4, é possível verificar que não são apenas os casamentos entre suíços que estão decrescendo, mas também o número de filhos de casais formados por suíços e suíças, enquanto os casais formados por estrangeiros ou com estrangeiros têm aumentado, assim como o número de filhos desses casais. Uma tendência bem mais acentuada a partir de meados dos anos 1960. A linha verde representa as mulheres estrangeiras; a linha amarela as de nacionalidade suíça e a vermelha, a totalidade da natalidade.

Gráfico 4 - Evolução total da taxa de fecundidade



Fonte: Office Fédéral de la Statistique/OFS

Assim, ainda que a Suíça, presentemente, tenha uma das maiores taxas de casamentos – e de divórcios também – em relação à média dos países da União Europeia, o desejo de se casar entre os suíços é mínimo e, quando acontece, o casamento é entre pessoas com idade cada vez mais avançada.

Não só as mulheres suíças se casam menos que os homens como também têm filhos cada vez mais tarde e, quando os têm, muitas decidem tê-los sozinhas, sem a presença ou companhia do homem. As mulheres casadas têm cada vez menos filhos, e as solteiras, viúvas ou divorciadas estão entre as mulheres que contribuem para aumentar a taxa de natalidade, em produções independentes. Concordando com essa linha de pensamento, Amélie de Flaugergues (2009) salienta que, quanto à taxa de fecundidade, os números mostram que o nível oscila, com um ligeiro aumento, devido, principalmente, às mulheres suíças entre 30 e 34 anos de idade, solteiras, viúvas ou divorciadas, já que a taxa de fecundidade entre as mulheres casadas está em declínio constante desde 1970. Ainda em relação à fecundidade, a autora pontua que, ao contrário das mulheres suíças e alemãs, as mulheres africanas e sul-americanas residentes na Suíça têm filhos bem mais cedo e param de tê-los também bem mais cedo. O recuo da taxa de natalidade entre mulheres suíças se explica, pelo menos parcialmente,

(...) d'une part par un nombre toujours plus important de femmes au bénéfice d'un diplôme universitaire, qui repoussent et éventuellement renoncent à la maternité pour privilégier une carrière, d'autre part par les difficultés de fonder ou d'agrandir une famille. Pour la génération en âge d'avoir des enfants, la durée des études s'allonge et leur insertion durable sur le marché du travail est plus difficile. Ainsi, le nombre de femmes qui ne désirent ou n'ont pu avoir d'enfant augmente. Si elles n'étaient que 16% parmi les femmes de la cohorte 1930–1934 (ayant entre 74 et 78 ans en 2008), elles forment un quart des femmes nées entre 1960 et 1964. (FLAUGERGUES: 2009, p.13)³⁷

Além de todos esses fatores, segundo Flaugergues (2009) quando a mulher pode ou decide ter filhos necessita, muitas vezes, procurar um tratamento de fecundação. Houve um aumento desde a implementação da fecundação *in vitro* em

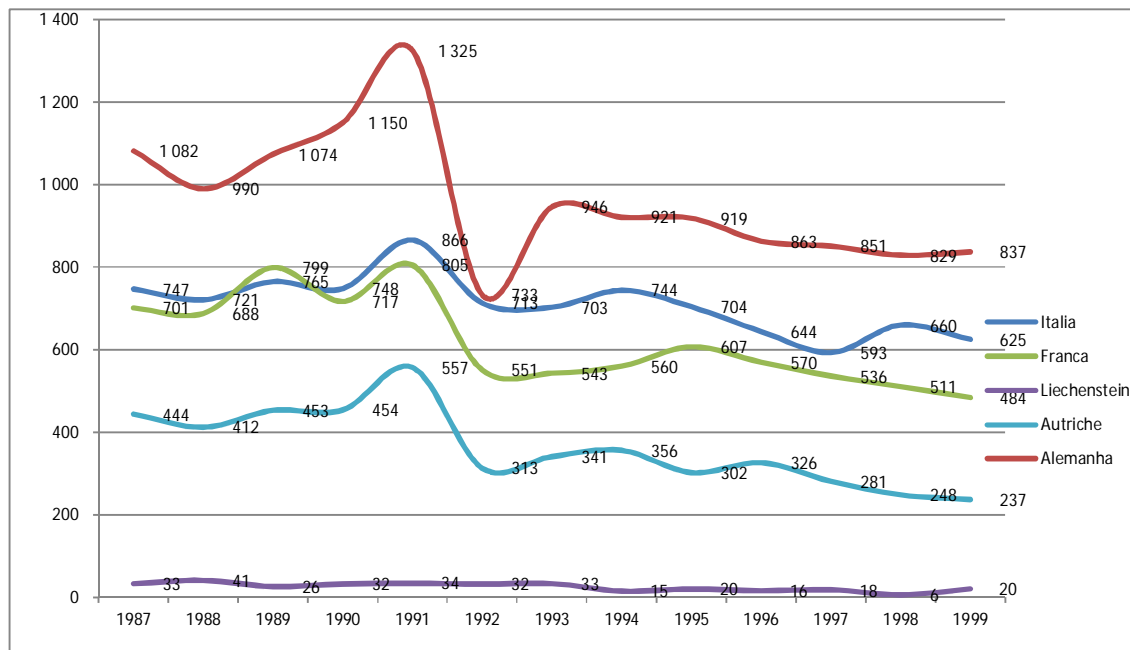
³⁷ (...) por um lado por um número sempre mais importante de mulheres, ao benefício de um diploma universitário, que afastam e eventualmente renunciam à maternidade para privilegiar uma carreira, por outro lado pelas dificuldades para fundar ou aumentar uma família. Para a geração em idade de ter crianças, a duração dos estudos alonga-se e a sua inserção duradoura sobre o mercado de trabalho é mais difícil. Assim, o número de mulheres que não desejam ou não podem ter crianças aumenta. Se eram apenas 16% entre as mulheres da oôorte 1930-1934 (que tinham entre 74 e 78 anos em 2008), formam um quarto das mulheres nascidas entre 1960 e 1964. (Tradução livre da autora)

1978; por exemplo, no ano de 2007 em relação a 2006, em que o aumento foi de 22% em relação a 2005, com mais de um terço das mulheres tendo sucesso no tratamento. A idade média das mulheres começarem o tratamento, em 2007 era de 35,7 anos e a de seus parceiros de 38,4 anos. O empoderamento do indivíduo em relação à sociedade, a emancipação feminina, mas também “a libertação” da moral religiosa burguesa ajudaram a quebrar alguns tabus. Qual um ecossistema, a família vai em direção a novos e múltiplos equilíbrios. No entanto, se o casamento e o nascimento do primeiro filho diminuíram ou foram adiados, reduzindo o seu número, ainda assim os suíços continuam com um comportamento demográfico bastante tradicional.

Vale salientar que, na Suíça, a participação das mães na vida profissional aumentou bastante e a quantidade de mulheres ativas profissionalmente, fazendo parte de um casal com filhos de 0 a 14 anos passou de 57,4% para 70,9% em doze anos, segundo o Rapport sur les Familles, 2004.

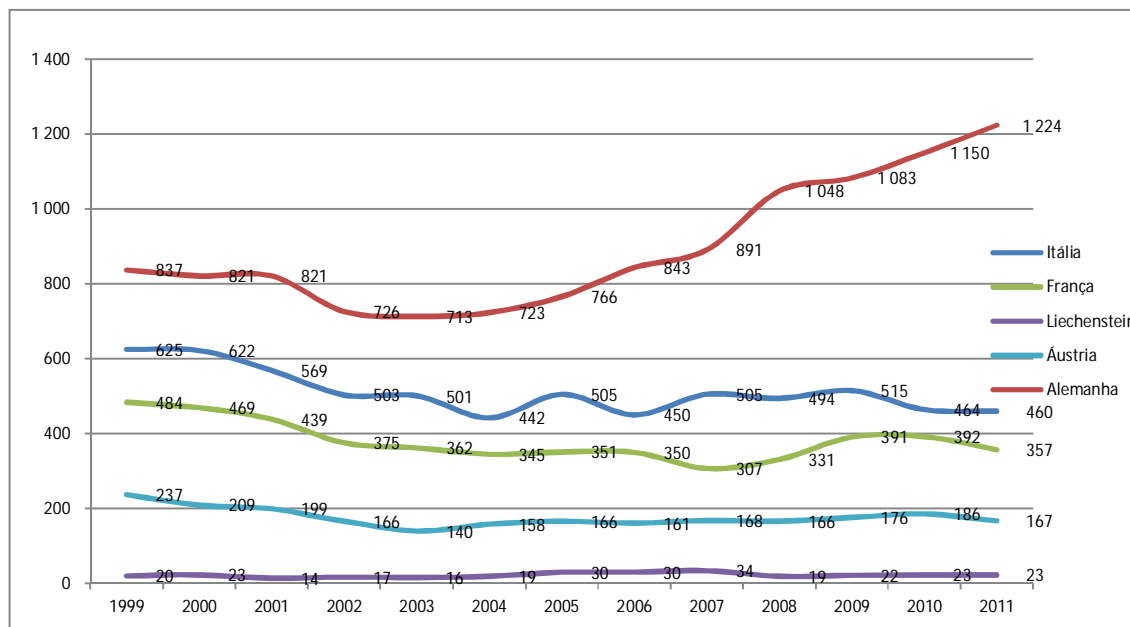
Algumas mulheres com quem os homens suíços mais se casam são aquelas dos países que fazem fronteira, principalmente a Alemanha, embora esse quadro esteja mudando, como é possível ver nas linhas descendentes de cada país, nos gráficos a seguir. O gráfico 5 apresenta a análise temporal dos casamentos entre suíços e pessoas de países circunvizinhos, entre 1987 e 1999; o gráfico 6 apresenta os dados entre 1999 e 2011.

Gráfico 5 - Casamentos dos suíços com os países de fronteira de 1987 a 1999.



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Gráfico 6 - Casamentos dos suíços com os países de fronteira de 1999 a 2011



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

O fato de a Suíça ser contornada por cinco países e ter uma política de contratos de trabalho facilitado com os países vizinhos torna suas fronteiras mais permeáveis e facilita os casamentos interculturais entre esses países que o delimitam - Itália, Alemanha, França, Liechtenstein e Áustria, como demonstra a figura 1 a seguir.

Figura 1 – Mapa da Suíça e países limítrofes



Fonte: www.routard.com

O total de fronteiras da Suíça é de 1.881,5 km, ou seja, 741,3 km com a Itália, 571,8 km com a França, 362,5 km com a Alemanha, 164,8 km com a Áustria e 41,1 km com Liechtenstein. Além da proximidade fronteiriça, outro fator facilitador para tantos casamentos entre pessoas desses países é que neles são falados três dos quatro idiomas da Suíça. Vale salientar que a Suíça é um dos países da Europa onde a proporção de estrangeiros é mais elevada (23,3%, em 2012).

Mesmo sendo este fenômeno percebido como um sinal de integração à sociedade de acolhimento, os casamentos interculturais refletem, sobretudo, uma história de migração, o que leva a um tipo específico de migração, ainda pouco explorado, a migração com a motivação de formar uma família ou em razão de já a ter formado. Em sequência, algumas considerações sobre os casamentos interculturais.

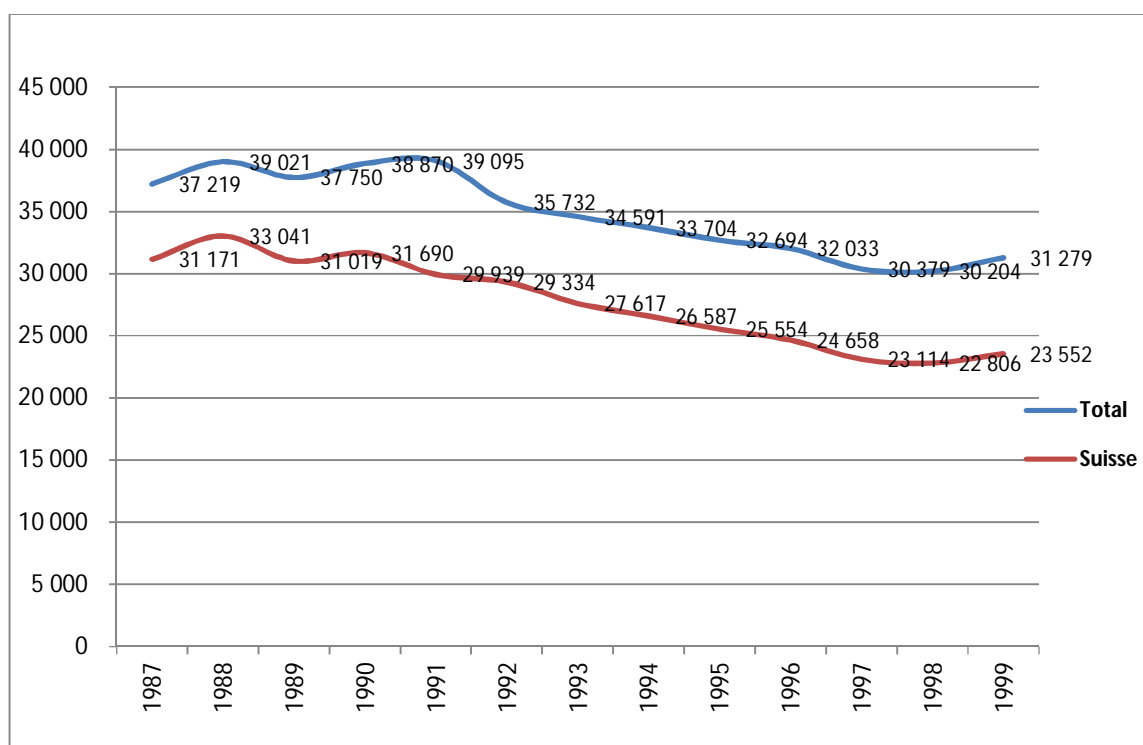
2.2 A interculturalidade nos relacionamentos afetivo-conjugais

O fato das famílias e dos casamentos interculturais não estarem inseridos em uma categoria de risco, de discriminação, ou como a problemática principal resultou de que nem sempre foram considerados como objeto de estudo, visto que a inserção social do cônjuge estrangeiro, assim como a de seus filhos, era incluída no grupo familiar do cônjuge autóctone e na população local. Isso pode explicar, pelo menos parcialmente, os poucos estudos encontrados sobre famílias ou casais interculturais, conhecidos, também, como famílias mistas (NEYRAND; VARRO, 1998; VARRO, 2003 e 2008), ou famílias mestiças (LAPLANTINE, 1994). Explica também, segundo Gabrielle Varro (2003), porque algumas pessoas se recusam a participar das pesquisas sobre os casais interculturais, pois seria admitir que fazem parte de uma categoria, a de mestiços, mistos– quando não querem ser uma categoria ou ser catalogadas como tal – e, por outro lado, parte de um grupo-problema. Portanto, se a parte em questão não é um problema, não tem dificuldades, não é causa de estranhamento, porque estudá-la?

As relações humanas são baseadas na descoberta do “outro” e, subsequentemente, de suas diferenças e similaridades. Assim, numa sociedade marcada pela heterogeneidade, a família intercultural se mostra um bom ponto de partida para o estudo das mudanças que estão se processando na sociedade atual, na família, no masculino, no feminino. Gabrielle Varro (2003) mostra que a sociologia da mixidade é o estudo da trajetória que parte do “viver separado” para ir em direção do “viver junto”, do individual em direção ao social. Essa busca por casamentos interculturais, pela mixidade intercultural no casamento demonstrado

nestes gráficos reafirma o aumento dessa mixidade na família e, conseqüentemente, uma reconfiguração, uma mudança na constituição da família suíça. No entanto, é possível visualizar nos gráficos 7 e 8, respectivamente, a linha descendente dos casamentos dos suíços entre si e dos suíços em geral, entre os anos de 1987 e 1999 e entre 1999 e 2011.

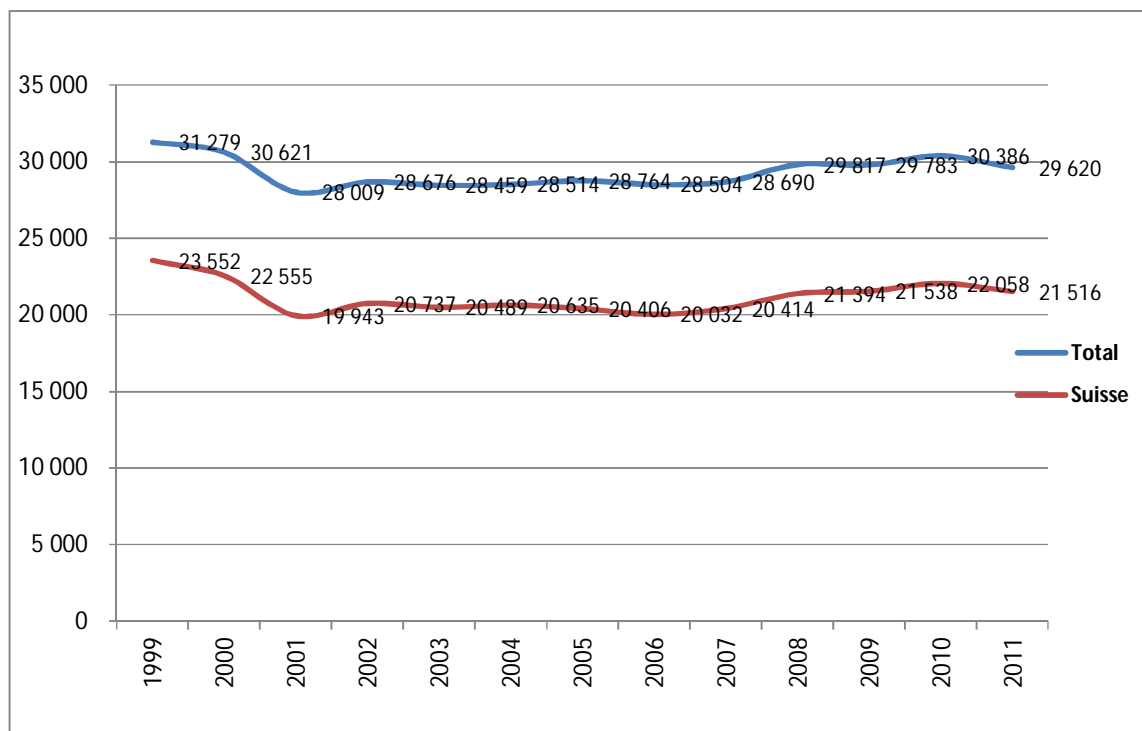
Gráfico 7 - Análise temporal de casamentos de suíços-suíças e suíços-estrangeiros - 1987-1999



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Em 1987 foram efetuados, em geral, 37.219 casamentos, e entre suíços 31.171; já em 2011 os casamentos em geral atingiram um total de 29.620 e 21.516 entre suíços, mostrando que os casamentos interculturais são proporcionalmente mais numerosos do que os entre suíços.

Gráfico 8 - Análise temporal de casamentos de suíços-suíças e suíços-estrangeiros - 1999-2011



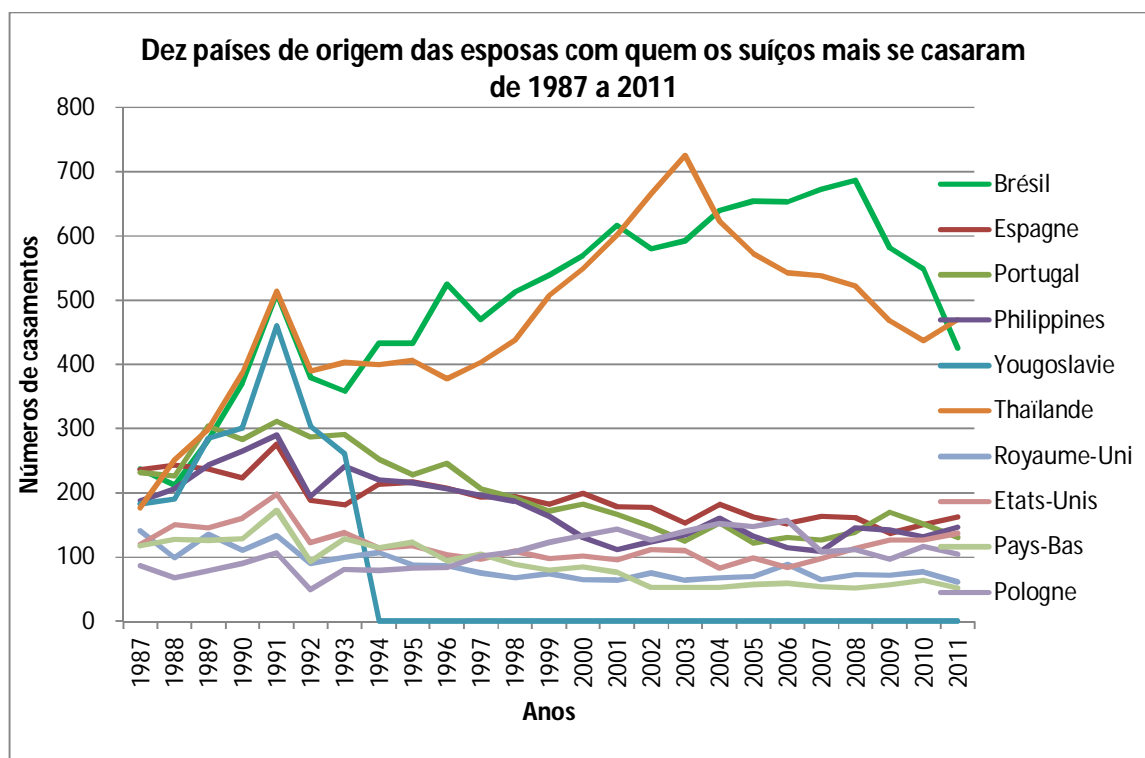
Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Em contrapartida, os casamentos entre homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento – objeto específico deste estudo –, e de outros países, vêm tendo um aumento sucessivo. Conforme dados obtidos do censo suíço, já em 2005 a América Latina, a África e a Ásia se destacam como os maiores “exportadores” de esposas (NOURA RITTINER, 2006). Mas, atualmente, com o desmembramento da União Soviética, muitos dos países do leste europeu entram também como fortes exportadores de esposas. Pode-se ver, no gráfico 9, no eixo vertical à esquerda, os valores do total de casos, ou seja, de casamentos entre homens suíços e mulheres dos dez países com quem mais se casam. Desses, cinco estão em desenvolvimento: Brasil, Filipinas, Tailândia, Iugoslávia e Polônia. Mesmo a Suíça tendo fronteiras com cinco países e com uma política flexível de circulação, o que é também outro grande facilitador para os casamentos interculturais, estes países não se encontram entre aqueles com quem mais os suíços se casam porque as mulheres desses países têm o perfil semelhante aos das suíças. Ou seja,

priorizam a carreira ou escolhem entre a carreira e a família (GOLDENBERG, 2012). O que leva certos homens suíços a optar por casamentos com mulheres dos países em desenvolvimento ou países latinos, como a Espanha e Portugal. Isso porque as mulheres dos países em desenvolvimento ou latinos têm uma idade média mais baixa do que a idade média das mulheres suíças ao se casar e, mesmo tendo carreiras profissionais, a família é priorizada.

Pode-se perceber, a partir do gráfico 9, que nos últimos vinte e quatro anos, das dez nacionalidades com quem mais os suíços se casaram, cinco correspondem a países em desenvolvimento.

Gráfico 9 - Dez países cujas mulheres os suíços mais se casaram - 1987 a 2011

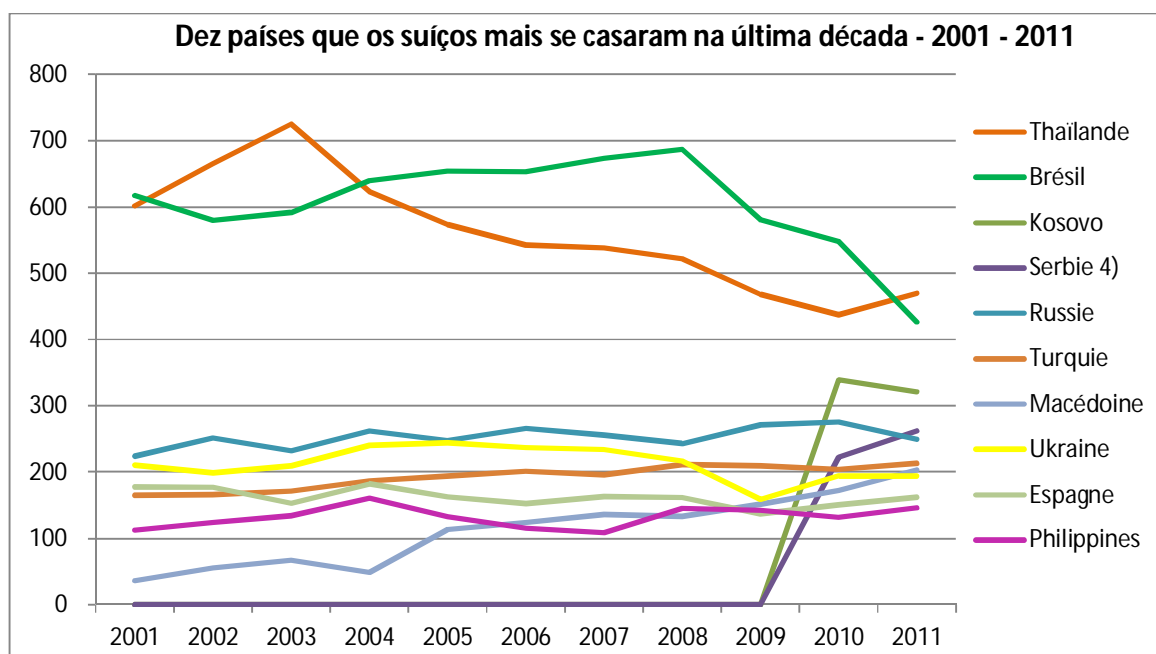


Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Desde o desmembramento da União Soviética, no início dos anos 1990, e dos conflitos na Europa Leste, como o desmembramento da Iugoslávia, em 2003, houve

um ligeiro aumento de casamentos entre suíços e mulheres do leste europeu. É o que assinala o gráfico 10, com os resultados dos casamentos dos homens suíços na última década. Desses dez países, excetuando a Espanha, todos são países em desenvolvimento. É exatamente o foco desta pesquisa: o aumento dos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais entre homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento.

Gráfico 10 - Dez países com quem mais mulheres os suíços se casaram na última década - 2001 - 2011



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013

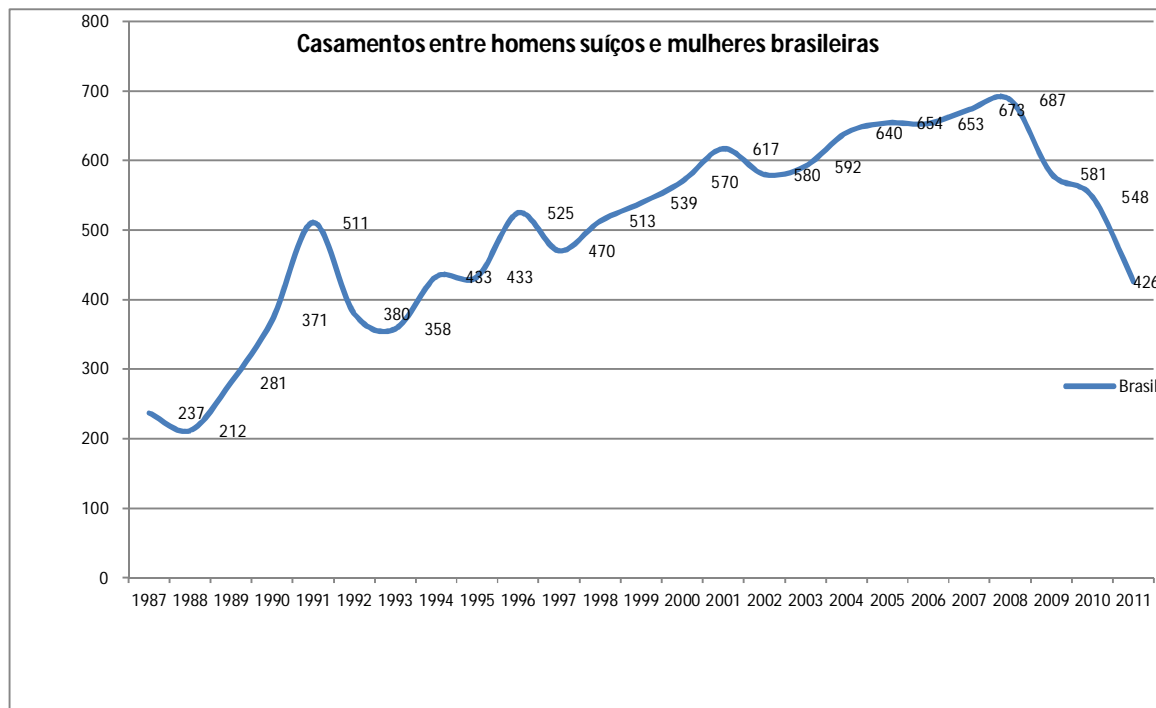
Verifica-se que o Brasil é o país com cujas mulheres os suíços mais contraíram casamento, nas últimas décadas. Mas, segundo Russell P. Scott (2007), é preciso perceber esse aumento de casamentos interculturais além da prostituição internacional.

Acumulam-se os preconceitos contra estes casamentos, incluindo aspectos nacionais, classistas, machistas e raciais que coincidem em representar

este padrão como pouco além da prostituição internacional. Que muitas destas mulheres tenham se integrado em redes prostitucionais, montadas especialmente para servir ao estrangeiro visitante que solicita serviços sexuais, é inegável. E, no caso da Espanha, que algumas tenham vindo para trabalhar no extenso mercado de serviços sexuais tradicional no país, também é inegável. Mas, no caso de mulheres migrantes que possam ter vindo sem ter definido parceiros espanhóis anteriormente (o que seria a regra e não a exceção) as oportunidades de inserção no mercado matrimonial espanhol passam por outros espaços de estabelecimento de relações sociais. (SCOTT, 2007, s/p)

Mas, enquanto as mulheres suíças se casam em bem menor quantidade com homens dos países em desenvolvimento como, por exemplo, o Brasil, o homem suíço está se casando cada vez mais com as mulheres desses países. O gráfico temporal 11 mostra a quantidade de casamentos por ano, entre suíços e brasileiras, de 1987 a 2011. O gráfico 12 apresenta os casamentos entre mulheres suíças e homens brasileiros, no mesmo período.

Gráfico 11 - Casamentos entre homens suíços e mulheres brasileiras - 1987 - 2011

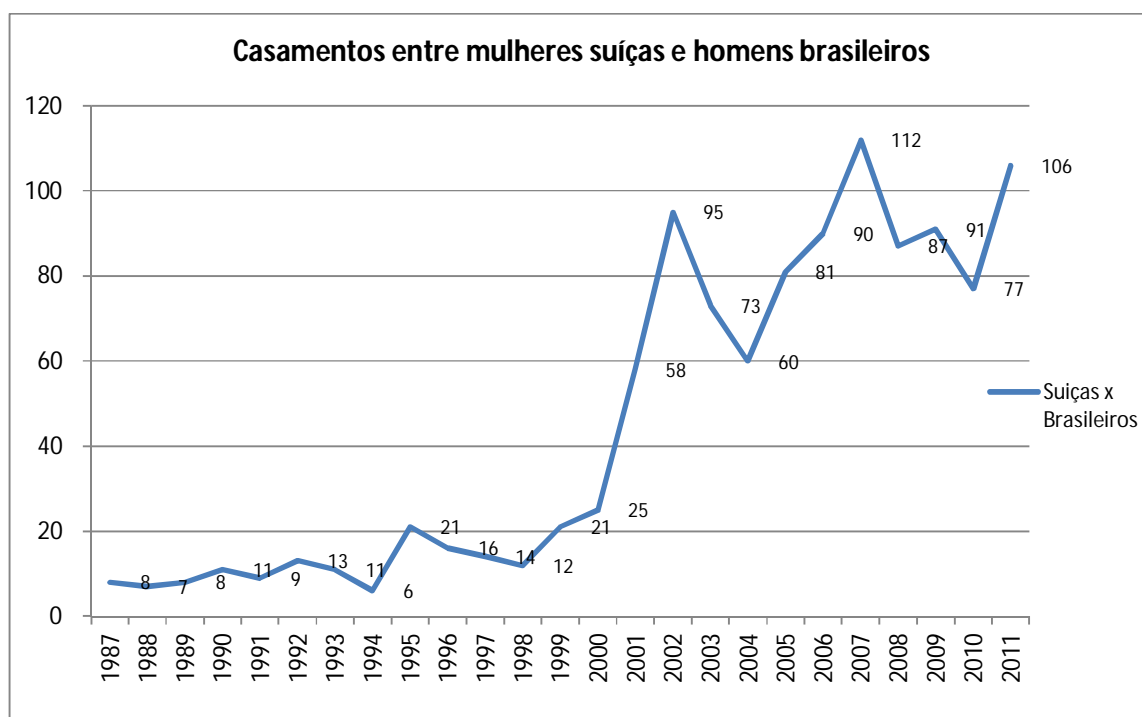


Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Em 1987, foram realizados 237 casamentos entre homens suíços e mulheres brasileiras, mas, em 2011, houve um aumento significativo para 426 casamentos entre suíços e brasileiras, mesmo tendo havido um decréscimo acentuado nos anos antecedentes.

Em contrapartida, em 1987 só aconteceram 8 casamentos entre suíças e brasileiros, tendo um aumento considerável para 106 casamentos em 2011, como se destaca no gráfico 12.

Gráfico 12 - Casamentos entre mulheres suíças e homens brasileiros – 1987 - 2011



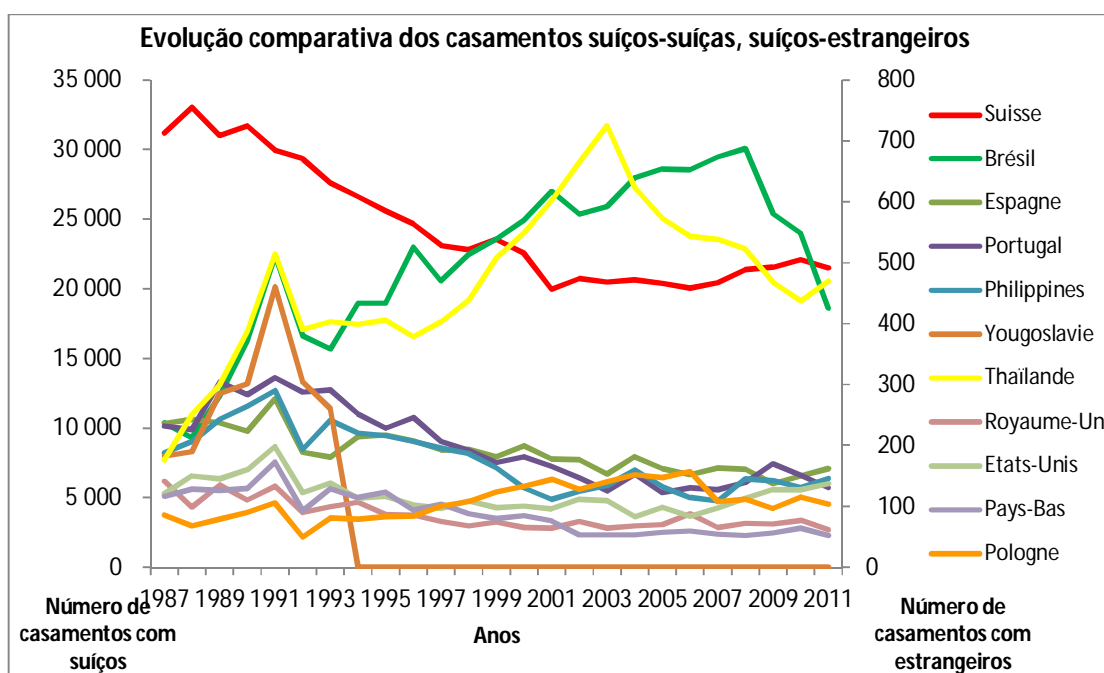
Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Enquanto os homens suíços têm preferência por mulheres brasileiras, as mulheres suíças praticamente não se casam com homens brasileiros, embora tenha havido um grande aumento nas últimas décadas.

Ao cruzar as informações dos casamentos interculturais de suíços em geral e entre suíços x suíças nos últimos 24 anos, percebe-se melhor o trajeto desses

casamentos. Os homens suíços se casam cada vez mais com mulheres do Brasil e da Tailândia, Filipinas, países da Europa Leste e, conseqüentemente, caso se somem os outros países, o número se torna bem maior, como se pode perceber na evolução temporal do gráfico 13.

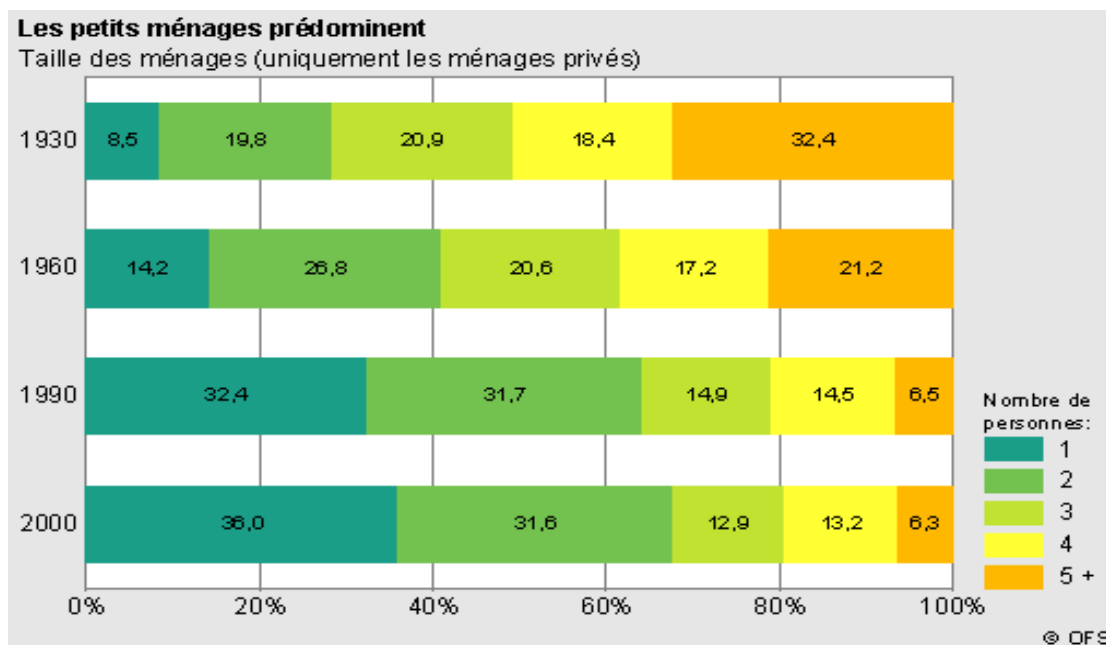
Gráfico 13 - Evolução temporal dos casamentos interculturais e entre suíços x suíças e suíços x estrangeiras - 1987 a 2011



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS/Section Démographie et Migration
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Vale salientar que as famílias na Suíça estão cada vez menores e os domicílios formados por uma única pessoa aumentaram, tal como vem ocorrendo na maioria dos países euro-americanos. O gráfico 14 mostra como cada vez mais os suíços vivem sós e como o tamanho da família suíça está diminuindo. As famílias de uma única pessoa em 1930 correspondiam a 8,5%, em 2000 subiu para 36%, enquanto as famílias de cinco pessoas passaram de 32,4, em 1930, para 6,3%, em 2000. As famílias de duas pessoas passaram de 19,8% para 31,6% nestes anos, como se verifica a seguir (gráfico 14).

Gráfico 14 – Domicílios suíços: três... dois... um...



Fonte: Office Fédéral de la Statistique - OFS

Como já visto, a migração contribui para que as diferentes culturas se aproximem. Acontecimentos como a queda do muro de Berlim, as fronteiras “livres” da União Europeia, o acesso facilitado de passaportes em países em desenvolvimento, geraram um aumento da migração, o que contribuiu para a aproximação das culturas. Essa aproximação facilita os casamentos interculturais, mas os dados que confirmam estas afirmações vão muito além, mostram a escolha das mulheres suíças de se casar cada vez menos, ter filhos mais tarde, ter uma melhor educação e um melhor emprego, domicílios de uma única pessoa aumentando, assim como os de sem filhos, homens suíços casando mais do que as mulheres suíças – e isto porque se casam cada vez mais com mulheres estrangeiras.

Ao longo das últimas décadas, os estudos sobre migração destacaram o importante papel da mulher no fluxo migratório atual, mudando sua percepção de migrante passiva para migrante ativa. Ou seja, de simples acompanhante do marido, da invisibilidade para sujeito ativo, agente (ORTNER, 2007a), com um projeto de

vida próprio (VELHO, 2008), motivações próprias, quer seja levada a migrar por motivos econômicos, sociais, culturais ou familiares. Essa discussão leva a pensar também sobre a identidade, em como toda essa abertura e fronteiras flexíveis estão intervindo nas identidades sociais, culturais e individuais dos sujeitos envolvidos.

A esse respeito, Stuart Hall (2003) salienta que em um mundo globalizado e com as fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade são colocadas em questão:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" - como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens - entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2003, p. 74).

Marshall Sahlins (1997a), citando Turner, mostra que cada cultura tem seus meios próprios de defesa e resistência, que todos os povos, face ao sistema capitalista, têm capacidade de ação (*agency*), pois se opõem à visão que os desumaniza e ignora suas lutas ao tomá-los como objetos da dominação ocidental. Deste modo, seria um erro acreditar que os casamentos interculturais seriam um meio de unificar as culturas, visto que, como citado anteriormente, no *inter* se estabelece o hífen que ajuda a preservar uma e outra cultura. Assim, para Turner os discursos tendem "a exagerar o poder que teriam as representações ocidentais de se impor aos 'outros', dissolvendo suas subjetividades e objetivando-os como meras projeções do olhar desejanste do ocidente dominador".

(...) em virtualmente todas as situações de contato entre povos tribais e sociedades nacionais ocidentalizadas, uma parte significativa das transformações sociais e culturais da sociedade nativa não é mero resultado da opressão exercida aberta e deliberadamente pela sociedade nacional ou da exploração levada a cabo pelos representantes do capital internacional, mas é, ao contrário, objeto de um consentimento ativo, isto quando não é espontaneamente desencadeada pelos próprios povos indígenas (TURNER 1979, p. 8 In: SAHLINS, 1997).

Para Stuart Hall (2003), nesta era de globalização é preciso notar que "a proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no "centro" do sistema global que nas suas periferias" (p. 79), a exemplo da Suíça. Mas, em contrapartida, os

países como o Brasil, Tailândia, República Dominicana e Filipinas, os das esposas deste trabalho, são sociedades que

(...) têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A idéia de que esses são lugares "fechados" — etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade — é uma fantasia ocidental sobre a "alteridade": uma "fantasia colonial" sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como "puros" e de seus lugares exóticos apenas como "intocados". Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a "periferia" também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual (HALL, 2003, p. 78, 79).

No entanto, com o descentramento das identidades nacionais e, conseqüentemente, das identidades individuais, pode-se dizer que estas estão sujeitas a um caleidoscópio de possibilidades e novas posições de identificação.

Parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. Ela tem efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tomando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas e trans-históricas (HALL, 2005, p. 87).

Ainda segundo Hall (2003), o descentramento da identidade individual teve como um de seus provocadores um movimento social surgido durante os anos sessenta, o feminismo. Isso se deve ao questionamento feito pelo feminismo a respeito da distinção entre o "dentro" e o "fora", o "privado" e o "público". O *slogan* do feminismo era: *o pessoal é político*. Assim, para Hall, a identidade do sujeito do Iluminismo, que era vista como fixa e estável, foi descentrada, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno.

É deste conjunto de dados históricos e estatísticos que emergem alguns questionamentos deste trabalho: essa tendência ao decréscimo de casamentos das mulheres suíças, tanto com homens suíços como com os homens em geral estaria relacionada com a nova forma de algumas mulheres das sociedades euro-americanas se posicionarem no mundo e com elas mesmas, com as mudanças em seu modo de estar e de viver como mulheres? Como o homem se vê como homem, pai, marido, membro da família e da sociedade atual face a essa nova mulher que surgiu a partir da revolução feminina? O que motiva o homem suíço a escolher cada

vez mais para si um relacionamento afetivo-conjugal intercultural com mulheres de países em desenvolvimento? Ou o aumento dos casamentos dos homens suíços com estrangeiras decorre da expectativa de certos homens de formar, com mulheres de outras culturas, um tipo de unidade familiar que supõem não mais poder encontrar em seus países de origem? Até que ponto esse descentramento do sujeito pós-moderno contribui para o aumento dos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais?

A seguir, a abordagem será centrada em como se dão as escolhas dos homens suíços em relação à família, suas percepções sobre casamento, paternidade, as mudanças geracionais em suas famílias e na sociedade em que vivem.

3 MASCULINIDADES EM CONSTRUÇÃO NO RELACIONAMENTO AFETIVO-CONJUGAL INTERCULTURAL

“... multiplicando as máscaras e os “falsos selfs”, ele jamais é inteiramente verdadeiro nem inteiramente falso, sabendo adaptar aos afetos e aos desafetos as antenas superficiais de um coração de bálsamo. Uma vontade insensata, mas que se ignora, inconsciente, desvairada. A raça dos durões que sabem ser fracós.

Julia Kristeva

A noção de identidade vem sendo alvo de discussão cada vez mais frequente no debate científico da atualidade, mas, também, nos discursos dos círculos mais comuns da sociedade, muitas vezes sendo objeto de banalização. Ela tem sido abordada nas mais variadas formas, identidade nacional, individual, feminina, étnica, contudo, antigos conceitos vêm sendo desconstruídos em várias áreas disciplinares. Este capítulo aborda como as identidades são construídas dentro de um contexto específico, a saber, os casamentos/relacionamentos afetivo-conjugais interculturais entre homens suíços e mulheres de países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil, as Filipinas, a República Dominicana e a Tailândia, a partir da perspectiva discursiva do homem suíço. Para isso, inicialmente focar-se-á como têm sido ressignificadas as identidades, nas últimas décadas, e, em seguida, nos significados subjetivos dos sujeitos da pesquisa. Para isso, vale tecer algumas considerações sobre como se constituiu a identidade social da Suíça.

A Suíça é um país que tem uma história única em termos de diversidade cultural. É um Estado Federal com base na coassociação de quatro grupos etnolinguísticos (alemão, francês, italiano e romanche) e caracterizada por sua lendária resistência à centralização política, dominação cultural, intolerância religiosa. A desconfiança nacional sobre os países vizinhos facilitou a reconciliação de diferentes grupos sob um regime forte e uma identidade nacional política distendida e levou o país à criação de uma estrutura federal segmentada verticalmente e horizontalmente fragmentada. Esta estrutura garante uma limitação dos poderes do Estado e faz respeitar o princípio da subsidiariedade aos cantões e, graças a um sistema altamente sofisticado de democracia direta, o povo suíço

exerce controle permanente sobre assuntos federais, cantonais³⁸ e comunais. A Suíça é, desde longa data, caracterizada pela hospitalidade com que recebe os estrangeiros. Os suíços são treinados a tratar todo e qualquer estrangeiro de forma correta e sem discriminação,³⁹ daí ser um dos países mais fortes em turismo.⁴⁰

Desde a industrialização, em meados do século XIX, o fenômeno da migração ganhou força a ponto de, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a população de estrangeiros ser de 15% da população total da Suíça. Essa proporção variou consideravelmente ao longo do século XX, segundo as necessidades da força de trabalho no país. Contudo, é bem provável que durante todo esse tempo os cidadãos suíços não tenham visto seu país como uma terra de imigração, mas como um espaço econômico com requisitos específicos de mão de obra estrangeira. Assim, muitos trabalhadores do sul da Europa (Itália, Espanha e Portugal) foram encorajados a ir para a Suíça na temporada de alta de empregos, e deportados, sem a menor cerimônia, tão logo a situação econômica se deteriorava.⁴¹

Assim, a partir da identidade social, da identidade individual busca-se, aqui, extrair reflexões que visam compreender a elaboração da(s) identidade(s) masculina(s), as suas trajetórias de vida e suas subjetividades. A identidade será discutida a partir de diferentes teorias sociais, mas tendo como foco principal o *descentramento* dos indivíduos na atualidade. Daí considerar importante, para essa compreensão, o conceito de Stuart Hall (2003) com respeito ao *descentramento* dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, produzindo um sujeito conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas, sim, uma *celebração móvel*, que se forma e transforma de forma contínua no que diz respeito às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam e como os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades partilhadas.

³⁸ No Brasil, seriam estaduais e municipais.

³⁹ O que não quer dizer que não haja discriminação e votações contra o aumento da imigração. Temos, recentemente, o caso de Oprah Winfrey, que alega ter sido alvo de discriminação quando tentou comprar uma bolsa de cerca de 28.000 euros. A atendente sugeriu que seria muito caro para ela. <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2392778/Oprah-Winfrey-insists-WAS-victim-racism-Swiss-store-nearly-called-Jennifer-Aniston-tell-her.html>>

⁴⁰ JOINT ACTION OF THE COUNCIL OF EUROPE AND THE EUROPEAN COMMISSION, 2011

⁴¹ JOINT ACTION OF THE COUNCIL OF EUROPE AND THE EUROPEAN COMMISSION, 2011

Para pensar esta questão vale recorrer à “Antropologia da Agência”, de Sherry B. Ortner (2007b), e à “Antropologia de Gênero”, de Miguel Vale de Almeida (2000), que trabalha com o conceito de masculinidade hegemônica. A Antropologia da Agência aborda a maneira como os sujeitos sociais são agentes na sociedade em que vivem, com vários papéis diferentes a desempenhar, desejos, expectativas e projetos de vida; de certa maneira, como jogadores em um jogo, agindo em um sistema através de suas decisões, conforme determinadas regras. Mas, suas ações entram em interações com outros jogadores, gerando reações que poderão afetar o sistema, o que pode provocar novas situações para os jogadores e, dessa maneira, modificar as perspectivas e objetivos iniciais. O que leva a pensar que a agência seria a jogada de cada jogador, ou seja, a tomada de decisão de agir a favor ou contra as regras que o gerem, ter um projeto. E é como agente que são percebidos os sujeitos desta pesquisa, quando buscam realizar seu desejo de constituir uma família, mesmo que seja com alguém de uma cultura diferente da sua de origem.

Isto leva a perceber que a agência não é livre, visto que os desejos ou intenções culturais advêm das diferenças estruturalmente determinadas dentre categorias sociais e nas relações de poder, o que torna esses projetos culturais jogos sérios, com o diz Ortner (2007b). Deve-se atentar para a importância que a autora dá a dois campos bastante expressivos na agência, a saber, a agência estando estritamente relacionada com o poder em contextos de dominação e resistência, e a agência ligada a ideias de intenção, relacionada com projetos de pessoas (culturalmente constituídas) no mundo e com sua habilidade para iniciá-los e realizá-los. Porém, na prática, estas não são “coisas” diferentes. As agências de poder e as de projeto se articulam e estão estreitamente ligadas, visto que o poder é exercido na realização dos projetos, quer na dominação, quer na resistência. Isso porque as pessoas em posição de poder “têm” o que poderia ser chamado de “muita agência”, mas as pessoas que resistem também exercem uma forma de “agência de poder”. A autora destaca que a dimensão mais fundamental da agência seria a agência projeto, dado que privilegia a lógica de quem tem o projeto ou, melhor dizendo, ocorre “nas margens do poder”, dando um caráter mais forte à ideia de agência (p. 63-67). Assim, para Ortner, “(...) esses projetos são jogos sérios, o jogo social de metas culturais organizadas em e em torno de relações locais de poder” (p. 66).

Por outro lado, para trabalhar com a identidade masculina é importante considerar o trabalho de Vale de Almeida (2000), para perceber como acontece a construção da masculinidade, na sociedade suíça, entre os homens que vivem um relacionamento afetivo-conjugal intercultural com mulheres de países em desenvolvimento, assim como apreender seus valores, suas vivências e costumes através de seus discursos, que permitem descobrir os códigos que regem a construção e a reprodução de sua identidade masculina. O autor nos mostra que o masculino e feminino são percebidos como categorias classificatórias e, por sua vez, atribuídas tanto a homens como a mulheres para definir a divisão sexual do trabalho assim como a dicotomia sexual. Para ele, tanto a masculinidade como a feminilidade não são sobreponíveis, respectivamente, a homens e mulheres, mas, sim, “metáforas de poder e de capacidade de ação” e, por isso, acessíveis aos dois (1996: p.162).

Assim como Vale de Almeida, Joan Scott (1989) também acredita que o gênero se baseia em relações de poder. Para a autora, a essência da definição de gênero repousa na relação basal entre duas proposições e várias subproposições, ou seja, “baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). Ao desenvolver essas proposições, Scott (1989) complementa que, como um elemento essencial de relações sociais com base na diferença entre os sexos, o gênero implicaria em quatro elementos: o primeiro está relacionado à ideia de **símbolos, culturalmente disponíveis, que evocam representações múltiplas** e, repetidamente, contraditórias e binárias. Ou seja, pares de opostos (Eva/Maria; luz/escuridão; purificação/poluição). O segundo transcorre por **conceitos normativos que evidenciam interpretações de sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas**, o que garante categoricamente o significado feminino e masculino, do homem e da mulher, como o único viável, e assim rejeitando outras formas. Nesse raciocínio, a masculinidade é atribuída automaticamente ao masculino, assim como a feminilidade o é ao feminino, não podendo homem ou mulher demonstrar, respectivamente, sensibilidade, sem ser qualificado como efeminado, ou objetividade, sem ser qualificada como masculinizada, o que, obviamente, nem

sempre se limita a isso. O terceiro é a **noção de fixidez**, que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária dos gêneros, elemento que inclui a noção do político tanto quanto uma referência às instituições e às organizações sociais. Um exemplo seria como é apresentada a ideologia vitoriana da mulher no lar, como se ela fosse criada num bloco só, como se ela só tivesse sido colocada em questão posteriormente, enquanto que ela foi tema permanente de divergências de opinião. Para ser mais eficaz, teria de ser incluída na noção de gênero a noção política em relação às organizações sociais e às instituições. O quarto aspecto do gênero é a **identidade subjetiva**, que considera a contribuição da psicanálise e explicita parte de suas críticas. Deste modo, todos esses elementos não podem ser operados separadamente, mas também não operam de forma simultânea. Em última instância, de acordo com Scott, as relações de gênero são permeadas por articulações do poder na sociedade. Assim, sendo o gênero uma identidade subjetiva nenhuma explicação pode ser universalizante. (Grifo nosso)

A sociedade euro-americanas foi definitivamente marcada pelo feminismo, tanto antropologicamente como na história recente, visto que balançou os pressupostos da família, do casamento, das relações de gênero, o que levou os antropólogos a desconstruir conceitos e modos de vida considerados certos e a estabelecer novos instrumentos teóricos, mais adequados para a compreensão da nova realidade social. Os estudos sobre o homem ou sobre masculinidade têm-no apresentado como estando em crise; assim, é importante adentrar em suas vidas, através de seus próprios discursos, para buscar compreender como se percebem como homens, pais de família, maridos, em um mundo claramente em mudança.

3.1 As transformações na construção da(s) identidade(s), na atualidade

No mundo globalizado em que vivemos torna-se difícil definir o que é a identidade de um povo e, mais difícil ainda, a identidade de um indivíduo. Stuart Hall (2003) mostra como a intensificação dos fluxos culturais entre as nações colabora para que o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade unificada e estável, seja atualmente composto por várias identidades, muitas vezes

contraditórias ou não resolvidas. Outro fator que contribui para o que o autor denomina “identidades partilhadas” é o consumismo global, pois todos se tornam “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens, mesmo vivendo em tempos e espaços geográficos bastante distantes. A cada dia as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, o que torna difícil manter as identidades culturais intactas mas, ao contrário, tornam-se cada vez mais permeáveis. Essa permeabilidade torna-se mais acentuada à medida que a vida social é mediada pelo mercado global de estilos, viagens internacionais, imagens da mídia, sistemas de comunicação globalmente interligados, tornando as identidades mais desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares e histórias e tradições específicos, parecendo *flutuar livremente*. O autor acrescenta que a gama de diferentes identidades a que somos confrontados pela difusão do consumismo, tanto como sonho como realidade, contribuiu para esse efeito de *supermercado cultural*. Isto porque, no interior do discurso do consumismo global, as diferenças e distinções culturais que definiam até então a identidade tornam-se uma espécie de língua franca internacional ou moeda global, pelas quais todas as tradições e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas, o que Hall denomina “homogeneização cultural”. Por conseguinte, “o que está sendo discutido é a tensão entre o "global" e o "local" na transformação das identidades” (2003, p. 76).

Já o mundo globalizado contemporâneo, para Manuel Castells (2002), é uma nova forma de sociedade que foi introduzida a partir da revolução da tecnologia e da reestruturação do capitalismo, a que o autor denomina sociedade em rede, ou seja:

Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida – o tempo e o espaço – mediante a criação de um espaço de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes (p. 17).

Para Castells (2002), essa nova forma de organização social penetra em todos os níveis das sociedades, impondo o rigor e instilando o desespero. Entretanto, a sociedade tem vivenciado avanços de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da

singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes, juntamente com a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a derrocada do estatismo. Isso acontece devido a uma resistência de certos movimentos sociais em defesa de Deus, da nação, da etnia, da família, da região, ou seja, das categorias fundamentais da existência humana. Daí, se entender que os movimentos sociais são ações coletivas que têm um propósito próprio que pode resultar tanto em sucesso como em fracasso, mas, de algum modo, esses movimentos transformam os valores e instituições da sociedade. O que não quer dizer que devam ser classificados como bons ou maus, progressistas ou retrógrados. Os movimentos são, antes de mais nada, reflexos dos sujeitos neles inseridos, da sociedade, lugar de transformação que “pode levar uma gama variada de paraísos, de infernos ou de infernos paradisíacos” (2002, p. 20).

Com isso, entender o que são esses movimentos sociais é crucial para o entendimento da lógica da formação dos processos de construção identitários em nossa sociedade, uma vez que os direitos civis são, usualmente, resultado das lutas travadas dentro e pelos movimentos sociais. Um desses movimentos sociais, que contribuiu para o que somos hoje e como nos vemos como indivíduos, como seres com agência, foi o feminismo, que emergiu nos anos sessenta como um grande marco da *modernidade tardia*.

De acordo com Hall (2003), o movimento social feminista faz parte de uma série de avanços na teoria social e nas ciências humanas em geral, que contribuem para a fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno. Diferentemente do sujeito da modernidade, resultado da interação entre o eu e a sociedade, tornando sua identidade de sujeito estabilizada na estrutura social na qual vivia, o sujeito pós-moderno é um indivíduo fragmentado, descentrado, que possui diversas identidades. Esse descentramento teve como provocadores no princípio o marxismo e a influência da estrutura nas atividades humanas, visto que era pautado na existência de uma essência universal do homem e essa essência é o atributo de “cada indivíduo singular”; a de Freud e de sua descoberta do inconsciente humano; a de Saussure, com respeito à linguística estrutural e à compreensão de que cada um fala e age baseado em uma imensa gama de significados e símbolos já existentes na sociedade e que estes são construções contínuas e não fixas no tempo; a de Foucault, em relação ao poder disciplinar que tem a função de manter nossas vidas

sob controle; e, finalmente, a crítica teórica e o movimento social feminista, que contribuíram para o surgimento do que veio a ser conhecido como a *política de identidade*, ou seja, uma identidade para cada movimento. Assim, o feminismo, segundo Hall, teria também contribuído para o descentramento do sujeito, pois ele

- questionou a clássica distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e o “público”. O *slogan* do feminismo era: “o pessoal é político”.
- abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc.
- enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). (2003, p.45, 46).

Ou seja, o que inicialmente foi um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres acabou se tornando bem mais amplo, abrangendo a formação das identidades sexuais e de gênero e questionando a percepção de que tanto os homens como as mulheres faziam parte de uma mesma identidade, a “Humanidade”.

Desta forma, o feminismo contribuiu para a reflexão da sociedade e dos indivíduos sobre o papel da mulher na sociedade, abalando identidades tidas como fixas, estruturas sociais contemporâneas e abrindo discussões sobre questões de gênero, relações familiares, direitos sexuais e políticos. Outra contribuição importante a partir do feminismo foi o surgimento dos movimentos sociais masculinos e os estudos sobre gênero na perspectiva da masculinidade, a saber, os *men’s studies*. Por conseguinte, a identidade passou a ser foco de estudos visando melhor compreensão dos papéis dos sujeitos sociais, ou seja, homens e mulheres.

3.2 Identidade feminina x masculina?

É a partir dos anos 1960/70 e dos grupos de contestação vigentes na América do Norte que surge o movimento feminista, e mais tarde o “masculinista”, gerando uma onda de contestação das normas e valores sociais a partir da necessidade de

elucidar e questionar o papel das mulheres e dos homens na sociedade. Assim, desenvolveram-se duas áreas de estudo dentro e fora da academia: os *women's studies* e os *men's studies*. Os estudos e questionamentos sobre o papel masculino resultaram do questionamento feminista sobre o papel dos homens na sociedade, assim como de sua interação com as mulheres. Os *men's studies* dedicam-se ao estudo do homem, do ser humano masculino, visando entender o que é ser homem num mundo cada vez mais feminista. Deste modo, várias correntes de estudo de gênero foram desenvolvidas e, muitas delas, desconstruídas, ao longo das últimas décadas.

Rachel Soihet (1997) mostra como as correntes historiográficas foram desacreditadas quanto à visão do sujeito humano universal e como este fato contribuiu para o avanço e a atuação das historiadoras feministas. Até a década de 70, as discussões eram acerca do modo passivo das mulheres face à opressão. Uma visão que empobrecia e obscurecia o protagonismo das mulheres como agentes na mudança social e em sua própria mudança, com suas alianças e participação na ordem patriarcal, o que fez surgir enfoques que permitem superar a dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos, com o intuito de trazer à tona toda a complexidade da atuação das mulheres ao longo dos tempos. Deste modo, gênero tornou-se uma palavra que indicava um determinismo biológico que esteve até então implícito nos termos “sexo” ou “diferença sexual” e passou a ter um forte papel sobre a relação entre as mulheres e os homens, querendo com isso significar que a compreensão de nenhum dos dois poderia ser feita separadamente.

Por outro lado, segundo Neuma Aguiar (1997), foi possível perceber que, contrariamente ao que acontecia nos EUA, na Inglaterra e na Austrália, onde o movimento feminista era tomado como reflexão acadêmica sobre as bases do pensamento sociopolítico que dá origem à proposta do movimento de mulheres de apropriação do próprio corpo e de uma redefinição das relações entre o público e o privado, no Brasil o contexto universitário serviu mais para deflagrar questões de identidade. A transmissão de informação no Brasil ocorria principalmente dentro do próprio movimento de mulheres, onde foram criados grupos de consciência – uma proposta de autorreflexão, em que a contribuição mais importante estrategicamente consistia em se ter um elo entre as esferas pública e privada. Ou seja, trazer à luz o que até então estava oculto subjetivamente, ou escondido na privacidade da casa de

cada um, passou a ser o foco de construção da identidade da mulher brasileira, não só do ponto de vista individual, mas de todos os participantes da experiência, ou seja, como um projeto coletivo. Tudo isso tornou possível projetos como o da apropriação da gestão de seus próprios corpos, no concernente às mulheres. Para Aguiar (1997), urge reconhecer a pesquisa como uma forma de contribuição de suma importância para o conhecimento científico e, para isso, é necessário a incorporação das diferenças de gênero, dos estudos de mulheres, bem como das análises de constituição das subjetividades, feminina ou masculina.

Em contrapartida, entre os estudiosos da masculinidade pode-se salientar o trabalho de Maria Coleta de Oliveira (1994), para quem os estudos realizados sobre gênero têm, visivelmente, privilegiado a questão da mulher, em torno da qual se constituíram, mas a tensão entre os polos feminino e masculino colocou à vista o desconhecimento acerca do homem. Acrescenta que:

(...) a “questão masculina” brota do processo social, do espanto e do desconforto dos homens diante da emancipação feminina ou, simplesmente, diante do questionamento das assimetrias de gênero por parte de um certo segmento de mulheres (p.90).

Matthew C. Gutmann (1997) levanta as dificuldades que os antropólogos têm encontrado em seus estudos sobre a masculinidade e o fato de não haver um consenso acerca do conceito de masculinidade. Aponta para, pelo menos, quatro formas distintas entre si, usadas na Antropologia para conceituar a masculinidade. A primeira considera que ela é, por definição, qualquer coisa que os homens pensem e façam. A segunda entende a masculinidade como qualquer coisa que os homens pensem e façam para serem homens. A terceira é que alguns homens são, inerentemente, considerados “mais viris” que os outros homens. E, por fim, há a abordagem da masculinidade que enfatiza a importância geral e central das relações homem/mulher e, assim, essa masculinidade é considerada como algo que as mulheres não são. Nesse sentido, o autor acredita que os estudos feitos, até recentemente, sobre os homens, não eram acerca do homem-como-homem, mas carimbavam, com insistência, os rótulos, os estereótipos.

João Silvério Trevisan (1998), em seu livro *Seis balas num buraco só*, faz uma análise do “pesado fardo de ser homem, com obrigação de ter coragem sempre, mostrar-se durão, enfrentar o mundo através da força” (p. 14). O autor

relaciona alguns fatos no contexto brasileiro, no que diz respeito à violência masculina extrema, para mostrar se a violência pode ser algo inerente ou não ao sexo masculino, se o fato de certos homens cometerem determinados atos de violência extrema estaria relacionado à crise dos valores sociais que vem afetando o masculino nas últimas décadas e que os estaria comprometendo diretamente. Trevisan passa a investigar o mito da masculinidade, recorrendo, muitas vezes, a categorias psicanalíticas como *falo*, *castração* e *androgínia*, para entender como o poder foi culturalmente concedido ao homem, pois muitos homens na sociedade pós-industrial não alcançam as expectativas que a sociedade tem acerca deles. Advém daí, segundo o autor, uma contradição entre a imagem do “macho”, tal como é representada socialmente, e as reais condições de vida dos homens, o que pode levar a uma certa instabilidade psicológica.

Em contrapartida, como já assinalado, os *women's studies* tiveram seu início com mulheres estudando a sociedade e os problemas que afetavam as mulheres pelo prisma das próprias mulheres. E o fato de remeter da área do gênero para um gueto acadêmico levou a uma justaposição entre estudos por mulheres, sobre mulheres, para mulheres. Mais tarde, com o surgimento do *men's studies* e do movimento social *gay*, foi introduzido, no pensamento sobre gênero, um questionamento que ia além do essencialismo das categorias homem e mulher, a saber, o essencialismo da heterossexualidade (VALE DE ALMEIDA, 1995, p. 15). Deste modo,

Masculinidade é, então, o termo que cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o gênero e a sexualidade, se reporta a significados culturais da «pessoa», que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos «homens», são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, ao nível etnográfico, expressões como «mulher masculina», «gestos masculinos», «valores masculinos», «símbolos masculinos», etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos (VALE DE ALMEIDA, 2005, s/p).

As relações vivenciadas por homens e mulheres são assimétricas, visto que a masculinidade hegemônica tem suas bases no patriarcado como meio de vincular sua posição de dominação. Patriarcado é entendido aqui como uma ordem de gênero, onde a masculinidade hegemônica determina a inferioridade da mulher, assim como a das masculinidades subordinadas que seriam representações

masculinas que não se enquadram no perfil de dominador (VALE DE ALMEIDA, 2000). Pois,

(...) a masculinidade hegemónica é um modelo cultural que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidiana e de uma discursividade que excluiu todo um campo emotivo considerado feminino: e que a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 17).

É nesse contexto de mudança social, individual, de descoberta do “outro” tanto masculino como feminino, que vale perguntar: O que é ser homem, nos dias atuais? Teriam as mulheres encontrado a tão buscada igualdade e a igualdade de poder? Qual o lugar do homem na atual sociedade, face a essa nova mulher que adveio da revolução feminina?

Deste modo, em uma sociedade como a Suíça, onde as ações individualistas reinam, onde é prioridade a satisfação e realização pessoal e onde as relações afetivo-conjugais estão em baixa a cada década, de que resulta taxa de natalidade diminuindo continuamente, é preciso encontrar um meio de driblar essa situação de individualismo, de retraimento dos casamentos, caso se esteja disposto a constituir uma família. É dentro desse contexto que muitos homens suíços encontram a resposta, ao se casar com mulheres de países circunvizinhos ou mesmo longínquos como no caso deste estudo. Assim, quando abordados acerca do lugar que os homens ocupam(vam) na sociedade em que vivem, que lugar é(era) o deles na sociedade, esta pesquisadora estava interessada em saber como eles se percebiam como homens, como agentes de suas próprias vidas, suas subjetividades e possíveis estratégias na construção dos projetos de suas vidas, face a essa nova mulher gestada a partir da revolução feminina.

3.3 “A mulher está nos caçando na sociedade. Agora não temos mais um lugar. Elas tomam o trabalho dos homens e eles se encontram desempregados”

Com os estudos de gênero houve uma mudança na terminologia, de “mulher” para “gênero”, o que permitiu um acréscimo de estudos que contribuíram para a construção de um campo próprio de produção de conhecimento e uma sistematização teórica mais consistente. Assim, o surgimento do conceito de gênero, segundo Joan Scott (1989), aconteceu quando feministas americanas buscavam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O termo gênero teve como função enfatizar o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade e foi proposto porque se acreditava que a pesquisa sobre as mulheres poderia transformar os paradigmas disciplinares que buscavam dissociar-se da política feminina e integrar-se à terminologia científica das ciências sociais.

Por conseguinte, o termo *masculinidade* será usado no sentido definido por Vale de Almeida (2005), pois ajudará a delimitar as características culturais, visto que a identidade social é adquirida com base numa construção social da natureza que é estabelecida na separação dos seres humanos em duas diferentes partes, ou seja, com base no dimorfismo sexual e ilidindo as situações ambíguas ou intermédias a esse nível.

É dentro deste contexto que pode ser considerado de extrema relevância o clássico de Miguel Vale de Almeida (2000) com suas reflexões sobre masculinidade hegemônica e subalterna, onde é assinalado que, em determinado contexto, há de se lidar com um modelo dominante de masculinidade, e outros que a ele se subordinam ou com ele dialogam. Isso porque, dentro deste contexto de mudança social as masculinidades dos atores não estão todas em um mesmo nível hierárquico. O autor emprega a antropologia do gênero com o objetivo de chamar a atenção para os escassos estudos sobre gênero que enfocam temas especificamente associados à identidade masculina. Tenta compreender como se reproduz o modelo central da masculinidade – a masculinidade hegemônica – em um momento em que a diversidade e as experiências dos homens parecem apontar

para a existência de várias masculinidades. Isso é percebido nas falas de Reis, como será visto mais adiante, quando faz uma comparação de como se compreende como homem, pelo fato de ter crescido rodeado por mulheres, ou seja, percebe-se como o que é chamado de “qualidades femininas” vai ao encontro do que Vale de Almeida nos aponta sobre como ser mais ou menos masculino.

A masculinidade hegemônica é um consenso experimentado por cada homem, assim como a masculinidade subordinada, visto que esta está contida na hegemonia, pois falar de “masculinidade dos homens” seria analisar a complexa relação entre homens concretos e masculinidade, colocando em foco a “homossociabilidade” e não as relações de gênero. Assim, Vale de Almeida (1996) se refere à masculinidade como sendo internamente constituída por “assimetrias” (heterossexual/homossexual) e “hierarquias” (ser mais ou menos masculino), em que se encontram modelos hegemônicos e variantes subordinadas. Percebe-se que o modelo de masculinidade continua sendo, mesmo que subjetivamente, hierarquizante, pois ainda tem entranhado o fantasma da feminilidade, como parâmetro do ser mais ou menos feminino, o que se conclui quando Reis diz acreditar que o fato de ter crescido entre mulheres influenciou sua personalidade.

Reis se mostrou à vontade e acessível, durante toda a conversa, enquanto contava que era suíço alemão de Zürich, mas vivia no Cantão de Lausanne e trabalhava em um terceiro Cantão, Vaud. Falou-me de toda a sua trajetória para chegar ao casamento intercultural com Rita, com quem está casado há um ano. Os dois se conheceram quando faziam turismo na Espanha, ela estava com amigos e acabaram se encontrando no mesmo hotel. Namoraram durante anos, tanto online como com idas e vindas da parte dos dois para se ver pessoalmente, antes de, finalmente, decidir se casar. Encontramo-nos em Vevey, cidade em que ele trabalhava, em um restaurante, semanas depois da entrevista com sua esposa, que também se realizou em um restaurante, no Cantão de Genebra. Ao longo de toda a conversa foi bastante aberto e direto. Reis é engenheiro de formação, com um mestrado, e sua esposa estava terminando o seu mestrado. Quando abordado sobre a questão da masculinidade, o que considerava ser um homem, mostrou estar a caminho do que Badinter (1993) afirma sobre o *homem reconciliado*, ou seja, a visão de um masculino dual no qual elementos do que se era se mesclam com o novo, onde se deu um abandono ou uma oposição do machismo para enfim se

reencontrarem, reconciliarem com eles mesmos. No entanto, a reconciliação não pode operar-se pela eliminação de uma das duas partes. Percebe-se também como as masculinidades são diferentes e como, mesmo os sujeitos inseridos no masculino se percebem como diferentes. O que nos leva à ideia de hierarquias no masculino e às relações de poder mesmo entre eles. Em contrapartida, Reis diz perceber nos outros homens uma competitividade, uma luta de galos, uma imagem de força, um dever de dominar as coisas que não lhe é característico, exatamente pelo fato de ter crescido rodeado de mulheres, como afirma:

Il y a des clichés qui me passent par la tête. J'ai grandi dans une famille féminine (ma mère, ma sœur, que de cousines, pas de cousin, mon père décédé tôt) entouré toujours de beaucoup de femmes. Je le sens des fois dans ma personnalité. Ça a une influence. Il y a des choses que je vois dans d'autres hommes qui toujours doivent se sentir forts, s'imposer. **Il y ont souvent des batailles de coq.** Moi j'ai ce sentiment de concurrence de devoir toujours gagner, prendre le dessus par rapport à quelqu'un d'autre. C'est souvent ce qu'on dit, c'est des **qualités plus féminines**. Pour dire ce que c'est un homme pour moi, c'est une **image de force**, de devoir dominer les choses. C'est **l'image masculine**. (Reis)

André é casado com Andréia e os conheci através de contatos no Facebook. Ele trabalha com informática e não tem filhos em seu casamento atual nem no anterior, com uma francesa. Sua atual esposa, no entanto, tem quatro filhos e todos vivem com o casal. Andréia é professora, convidou-me para entrevistá-los em sua casa e, após uma descontraída conversa com os dois e de ter feito uma breve entrevista com ela, mais focada nos dados sociodemográficos, retirou-se, e pude falar livremente com André, que se mostrou uma pessoa muito direta em suas respostas, ficando à vontade, com exceção da questão sobre o que era ser homem, a que não respondeu, saindo pela tangente, ao dizer: “*Assim, de repente, eu não poderia vos dizer.*” No entanto, se mostra categórico ao tratar do lugar do homem na sociedade: “*Claro que, na minha opinião, que não há nem de longe, igualdade*”. Considera que, mesmo nos dias atuais, o homem tem ainda, mesmo na Suíça, um lugar mais valorizado do que a mulher, tanto na sociedade em geral, como no trabalho ou na casa de amigos. Aponta como percebe o lugar a que as mulheres são delegadas por alguns homens:

A priori, d'après ce que je vois, elle est **plus valorisée que celle de la femme**, autant dans le monde du travail que... Oui c'est sûr. Moi je le vois au travail, je le vois des fois quand je vais chez des amis. **Je vois la place à laquelle la femme a été placée par le mari.** (André)

Em contrapartida, Reis mostra que o homem ainda é, muitas vezes, o provedor, quem leva o dinheiro para casa, mesmo que cada vez mais os casais dividam este papel:

Toujours, même encore aujourd'hui, c'est souvent l'homme qui travaille, qui **remporte l'argent** pour sa famille même si de plus en plus il y a des couples ou c'est partagé. L'homme dans la famille est aussi pour moi **une personne d'image importante pour les enfants**. C'est important et je l'ai vécu moi-même car j'ai perdu mon père quand j'étais petit. Un père peut apporter une autre façon de voir les choses à un enfant qu'une mère et c'est important de donner les **deux visions**. **L'amour des deux personnes de sexes différents**. Le rôle du père n'est pas alors seulement de donner de l'argent et de nourrir la famille, il a aussi le **rôle d'être un exemple** dans son comportement. On voit souvent en Suisse quand il y a des séparations de famille, **l'homme a un rôle un peu réduit à l'argent** et c'est dommage. Il est censé payer et des fois n'a pas le droit de voir régulièrement les enfants. Je trouve que **ce n'est pas une manière de faire**. (Reis)

Mas considera que o homem é de suma importância em relação aos filhos, à criação dos filhos, pois duas visões do mesmo assunto podem ser importantes, além de duas formas de amar, e não acredita que o papel de provedor seja o único que deve caber ao homem em relação à família, mas que o homem tem como papel ser um exemplo para os filhos, embora não seja o que percebe muitas vezes na Suíça, principalmente em casos de separação do casal. Ao homem fica o papel reduzido de provedor, o que é uma pena, em sua opinião, pois o homem tem a obrigação de pagar, mas não lhe dão a possibilidade de ver regularmente os filhos, o que afirma não ser a melhor maneira de se fazer as coisas.

Thyago tem um curso técnico e trabalha no Ofício Federal⁴² e sua esposa tem uma pós-graduação. Após ter feito a entrevista com sua esposa, Thaï, levei semanas para finalmente conseguir conversar com ele e, por momentos, achei que não iria conseguir, mas se mostrou bastante receptivo em toda a conversa.

Oui. Ça serait **la place qu'il aura choisie d'avoir**. La place de l'homme dans la famille **est aussi bien que celle de la femme** dans la famille, c'est-à-dire que **les choses se partagent à 50%**, se décident à deux et chacun choisit de faire ce qu'il pense être le mieux pour la famille. Je pense que **les choses se mettent en place** petit à petit au fur et à mesure d'une relation, d'une vie de couple, une vie de famille, les choses doivent se mettre en place naturellement et **idéalement on se partage les choses à 50% chacun**. (Thyago)

⁴² Funcionário público federal.

Conta como já faz, ele mesmo, parte de uma família intercultural, pois seu pai é do Vietnã e sua mãe é suíça e conheceu sua esposa na Tailândia, onde viveu muitos anos. No entanto, ao pensar em formar uma família acredita que criar os filhos na Suíça é não só mais seguro, como também mais apropriado, devido, principalmente, ao bom sistema escolar. Porém, não têm filhos, embora pretendam vir a ter. Quanto ao fato de o homem ter ou não um lugar na sociedade atual e que lugar seria esse, foi categórico ao afirmar que o homem tem um lugar na sociedade, como se, de fato, o homem pudesse escolher o que quisesse ser, como tendo uma escolha. No entanto, seu discurso foi mudando, falando das etapas pelas quais o homem está passando, entre o que seria o real e o ideal, o que considera ser o ideal. Assim, depois de afirmar que o homem tem, sim, um lugar na sociedade, ou seja, aquele que o homem escolher para si, continua dizendo, com relação ao lugar do homem no seio familiar, ser o lugar do homem o mesmo que o da mulher, que as coisas se dividem e as decisões são tomadas a 50%, ou seja, que cada um escolhe o que fazer para a família a partir das decisões conjuntas. Mas, seu discurso avança ainda, dizendo que as coisas vão pouco a pouco encontrando seu lugar naturalmente e, *idealmente*, as coisas são divididas em 50% para cada um. Há, em suas falas, o que acha que deveria ser, o lugar que escolher ser; do que tenta ser, divisões conjuntas a 50% e do que na realidade é. Ou seja, ainda uma tentativa de divisões de 50% como idealmente deveriam ser, mas ainda não o são. Contrário do que dizem André e Reis, Luíz acredita que o homem não tem lugar na sociedade, pois está sendo expulso, caçado pela mulher.

La femme nous chasse de la société. **On a plus la place maintenant.** Elles **prennent le travail des hommes** et **ils se retrouvent au chômage.** A la maison à élever les enfants. Moi je trouve que c'est bien d'ailleurs...(Luíz)

Luís é universitário e sua esposa, Luíza, tem o 1º grau e trabalha como ajudante de cozinha. Eles foram indicados por outros dominicanos e, ao falar com Luíza pela primeira vez, por telefone, ela logo aceitou falar comigo. Quando nos encontramos, após ela ter terminado o dia de trabalho, em um café, falou abertamente sobre si e seu casamento e, pouco mais tarde, ligou para o marido, convidando-o a vir participar da entrevista. Logo após ter terminado a entrevista dela, ele chegou e pudemos conversar tranquilamente. Assim, para Luíz, as

mudanças estão no fato das mulheres lhes tomarem os postos de trabalho, o que os coloca em situação de desempregados e em casa, tomando conta dos filhos.

Mário foi taxista, está atualmente aposentado, é casado com uma dominicana. Ao perder a mãe e o irmão, decidiu formar uma família, pois se sentia sozinho, por não ter mais parentes próximos. A trajetória de vida de Mário e sua escolha por constituir uma família intercultural é um pouco diferenciada da dos outros entrevistados, pela praticidade com que percebeu no casamento um lugar de família e pelas razões que o levaram a tal decisão, além de ser o mais velho dos entrevistados. Ao se sentir sozinho e já sendo um homem de uma certa idade, sem características de mulherengo, o que fazia com que não corresse atrás de nenhuma mulher, quando conheceu Maria, após algum tempo, achou que o casamento seria a melhor decisão para os dois.

Maria, sua esposa, tinha dois filhos de um relacionamento anterior em seu país. Assim, ao ser acordado o casamento, decidiram trazê-los para os criarem juntos. Quando fui fazer a entrevista com ele já sabia que era bem mais velho e achei que iria encontrar um pensamento e um discurso retrógado de que a mulher tem de ficar em casa, pontuado no machismo e preconceito em relação à mulher na sociedade. No entanto, ele conversou abertamente e me surpreendeu pelo discurso aberto às mudanças. Pois, quando abordei a questão de como percebia o homem na sociedade atual, afirmou acreditar não haver um lugar propriamente dito para o homem nos dias atuais, que tudo depende do fruto do trabalho de cada um, pois os salários decresceram e, embora afirmando que a mulher estima ter direitos sobre o homem, finaliza dizendo que, atualmente, não é o homem que faz tudo, se referindo ao sustento da família.

Je ne crois pas qu'il a une place proprement dite. Ça dépend du fruit de travail, des salaires tombés d'un côté. **La femme estime qu'elle a son droit sur l'homme.** Ce n'est pas l'homme qui fait tout...(Mário)

A ideia preconcebida de que iria encontrar em Mário um discurso machista deve-se ao fato de que eu tinha feito, anteriormente, a entrevista com Mike e o discurso deste era um contraste total em relação aos discursos dos outros homens até então entrevistados. Mas, embora Mário seja mais velho que Mike, e apresentasse, em dado momento, um discurso machista, seu pensamento e sua percepção das mulheres, da vida familiar, das mudanças ocorridas nas últimas

décadas eram bem diferenciadas das de Mike, como será visto mais adiante, no decorrer do trabalho.

Mike é militar de carreira, está casado há 23 anos e tem filhos com Lôtus, sua esposa. Lôtus é filipina, tem o ensino primário e é do lar. Não fala francês, mesmo depois de viver há pelo menos vinte e cinco anos na Suíça. Sua entrevista foi uma mescla de respostas timidamente dadas por ela, outras semidadas, pois o marido cortava o que ela ia dizer e dava a resposta por ela, mesmo quando tentei fazer a entrevista em inglês para que ela pudesse responder mais livremente. Em casa, o casal e os filhos falam inglês, o que dificulta ainda mais o aprendizado do francês para Lôtus.

Mesmo levando em conta ser Mike um militar de carreira e, portanto, regido por regras e hierarquias, foi impressionante perceber como suas falas se diferenciavam completamente das falas dos outros entrevistados, como ele tinha ideias bastante definidas quanto ao lugar do homem e da mulher, não só em relação à sua esposa, mas em relação a todas as mulheres. Outro fator que contribuiu para esse modo mais estrito de ser de Mike é o fato de ser extremamente religioso. Conheceu sua esposa na igreja e foi na igreja que eu o conheci também e onde aceitou conversar comigo. Assim, para Mike, na atualidade cada um faz o que quer, devido à igualdade que todo mundo quis ter. Fazem, dizem o que querem e não há um lugar nem para o homem nem para a mulher e, em relação à igualdade de que tanto se fala, o homem vem a ser menos e a mulher mais.

Peut-être par rapport à l'égalité que tout le monde veut, l'homme fait ce qu'il veut et la femme fait ce qu'elle veut et comme on a dit, on se chipote et au bout d'un moment, on se sépare, on divorce. Alors **il y a plus vraiment la place de l'homme qui était l'homme, la femme qui était la femme**. Je pense qu'aujourd'hui entre l'homme et la femme, il n'y a plus de grande différence par rapport à la place de la famille. **Par rapport à cette égalité dont on parle, l'homme commence de devenir moins et la femme plus**. Sans vouloir discriminer la femme ou dans l'autre sens l'homme, dans la vie, **chacun a sa place** et si on respecte sa place, son devoir, là on est juste.
(Mike)

Diz não querer discriminar a mulher ou, por outro lado, o homem, mas na vida cada um tem o seu lugar e se o respeitarmos, aí, sim, seríamos justos. Sua família tem um formato com papéis bem definidos: pai, mãe dona de casa, filhos e, mesmo se tivesse casado com uma mulher suíça, como me disse a um dado momento, era o que esperava de uma família, embora tenha consciência de que

seria bem mais difícil ter conseguido esse tipo de família com uma mulher suíça, pois elas querem trabalhar. A seguir, a fala de André:

Ce qu'il faudrait c'est **que les femmes prennent le pouvoir mondial**. C'est le seul parce que sur la planète, **c'est l'homme qui dirige depuis toujours et à priori c'est loin de changer**; donc si on veut changer les relations entre l'homme et la femme, **c'est une question de pouvoir, à tous les étages**. Tout. **Il faut que les femmes dirigent**. (André)

André mostra claramente sua certeza de que o homem ainda tem um lugar mais valorizado do que a mulher, um melhor salário e a noção de que os amigos e conhecidos ainda colocam a mulher em um patamar inferior. E quando lhe pergunto o que seria necessário para mudar, responde: que as mulheres tomem o poder mundialmente, pois é o homem que dirige desde sempre e que, *a priori*, nada irá mudar, pois é uma questão de poder em todos os níveis. Então, as mulheres precisam dirigir.

O lugar do homem através dos discursos dos interlocutores não pode ser percebido como totalmente seguro, estabelecido— nem mesmo nas palavras de André —, pois suas falas vão desde a percepção de que muito ainda tem de mudar a um papel muitas vezes reduzido a provedor, principalmente quando se relaciona à questão de divórcio e direitos paternais, seguido por um “idealmente as coisas são divididas a 50%”, ou ainda por discursos mais radicais como, por exemplo, “a mulher nos caça, não temos mais lugar nenhum, não há mais um lugar de homem ou mesmo de mulher na atualidade, a mulher estima que tem direitos sobre o homem”. Há uma conotação de perda e ela pode ser concebida como um conflito. Ora, se há conflito ou perda, há relações de poder em questão e, neste caso específico, o conflito aparece na perda de espaço nos lugares de trabalho, entre outros, como aparece na fala de Luís, quando diz que “*elas tomam o trabalho dos homens e eles se encontram no desemprego*”.

No entanto, outro aspecto é notado nas suas falas: Há uma conotação de equilíbrio de poderes, de perda e ganho com as mudanças na sociedade quanto ao lugar dado ao indivíduo na divisão de trabalho, o que vai além de uma discussão sobre a divisão de trabalho segundo os sexos, pois é abordada por uma perspectiva financeira como perda, não só para o homem, mas para a família. Luíz fala sobre a perda de lugares de trabalho dos homens em favor das mulheres, dos salários mais baixos que os homens recebem atualmente. Esse tipo de comentário era algo que

eu ouvia frequentemente quando vivia na Suíça há mais de vinte anos atrás e agora percebo que o mesmo discurso ainda está presente. Nas conversas de bar, ouvia os homens sempre reclamarem que estavam ficando sem os empregos porque os patrões empregavam mulheres com salários mais baixos, e que isso não iria beneficiar ninguém, além dos patrões. Um dos comentários foi que deveriam parar de propagar o discurso de que as mulheres deveriam trabalhar, que não deveriam “obrigar” a mulher a ter que trabalhar, pois acabavam os dois, ou seja, o casal, perdendo em salário e em qualidade de vida, já que os salários dos dois seriam menores e os impostos maiores⁴³. Aqui, a perda não seria só para o homem, por perder um emprego, ou um melhor salário, mas para as mulheres, porque iriam fazer o mesmo trabalho e por um salário menor, e para a família, pois dois salários são dois impostos e, sendo casados, os impostos aumentam. Como bom suíço que se preza, Luíz faz o cálculo da perda anual por esse prisma, o que leva a discussões sobre o mesmo tema, que duram até hoje.

Por conseguinte, é preciso também levar em consideração o fato dos homens não estarem ainda conseguindo acompanhar todas as mudanças advindas desse período de transição: de certa forma, eles estão um passo atrás e tem sido assim há décadas, pois ainda parecem estar descobrindo suas perdas, quem são e em que lugar se situam. No entanto, percebe-se um certo descontentamento quando dizem não haver lugar para eles na sociedade atual, que estão sendo banidos, ficando sem seu trabalho. Percebe-se também, na fala de André, que ainda é necessário fazer algo para que os direitos sejam iguais entre homens e mulheres, ou seja, uma retomada de poder pelas mulheres. A seguir, tratar-se-á das mudanças que aconteceram, nas últimas décadas, nos papéis dos homens, e como eles percebem essas transformações.

⁴³ Na Suíça, as pessoas casadas pagam mais impostos e com dois salários, mais ainda.

3.4 “Nós também melhoramos em muitas coisas. Isto está claro. Mas penso que hoje em dia o homem tornou-se fraco”

Os sujeitos sociais devem ser vistos como seres conscientes, pelo fato de serem sujeitos conhecedores, autoconscientes e reflexivos e capazes de agir a favor ou contra as estruturas que os formaram (ORTNER, 2007d). Assim, qualquer análise pela perspectiva de gênero deverá ir além de percepção de opressão *versus* submissão, pois não se deve deixar de considerar a agência dos sujeitos envolvidos. Deste modo, os sujeitos aqui perquiridos devem ser considerados como seres conscientes de suas escolhas, não querendo, contudo, com isso dizer que não possa haver escolhas feitas inconscientemente. Assim, deve-se ter em conta que as subjetividades são complexas, visto que estão sempre em reflexividade entre o eu e o outro, dado a interação contínua que se tem com o mundo em sua volta.

É dentro desse contexto, de agentes conscientes, que os sujeitos desta pesquisa são percebidos, quando falam sobre as mudanças que transcorrem na sociedade em que estão inseridos, na vida familiar e em suas escolhas de casamento. Nas últimas décadas, a vida pessoal se tornou um projeto aberto, instituindo várias novas demandas e ansiedades, em que a existência interpessoal passa por uma completa transfiguração, envolvendo a todos em experiências sociais do cotidiano (GIDDENS, 1993, p. 22), nas quais mudanças sociais mais amplas nos levam a nos engajar. E é sobre essas experiências de que tratam as falas a seguir, de Mike, Pierre e André.

Os entrevistados falam das mudanças que percebem em seu entorno, nas últimas décadas, tanto em relação a como os papéis dos homens eram vividos na época de seus avós e pais, quanto por eles mesmos, na atualidade. No que se refere à percepção de Mike quanto às mudanças, ele nos aponta como, no passado, a vida era bem mais dura, mas considera que o ser humano evoluiu, embora não unicamente no bom sentido, já que considera que hoje o homem se tornou mais fraco.

Je pense que par rapport à cette époque que **c'était peut-être plus dur** et pourrait même dire **un peu trop dur. Donc l'être humain a évolué mais il n'a pas seulement évolué dans le bon sens!** Mais on a quand même aussi amélioré beaucoup de choses. Ça c'est clair. Mais **je pense**

qu'aujourd'hui, l'homme devient faible. (...) Auparavant, c'était l'homme qui faisait tout, qui sortait, qui travaillait et puis la femme, **elle n'était bon que pour mettre au monde des enfants, pour rester à la cuisine, sans vraiment avoir de loisirs ou qui que ce soit.** (Mike)

Por outro lado, acha que, para as mulheres, as coisas melhoraram, visto que, na época, era só o homem que fazia coisas como sair para se divertir, para trabalhar, e a mulher só era boa para colocar filhos no mundo, ficar na cozinha sem nenhum tipo de lazer. É bom lembrar que a família de Mike é a única constituída de forma “tradicional”, ou seja, pai, mãe dona-de-casa e filhos.

Honestamente, não é possível afirmar que a vida de Lôtus, esposa de Mike, seja de opressão para ela ou se, de algum modo, foi uma escolha ou, ainda, se era a vida dela por se sentir sem escolha, se era o tipo de vida que de fato queria ter, pois a conversa com esta entrevistada foi a mais curta de todas, além de que só pôde responder a alguns dados sociodemográficos, pois muitas respostas foram dadas por seu marido. Mike mostrou, ao longo de toda a conversa, um “autoritarismo acentuado”, mesmo sendo muito educado e nunca elevando o tom de voz. Os filhos foram enviados para os quartos assim que cheguei e não saíram de lá durante todo o tempo em que fiquei, e a esposa mal pôde responder às questões, mesmo quando diretamente dirigidas a ela. Gostaria de ter podido encontrar-me com ela a sós, para melhor apreender a dinâmica do casal e fazer um contraponto com as outras mulheres quanto ao fato de, como sujeitos sociais e inseridas em uma cultura dominante, não estariam essas mulheres sendo sujeitadas e desempoderadas pelo marido ou mesmo pela cultura em que vivem atualmente. No entanto, o comportamento percebido como bastante diferenciado dos outros casais, pode ter mais relação como fato de os dois, Mike e Lôtus, serem praticantes ativos de sua religião e acreditarem ser este o modo certo de se viver, como foi dito por Mike durante a entrevista, ou seja, que Deus nos deixou instruções, na Bíblia, para serem seguidas, e que o mundo estaria bem melhor se todos as seguissem. Pierre mostra as mudanças ocorridas em sua família atual, em relação à de seus pais e avós:

Moi j'ai l'impression qu'il y avait plus de différences entre mes grands-parents et mes parents qu'entre mes parents et nous. A l'époque de **mes grands-parents**, il y avait vraiment le côté ou la femme... c'était à l'époque de la **seconde guerre mondiale ou la femme a commencé par entrer dans la vie active, à travailler.** Et je pense que **ça a été une grande étape, le fait que la femme ne restait plus au foyer.** Cela a complètement changé la société et la façon de voir la femme et la façon dont la femme pouvait se voir, le fait qu'elle ait une indépendance financière... et **ça a**

changé le sens de la famille. Au niveau de **mes parents**, les deux travaillaient à temps partiel (75%) donc ils étaient aussi un peu plus à la maison pour nous. Après ça, nous on a changé l'option peut être plus rétrograde, que Patrícia puisse profiter plus d'être à la maison avec les enfants. C'est vrai que de nos jours, si on commence plus à travailler, avec les impôts, le fait qu'il faut que quelqu'un vienne à la maison garder les enfants etc., financièrement ce n'est pas non plus un calcul bon et le fait d'avoir quelqu'un à la maison comme Patrícia, elle va beaucoup plus suivre les enfants pour ce qui ne va pas à l'école, aller voir, s'impliquer. Ça, c'est une bonne chose aussi pour les enfants. Et moi je suis plus au travail, c'est une équipe qu'on a trouvé bien qui n'est pas forcément la règle de nos jours. **La règle, c'est que les deux personnes travaillent. On est presque hors de la règle, le fait qu'elle reste plus à ma maison.** (Pierre)

No que se refere às experiências de Pierre, ele conta que, na época de seus avós, tanto paternos como maternos, já havia uma mudança com relação à mulher sair para trabalhar. Aponta para as mudanças que ocorreram devido à II Grande Guerra, em que as mulheres começaram a ter uma vida mais ativa profissionalmente e como isso mudou a percepção do mundo sobre a mulher, assim como ela mesma se percebia e, por conseguinte, mudou também o senso da família. Embora tanto sua mãe como seu pai trabalhassem somente em 75% do tempo e, conseqüentemente, ficassem mais em casa, Pierre considera que ele e sua esposa estão um pouco fora dos padrões atuais por terem optado por um modo de vida mais retrógrado, visto que sua esposa não trabalha fora,⁴⁴ pois a regra geral, atualmente, é que os dois membros do casal trabalhem. André também percebe várias mudanças nas últimas gerações:

Il y a une quand même différence. A l'époque de mes **grands-parents**, j'ai connu mes quatre grands-parents. **A part quelques années de jeunesse de ma grand-mère maternelle; elle n'a plus travaillé après.** C'était mon **grand-père qui ramenait l'argent du foyer.** Dans l'autre, **mes grands-parents paternels, sauf erreur, ma grand-mère n'avait jamais travaillé.** C'est encore **le grand père qui assurait la survie du ménage.** Ça c'est un élément très différent d'aujourd'hui où tous les parents travaillent en tout cas dans les villes en Suisse, presque ou une grande majorité. **Mes parents ça avait déjà changé. Ma mère avait plusieurs boulots.** Je pense que le grand changement, c'est que **la femme prend de plus en plus d'activités professionnelles. Manque de bol pour elle, elle continue à garder les activités de ménage.** (André)

André aponta também para as mudanças que aconteceram já em relação aos seus avós, pois sua avó materna trabalhava, embora tenha parado depois do casamento. Por outro lado, sua avó paterna nunca trabalhou e eram seus avôs que

⁴⁴Embora a esposa de Pat, Patrícia, não tenha um emprego formal, com horário fixo, ela faz artesanato em casa, que expõe em sua pequena loja no térreo de sua casa.

proviam a família depois de casados. Com seus pais isso já se colocava de outra maneira, visto que os dois trabalhavam e, inclusive, sua mãe tinha dois empregos. Considera que a grande mudança entre as gerações está no fato da mulher adquirir cada vez mais atividades profissionais, mas, para seu azar, continua a ter as mesmas atividades domésticas. Reis e Ken percebem as mudanças dos papéis dos homens nas últimas gerações:

Je sais qu'à l'époque ma mère ne voyait pratiquement jamais son père. Il était toujours occupé soit au travail, soit avec des amis, soit dans une association, soit à l'église. Sa fonction c'était peut-être de punir les enfants. Ma mère attendait qu'il rentre pour l'informer de ce que les enfants ont mal fait pour qu'il les punisse. **Et puis de ramener de l'argent pour nourrir la famille.** Ça a changé; **dans mon entourage, je vois des hommes qui essaient de passer le maximum de temps avec leur famille s'ils en ont une, qui puissent aussi voir les enfants grandir, les accompagner dans les activités.** Ce n'est plus seulement ramener de l'argent à la maison. (Reis)

Des fois **je suis un peu plus stricte** que ma femme et **je fais plus le ménage qu'elle.** On essaie de partager mais moi **ça ne me dérange pas du tout de faire le ménage, la cuisine, toutes les choses qu'on disait avant que c'est pour les femmes.** Chaque famille fait sa différence; nous on a une relation assez ouverte. **Au niveau ménage tout ça, Catherine est plutôt homme que femme.** Peut-être **un jour, c'est moi qui resterais à la maison pour garder les enfants et Catherine irait travailler.** (Ken)

No que se refere a Reis, suas experiências mostram um pai ausente, sempre ocupado com o trabalho, com os amigos, algum tipo de associação ou a igreja. A função de seu pai consistia em punir os filhos, sua mãe esperava que ele chegasse em casa para lhe informar os feitos, ou melhor dizendo, os malfeitos dos filhos. Mas, afirma que seu pai também era o provedor da família. Considera que, atualmente, em seu entorno as coisas mudaram, pois percebe que os homens tentam passar o máximo de tempo com a família, ver os filhos crescerem, acompanhar suas atividades. Para ele, não é mais somente trazer o dinheiro para casa.

Ken, por sua vez, se considera mais estrito, mais centrado que sua esposa, Kat, e afirma ser ele quem mais faz os trabalhos domésticos, como a cozinha, a limpeza, ou seja, as coisas que diziam ser para as mulheres. Considera que, em relação à casa, a esposa é mais homem que mulher, e acredita que, um dia, se necessário for, ficará em casa tomando conta dos filhos enquanto a esposa trabalha.

No que diz respeito a André, Mike e Thyago, suas opiniões variam entre a percepção de que nada mudou, visto que ainda vivemos em um mundo machista, a visão religiosa de Mike, ao falar como as relações homossexuais contrariam os

princípios bíblicos e, por fim, Thyago, para quem a questão é complicada, já que cada um faz o que quer e os dois não agem como um casal.

Je vous parle peut-être un tout petit peu de la bible. C'est vrai qu'on n'est pas ici dans la religion mais on a quand même beaucoup de bases dans la bible. Et c'est marqué dans la bible **que l'homme et la femme sont faits pour procréer** et que **la femme et la femme ou l'homme et l'homme ne sont pas faits pour être ensemble.** (Mike)

Ça paraît compliqué des fois mais ce qui est compliqué, c'est ce que **chacun a une chose dans la tête alors que les choses pourraient être beaucoup plus simples; j'ose imaginer que les relations sont saines et qu'elles évoluent vers un mieux avec le temps** mais malheureusement on se rend compte qu'avec les statistiques et les nouvelles qu'on a il y a beaucoup de séparations, beaucoup de divorces, beaucoup de gens qui ne veulent plus rester ensemble pour des raisons ou d'autres. (Thyago)

André afirma que, nas relações entre homens e mulheres, não houve ainda suficientes mudanças: ***Il me semble qu'elle n'évolue pas; il y a toujours les mêmes stéréotypes du mec machiste***⁴⁵ (André). Por outro lado, Mike acredita que falta, nas relações entre homens e mulheres, mais crença nos princípios bíblicos e que homens e mulheres são feitos para procriar, mas que mulheres com mulheres ou homens com homens não são feitos para ficar uns com os outros. Thyago afirma que, às vezes, as relações entre homens e mulheres parecem complicadas, mas o que é realmente complicado é que cada um tem suas próprias agendas, quando as coisas poderiam ser bem mais simples; mas ousa imaginar que as relações são mais sãs e que evoluem para melhor, mesmo com a alta nas estatísticas de divórcios.

O homem como chefe de família é outro fator que foi desconstruído na atual família; a família patriarcal, onde o homem é provedor, se percebe como provedor e aceita esse papel como natural só aparece no discurso de Mike. Não é um fator só de idade, já que Mário é mais velho do que ele e afirma não existir chefe de família em sua casa. Mike é militar de carreira, profissão onde existem hierarquias bem demarcadas, e é extremamente religioso. De todos os casais, Mike e sua esposa são os únicos que afirmaram frequentar a igreja regularmente, duas vezes por semana. Acredita ser o papel do homem prover para sua esposa e ser esse o papel que Deus incumbiu ao homem. Thyago simplesmente afirma um “**Non**”, quando perguntado se há alguém em sua família que possa ser chamado(a) de chefe de

⁴⁵ Parece-me que ela não evolui, ainda há os mesmo estereótipos do homem machista. (André)

família. Mário afirma: *“Non, il n’y a pas de chef de famille. Mon épouse exploite son salon et y gagne sa vie. Moi je suis à la retraite. Mais j’ai aussi travaillé et...”*⁴⁶ (Mário). Já Reis, mesmo sendo o único que trabalha e contribui financeiramente para as despesas da família, afirma ter sido esta uma decisão tomada em conjunto, pois sua esposa está fazendo a pós-graduação. Afirma ser a única coisa que faz sozinho e que, com exceção do fato de ele ser o único a contribuir com o dinheiro da casa, nada é decidido na família sem ser em comum acordo e acha que um casal não pode funcionar bem se somente um tomar as decisões.

Ma famille actuelle? **Non**. On est en situation que **ma femme étudie et moi je travaille**. C’est clair qu’au niveau de l’argent c’est moi qui amène de l’argent. Mais **on a décidé ça que l’argent de la famille est pour les deux** de la même manière même si **c’est difficile pour elle qu’elle n’a pas son propre travail** et qu’on va devoir partager. Mais **à part l’argent on prend toutes les décisions ensemble**. Un couple **ne peut pas bien fonctionner quand c’est une seule personne qui prend les décisions et l’autre doit tout accepter**. (Reis)

Percebe-se, em todas as falas, como gradualmente a sociedade sofreu modificações ao longo do tempo. Quando, por exemplo, em sua forma singular de falar sobre a mulher Mike diz que agora a mulher tem mais diversão e que toda a diversão não fica só para o homem, que pode sair mais e que não serve só para ter filhos, isto leva a perceber uma mulher com mais agência, mais ativa. No discurso de Pierre, as mudanças são assinaladas com mais foco temporal, ao falar como suas duas avós trabalhavam e como a II Grande Guerra levou a perceber a mulher como ser atuante; como seus pais, para se dedicar mais aos filhos, só trabalhavam 75% cada um, e como isso mudou em seu casamento também, ao ser o único que trabalha, por terem optado por uma vida e um casamento “fora das normas” atuais, como ele mesmo chama, tendo percebido nas três gerações configurações e reconfigurações da família. Na família de André uma das avós também trabalhava e sua mãe acumulava as tarefas domésticas e dois empregos, o que ele assinala como negativo nessa mudança, pois acredita que ainda muito precisa ser mudado para que a sobrecarga da dupla jornada de trabalho não pese tanto na mulher. Reis aponta para a diferença da presença dos homens na vida dos filhos como sendo

⁴⁶ Não, não há um chefe de família. Minha esposa tem um salão de cabeleireiro e ganha a sua vida. Eu estou aposentado. Mas também trabalhei... (Mário)

positiva e não punitiva, além das tarefas domésticas não serem mais uma função única da mulher.

Nesta mesma linha de pensamento, Ken diz ser mais “dono de casa” do que sua esposa, e que, se necessário for, ficará em casa para tomar conta dos filhos, quando os tiverem, pois considera que sua esposa tem mais características ditas “masculinas” do que ele. Assim, os papéis que eram vistos como naturalizados no homem e na mulher são percebidos, aqui, como invertidos, socialmente construídos.

A esse novo homem mais participativo que se percebe nas falas, principalmente de Ken, Elisabeth Badinter (1993) chama de “homem reconciliado”. Ou seja, um homem que emerge do cessar de oposição entre o masculino e o feminino, da sintonia encontrada entre homem e mulher, e para isso o homem precisa estar reconciliado com ele mesmo. Essa reconciliação pode ser encontrada no androginato, mas é preciso não incorrer no erro de acreditar ser um androginato físico ou uma efeminação, e sim, um androginato humano, uma mistura de ambos – homem e mulher. Todavia, esta mistura está relacionada às qualidades do homem e da mulher, definidas como femininas e masculinas, e não a quaisquer características sexuais, o que faz do androginato uma mistura de ambos, não significando ser dotado de ambos os sexos, como se percebe no discurso de Ken em relação a ele e sua esposa.

Passar-se-á, agora, a abordar um tema que tem sido alvo de discussões e debates em várias áreas acadêmicas e organizações de direitos humanos, a saber, os direitos paternais, ao longo deste trabalho, percebidos como um ponto de conflito nas falas dos perquiridos. Ora, se há conflito, há relações de poder em causa entre os envolvidos como afirma Gilberto Velho (2006). Isso porque o conflito é percebido como o ponto central das relações de poder.

3.5 Paternidade e suas significações: “não são necessariamente as mulheres que são emocionalmente mais próximas dos filhos... Depende das famílias”

Muito se tem abordado sobre a “crise masculina” (ARILHA et al., 2001; ASTRACHAN, 1989; BADINTER, 1993; CALDAS, 1997; BOECHAT, 1997; GOLDENBERG, 2000; NEVES, 1986) na atualidade, em como ocorreram as mudanças na sociedade e, conseqüentemente, na família, a partir da revolução feminina que desestabilizou as estruturas masculinas. Catherine Serrurier (1996) é uma das pesquisadoras que estudou a visão do homem na atualidade e como eles se sentem desestabilizados como homens e pais de família, face às novas estruturas familiares advindas das conquistas no espaço público e privado, pelas mulheres. Um dos aspectos que Serrurier mostra é como os homens se sentem inúteis, por ocasião dos divórcios e quando se veem obrigados a um acerto de contas em que têm que pagar caro para ter acesso a seus filhos. Algumas mulheres usam as crianças para punir o homem por todos os seus erros ou mesmo pelos supostos erros cometidos. Mas, o que os deixa completamente impotentes é a constatação de que está em poder da mulher o controle da maternidade, da contracepção e do aborto. Outro meio que a mulher encontrou para mostrar a inutilidade do homem –e bastante acalorada pelos discursos feministas –, é a maternidade solitária, também chamada de “produção independente”, além de terem descoberto como pressionar os homens pela paternidade. As conseqüências desse ato nem sempre são pensadas devidamente. Ao privar o homem da paternidade com a desculpa de acabar com a opressão, as mulheres, em vez de lhe cortar as unhas, cortam-lhe as mãos.

Rosely Gomes Costa (1998) apresenta uma visão de como as concepções de masculinidade advêm da paternidade, a partir dos discursos por ela analisados na mídia, em conseqüência da clonagem da ovelha Dolly. O fato é que a clonagem da Dolly, e, mais tarde, o nascimento de seu bebê por vias “normais”, acabou provocando uma discussão sobre o que aconteceria com o homem caso se começasse a clonar seres humanos, mais precisamente se as mulheres

começassem a se clonar para terem seus filhos. Um desses discursos a respeito, apontado por Costa, foi de José Sarney:

Dolly, essa ovelha britânica, joga por terra esse sonho do homem, desde Adão até Tarzã, rei da natureza. O homem agora não serve para nada: ele é dispensável para reprodução, obra só de mulheres. Agora virá o homem homogêneo, apenas numerado. As campanhas feministas estão vitoriosas. Acabou-se a discussão de quem vale mais, o homem ou a mulher. Fomos derrotados pelos carneiros. As mulheres poderão decidir: um mundo só de mulheres! Recusamo-nos a oferecer nossos órgãos de gestação às células do homem! E aí, o que será de nós? Fala-se em reformar a Carta das Nações Unidas para modificar os artigos referentes aos direitos do homem. Nesse caso, a palavra homem deve ser restritiva e não mais abrangente de gênero humano. E mais do que isso é necessário e urgente criar-se um movimento para defender o nosso direito de existir (In: COSTA, 1998, p. 160).

Verena Stolcke (2007a) mostra como o mundo acadêmico tampouco ficou alheio ao irresistível encanto da biotecnologia ao sinalizar como exemplo o discurso de um professor de Princeton:

Apenas nascida Dolly, Lee Silver, professor de genética molecular da Universidade de Princeton, por exemplo, anunciava, em tom presumidamente futurista, um seminário no qual se explorariam “procedimentos contemporâneos, tais como o aborto seletivo por diagnóstico genético, úteros de aluguel, mercados de espermas e de óvulos, bancos de embriões congelados e a seleção genética de bebês futuros em bancos de embriões”. Além disso, seria examinada a “evolução biológica e cultural do sexo e seu vínculo novo com a reprodução” e se estudariam também “possíveis cenários de um futuro não muito distante que abarcam a maternidade ou paternidade genética compartilhada por casais homossexuais, perfis de embriões gerados em computador à disposição de pais potenciais, e o contrato de seguro para células germinais” (p. 118).

Outros discursos foram pronunciados nessa época, mostrando como o fato de uma ovelha ter sido clonada mexia com a estabilidade e com os brios do homem. Costa (1998) mostra, ainda, que “ao polemizar a ausência do homem no processo reprodutivo, Sarney revela o lado “natural” da paternidade, cuja ausência põe em risco a própria existência dos homens” (p. 163), assim como a masculinidade parece não ser vista como essencial, porque ao ser dispensável do processo de reprodução, “*o homem não serve para mais nada*”. Costa nos dá outro exemplo de como as masculinidades são postas à prova, ao analisar os discursos de um seminário de que participou, no qual percebe dois discursos diferentes nas apresentações dos trabalhos: em um, que poderia ser designado de discurso feminista, visto que os conferencistas se apresentavam a si mesmos como tais, os

trabalhos apresentavam uma elaboração de “nova paternidade”, considerando essa maior participação do homem como um **dever**. Ou seja, exigiam uma maior participação dos homens no cuidado com os filhos e maior responsabilidade frente à reprodução, com o intuito de dividir e diminuir as responsabilidades das mulheres em relação aos filhos. O outro discurso era mais nos termos de “o novo homem” e defendia uma elaboração da “nova paternidade”, em que a maior participação dos homens era vista como um **direito** e havia um discurso de reivindicação pelo direito dos homens estarem mais próximos de seus filhos, de cuidar deles, de dar-lhes carinho e atenção. Discursos contrários, pois, de um lado se falava de uma “crise da masculinidade”, enquanto do outro de uma “solidão da paternidade”. Como contraponto a essa crise de solidão, surge um “novo pai”, mais sensível e carinhoso, com maior interação, compreensão e respeito em relação aos filhos. Como resultado desses discursos, novas tensões aparecem em relação aos riscos e avanços que a “incorporação” dos homens na arena reprodutiva traria, o que de novo fez, de um lado, as feministas considerarem que o principal poder de que as mulheres dispõem é o reprodutivo e passar a dividí-lo com os homens poderia significar uma redução de poder ou mesmo a perda de *la pièce de résistance*. Já os que defendiam o discurso do “novo homem” procuraram amenizar, ao enfatizar que

(...) o *empowerment* não deveria ser concebido de maneira hidráulica, ou seja, não se deveria partir do pressuposto de que à medida que os homens ganham poder, as mulheres o perdem, e vice-versa. A proposta trazida por esse grupo foi a idéia de *empowerment* mútuo, isto é, o ganho de poder de maneira simultânea por mulheres e homens (COSTA, 1998, p. 163).

Na Suíça, por exemplo, existem várias associações que tentam defender os direitos dos homens, como homens e pais. A criação da Coordination Romande des Organisations Paternelles (Crop), em 2007, foi uma resposta a vários movimentos realizados na Suíça francófônica pela necessidade de reforçar as ações comuns, pois, desta maneira, centralizariam as várias organizações existentes de apoio ao homem e trocariam informações entre eles, tornando-se assim mais eficientes. A Crop complementa a ação das organizações⁴⁷ que aderiram, de acordo com o

⁴⁷ A Crop coordena associações como a <[Association Suisse pour la Coparentalité](#)> (GeCoBi); <[AJCP](#)> - <[Association Jurassienne pour la Coparentalité](#)> (Canton du Jura, Jura bernois et Bienne); <[MCPF](#)> - <[Mouvement de la Condition Paternelle Fribourg](#)>; <[MCPV](#)> - <[Mouvement de la Condition Paternelle Vaud](#)>; <[PPTG](#)> - <[Père Pour Toujours Genève](#)>; <[MCPN](#)> - <[Mouvement de la Condition Paternelle Neuchâtel](#)>; <[MCPVS](#)> - <[Mouvement de la Condition Paternelle Valais](#)>.

princípio da subsidiariedade. As organizações têm um escritório próprio, com representantes de organizações-membros e organizações-convidadas (com voz, mas sem voto), bem como membros convidados pessoalmente para executar ações ou para compartilhar seus conhecimentos em vários campos. Seu trabalho consiste: a) centralização, na troca e na difusão de informações; b) na promoção da coparentalidade⁴⁸; c) nas ações de incitação (lobbying) em toda a Suíça francófona; d) na coordenação com as organizações homólogas da Suíça alemã e da Suíça italiana.

Houve necessidade de reorganização por parte de alguns homens, pois sentiam que estavam sendo lesados financeiramente, psicologicamente, e, sobretudo, nos seus direitos de pais, pois pagavam por serem pais das crianças, mas não tinham direito a uma relação de qualidade, saudável, com seus filhos, visto que estes eram usados como armas contra eles quando terminava o relacionamento afetivo-conjugal. Ou seja, os homens só tinham obrigações, não tinham direitos. Todo esse processo de tentativa de retomada do controle de suas vidas ao buscar ajuda em instituições pró-masculinidade leva a perceber a *agência e a intencionalidade* dos sujeitos em seus projetos de vida para poder fazer parte da vida de seus filhos.

Um dos fatores que me levaram a estudar este assunto foi ter escutado, quando vivia na Suíça, um dos amigos do meu marido, numa roda de amigos, comentar como era o processo de casamento e divórcio na Suíça. Segundo ele, antes de se casar, a mulher suíça calculava quanto ganharia ao se divorciar depois de um determinado número de anos e o quanto receberia se tivesse um filho, dois... Era todo um cálculo que antecipava cada casamento e, portanto, eram idiotas os homens que não fizessem contratos pré-nupciais e que não se admirava por muitos estarem se casando com mulheres da Martinica, Guadalupe ou do Brasil,⁴⁹ já que o casamento com mulheres suíças estava mais para um campo de batalha. Quando precisei fazer meu primeiro projeto de pesquisa, em uma conversa com o meu marido, foi o que primeiro me veio à mente como tema para pesquisar.

⁴⁸ A coparentalité aqui seria a divisão igual entre o pai e a mãe. Neste trabalho será apresentado como coparentalidade ou parentalidade, por falta de um melhor termo em português.

⁴⁹ Nessa época havia na mídia muitos documentários e filmes sobre os casamentos de homens franceses, e por tabela, suíços com mulheres desses países.

Rosely Gomes Costa (1998) mostra que o problema vai mais longe. A problemática não é só referente a se os homens perdem espaço como homens ou como participantes na reprodução para o doador anônimo, quando as mulheres decidem por uma produção independente, ou pela possibilidade de perda de participação na criação de seus filhos, quando ocorre uma separação. Daí seu questionamento: “Em um campo de luta pelo poder, quem formula os direitos reprodutivos masculinos? Como influenciará na definição desses direitos o fato da entrada dos homens na arena reprodutiva não só ter sido posterior ao das mulheres, como também em decorrência dos interesses delas?” (p.165).

As discussões advindas da ovelha Dolly e da possibilidade de se clonar seres humanos estabeleceram uma relação entre masculinidade e paternidade, dado que apontam uma concepção sobre masculinidade que enfoca como é importante o papel que o homem desempenha na reprodução. O que põe às claras uma reação negativa à exclusão dos homens das esferas da reprodução e da descendência.

Meu argumento é que a discussão gerada mostrou a consternação causada pela possibilidade de exclusão dos componentes considerados próprios da masculinidade: paternidade, sexualidade, descendência. Se é assim, esse processo de exclusão resultaria no esvaziamento da própria masculinidade (COSTA, 1998, p. 165).

Os homens estão se dando conta de sua desvantagem em alguns aspectos dos relacionamentos afetivo-conjugais na atualidade e, por isso, estabelecem estratégias para reequilibrar, recuperar ou mesmo estabilizar as balanças. Daí se reorganizarem, ao constituírem associações de ajuda e/ou buscar ajuda em instituições pró-masculinidade ou pró-paternidade. Estão conscientes, desde o início, por exemplo, que a mulher tem uma conexão biológica que eles nunca terão. Agora não estão só enfrentando uma relação a dois, ou seja, um jogo de poder homem versus mulher. Precisam fazer face a outras tomadas de consciência, como perceber que, nessas novas formas de procriação usadas pelas mulheres, como, por exemplo, a inseminação artificial, eles se tornam desnecessários como procriadores. A mulher pode ter o filho quando e como quiser, indo a um banco de esperma e com a possibilidade de escolha de como será o pai da criança, ou seja, com adjetivos, qualidades que a maioria dos homens não possui. Por exemplo: alto, olhos verdes, cabelo dourado, violinista, QI acima de 140 etc. Mas, neste caso, seu esperma ainda pode ser útil ou pelo menos o de alguns devidamente pré-

selecionados. Se se for em frente com a clonagem, nem para isso serão úteis, o que não deixa de ser um cenário assustador para alguns homens, visto que gera uma nova problemática em relação aos médicos, que se tornam “pais substitutos”, ou, pelo menos, são vistos como tais em muitos discursos, pois são quem fazem os procedimentos para que a mulher se torne mãe. É o médico que transforma a mulher em mãe e, dessa maneira, se torna o pai substituto? Mas, vejamos a percepção dos homens aqui perquiridos a respeito de como homens e mulheres amam seus filhos e à importância do homem na vida dos filhos.

Mike considera que homens e mulheres são felizes igualmente e demonstra isso ao dizer que o homem é feliz de ter filhos e de vê-los evoluir de maneira positiva e que para a mulher é a mesma coisa:

Je pense que l’homme est heureux d’avoir des enfants et de les voir grandir et évoluer positivement. Je pense que pour la femme, c’est la même chose. Après des enfants **il est aussi le support.** Peut-être un peu **spécialement dans notre famille par rapport à l’école et les choses-là.** Comme **Lôtus ne parle pas très bien le français, quand les enfants ont des problèmes à l’école, chez nous c’est moi qui m’occupe de les aider.** (Mike)

No entanto, se percebe como o maior suporte dos filhos, principalmente, em relação a coisas como a escola, já que sua esposa não fala suficientemente o francês.⁵⁰ Por outro lado, Pierre aponta como a ausência dele em casa, por causa do trabalho, o faz sentir que tem que se esforçar mais quando está em casa, pois seus filhos reclamam de sua ausência. Ele percebe isso quando chega em casa e seus os o abordam, querendo sua atenção:

Le fait que le père ne soit pas à la maison tous les jours à cause des heures de travail fait qu’on doit encore donner plus de temps quand on est là. Dans notre cas ici, **les enfants réclament l’absence du père à la maison.** Quand je rentre par exemple et dès que la porte s’ouvre ils commencent tous par m’aborder et je sens à travers la réponse du père. **Il y a donc ce besoin de parler.** Et **la femme me fait remarquer beaucoup de choses** peut-être parce que **les femmes se rendent peut être plus compte de ces choses.** (Pierre)

Admite que sua esposa o adverte sobre várias coisas e que ela percebe melhor o que se passa, pois está mais tempo em casa com os filhos do que ele.

⁵⁰ Mike e Lôtus são casados há 23 anos e ela já vivia em Genebra antes do casamento, mas ainda se comunica com muita dificuldade em francês. Seu marido e filhos falam inglês em casa, o que torna o aprendizado mais difícil ainda, deixando-a muito dependente do marido para tudo, até para decisões sobre os filhos em assuntos escolares.

Tanto Lôtus, esposa de Mike, como Patrícia, a de Pierre, não trabalham fora de casa, embora Patrícia tenha uma atividade artística que lhe permite trabalhar em casa.

Reis faz suas considerações sobre as diferentes formas de homens e mulheres amarem, baseado na vivência de amigos e em suas próprias, e considera que não forçosamente as mulheres são emocionalmente mais próximas dos filhos do que os homens, que tudo depende de cada família.

Oui de manière générale c'est difficile à dire. Je pense un peu à des amis, des vécus personnels. **Ce n'est pas forcément les femmes qui sont émotionnellement plus proche des enfants que les hommes.** Ça dépend des familles. Après il **y a quand même cette liaison biologique entre les femmes et les enfants** parce que c'est elle qui les accouche, cela ne va jamais changer et **il faut accepter.** Souvent ça peut influencer que l'enfant soit plus proche de la mère que le père. En plus si le père passe beaucoup de temps au travail et pas avec la famille, ça renforce cette liaison entre la mère et les enfants. Il a ce rôle d'exemple et d'éducation. Même si il ne passe pas autant de temps que la femme, **il doit aussi participer à l'éducation des enfants.** Il doit être là et **donner un cadre clair aux enfants pour qu'ils puissent se développer.** Il va être **pas être là juste pour faire des choses super sympa** ou des choses de **diversion** ou que pour devoir **punir** mais **il doit faire partie intégrante des personnes qui sont là pour éduquer l'enfant,** pour prendre ensemble avec la maman des décisions par rapport aux enfants. (Reis)

No entanto, tem noção da ligação biológica que as mulheres possuem com as crianças, o que tem de aceitar. Considera que possivelmente influencia uma maior proximidade da criança com a mãe, além do fato do homem passar mais tempo fora, a trabalho, e menos com a família. No entanto, ele considera que o homem deve participar da educação das crianças, dar um quadro claro, ou seja, uma educação para que melhor se desenvolvam e não ser somente o cara que faz coisas simpáticas, diversão ou só para punir. Reis assinala que é importante para o homem ser um membro integrante da família, aquele que faz parte da educação das crianças e participa da tomada de decisões, juntamente com a mãe.

No caso de André, como não tem filhos se acha numa posição em que não pode falar por experiência própria, mas como os quatro filhos de sua esposa vivem com eles arrisca-se a dizer que homens e mulheres com “certeza não” amam da mesma maneira seus filhos pelo fato da mulher dar à luz, carregá-los em seu ventre; o homem não os teve nem sentiu o sofrimento de os ter.

Certainement pas! Je suis mal placé pour répondre puisque **je n'ai pas eu d'enfants**. Il y en a quatre qui vivent ici dont deux à temps partiel. Je pense que **le fait que la femme enfante ses enfants, qu'elle les sorte de son ventre, change la relation qui s'écoule toutes les années qui suivent derrière**. L'homme ne les a pas fait, n'a pas souffert pour les faire donc à mon avis il ne peut pas percevoir la même chose. **Ce qui ne veut pas dire qu'ils ne les aiment pas tous les deux**. D'une manière générale, **la perception par le fait que l'homme n'a pas enfanté ne peut pas être la même**. (André)

A seu ver, o homem não pode sentir da mesma maneira que a mulher, o que muda toda a relação em seguida. Ou seja, para André, não tem como competir com o laço biológico que a mãe tem com a criança e vice-versa. Mário também considera que não é a mesma coisa, ou seja, homens e mulheres amam diferentemente seus filhos e vice-versa, pois acredita que há maior facilidade de compartilhar com a mãe que com o pai, mas acredita que o papel do pai é o de fazer reinar a ordem na família mas, diplomaticamente, pois não se bate em crianças, mas é preciso fazer-se respeitar como chefe.

Non ce n'est pas les mêmes choses. Il y a une différence entre mon père et moi. **Avec sa propre mère, on a plus de facilités à échanger, à agacer qu'avec le père**. Actuellement, **le rôle du père c'est de faire régner l'ordre entre sa famille tout en étant diplomate**. Ce n'est plus l'époque où **on tape les enfants**. Il faut **qu'il les fasse respecter que c'est lui le chef**. (Mário)

Embora Mário tenha considerado que não havia chefe de família, quando falou dele e de sua esposa, em relação às crianças deixa claro que elas precisam respeitá-lo como chefe. A hierarquia, aqui estabelecida, é em relação aos pais e filhos. Thyago também não pensa que homens e mulheres possam sentir da mesma maneira. Acredita ser diferente, pois as coisas se passam diferentemente, é a mulher que vai carregar a criança em seu corpo, que tem uma relação que ele não poderia nunca ter com a criança.

Para Thyago, mesmo que o homem ame a criança, há percepções e sensibilidades diferentes entre homens e mulheres:

Non je ne pense pas. Je pense qu'au niveau du ressenti, mon désir d'avoir un enfant par rapport à celui de ma femme d'avoir un enfant (c'est personnel, d'autres peuvent penser différemment) **est différent dans le sens où la chose se passe différemment; c'est elle qui va le porter pendant neuf mois dans son corps, qui va avoir une relation complètement différente de ce que moi je pourrais avoir avec cet enfant**. J'imagine qu'il y a des perceptions et des sensibilités différentes entre un homme et une femme par rapport à leur enfant. **L'homme va**

aimer son enfant bien évidemment mais la relation va être complètement différente, j'imagine, par rapport à une femme. (Thyago)

Há uma compreensão da maioria dos homens no que se refere à relação da mulher com a criança como naturalizada, o que faz refletir como a imagem ocidental da mulher essencialmente mãe está associada à hegemonia determinista biológica. Esta concepção da mulher, percebida por suas capacidades procriadoras,

(...) insere-se em um entorno ideológico no qual as estruturas de poder típicas da sociedade liberal de classes são neutralizadas politicamente, sendo interpretadas como dados da natureza, em um contexto do saber no qual a natureza é entendida como a fonte última da verdade. O paradoxo central do liberalismo moderno consiste precisamente em que, quanto mais se exalta a unidade humana, a igualdade de oportunidades e a liberdade dos indivíduos, tanto mais é acentuada a suposta natureza das múltiplas desigualdades sociais, que são atribuídas a diferenças biológicas reais ou inventadas (STOLCKE, 2007a: p.135).

A Antropologia já mostrou que o conceito do que é natural diverge de cultura para cultura, o que o torna bastante relativo. A sociedade moderna ocidental tem uma visão bastante particular da esfera da natureza ou, melhor dizendo, do que é naturalmente determinado, inato, do que é compreendido como concepção humana em sociedade, como se abordasse duas formas distintas da experiência humana. A despeito dos processos biológicos de procriação e do diferente papel que mulher e homem neles exercem, por serem naturais, se tornam universais, as percepções de maternidade e paternidade associadas com as percepções sobre a concepção levam a um resultado culturalmente variável. O feminismo, com sua forma analítica distinta entre sexo e gênero, resultou proveitoso, dado que serviu, exatamente, para desmistificar as racionalizações biologistas de sistemas de poder e de hierarquia de gênero de cunho histórico. A dissociação do natural – e, por conseguinte, do universal e do invariável – das ordens simbólicas enraizadas na cultura – e, assim sendo, variáveis – abriu a possibilidade para a imensa heterogeneidade histórico-cultural dos sistemas simbólicos de gênero. Embora na sociedade de classes as mudanças não tenham sido significativas em seu ímo, a revolução sexual e os meios de contracepção arrasaram, em muitos países desenvolvidos, com o intrincado meio de controle sobre o corpo das mulheres, enquanto a família dita tradicional, ou seja, papai, mamãe e filhos numa casinha com uma cerca branca, desaparece a olhos vistos. A maior competitividade e o individualismo em nossa sociedade fragmentada pela divisão do trabalho e reorganizada em uma infinidade de funções hierárquicas

fazem com que o mérito e a função individuais sejam fundamentados na posição social isso devido à importância que se atribui à atuação pessoal, ao lugar dado ao indivíduo na divisão do trabalho social; e as disparidades sociais se impõem, de maneira um tanto distorcida, aos dotes naturais. Os determinismos genéticos atuais são um exemplo vivo⁵¹.

3.6 “Eu não faço diferenças entre o homem e a mulher. Eu não sou tão tapado assim”

Frente a essa exposição, vale tecer algumas considerações sobre como estes homens suíços se percebem como homens. É perceptível um certo distanciamento em como os homens se identificam ou não como homens, uma certa ambivalência no modo como se percebem como parte da sociedade e como homens nessa sociedade. Seus discursos são diferenciados. Variam entre a forte posição do homem como cabeça, “pilar” da casa, à igualdade total nas decisões, passando pela complementariedade e chegando ao reconhecimento de não terem a mínima ideia do que seria ser homem, com assinalaram André, ao dizer: “**Comme ça je ne peux pas vous dire**”⁵² (André) e Thyago que simplesmente disse: “**Je ne sais pas**”⁵³ (Thyago).

O caso de Mike foi diferente: durante toda a entrevista tomou a frente, mesmo quando me dirigia à sua esposa. Com todos os outros entrevistados falei com a esposa primeiro e só depois de as ter entrevistado pude falar com seus maridos. No caso de Mike, ele tomou a frente desde o início, quis saber do que se tratava, aceitou fazer a entrevista e comunicou à esposa do que se tratava. Assim, para Mike, “**Un homme c’est le pilier de la famille. En principe c’est lui qui va travailler et qui ramène le nécessaire à la maison pour pouvoir vivre.**”⁵⁴ (Mike) Não havia

⁵¹ Sobre o determinismo genético ver STOLCKE, Verena, 2007b.

⁵² Assim de repente, eu não saberia dizer-vos. (André)

⁵³ Eu não sei. (Thyago)

⁵⁴ Um homem é o pilar da família. Em princípio, é ele que vai trabalhar e que traz o necessário para casa para sobreviverem. (Mike)

hesitação em todas as suas falas quando dizia que o casal só pode dar certo com o homem sendo homem e a mulher sendo mulher, ou seja, a mulher em casa e o homem trabalhando.

Ken, Luíz e Mário pontuam a diferença entre o que era e o que é. Para eles, ser homem é assinalado se referindo ao que era antes, ou seja, o homem “ganhava”, “trazia” o dinheiro para casa. Para Ken, agora o casamento é mais aberto, menos estrito, para Luíz é a complementariedade e, para Mário, a mulher atualmente é independente e não se quer deixar “esmagar” face ao homem, como se ele fosse o ideólogo.

Là, l'homme **gagnait** l'argent, la femme travaillait dans la cuisine. **C'était une stricte séparation**. Maintenant ça a commencé à être mélangé. C'est **plus ouvert**. C'est **moins strict**. Ce n'est pas dit que l'homme doit faire ceci et la femme cela. (Ken)

Avant l'homme **apportait** de l'argent à la famille. Il offrait de la sécurité. Aujourd'hui c'est la **complémentarité**. (Luíz)

Il y a beaucoup entre aujourd'hui et les temps de nos parents et grands-parents. L'homme travaillait et **ramenée** de l'argent. Maintenant les deux travaillent. La femme du moment qu'elle travaille, qu'elle se sent assez **indépendante, elle ne veut pas s'écraser devant l'homme** apparemment comme si c'était l'homme cet idéologue. (Mário)

Por outro lado, a reação de Ken quando lhe perguntei o que era ser homem foi quase de ofensa, quando respondeu que não fazia realmente diferença entre um e outro e que “não era tão “tapado” da cabeça”, acho que essa seria a expressão adequada. “*Je ne fais pas vraiment de différence entre un homme et une femme. Je ne suis pas si coincé dans la tête.*”⁵⁵ (Ken)

Podemos perceber, em suas falas, que Mike tem uma visão bem definida do que é ser homem. Para ele, os papéis não se confundem. Ele é o homem da família, o que trabalha, provê, aconselha e direciona quando e porque a sua mulher não o pode. Conheci-o à porta de sua igreja, que frequenta duas vezes por semana, regularmente. Para ele, ser homem é ser o pilar da família. Reis, por outro lado, faz um paralelo acerca do que é ser homem, sobre o que percebe ser homem para os outros homens, destacando ser exatamente o que os homens não são, se percebe menos competitivo do que os outros homens, mas destaca que o que percebe nos outros homens “é uma *imagem* de força (...) é uma *imagem* masculina”. Thyago e

⁵⁵ Eu não faço diferenças entre o homem e a mulher. Eu não sou tão tapado assim. (Ken)

André afirmam não ter a noção do que possa ser um homem nos dias atuais ou não souberam expressar que é ser homem. No caso de André, tive a nítida impressão de que, se tivesse dado a resposta, esta teria sido muito íntima. Assim, ele meio que fugiu da resposta, embora tenha respondido, mais tarde, em relação ao “lugar do homem” na sociedade. Ken, Luíz e Mário não deram uma definição de homem, se referindo a eles mesmos como homens, como seres humanos, mas se referindo à relação marital em si – complementariedade; menos estrito e onde os papéis não são definidos, pois não é dado a um ou a outro um papel específico, ou, se referindo à mulher – independente. No entanto, apontam para o que era, no passado, ser homem, ou seja, o provedor, o que trazia o sustento para casa. E, em um dado momento, Ken afirma que “*C’était une stricte séparation*”.⁵⁶ (Ken)

Sem dúvida, há sujeitos que podem incorporar a cultura em que vivem, ou seja, a cultura dominante e, com certeza, existem sujeitos culturais e sociais que foram ou se sentem totalmente sujeitados tanto à cultura como ao cônjuge mas, de um modo geral, o despoderamento não é algo que funcione continuamente, pois sempre existem contracorrentes, mesmo que subjetivas, que fazem com que o sujeito se mostre como agente. E isso é percebido nas falas dos sujeitos entrevistados, que não só estão conscientes de que o mundo ainda é machista e muito ainda há a ser mudado, como têm uma percepção de casamento como uma instituição em que as decisões devem ser tomadas em conjunto, como acontecia desde os tempos de seus avós.

No capítulo II, *O matrimônio transpondo fronteiras*, foi visto que a migração é uma realidade em nossos dias, o mundo está em movimento constante. Hoje estamos aqui, mas podemos estar, em algumas horas, em um outro país, em um outro continente, pois o tempo e o espaço foram encurtados pela tecnologia, pela mídia e pelo fácil acesso aos meios de transporte, devido ao barateamento das passagens. No entanto, nem todas as movimentações de massa ou, melhor dizendo, os fluxos migratórios, são voluntários, pois podem ser provocados por guerras, fome, catástrofes naturais, entre outras situações. Nessas migrações, pode-se perceber que houve um grande aumento do fluxo migratório das mulheres, sobretudo das dos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos e, neste estudo específico, para a Suíça, o que se tornou, obviamente, um facilitador

⁵⁶ Era uma separação estrita. (Ken)

do encontro dos sujeitos desta pesquisa, a saber, homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento, em uma relação afetivo-conjugal intercultural.

No entanto, algo mais foi constatado no capítulo II. As mulheres suíças estão se dedicando cada vez mais às suas profissões, se casando menos, tendo menos filhos, casando cada vez mais tarde, devido, por exemplo, à maior dedicação ao trabalho; e a taxa de natalidade está aumentando entre mulheres viúvas, divorciadas e solteiras, na faixa etária acima de 30 anos. Ou seja, as mulheres estão tendo cada vez menos filhos como mulheres casadas e cada vez mais como “produção independente” e o aumento dos divórcios demonstra um descontentamento nas relações estabelecidas e tidas como duradouras. Esses fatos também podem ser percebidos nos países circunvizinhos, como mostram os dados analisados.

Contudo, embora as mulheres suíças se casem cada vez menos, os homens suíços, em contrapartida, se casam mais, e isso se deve ao fato de estarem casando com mulheres dos países em desenvolvimento, como mostram os dados sociodemográficos e estatísticos analisados. Outro fator que os dados estatísticos revelam é que, mesmo a Suíça sendo um país com fronteiras com outros cinco países e tendo uma política de trabalho de cooperação transfronteiriça, o que facilita o contato intercultural e, deste modo, também os casamentos interculturais entre pessoas desses países, não é entre eles que acontece a maior porcentagem dos casamentos interculturais e, sim, com os em desenvolvimento ou com os latinos, como Portugal e Espanha. Isso se dá porque os países circunvizinhos apresentam as mesmas características femininas que a Suíça. Os dados estatísticos revelam ainda que há um conflito nessas mudanças na vida familiar suíça, visto que este é um dos sinais de necessidade de mudanças e estas mudanças são um reflexo de que há jogos de poder em ação e podem surgir de formas variadas como fraturas sociais, culturais ou mesmo individuais, como se percebe aqui.

Igualmente, velhas hierarquias são colocadas em questão em um mundo globalizado com fronteiras dissolvidas, levantando questionamentos sobre identidades individuais, sociais e culturais e, desta forma, a do “outro” com quem interagem. Daí, surgem conflitos como, por exemplo, as relações desiguais dos gêneros, levando as mulheres a se recusarem a continuar sendo tratadas como Mike finamente expõe, ou seja, como procriadoras, donas de casa, seres sem capacidade de ir além de sua própria cozinha. Um incentivo para a luta visando exercer seus

direitos como cidadãs e parte crucial na constituição da sociedade em que vivem. Mas, para atingir seus novos objetivos, as mulheres precisaram colocar de lado ou pelo menos prorrogar seus planos de constituir família, de se casar ou deter filhos, o que não deixa de provocar um outro conflito, pois os homens suíços, para constituir família, estão buscando alhures outras mulheres, reconfigurando a constituição da família suíça.

Assim, pode-se perceber, nos recursos dos homens ao, por exemplo, constituírem instituições de proteção à paternidade ou aos direitos do masculino, o desejo de preservar sua identidade masculina, ou identidades masculinas, assim como de autoconstrução de identidade nos mesmos termos que Castells (2002) menciona em relação às mulheres, quando afirma que a autoconstrução da identidade é uma afirmação de poder pela qual os sujeitos se mobilizam para mudar de como são para como querem ser e não pode ser percebida como a expressão de uma essência, dado que reivindicar uma identidade é construir poder.

Consequentemente, com o desenvolvimento, na sociedade ocidental, de valores mais individualistas, as hierarquias passaram a ser reconfiguradas, deixando de ser pensadas como algo natural entre o masculino e o feminino e, desta forma, também da família. O “como” e o “onde”, mudanças percebidas na sociedade e na família, serão abordados no capítulo a seguir, *Ressignificações na sociedade, na família e no casamento*.

4 RESSIGNIFICAÇÕES NA SOCIEDADE, NA FAMÍLIA E NO CASAMENTO

“Aquilo que significa a suprema felicidade para o indivíduo
deve ser considerado um fator básico no estudo
científico da sociedade humana”
Bronislaw Malinowski

Aventar as famílias e, nesse caso específico, a família na Suíça, é observar a sua formação, a sua composição e respectivas alterações, ou seja, vincular dados estatísticos dos sujeitos para trazer à tona certos fenômenos e identificar tendências atuais. Todo mundo nasce e morre; alguns se casam e iniciam uma família e essas fases da vida formam o que é chamado de eventos demográficos individuais. No primeiro e segundo capítulos, além dos dados sobre o aumento da migração e, particularmente, da migração feminina global, especialmente para a Suíça, de como a configuração da sociedade, da família e da mulher suíça estava mudando, procurou-se também mostrar, através dos dados estatísticos, que os casamentos interculturais efetivamente estão aumentando. Neste momento, a abordagem procurará apreender a percepção dos homens suíços acerca da família e do casamento em suas próprias vivências.

Como cada capítulo aborda diferentes temas – o primeiro diz respeito mais diretamente à migração, ao aumento da migração feminina global e, mais especificamente, ao aumento da migração feminina para a Suíça, o segundo às mudanças na sociedade e na constituição da família suíça e ao aumento de casamentos interculturais, o terceiro aborda o masculino e o presente capítulo se refere à família e ao casamento –, assim, primeiramente serão apresentadas as leituras que direcionaram as análises e as discussões para, então, abordar as falas dos sujeitos da pesquisa.

Durante séculos, os papéis do homem e da mulher estiveram bem delimitados na ordem das estruturas sociais, sem que nenhuma contestação fosse feita acerca da hierarquia de poder e valor claramente encontrada na figura do macho (falocracia). O homem se apresentava como o chefe da casa – portanto, o senhor natural das relações decisórias sobre os destinos da prole e da propriedade –, bem como o provedor do alimento e responsável pela estabilidade e segurança dos seus.

À mulher, por outro lado, cabia a responsabilidade de gerar as futuras gerações, sua educação e a administração e manutenção da casa. Esse estado de coisas arrastou consigo um processo de embotamento da condição da mulher e do lugar de importância do feminino na estruturação da vida social, durante muito tempo.

Entretanto, do ponto de vista histórico, com a primeira e, principalmente, a Segunda Grande Guerra Mundial, houve uma escassez de mão de obra pelo fato de os homens serem enviados para a guerra, tornando-se necessário usar as mulheres como substitutas. Desta maneira, a mulher passou a ter mais consciência de seu potencial como cidadã, como parte importante na construção da sociedade e não somente como “dona de casa”. Na verdade, mais que isso, fez com que parte da geração feminina se tornasse bem mais perceptiva quanto às suas possibilidades de conquistas, realização pessoal e participação na sociedade.

Após terem conseguido um certo espaço de autonomia e respeitabilidade na sociedade atual, sem dúvida algumas mulheres manifestam um certo receio de serem esmagadas pela concorrência com os homens e seus modelos de gerenciamento das relações institucionalizadas (SERRURIER, 1996), pautadas, ainda, numa hierarquia que favorece mais os homens. Desse modo, muitas mulheres euro-americanas preferiram concentrar-se, cada vez mais, em suas carreiras profissionais e, com isso, acabaram perdendo espaço para construir um relacionamento afetivo-conjugal ou o delegam para mais tarde, não querendo ser vistas como vulneráveis, carentes, dependentes, sob o risco de perderem, com isso, a liberdade tão duramente conseguida (BADINTER, 1993; GOLDENBERG, 2000; SERRURIER, 1996).

Desta maneira, nas novas formas enquanto casais, homens e mulheres desenvolveram aspirações de autonomia e projetos de vida muitas vezes divergentes, o que desestabilizou o formato de casamento e de família, marcado pela dicotomia de papéis, que era típica das sociedades modernas. Com isso, e também devido à multiplicidade de seus papéis nas esferas públicas e privadas, a identidade feminina fragmentou-se pelas transformações e situações de vida diversificada e em constante mudança, ou seja, as escolhas e decisões de homens e mulheres em relação à vida afetivo-sexual tornaram-se flexíveis e plurais (VAITSMAN, 1994), não obedecendo mais aos antigos padrões.

Richard Sennett (2010) mostra um aspecto da sociedade euro-americanas atual em que se tornou necessário ser flexível. Ou seja, para conseguir o sucesso profissional, na atualidade, é preciso tornar-se flexível, o que acarreta um custo para a sociedade ocidental e seus indivíduos, visto que, embora se tenha conseguido grandes avanços e benefícios tecnológicos, isso afeta as inter-relações familiares. A flexibilidade designa a capacidade do ser humano de se adaptar a todas as mudanças à sua volta, sem se deixar abalar pela instabilidade das situações variadas que possam advir.

No decorrer de sua pesquisa, Sennett nos dá o exemplo de um pai de família, Rico, que sabe que é um homem bem sucedido, mas também tem consciência de que está confuso, pois o comportamento flexível que lhe trouxe o sucesso está enfraquecendo seu caráter de modo irreversível. A ênfase no lema: “*Não há longo prazo*” e ser “*flexível*” enfraquece a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. No entanto, os verdadeiros “vencedores” em nossa sociedade não deveriam sofrer com a fragmentação, mas, ao contrário, sentir-se estimulados a trabalhar em muitas frentes diferentes, o que não acontecia com Rico, pois sofria com os deslocamentos sociais que acompanhavam o seu sucesso. As grandes preocupações de Rico dizem respeito ao modo como foi educado. Seu pai sempre usava seu trabalho como exemplo para lhe transmitir senso de responsabilidade e princípios éticos básicos para viver em sociedade. E, embora se revoltasse com a maneira como o pai usava seu trabalho para exemplificar tudo, deu-se conta de que não podia oferecer a seus filhos a substância de sua vida de trabalho como exemplo para inculcar-lhes princípios morais ou ensiná-los a se conduzir eticamente. Seu trabalho, ao contrário do de seu pai, que passou toda a vida no mesmo emprego, exigia muita mobilidade e flexibilidade. O trabalho de sua esposa também. Assim, quando não se mudavam devido às exigências do trabalho de um, mudavam-se pelas exigências do trabalho do outro. Se aplicarmos a questão do “*não há longo prazo*” para a família teremos constantes mudanças, falta de compromisso e recusa a se consagrar. Isto se torna o ponto de preocupação de Rico, pois vê a família como algo em que deve haver “obrigação formal, confiança, compromisso mútuo e senso de objetivo, ao contrário dos valores de camaleão”. (SENNETT, 2010: p. 27)

Concordemente, Pierre Bourdieu (1998) alerta: “(...) constata-se claramente que a precariedade está hoje por toda a parte (...)” e que “a insegurança objetiva

funda uma insegurança subjetiva generalizada (...)” (p. 72, 73). Além disso, a precariedade afeta todos os sujeitos a ela expostos e indiretamente todos os outros, fazendo do futuro uma incerteza. Isto porque a precariedade acarreta a descrença e a desesperança, tornando o futuro intolerável por ser impossível qualquer antecipação racional, ou seja, pelo temor que ela suscita e que é sistematicamente cultivado pelas estratégias de precarização, como, por exemplo, a tão falada flexibilidade.

Ainda nessa linha de pensamento, David Harvey (2002) aponta como a representação do pós-modernismo parece estar sujeita, para se validar, a um modo bem singular de experimentar, interpretar e ser no mundo e as modificações sociais de que fala, embora pareçam restritas a um terreno de competitividade mercadológica, trazem à luz consequências para outras dimensões da vida social. Harvey lembra que:

A dinâmica da sociedade significa mais do que jogar fora bens produzidos; significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. (...) Por intermédio desses mecanismos (altamente eficazes da perspectiva da aceleração do giro de bens no consumo), as pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea (2002, p. 258).

O autor informa como os períodos de produção e de consumo estão cada vez mais acelerados, o que leva a exacerbar sensações como a volatilidade e a efemeridade, havendo uma enorme propensão para que costumes e pensamentos acabem em desuso e sejam substituídos por um incontrolável gosto pelo novo, quanto a modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias, ideologias, valores e práticas estabelecidas. Esse cenário apadrinha o que Harvey descreve como uma insegurança da dinâmica temporal, em que o sujeito cria mecanismos de defesa e fica obrigado a lidar com um sentido de compressão, experiência que o desafia, estimula, perturba e também provoca uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas. Assim, a volatilidade transforma qualquer gênero de planejamento em um projeto difícil de ser realizado, mas se percebe que hoje em dia é tão importante ser flexível como aprender a lidar com a volatilidade, o que vem a significar uma enorme capacidade de adaptação às mudanças.

Deste modo, quando Harvey (2002) fala sobre como a construção de novos sistemas de signos e imagens constitui em si mesma um aspecto importante da

condição pós-moderna e que esta leva a questões mais profundas de significado e interpretação, é possível perceber, como reação, o sujeito buscando novas formas de atuar, ou seja, quanto maior a efemeridade, tanto maior a necessidade de se descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir. Outro ponto percebido é a volta do interesse por instituições como a família, além da busca por raízes históricas, mostrando o desejo por hábitos mais seguros, estáveis e valores mais duradouros em um mundo volátil e efêmero como este em que vivemos. Isto é mostrado por Pierre, um dos perquiridos, quando diz como a família é de suma importância para ele, assim como o casamento, no caso de se querer ter filhos, pois vê que, ao tornar o casamento oficial, se fecha o círculo da família. Para Pierre, só o fato de estarem todos juntos sentados em volta da mesa à noite, como família, já é importante, fundamental, e não a compreende de outra maneira.

Pour moi, **c'est quelque chose de très important, au niveau de la stabilité.** C'est-à-dire **pour moi, sans avoir d'enfants, il n'y a pas forcément de raison de se marier.** Je n'ai pas ce côté-là. Au moment où **on commence par fonder une famille avec des enfants, c'est important que le mariage se fasse à ce niveau-là pour former vraiment et officiellement ce cercle de famille.** Et pour moi, la famille c'est important typiquement le soir. **On n'imagine pas ne pas manger tous ensemble à table. Le fait d'être tous ensemble à table, c'est très important.** On ne va pas commencer à voir un qui mange à un moment, un autre à un autre moment; il faut qu'on puisse **se retrouver tous ensemble. C'est dans ce sens-là que la partie famille est importante.** Aussi le fait d'être ensemble, quand il y en a un qui voyage, on attend toujours le moment que la personne revienne. C'est quelque chose de fondamental. (Pierre)

Mas, as famílias não são todas iguais. Deste modo, como bem pontua Jeni Vaitsman (1994), "(...) o que caracteriza a família e o casamento numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas". A autora acrescenta que "a inexistência de um padrão dominante, não importa a que campo social se esteja referindo, é um primeiro traço que define as tendências pós-modernas" (p. 19). Assim, como lidar com todas essas mudanças na sociedade atual que tanto afetam a vida familiar e também as relações de gênero?

É muito útil, para este trabalho, esta noção de flexibilidade, de mudança constante, de precariedade, porque parece ser exatamente disso que os sujeitos da pesquisa buscam fugir ao procurar um casamento intercultural, pois, mesmo em um mundo em constante mudança, continuam a existir, apesar de tudo, características,

formas de viver entranhadas em cada um de nós. Segundo Pierre Bourdieu (2007), a (re)produção dos gêneros e a persistência das relações de dominação de gênero são explicadas a partir do conceito de *habitus*. Assim, para o autor, o *habitus* fornece o princípio de sociação e o de individuação, onde é respectiva e simultaneamente estruturado por elementos do passado e estruturante pelas ações e representações do presente. Assim, a sociação advém do fato de que as nossas categorias de juízo e de ação, nosso modo de pensar e de agir são adquiridos em sociedade e partilhados por todos os que a ela foram submetidos em condições e condicionamentos similares; a individuação refere-se ao fato de que cada um de nós tem uma trajetória própria e, como únicos que somos no mundo, internalizamos de forma diferente o que é apreendido, o que leva cada um dos sujeitos desta pesquisa, por exemplo, mesmo estando em um relacionamento intercultural, a ter diferentes trajetórias até chegar à vivência atual.

Para Bourdieu, o conceito de gênero implica uma relação, apesar do masculino ainda ser considerado, na grande maioria das sociedades, como tendo mais valia do que o feminino. Essa é uma postura geral de mundo e se encontra presente nos corpos e nos *habitus* dos agentes, agindo como esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Assim, tanto o lugar do homem como o da mulher, bem como suas tarefas e formas de agir e de pensar, estão predeterminados e até mesmo os seus espaços de inserção social já estão padronizados. As diferenças de sexo e gênero são produto de "... um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social" (BOURDIEU, 1999, p. 9), o que transparece, por exemplo, nas falas de André, quando afirma, conforme já identificado no capítulo anterior, que é o homem que governa tudo e que, *a priori*, está longe de haver uma mudança, pois é uma questão de poder entre gêneros, em todas as escalas. Ou seja, o *habitus* está tão impregnado em nossa sociedade que ainda levará um tempo para que velhos costumes sejam completamente desconstruídos e masculino deixe de ser tomado como medida de todas as coisas. Desta forma, a subjetividade de gênero, corporificada, ou seja, estruturada internamente e expressa em posturas masculinas ou femininas (experiência individual), é continuamente realimentada e reforçada por uma organização social baseada em divisões de gênero (experiência histórica).

Contudo, Sherry B. Ortner (2007d) mostra que o ser humano não se limita a isso, pois tem capacidade de *agency*, ou seja, “a própria idéia de *agency* pressupõe uma subjetividade complexa por detrás, na qual um sujeito parcialmente internaliza, parcialmente reflete sobre – e finalmente, nesse caso, reage contra – um conjunto de circunstâncias no qual se encontra” (p. 398, 399). Assim, os seres humanos têm consciência de que são conhecedores, autoconscientes e reflexivos, pelo menos parcialmente; entretanto, deve ser levado em consideração que as subjetividades são complexas, por si mesmas intrincadas, cultural e emocionalmente, como também pelo constante trabalho de reflexividade que monitora as relações interpessoais e as do eu com o mundo.

Dessa forma, ao falar sobre o que o preocupava, Rico mostrou, de certo modo, estar consciente sobre o que acontecia com ele profissionalmente e, conseqüentemente, com sua família e, por isso, “... se concentra em sua pura determinação de resistir; não vai ficar à deriva. Quer resistir sobretudo à ácida erosão daquelas qualidades de caráter, como lealdade, compromisso, propósito e resolução, que são de longo prazo na natureza” (SENNETT, 2010, p. 31). Percebe-se um tipo de resistência às mudanças familiares ou, pelo menos, um descontentamento com algumas das novas formas de família, em alguns homens suíços, como é o caso de Mário, ao falar que, para ter um casamento duradouro, o homem suíço cada vez mais se casa com mulheres estrangeiras e cada vez menos com as da Suíça, o que mostra a intencionalidade em encontrar não só um relacionamento, mas um em que o compromisso a longo prazo esteja em pauta. Ele relatou que foi casado com uma mulher suíça, na mocidade, mas o casamento durou mais ou menos um ano, pois os interesses eram diferentes e eles eram muito jovens; hoje está casado com uma dominicana, Maria, há catorze anos.

Aujourd'hui il y a certainement des unions qui réussissent entre les suisses, je suppose, je l'espère. Mais c'est vrai que, **de plus en plus, les mariages sont composés ou d'une femme étrangère ou d'un homme étranger.** Les mariages **entre Suisses, il y en a de moins en moins.** (Mário)

Essa dificuldade em aceitar a mudança é comum, pelo fato do *habitus* masculino e feminino serem inseparáveis das estruturas que os produzem e reproduzem. Deste modo, os conflitos gerados pelas novas formas de organização familiar euro-americanas podem ser encontrados na vivência de alguns homens

suíços, que se questionam sobre os novos modelos de família onde tudo lhes parece efêmero, levando-os a elaborar projetos alternativos de vida familiar. Questionam-se também sobre seu papel como homens e membros ativos nessas novas configurações de família e sociedade. Isso é mostrado a seguir, nas falas dos sujeitos sobre a família e o casamento. Os entrevistados mostram também que têm um *projeto* de vida, o que, para Gilberto Velho (2008a; 2003a), é concebido como uma ação organizada para alcançar objetivos específicos, ou seja, uma ação com finalidade predeterminada e em que a trajetória de um indivíduo pode ser compreendida na expressão de um projeto; no entanto, para pensá-lo é necessário um conceito complementar, a saber, o *campo de possibilidades*, compreendido como uma dimensão sociocultural, espaço de elaboração e implementação de projetos. O projeto individual, no entanto, não é um fenômeno unicamente interno, subjetivo, pois não pode ser concebido sem referência ao outro e ao social. Deste modo, tanto a identidade como os projetos individuais são elaborados a partir de um contexto em que diferentes mundos ou esferas de vida social interagem e, muitas vezes, podem entrar em conflito. A seguir, será mostrada a percepção do que é família para os sujeitos inseridos nos casamentos interculturais, como elaboram seus projetos de vida e como se mostram como seres com poder de agência.

4. 1 “A família é ao mesmo tempo um marcador, é uma referência, uma coisa normalmente estável, que evolui”

A família não tem mais um conceito único na sociedade atual, ou seja, não é mais unicamente formada por uma união nuclear, conjugal, heterossexual, monogâmica. Vários são os seus formatos atualmente: pai, mãe e filhos; duas mães; dois pais; mãe solteira; pai solteiro; avós-pais; família extensa; família composta. Segundo Russell P. Scott (2007; 2011), muitos dos estudos feitos nos países desenvolvidos são focados na influência da urbanização sobre a organização das famílias, em que se identifica uma certa tendência para a diminuição do tamanho da família, para a nucleização dos grupos domésticos, assim como para o fim das famílias grandes tradicionais. Ou seja, a família nuclear pode ser vista como um

ponto de chegada e a mudança uma tendência inevitável que acompanha a vida urbana. Mas isso não é um fato exclusivo das sociedades euro-americanas, visto que já ocorre também nos países em desenvolvimento, entre eles o Brasil. Deste modo, ao continuar no caminho do desenvolvimento, a família não está em vias de extinção, como previsto por alguns, mas não mais será extensa e patriarcal, pelo menos em sua maioria. Ao contrário, as famílias tornar-se-ão unidades pequenas e bem mais democráticas, ou seja, melhor adaptadas às condições urbanas.

Maria Josefina Gabriel Sant'Anna (1999) constata uma nova realidade familiar no Brasil, com uma tendência semelhante à dos países desenvolvidos, a saber, com a taxa de casamentos em diminuição e a de divórcios e uniões consensuais em alta. Mas não se resume a isso. A autora evidencia uma particularidade nas novas reconfigurações da família, que tem provocado novas necessidades de habitação, ou seja, transformações nas famílias através das formas de morar. Devido à multiplicação do número de famílias, ao aumento dos modelos unipessoais e monoparentais, foi necessário repensar as formas de morar e a estruturação do espaço urbano. Ao que parece, a transitoriedade do ciclo de vida familiar está provocando uma demanda de moradias transitórias como, por exemplo, os *flats*, que são cada vez mais procurados por certos arranjos familiares, para suprir necessidades de, por exemplo, pessoas idosas vivendo sozinhas, divorciadas, solteiras, monoparentais, sobretudo homens que buscam uma autonomia dissociada dos laços matrimoniais, entre outros. Assim, os *flats*, além de constituir uma amostra de distintas situações com relação aos novos valores e concepções, tanto da família como do casamento, realçam a distância do conceito de família-padrão tradicional moderna, visto que são um tipo de habitação voltada para arranjos familiares alternativos,⁵⁷ enfatizando uma das diversas formas que a família e o casamento em um contexto urbano vêm adquirindo nas últimas décadas, em que a questão de gênero é colocada em jogo com a imagem da “esposa invisível”, pois os serviços domésticos e tudo o que se refere à vida cotidiana são resolvidos pela administração dos *flats*.

Como já referido, os perquiridos expressam, em suas falas, como percebem a família em seu entorno. Nas falas a seguir percebe-se vários tipos de formação de famílias, a saber, casais em união estável, como Brás; casais sem filhos, como Ken,

⁵⁷ A autora realça que esse tipo de arranjo é sempre feito no universo das camadas de alta renda.

Thyago, Luíz e Reis; com filhos, como Paul e Mike; famílias compostas como as de André e Mário, assim como diferentes percepções do que é uma família:

La famille c'est à la fois des repères, c'est une référence, une chose normalement stable, qui évolue. Les enfants évoluent, le couple évolue. La famille c'est quelque chose à laquelle on se réfère dans la vie de tous les jours. (André)

La famille, **c'est notre avenir après nous. C'est les enfants, c'est le parterre de l'amour.** C'est ça la famille. (Luíz)

Une unité, une entité avec plusieurs personnes et de **l'amour entre ces personnes** qui ont **le désir de créer un lien** et de vivre ensemble. (Thyago)

Reis e Pierre focam em como a família é *importante*, André considera a família como *o ponto de referência*, já Luíz percebe a família como *“o futuro à sua frente, (...) o chão (ou a plateia) do amor, ponto de referência, ou a que nos referimos na vida de todos os dias”* e Thyago percebe a família como *“uma unidade, uma entidade, desejo de criar um laço”*.

Reis cresceu em uma família em que sua irmã e seus pais estavam sempre por perto e com quem tem boas relações e uma boa coesão familiar. Após ter perdido o pai aos catorze anos, sua mãe voltou a se casar, o que gerou uma certa dificuldade inicial de adaptação entre todos, mas agora considera que são novamente uma família unida como eram inicialmente e considera que seu próximo passo será constituir uma família para ele mesmo. Conta que, no início, sua esposa não estava muito animada em ter filhos, mas finalmente chegaram a um acordo e estão com esse plano em mente, embora saiba que não será de imediato, pois sua esposa ainda está fazendo o mestrado; mas é um projeto para os próximos anos.

O projeto de casar e ter filhos é recorrente em todas as falas, assim como a percepção da família como um ponto de referência e, como mostra o perfil sociodemográfico dos entrevistados, muitos desses casais já têm filhos, outros estavam “grávidos” ou são famílias recompostas. No entanto, nenhum deles percebe o casamento sem a concepção de filhos e, mesmo Rita, que estava pouco interessada em filhos, no momento, referiu-se a tê-los mais tarde, pois estava ainda terminando o mestrado e estava casada há menos de um ano.

Reis, Pierre, André, Luíz e Thyago revelam seus pontos de vista sobre a família por uma perspectiva de esperança, do positivo na família, do que de bom pode advir dela e a considerando como algo muito importante em suas vidas. Em contrapartida, Brás revela, através de suas falas, sua desilusão com a instituição

família, mas dá para perceber como ele gostaria que fosse, quando diz “*Eu me sinto só para resolver problemas*”, ou quando ressalta não sentir “*nada de família, de ter um lar*” ou “*não me sinto em lugar nenhum da família*” ou ainda, “*nem pra me botarem em um asilo*”, mesmo reconhecendo a possibilidade de ter sido ele o provocador da situação em que vive, quando diz: “*Não sei se eu não soube fazer meu lar*”.

(...) pelo menos falando pessoalmente, eu, falando por mim, sou tão decepcionado com a instituição família/casamento que eu penso que isso está totalmente "fora". Na família eu vejo assim que a mulher quer casar, a ideia dela é casar pra poder ter pensão, o homem é bom pra pagar pensão, é bom pra... eu não vejo posição do homem, não sei onde está a posição do homem não... sinceramente eu não sei. Digo sinceramente ela não tá definida hoje, se você me dissesse no tempo das cavernas, a finalidade do homem era sair, caçar e trazer a caça pra casa, pra mim tá claro isso na idade antiga. Se você chegar um pouco mais pra cá na idade dos meus pais, dos meus avós, o homem ia trabalhar, ganhava o dinheiro e a mulher cuidava dos filhos. Hoje em dia eu não sei dizer qual é a finalidade do homem, não sei mesmo. É a posição que você perguntou, né? Até hoje que minha filha tem 23 anos e eu sou separado da minha mulher, eu me sinto só para resolver problemas, não sinto nada de família, de ter um lar, não sei se eu não soube fazer meu lar, mas no meu caso pessoal eu não me sinto em lugar nenhum da família, nem pra me botarem em um asilo. Não estou "chorando as pitangas" não... (Brás)

Embora Brás tenha sido casado duas vezes, a primeira com uma brasileira com quem tem uma filha adulta e a segunda com uma suíça, e esteja, atualmente, em uma “união estável” com outra brasileira, diz não saber descrever qual é o lugar do homem na sociedade atual.

Assim, mesmo tendo um ponto em comum, ou seja, casar e ter filhos, percebe-se, ao longo deste estudo, que as trajetórias de vida não são iguais e que as estratégias para conduzir os projetos de formar suas famílias também acontecem de diversas maneiras. Assim, será abordado, a seguir, como esses mesmos sujeitos percebem a família na Suíça.

4.2 “É muito difícil definir, mesmo para um país pequeno como a Suíça, um esquema de família suíço”

Ao falar de família suíça, é preciso levar em consideração que a Suíça não é um país que tem uma concepção global de política familiar. A base legal da política familiar suíça encontra-se em convenções internacionais que a Suíça ratificou na Constituição Federal e nas leis federais⁵⁸. Os mais importantes princípios constitucionais sobre política familiar estão no artigo 41º, que inclui metas sociais abordando especificamente a família, e no artigo 116º, que declara que a Confederação leva em consideração as necessidades da família no cumprimento de suas tarefas e que pode apoiar medidas para protegê-la. Neste trabalho, é fundamental “ouvir” o que os homens suíços dizem sobre a família em seus países de origem.

André, por exemplo, está consciente de que as famílias diferem umas das outras, mesmo sendo da mesma origem. Mesmo em um país pequeno como a Suíça percebe diferenças entre as famílias da cidade e do campo, de uma cidade como Genebra, que é Suíça francesa, onde vive, de outra, como Berna, onde trabalha e que faz parte da Suíça alemã. Ele afirma ser difícil definir o que é a família helvética e que as diferenças vão além dos formatos disponíveis; dizem respeito, também, ao local onde a família vive, ao diferente modo de viver desses mesmos locais, pois tem colegas, na cidade em que trabalha na Suíça alemã, que saem de casa e não se dão ao trabalho de fechar a porta à chave; a casa fica destrancada, uma coisa impensável em Genebra, onde vive⁵⁹, ou seja, isso influiria, também, na maneira de ser família. Pontua ainda que há muitas coisas do dia a dia que diferem enormemente da vida dele, que é de Genebra, dos amigos do vilarejo onde trabalha, mas que todos não deixam de ser suíços, do mesmo modo.

⁵⁸ Na Constituição Federal Suíça, os artigos seguintes interessam à política familiar: - Art. 8, al 3 Cst: igualdade em direito dos sexos; - Art. 41, al. 1c Cst, e-g; objetivos sociais relativos à família; - Art. 62 Cst: a instrução pública incumbe aos cantões, que fornecem um ensino de base e gratuito; - Art. 116 Cst: Subsídios familiares e seguro-maternidade (Union Patronale Suisse. **L’Union patronale suisse et la politique familiale**. Disponível em: <www.arbeitgeber.ch>)

⁵⁹ Genebra é uma cidade da Suíça que não pode, definitivamente, ser comparada com o resto do país, pois sua população estrangeira permanente é de 40%, além de ter todas as organizações internacionais, o que faz com que a circulação temporária de estrangeiros para estágios, palestras, cursos aumente ainda mais o número de estrangeiros.

Ça dépend des suisses. Je travaille sur le canton de Berne qui a déjà une culture très différente. Je travaille en plus dans un petit village ou les gens ont une vie différente de celle d'ici. **C'est très difficile de définir, même pour un pays petit comme la Suisse, un schéma de famille helvétique.** A mon avis il y a énormément de différence. **Déjà entre une famille qui vit en montagne et une famille qui vit en ville, il y a beaucoup de différences.** Une famille en ville ça n'a rien à voir avec une famille au village. En plus en Suisse allemande, c'est vraiment différent. **J'ai des collègues, quand ils sortent de la maison, la maison reste ouverte.** Vous imaginez cela ici à Genève? On a beaucoup de choses de tous les jours, des actes et des relations avec les gens qu'on a chacun de son côté (mes petits amis dans leur village là-bas et moi ici) qui **n'ont rien à voir; et pourtant on est tous suisses.** (André)

Pierre mostra um outro aspecto da família suíça, quando diz que as pessoas em seu país são relativamente independentes e conta como ele e seus irmãos vivem suas próprias vidas, sem se ocupar das dos outros, não entram na intimidade uns dos outros e se viram sozinhos. Inclusive ficam bem felizes quando percebem que cada um pode se virar sozinho, ser independente, embora mantenham contato, de tempos em tempos. Com os pais, o contato é um pouco maior, já que estão envelhecendo, não querendo com isso dizer que se envolvam em sua vida e muito menos que desembarquem na casa do outro sem prévio aviso. Não é como no Brasil, onde as famílias conhecem a intimidade uns dos outros. Afirma que, na Suíça, é cada um na sua casa, cada um por si:

Les gens sont relativement indépendants en Suisse. C'est-à-dire en suisse, mon frère, ma sœur, ils ont chacun leur vie, on ne s'occupe pas de leur vie, on est plutôt content quand ils peuvent se débrouiller tous seuls, qu'ils avancent bien etc. on va évidemment se préoccuper de voir si ça va bien etc. mais ça... mais on ne va pas rentrer dans l'intimité du couple de mon frère par exemple. On va se voir de temps en temps, se téléphoner une fois par mois (il vit sur le canton de Vaud). Pour les parents, je les téléphone plus souvent, ils commencent par devenir un peu vieux, c'est important de savoir comment ils vont etc. mais il n'y a pas d'intrusion. Mes parents vont toujours demander pour venir. **La famille ne va pas débarquer à la maison comme ça sans rien dire, pas comme au Brésil** où il y a beaucoup plus un côté où chacun connaît l'intimité de l'autre. **Ici, c'est vraiment beaucoup plus chacun dans sa maison, chacun pour soi.** (Pierre)

Reis levanta outro ponto do formato individualista da família suíça, quando afirma que o tempo que passa em família ou com a família é bem menor do que o que as estrangeiras passam, se referindo à sua esposa brasileira, e que, embora seja muito importante, para os suíços, formara própria família, criar seus filhos, reconhece que passam bem menos tempo juntos e aponta para ele mesmo como exemplo, em comparação com o tempo que sua esposa passaria com a dela.

On est peut être physiquement au niveau du temps moins souvent ensemble que d'autres familles à l'étranger mais je pense que **c'est quand même quelque chose qui est très important pour nous, pour les gens de pouvoir fonder leur propre famille**, de faire grandir des enfants. C'est important. **On passe peut-être moins de temps avec et ça je vois dans mon couple: moi je passe moins de temps avec ma famille que ma femme passerait avec la sienne.** Elle a peut-être l'habitude d'être tout le temps avec sa famille. Moi je peux ne pas les voir pendant trois quatre semaines mais cela ne veut pas dire que nous n'avons pas une bonne relation. (Reis)

Ken reconhece a família na Suíça como sendo *um pouco difícil* e que é, certamente, diferente das famílias dominicanas, mas afirma que não se deve generalizar.

Elle est différente que les dominicains. **Un peu difficile parfois.** Pas si facile les relations mais en même temps, ça dépend qui de la famille. Chacun est différent et il ne faut pas généraliser. (Ken)

Mike acredita que, na família atual, *tudo se quebra*, e Thyago reconhece não haver um único formato de família nem de relações interpessoais, pois percebe que na Suíça existe todo gênero de pessoas, mas elas *são muito independentes, mais isoladas* e o laço que os unia foi perdido na família, na comunidade, ao longo do tempo. Mário, por sua vez, considera que, na família suíça, *não há a mesma atmosfera que nas famílias latinas*. Refere-se à de sua esposa dominicana como sendo mais "caliente", no sentido de ser mais calorosa.

A seguir, as falas de Mike, Thyago e Mário:

La famille en Suisse, c'est un petit peu difficile parce que maintenant avec la vie moderne, **il y a tout qui se casse.** Chacun fait un petit peu ce qu'il veut. Les femmes travaillent, les hommes travaillent. **On veut l'égalité. L'égalité, elle est impossible,** déjà même de par le corps humain. Et puis comme chacun travaille, on envoie les enfants dehors avec l'argent, ils font ce qu'ils veulent et il y a plus l'éducation, ou plus beaucoup. (Mike)

En Suisse, on voit de toutes façons que les gens, que ce soit par rapport à la famille ou par rapport aux relations entre les personnes, **les gens deviennent plus indépendants** donc il y a un lien qui se perd au niveau des familles, de la communauté. Les gens ont tendance à devenir plus indépendants et **plus isolés** en Suisse que par le passé. Je ne suis pas super vieux non plus mais **on en entend parler de la part des aînés, de nos parents, de comment ça se passait avant et on se rend compte que les gens étaient plus liés les uns aux autres qu'aujourd'hui.** (Thyago)

La famille. **Il n'y a pas la même ambiance que dans les familles latino.** Chez eux, c'est plus "caliente". (Mário)

Pierre concorda com Thyago, quando destaca que, na família suíça, as pessoas são *relativamente independentes*, ou seja, cada um tem a sua vida e um não se ocupa da vida do outro, como no caso dele, de seu irmão e irmã. Faz um paralelo entre a família suíça e a do Brasil, quando assinala o fato de que a da Suíça não “*desembarca*” na casa dos outros, como a do Brasil, sem prévio aviso, além de ser mais do tipo *cada um na sua casa, cada um por si*. No entanto, Thyago não deixa de assinalar que, ao ouvir os mais velhos falarem de como era no passado, se dá conta de que havia uma maior união entre eles do que há agora.

Assim, em seus discursos é possível perceber que destacam a família suíça como sendo diferente entre si; mesmo o país sendo pequeno não há um único formato dela, ou seja, não há uma que possa ser chamada de helvética, mas há famílias helvéticas, mais independentes, mais isoladas entre si, que passam menos tempo juntos que as famílias de origem das suas esposas, que está mais difícil de constituir uma, que não têm o mesmo ambiente *caliente* das latinas e que tudo está quebrando, na busca pela igualdade. Thyago afirma:

La famille est très importante en Thaïlande. **On sent vraiment une unité dans la famille** et je pense que ça se retrouve dans pas mal de pays du sud-est asiatique ou même d'Asie où **les gens restent ensemble jusqu'à un âge avancé**, les grands-parents vivent dans la même maison si c'est possible, si il y a la place, **les gens soutiennent beaucoup**; c'est vraiment quelque chose qu'on sent très important, quelque chose qui **peut être était comme ça auparavant chez nous, mais qu'on a dû perdre un petit peu avec le fil du temps.**(Thyago)

As falas de Thyago refletem o que alguns dos sujeitos apontaram como fator para a escolha, o aumento e as motivações que levam alguns deles a formar uma família intercultural, ou seja, devido à maior unidade e suporte familiar nos países de suas esposas. Segundo ele, aparentemente, também era assim na Suíça, mas isso foi perdido ao longo do tempo. Acrescenta que, na Tailândia, a família é muito importante no sentido dos elos estreitos serem mantidos entre seus membros, assim como em muitos dos países do sudoeste asiático, onde as pessoas continuam junto das famílias mesmo depois de idosos, onde os avós ficam em casa, sempre que possível e houver espaço, e onde o suporte é muito importante. O que leva a perceber uma referência bem diferente da apontada em relação à da Suíça, onde os jovens saem de casa cada vez mais cedo e criam laços mais tensos e frágeis e uma forma mais independente de viver.

Segundo Russell P. Scott (2007), a procura por esses casamentos interculturais pode parecer contraditória, visto que:

(...) as mulheres brasileiras buscam uma liberdade social e econômica (com trabalho normalmente, mas às vezes apenas pelo patrimônio do casamento e pela vivência no estrangeiro), enquanto os homens europeus costumam querer uma união com mulheres propensas a dedicar-se à vida familiar e à demonstração de afeto, diferente que as mulheres que eles enxergam nos seus próprios países de origem.

No entanto, embora os suíços possam perceber a família nos países de suas esposas como sendo mais “família”, onde sentem uma maior unidade, onde o suporte é mais acentuado, os estudos sobre a família no Brasil⁶⁰, por exemplo, indicam que as mudanças também já chegaram ao país. O Brasil tem mostrado as mesmas tendências dos Estados Unidos e dos países europeus em relação às mudanças familiares; isso porque o Brasil tem um perfil demográfico semelhante aos dos países ricos no que se refere aos comportamentos relativos à família e ao casamento.

Um dos interesses ao analisar o discurso dos homens casados com mulheres de vários países diferentes foi o de tentar captar sua percepção sobre a família e o porquê dessas escolhas, dado que os países de suas esposas são culturalmente muito diferentes entre si. Em estudos anteriores, Turismo Afetivo (2001) e Ser Estrangeiro (2006), em que abordava, respectivamente, o casamento entre homens dos países desenvolvidos em geral e dos suíços casados com mulheres brasileiras, ouvia frequentemente que os casamentos com as brasileiras se devia ao fato delas serem mulheres mais sensuais, mais afetivas, mais calorosas, mais família, entre outros fatores. Daí a curiosidade de tentar entender a escolha por mulheres dos países asiáticos, pois seu perfil não era nem um pouco parecido com o das mulheres brasileiras, ou, pelo menos, não parecido com o imaginário sobre a mulher brasileira, na maioria dos discursos.

No entanto, o que se percebe em seus discursos tem várias semelhanças, ou seja, é o que acontece na Suíça que determina suas escolhas ou pelo menos contribui para elas. Mike é casado com uma mulher filipina e aponta para o conflito em seu país quando fala que tudo desmorona na família suíça e que a tão desejada

⁶⁰ Para um maior aprofundamento sobre a família do século XX no Brasil ver SCOTT, R. Parry, 2011b.

igualdade é impossível de ter. Pierre, que é casado com uma brasileira, aponta para o fato de, em seu país, as pessoas serem cada um por si e não passar tempo suficiente juntos, o que considera o contrário do que acontece no Brasil. Thyago é casado com uma tailandesa e aponta para o fato das pessoas serem independentes demais em seu país; no da esposa as pessoas são mais ligadas umas às outras e que a família é unida, se apoiam mais e mantêm os idosos em casa⁶¹. Mário é casado com uma dominicana e fala nos mesmos termos normalmente usados para se referir às brasileiras, ou seja, que no país de sua esposa tudo é mais “caliente”, querendo dizer que tudo é mais caloroso.

Assim, a trajetória desses homens parece ser influenciada, pelo menos parcialmente, pelo conflito, aqui considerado como “um constante e ininterrupto processo de negociação da realidade, com idas e vindas, recuos e avanços, alianças sendo feitas e desfeitas, projetos adaptando-se e alterando-se, com transformações institucionais e individuais” (VELHO, 2006, p.246). Um processo que ocorre no seio de sua própria sociedade em transformação. Em sequência, serão abordadas as diferenças e reconfigurações que surgiram nas três últimas gerações na família dos sujeitos perquiridos.

4.3 Diferenças geracionais: “Na época, a família tinha muito mais certezas. As coisas deviam ser daquele jeito, eram daquele jeito... questionávamo-nos menos”

Na atualidade, vive-se em um processo de aniquilação do espaço por meio do tempo. As formas de comunicabilidade instantânea e a efemeridade no espaço tornaram-se virtudes a serem exploradas e apropriadas por razões capitalistas e para fins próprios. As barreiras espaciais começaram a ser abolidas pela presença de satélites que permitem que as informações atinjam diferentes partes do mundo em uma mesma fração de tempo. A televisão e a internet são um exemplo disso, uma vez que transmitem uma série de imagens vindas de diferentes espaços quase

⁶¹ Na Suíça, é lugar-comum colocar-se os pais em casas para idosos ou de os manter em suas próprias casas enquanto podem e uma assistente de saúde ou uma assistente social passa para ver se os medicamentos foram tomados, para os administrar e mesmo para lhes levar comida.

ao mesmo tempo, o que possibilita que haja a aniquilação do espaço por meio do tempo. Com os meios de transporte e de comunicação eficazes e rápidos, já não há espaços que não possam ser vencidos, levando a uma reconsideração da ideia de fronteira geográfica. E, assim, o tempo e o espaço estão desaparecendo como dimensões materializadas da vida social. A vida se tornou tão acelerada que muitos homens demonstram o desejo de desacelerá-la ao buscar um formato de família mais “tradicional”. Daí ter sido abordada a percepção do homem sobre as mudanças geracionais na família nas últimas décadas, buscando apreender suas motivações por uma relação intercultural.

Nesses tempos pós-modernos (HARVEY, 2002), é perceptível a manipulação de desejos e gostos através de imagens inventadas, “inversão de valores” humanos, em que a imagem produzida é instaurada como o valor máximo da sociedade pós-moderna, a realidade convive com o simulacro, de tal modo que não mais se diferenciam ou se separam. Os valores passam a ser adquiridos de forma instantânea e as imagens são construídas e também destruídas da noite para o dia. Esse tipo de mudança é percebido também na formação das famílias, nas últimas décadas. Pierre mostra isso, quando diz que na família de outrora havia mais confiança, que a pessoas se questionavam menos e até o modo como se comunicavam mudou, ou seja, mudaram as interações familiares, para o que contribuiu o fácil acesso à informação virtual, como é o caso do acesso à internet. Pierre assim explica:

A l'époque, la famille avait beaucoup plus de certitude. Les choses devaient être comme ça, elles étaient comme ça... **on se posait moins de question.** J'ai l'impression qu'aujourd'hui on se questionne plus. Qu'est-ce que la famille, quelles sont les valeurs actuelles. **Le monde change aussi beaucoup et aussi les relations avec tout ce qui est internet etc. Il y a beaucoup de choses qui changent avec la façon de communiquer etc.** Avant **je vois mes grands-parents, la famille doit aller dans une direction, d'une certaine façon, les enfants à table ne parlent pas** etc. C'était au niveau de mon grand-père. Déjà **au niveau de mon père, la conversation était déjà beaucoup plus ouverte.** Il y a beaucoup cette ouverture, ce questionnement et peut être plus maintenant, je dirais de ce côté-là. (Pierre)

Quando fala da família no tempo de seus avós, Pierre se refere a ela como tendo um sentido, uma outra forma de ser que foi perdida em nossos dias, como por exemplo: as crianças não falavam à mesa. Com isso ele está se referindo ao respeito que havia, ao comportamento adequado em relação aos mais velhos e não

na proibição em si das crianças poderem falar, embora o fato indique como a comunicação entre as gerações era mais precária. Daí se referir ao relacionamento com seus pais como mais comunicativo, quando diz que com seu pai a conversa era muito aberta e, atualmente, a família é ainda mais aberta e comunicativa. A esse respeito diz Luíz:

Oui c'est sûr. **A l'époque de mes grands-parents, il n'y avait pas ce mélange, cette mixité.** Il y avait de très bonnes choses. Moi, **mes grands-parents ils avaient de bonnes valeurs mais le monde est venu** et nous on a nos valeurs qui sont adaptées à notre époque, à notre civilisation. (Luíz)

Segundo ele, na época de seus avós não havia essa mistura, essa mixidade, se referindo aos valores culturais que mudaram; afirma que seus avós tinham bons valores, mas o mundo sobreveio com suas mudanças.

Já a avó e a mãe de Reis não trabalhavam. Eram o avô e o pai que supriam as necessidades da família. Mas agora, tanto Reis como sua esposa acreditam que, assim que ela tiver os filhos, vai querer continuar a trabalhar, pois tem uma boa formação acadêmica e não vai querer largar tudo profissionalmente só para cuidar da família. Afirma ainda que se fala muito de grandes mudanças, que o papel da mulher continua sendo importante na família devido a esse laço com os filhos, claramente mais forte que o dos homens, que nisso acredita que não houve muita mudança, como se o laço entre mãe e filhos fosse naturalizado.

A l'époque de mes parents et de mes grands-parents, **ma grand-mère et ma mère ne travaillaient pas.** C'était **mon père et mon grand-père qui travaillaient.** Maintenant ici, c'est intéressant parce que **dans ma tête et, peut être, aussi dans celle de ma femme, c'est que quand on a des enfants, elle va continuer à travailler parce qu'elle a une bonne formation et elle ne veut pas juste lâcher ça et mettre de côté pour s'occuper de la famille.** Mais c'est vrai que le plus on s'approche d'avoir une famille, le plus on réfléchit si c'est bien de travailler à 100% les deux et d'avoir des enfants à côté, ou est-ce que les deux doivent un peu diminuer leur charge de travail ou c'est l'un qui fait le tout ! Maintenant on est à une phase où on réfléchit à plusieurs solution mais je pense que... **on dit souvent que ça a changé beaucoup par rapport à l'époque mais à la fin, il y a quand même que le rôle de la femme dans la famille, c'est un rôle très important pour le lien avec les enfants et clairement plus fort...** la femme sent aussi plus de responsabilité pour la famille que l'homme; il le sent aussi mais peut être d'une manière un peu différente et **ça je pense que ça n'a pas beaucoup changé.** Dans les détails, **il y a peut-être des cas où c'est les deux qui travaillent. Notre environnement nous donne plus de possibilités de former notre famille.** (Reis)

A necessidade ou o desejo de continuar a trabalhar não permite que alguns casais se afastem para ter ou por ter tido filhos, como afirmou Reis. Em relação ao seu próprio casamento, considera que o entorno lhes possibilita formar uma família, sem que isso venha a se tornar um problema.

André aponta para como a religião deixou de ser uma prática em seu entorno.

Il y en a. Je prends une notion au hasard. **Dans ma famille il y avait une notion de religion même si on n'était pas une famille très pratiquante.** On a été à l'église quand on était petit avec ma mère et ma sœur. **Aujourd'hui à Genève dans mes amis, je ne connais personne qui va à l'église!** Par contre dans les villages là où je travaille en Suisse allemande, il y a des gens qui vont à l'église. Ça ne veut pas dire que toutes les familles en dehors du canton de Genève vont à l'église mais je pense qu'à Genève, c'est une des choses qui a changé. **Les gens ne sont pas forcément moins croyants mais moins pratiquants.** Autre chose. **Je pense qu'au niveau des enfants, les enfants sont beaucoup plus libres tôt.** Plus jeunes **ils sont déjà moins attachés à la famille,** ils vont sortir plus facilement, participer moins aux vacances avec leurs parents, peut-être faire moins les fêtes, les fêtes souvent religieuses qui à l'origine nécessitaient presque obligatoirement la présence des enfants. **Ils sortent plus rapidement de ce genre de règles qui sont établies par les habitudes.**
(André)

Um outro sinal de mudança refere-se à religião. André relembra que sua família tinha uma noção de religião, mesmo não sendo muito praticante. No entanto, hoje, entre seus amigos, não conhece nenhum que vá à igreja, não porque as pessoas sejam menos crentes, e sim menos praticantes. Acredita que hoje as crianças são soltas⁶² – saem de casa para viver sozinhas - muito mais cedo e isso os torna menos ligados à família. Saem mais rapidamente das regras estabelecidas pelo *habitus*, indo ao encontro do que Bourdieu (2010) assinala quanto ao poder simbólico, que não pode ser exercido sem a colaboração dos que são subordinados, que só se subordinam a ele porque o constroem como poder. Isso porque “essa construção prática, longe de ser um ato intelectual consciente, livre, deliberado, de um “sujeito” isolado, é, ela própria, resultante de um poder, inscrito duradouramente no corpo dos dominados” (p.52, 53), em forma de esquemas de percepção como

⁶² Os suíços têm um sistema de ensino obrigatório até os dezesseis anos, quando entram na aprendizagem, *apprentissage*, ou seja, um curso técnico, teórico/prático, que lhes permite ser independentes financeiramente mais rapidamente e, conseqüentemente, sair de casa mais cedo, pois é um curso remunerado, a partir do segundo ano. Aos dezoito, dezenove anos, os jovens têm uma profissão e independência financeira, pois muitos dos cursos são tão ou mais valorizados do que os universitários.

admirar, respeitar, amar etc. os pais, o que se torna difícil de acontecer caso os filhos saiam cada vez mais cedo de seus lares primários.

Deste modo, o *habitus* é um conjunto de disposições estruturadas no agente, resultado da maneira pela qual interiorizou as estruturas objetivas em que vivenciou um determinado processo de socialização. Disposições essas que se manifestam no modo de falar, de agir, nas percepções dos entrevistados e, por sua vez, norteiam seu modo de agir face às realidades presentes em suas trajetórias de vida.

Thyago, Ken e Mike se manifestam sobre as mudanças geracionais, em suas famílias. Thyago já não tem os avós, mas conta que moravam todos em um vilarejo e que estavam todos geograficamente próximos, mas depois que sua mãe se casou com seu pai eles foram viver em Genebra e houve uma separação geográfica o que provocou um afastamento da família.

C'est difficile de dire parce que je n'ai plus de grands parents et **du temps de mes grands-parents, toute la famille habitait plus ou moins dans le même village. Ils étaient très proches géographiquement.** Ma mère, est du Canton de Vaud, village Échelon, et **depuis qu'elle s'est mariée avec mon père, elle est venue habiter à Genève. Il y a déjà eu une séparation géographique qui fait automatiquement qu'on est un petit peu moins proche de la famille** du canton de Vaud que ceux qui sont restés là-bas.
(Thyago)

O interessante é que Thyago coloca como motivo do afastamento de sua mãe e, conseqüentemente, dele, como sendo a mudança de cidade e de Estado, porém o trem de Genebra para Lausanne demora meia hora, o que fornece uma perspectiva diferente da noção de tempo e espaço.

Por outro lado, Ken diz que, efetivamente, há uma grande diferença entre as famílias das décadas passadas e as de agora, pois eles eram muito mais reprimidos, mais rigorosos, mas que, por outro lado, os casais atuais estão todos separados.

Oui, une grosse différence. **On peut être beaucoup plus ouvert maintenant. Avant ils étaient un peu coincés, plus strictes.** Ça ne marche pas aujourd'hui. **Et bien sûr maintenant ils sont tous séparés...** (Ken)

Mike é o único que acredita estar vivendo mais ou menos como os seus pais e avós viviam, pois sua esposa não trabalha, ela se ocupa do serviço da casa, dos filhos. No entanto, afirma que hoje tudo é mais livre na família suíça, pois os pais não estão em casa durante o dia e os filhos fazem o que querem e se viram sozinhos, e que, devido a essa forma de viver, a educação está "perdida".

Par rapport à nous, **on vit quand même plus ou moins comme une famille auparavant puisque mon épouse ne travaille pas.** Elle **s’occupe de faire le ménage** comme on l’a déjà dit avant, elle **s’occupe des enfants** quand ils rentrent à la maison. Puis **aujourd’hui, il y a tout qui est libre!** Comme **les parents ne sont pas à la maison la journée, les enfants font ce qu’ils veulent, ils se débrouillent par eux même et beaucoup d’éducation est perdue par ce système.** (Mike)

No decorrer destas falas, percebe-se uma certa nostalgia, em alguns, quando falam sobre o que era a família na época de seus pais e avós, comparando-a com a deles e lembrando as mudanças e ressignificações que aconteceram nas últimas décadas. Alguns apresentam as mudanças quase como um balanço de ganhos e perdas, ou seja, ganhou-se com a maior abertura nas conversas entre pais e filhos, melhor educação para as mulheres, perdeu-se em valores: valores educativos, na prática religiosa, de sentido na família, os filhos são soltos cedo demais, são menos ligados à família, não havia tanta mixidade de valores, havia mais certezas. A família, em suas falas, parece ser mais uma instituição em que se encontra ou se busca segurança e não algo efêmero. Há mesmo uma certa demonstração de “medo” de mudança como, por exemplo, nas falas de Pierre, quando aponta que a família, na época, tinha mais certitudes e agora há muitos questionamentos sobre, por exemplo, o que se deve à família e os seus valores.

Nas falas a seguir tentar-se-á aprofundar como os entrevistados percebem as famílias da Suíça em relação às famílias dos países de origem de suas esposas.

4.4 Diferenças entre a família na Suíça e nos países das esposas

Mário começa por dizer que *“il n’y a pas la même chaleur dans la famille suisse que dans celle dominicaine. Ils se soutiennent. Chez nous on est plus indépendant l’uns de l’autres”*⁶³ e Ken acrescenta que *“ils ne sont pas coincés... bien sûr, il y a différentes mentalités.”*⁶⁴ Pierre, Reis e André assim percebem as famílias nos países de suas esposas em relação ao seu país de origem:

⁶³ Não há o mesmo calor na família suíça que nas dominicanas. Eles se apoiam. Aqui nós somos mais independentes uns dos outros. (Mário)

⁶⁴ Eles não são bloqueados... claro, que há mentalidades diferentes. (Ken)

La famille au Brésil, déjà les gens sont très unis. Ici par exemple quand il y a quelque chose qui ne va pas avec quelqu'un, ça peut rester pendant extrêmement long temps avant que ça se résolve. C'est-à-dire que si tout à coup il y a un problème, on va plus parler et ça va rester comme ça. **Au Brésil, il peut y avoir un problème. On va crier, on va pleurer etc. mais deux jours après, on va de nouveau s'embrasser, etc.** Il y a beaucoup plus ce côté de communication qu'entre nous. Des fois, même trop jusqu'à ce que les autres parties de la famille rentrent dans notre intimité. **Ils vont trop donner leur avis par rapport à la façon dont on devrait faire les choses.** Alors que les suisses vont peut-être le penser mais ils ne vont pas l'exprimer. Ou alors beaucoup d'années plus tard, on va apprendre que on n'était pas d'accord par rapport à certaines choses alors qu'**au Brésil, c'est vraiment immédiat.** (Pierre)

La famille au Brésil, c'est le numéro 1. C'est le plus important pour la plupart des gens pour ce que j'ai pu voir jusqu'à maintenant. **Les liens sont très forts entre les enfants et les parents,** les parents entre eux. **Aussi la famille est souvent plus grande.** Même **des gens qui ne sont pas vraiment de la famille sont parfois considérés comme étant de la famille.** La famille est importante et plus grande. (Reis)

De la même manière que je le vois ici. Je connais très peu du Brésil mais j'ai connu le Brésil avant de connaître Andréa. Je connais un peu le Nord Est du Brésil. **Déjà entre une famille de Rio et une famille du Nord-Est, il y a énormément de différence comme on en trouve ici en Suisse entre une famille de Genève ou de Zürich et une famille d'un petit village.** D'une manière générale au Brésil, **ce qui est le plus remarquable dans la famille, c'est que, il y a une espèce de propension/facilité à être plus festif,** beaucoup plus **communicatif, plus ouvert à ce qui est autour;** les Suisses vont plutôt être plus renfermés, chercher plus la tranquillité, le silence etc. **C'est des caractéristiques plus générales du peuple,** je dirais. (André)

As falas refletem uma série de adjetivos ou qualidades em relação à família dos países em desenvolvimento e também o que desejam e buscam como relacionamentos para si mesmos. Ou seja, *a família é nº 1, mais calorosa, maior suporte familiar, mais aberta, mais unida, maior comunicação, extremamente expressiva, os laços entre pais e filhos mais fortes, maiores, mais famílias extensas, mais festivas,* mas conscientes de que, nos países de suas esposas, a cultura não é estática, e que, portanto, também estão em transformação, pois afirmam estar: *mudando como na Suíça.* Qualidades essas sublinhadas por Edward T. Hall (1994), como sendo dos países de Alto Contexto, ou seja, sociedades da América Latina como o Brasil e a República Dominicana, da África e dos países mediterrâneos, do mundo árabe, dos países asiáticos como a Índia, a Tailândia, as Filipinas e a Indonésia, onde existem extensas redes de comunicação de informações entre os membros das famílias, entre amigos e entre colegas de trabalho. E onde o "compartilhar" das experiências leva a um maior grau de entendimento tácito e as pessoas se envolvem mais facilmente em relacionamentos pessoais duradouros.

Assim, nas culturas de alto contexto as palavras têm menos importância do que o contexto e se utilizam menos documentos legais, dado que a posição social é determinante e o conhecimento sobre ela também, o que faz, por exemplo, com que nestas culturas os negócios se tornem muito mais lentos de ser concluídos, já que é necessário estabelecer uma relação pessoal para que haja confiança entre as partes. Em contrapartida, as relações interpessoais são mais simplificadas exatamente por existirem redes extensas de comunicação.

No entanto, é patente, nas falas dos sujeitos, o desejo de uma relação estável, duradoura, e não uma busca de sexo pelo sexo ou de um relacionamento passageiro. Todos eles encaram a relação conjugal como algo estável que perdurará.

Por outro lado, há um enorme contraste com a descrição que fazem da família na Suíça e seus membros, como sendo *tranquila, silenciosa, falta de comunicação, muito independentes, extremamente fechados*. Isso é o que Edward T. Hall (1994) classifica como características das sociedades de Baixo Contexto, como a Alemanha, os países escandinavos, Holanda, Inglaterra, Austrália e Estados Unidos e, no caso específico desta pesquisa, a Suíça. As pessoas das sociedades de Baixo Contexto tendem a compartimentalizar os relacionamentos em pessoais e profissionais, e a focalizar os relacionamentos a curto prazo, o que, obviamente, não pode ser generalizado a toda uma população ou a todo um continente. No entanto, há uma propensão a que os fatos informativos sejam melhor recebidos e com maior ênfase quando são externados verbal e explicitamente. As palavras transmitem a maior parte da informação, as mensagens são explícitas, é preciso ser dito e não há leituras corporais ou “jeitinhos” (DAMATTA, 2001) a ser dados ou subentendidos. Os documentos legais são considerados indispensáveis, não por uma questão de desonestidade, e os negócios são feitos mais rapidamente do que nos países de Alto Contexto, pois dependem bem menos de relações sociais ou indicações de amigos.

Assim, embora muitos dos casais interculturais possam ser considerados como aventureiros, afoitos, por entrar numa relação não-convencional, ou seja, no desconhecido, sentem também que o dividendo é compensador. E se, por um lado, o casamento intercultural pode provocar uma rutura (PEREL, 2002, : 201), mesmo que parcial, com a família de origem, principalmente com a das esposas, pois neste

estudo são todos migrantes, em contrapartida, essa relação pode vir a ser bastante enriquecedora; pois, há um mundo de novas possibilidades culturais, novas portas abertas à diversidade, novas formas de comportamento e de se relacionar e os sujeitos em questão parecem bem conscientes disso, visto que escolheram para si como família. O que concebem como sendo uma família, assim como o que é o casamento, difere enormemente do que retratam como sendo a família na Suíça.

Nessa perspectiva, alguns entrevistados consideram que, a partir do relacionamento afetivo-conjugal, sua visão de mundo está sendo ampliada e que isso é uma das vantagens do casamento intercultural; outros ressaltam a importância de uma divisão de tarefas mais equilibrada nos afazeres domésticos, – mesmo sendo percebido, em seus discursos, que muito ainda precisa ser mudado –, como amadureceram como seres humanos e homens no convívio com alguém de uma cultura diferente, ou ainda, da importância de aprender uma nova língua para melhor se comunicar entre si e com as famílias de seus cônjuges. Para as mulheres, por exemplo, o casamento está sendo um espaço inter-relacional onde podem exercer sua individualidade e não ser dependentes, dado que, entre as esposas, a única que não trabalha é Lôtus; no entanto, não foi possível perceber se era uma escolha, uma imposição, ou uma aceitação por falta de escolha. Rita decidiu deixar para ter filhos mais tarde, para poder terminar o mestrado, Paula decidiu trabalhar quando seus dois filhos estavam já crescidinhos, Kat estava grávida quando a encontrei, semanas depois de nossa conversa, e tinha afirmado ter encontrado a estabilidade e, por outro lado, seu marido considerava que, se necessário fosse, ele ficaria em casa para tomar conta das crianças, já que ele gostava mais dos afazeres domésticos que a esposa. Maria tem seu salão de cabeleireiro e parece estar em seu ambiente natural, cuidando de suas clientes.

Esperava me deparar com um perfil de mulher diferenciado do que encontrei no Mestrado, em que todas eram universitárias, ou pelo menos ser indicada a algumas delas. No entanto, ao contrário do que esperava, ao ir viver no Pâquis, bairro onde a prostituição é ponto central em Genebra, acabei não conseguindo nenhuma entrevista nesse meio e não encontrando mulheres submissas ou subjugadas na relação intercultural mas, em resumo, um espaço experimental de aprendizagem mútua e equilíbrio sociocultural e econômico entre os cônjuges.

Até agora foi possível perceber como se configura a família em geral, na Suíça e nos países das esposas, na percepção do homem suíço inserido em um casamento intercultural. Mas, agora passar-se-á a abordar como os homens suíços percebem o casamento.

4.5 “O casamento é construir algo em todos os sentidos do termo”

A família, como uma instituição fundamental e mesmo fundante (WOORTMANN, [s/d]), vem sendo percebida desde a Antiguidade pelo pensamento ocidental e, embora as instituições tenham variações de uma cultura para outra, há algumas universais: a família e o casamento são duas delas. A vivência de cada sujeito, aqui apresentadas, sua trajetória no que se refere ao casamento são as mais variadas, mas todos mostram genuíno interesse em formar uma família. Suas descrições vão do casamento como um ideal, passando pela de um arranjo prático e necessário em um dado momento da vida, ao discurso completamente racional e lúcido.

O relato coerente, linear, de Mário e Maria, leva a pensar no que Bourdieu (1996) alerta: que os fatos e relatos podem ser mais racionalizados do que realmente o foram quando vivenciados, como se as escolhas do casal tivessem sido planejadas conscientemente, desde o início, o que raramente acontece.

Por exemplo, Mário conta que, com a morte da mãe e do seu irmão se sentia sozinho, o que o levou a pensar no casamento. Sentiu o desejo de formar uma família. Como sua esposa tinha dois filhos na República Dominicana, de um relacionamento anterior, e os queria por perto, acabaram trazendo-os e os criaram juntos. Para este casal, pelo menos para ele, não foi um discurso de ter encontrado o grande amor de sua vida, mas uma decisão de dois adultos que se relacionavam e se davam bem e, em um momento de suas vidas, perceberam que o casamento seria uma solução positiva para ambos. Ele, por um lado, teria a família que tanto queria, ou seja, uma esposa e filhos, mesmo que esses fossem do relacionamento anterior de sua esposa, e ela, em contrapartida, teria a segurança que um casamento lhe poderia dar em um país onde era migrante, e assim poderia ter seus

filhos junto com ela. A relação deste casal não foi construída na base do “amor romântico”; mas, durante as semanas que passei com Maria, indo ao seu salão de cabeleireiro, em conversas informais pude perceber, em suas falas, que seu casamento estaria mais relacionado com o “relacionamento puro” (Giddens 1992; 2005). Ou seja, o que Giddens define como um vínculo emocional próximo e contínuo com o outro. O autor usa o conceito de relacionamento puro para explicar uma situação em que um casal está em uma relação pela relação em si, pelo que pode vir a ser derivado da inter-relação na vivência com a outra pessoa, uma relação que só tem sentido enquanto as duas partes se sentem satisfeitas individualmente para nela permanecer. Outro ponto do relacionamento puro é que privilegia o compromisso, a confiança, a intimidade, a integridade e transparece o desenvolvimento de uma história compartilhada em que os sujeitos proporcionem um ao outro a segurança de que a relação não é flexível ou a curto termo, que é por tempo indefinido, mesmo diferenciando-se dos casamentos “felizes para sempre”. Isso porque há a possibilidade de que ele possa ser terminado a qualquer momento e por qualquer um dos parceiros. No entanto, o compromisso assumido pelos dois, a intenção de que dure é essencial para que haja a probabilidade de durar, embora não seja garantia de que aconteça. O foco é a própria relação e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair, não excluindo as obrigações familiares ou legais, mas centrada numa renegociação dos hábitos e valores da sociedade tradicional. Reis, Ken, Luíz, Thyago e Pierre também se pronunciam sobre como veem o casamento.

Para Reis, o casamento abrange várias coisas, um compromisso à vida a longo prazo, o querer construir uma família, um compromisso que se toma para si de ajudar um ao outro, de estar lá um para o outro, em qualquer situação. Ken não considera que as coisas tenham mudado muito pelo fato de estar casado, mas afirma que se sente um pouco mais adulto e mais responsável em relação à sua esposa dominicana. Luíz diz que o casamento é amor, fidelidade, crianças. Thyago considera o casamento como o desejo de viver com a pessoa que se ama e, por último, Pierre considera o casamento como uma prova de confiança, o construir algo em todos os sentidos do termo, o oficializar a união, o estar lado a lado, uma maneira de passar a vida em segurança, o dar de si, colocar energia, algo de positivo, dizer que construímos algo e que devemos seguir em frente, é algo de

lindo, e conclui afirmando que é bastante “caseiro”, querendo com isso dizer que gosta da vida de família, de estar casado, de estar em casa, como aponta:

Le mariage pour moi, c'est une **preuve de confiance**. Même si la vie ne nous mène pas toujours là où on veut aller (je suis dans mon deuxième mariage), lorsque j'imagine de me marier, c'est pour la vie. Le mariage **c'est construire quelque chose dans tous les sens du terme**. Un mariage, **c'est officialiser** une relation dans laquelle on va s'aider, **être à côté** quand une personne passe dans une mauvaise passe. C'est **une façon de passer la vie en sécurité** à côté de quelqu'un. Il faut aussi **mettre du sien** pour le conserver le mariage; il faut **mettre de l'énergie** tout le temps mais c'est **quelque chose de positif**. Si on ne devait rien faire, il y aurait moins de sens. **Se dire qu'on a construit quelque chose et qu'on doit aller de l'avant, c'est quelque chose de joli. Je suis assez famille.** (Pierre)

Por outro lado, André nos dá uma visão do casamento bem peculiar. Afirma que, antes de tudo, é um ato jurídico, o lado administrativo negativo que leva a nada, é uma proteção, sobretudo uma proteção de bens, mas por outro ponto de vista, quando alguém vive junto sem se casar se torna rapidamente mais complicado, não que seja mal visto, mas viver junto sem estar casado é estar fora da norma, o casamento é uma normalidade, o que confirma não ser algo que faça amar mais ou menos uma mulher. Mesmo assim, afirma que é agradável e está contente de estar casado, ama a sua esposa e tem prazer em a apresentar como tal.

Avant tout c'est **un acte juridique** qui nous lie avec des règles. Ça **c'est le côté un peu administratif négatif** qui n'amène rien en particulier, qui en tous cas à mon avis, tant qu'on s'entend bien, a un côté positif car quand il arrive quelque à l'un des deux, l'autre a **une protection** par rapport au mariage (**protection des biens surtout**). Je le vois plutôt comme ça sur le plan administratif. **Du point de vue humain etc.**, je pense que ça amène une simplicité dans le fait d'expliquer qu'on vit avec quelqu'un parce que **quand on vit avec quelqu'un sans être marié**, dans certaines situations, ce n'est pas que **c'est mal vu**, mais **c'est vite plus compliqué**. Quand les gens s'adressent à nous et **qu'on leur dit qu'on n'est pas marié, on est hors norme**. C'est finalement **une normalité le mariage**. Purement sentimental, **ce n'est pas quelque chose qui fait qu'on aime plus ou moins une femme!** Pour moi c'est deux niveaux différents de perception. **Par contre c'est agréable**. Moi **je suis content d'être marié** parce que **j'aime ma femme** et que **ça ne m'a jamais posé un problème d'être marié**. Au contraire **j'ai du plaisir à présenter Andréa comme ma femme**. On s'est connu il y a plus de 6 ans et j'avais le même plaisir d'être avec elle. Donc du point de vue sentiment, ce n'est pas parce qu'on est marié que ça va garantir que ça marche. (André)

Klaas Woortmann (2002), se referindo a Malinowski, mostra que o estudo da família, quando associado à noção de função, apesar de todas as suas limitações, pode conduzir a uma postura bastante atual, ou seja, a de considerar o indivíduo

como sujeito da ação, pois o ser humano não é autômato, agindo estereotipadamente e só em conformidade com costumes tradicionais, mas um sujeito cujas escolhas afetivas e matrimoniais obedecem a sentimentos, motivações e interesses que, neste caso, seria a busca da felicidade, de um relacionamento afetivo-conjugal, de uma família. Trata-se, assim, de indivíduos se movimentando no espaço que lhes é permitido pela estrutura da sociedade, conscientes de suas escolhas, do que querem como casamento, agentes em seus projetos de vida, em suas escolhas. Pois, ao escolherem um casamento intercultural, estão optando por uma relação bem mais próxima de suas percepções do que possa vir a ser uma família ou do que seja o casamento. Contudo, vale averiguar de que modo estes sujeitos percebem o casamento em seu país em relação aos seus conterrâneos, como o que vivenciam em seus relacionamentos afetivo-conjugais interculturais difere de sua percepção dos formados entre homens suíços e mulheres suíças.

4.6 “Quer-se uma vida moderna onde cada um trabalha, cada um faz o seu negócio e, em seguida, se houver discordância, divorcia-se, tem-se cada um o seu próprio dinheiro e, depois, o que resta da vida?”

Ao abordar o casamento na Suíça, entre suíços, Thyago afirmou ser “*difficile de faire des généralités. Tous les couples sont différents, toutes les personnes sont différentes*”⁶⁵. Ken afirma não saber ao certo como é o casamento na Suíça entre suíços, pois nunca foi casado com uma mulher suíça, embora perceba que os relacionamentos duram menos, que se separam mais facilmente, pois não há dificuldade de o fazer como antigamente, e acrescenta sua percepção quanto aos casais suíços: “*ils sont plus strictes, plus coincés. Peut-être! Je ne sais pas.*”⁶⁶

Por outro lado, Pierre assinala que o que se passa com o casamento, a crise na família, não é somente na Suíça, mas também na França. Ao contrário de André, que considera estar fora da norma, pelo menos em seu entorno, quando se vive

⁶⁵ Difícil fazer generalizações. Todos os casais são diferentes, todas as pessoas são diferentes. (Thyago)

⁶⁶ São mais estritos, mais bloqueados. Talvez! Não sei. (Ken)

junto sem oficializar a união, ou pelo menos que os outros acham isso, Pierre afirma que é um costume relativamente em moda, no seu entorno, a união consensual, um acordo que é mais prático. Em contrapartida, percebe que o casamento perde importância, no sentido de que cada um deve se esforçar e as pessoas fazem menos esforço para dar certo, pois assim que há uma dificuldade preferem não a enfrentar e logo decidem que se não está dando certo, é partir para outra relação.

A visão de Pierre vai de encontro ao pensamento de Vaitsman (1994) e Sennett (2010), quando afirmam que as relações afetivo-conjugais, na atualidade, tendem a ser flexíveis, não há longo prazo ou constância, o que gera instabilidade afetiva e emocional nos sujeitos envolvidos. Deste modo, quando o conhecido se torna desconhecido o ato natural é tentar reencontrar o conforto do conhecido. Ao que parece, o aumento na busca desses casamentos pode se revelar uma tentativa nesse sentido, pois a instabilidade pode levar à necessidade de alguns homens quererem formar uma família e ter consigo uma esposa que possibilite uma espécie de retorno aos tempos “tradicionais”, em que os modos de fazer, agir e pensar eram passados de geração em geração, tempo em que a familiaridade estava presente e o que vinha d’outrora ou dos seus antepassados não sofria mudanças tão radicais.

Para que esse retorno ao “tradicional” aconteça, muitos desses suíços buscam sua complementaridade conjugal em países como o Brasil, a República Dominicana, a Tailândia e as Filipinas, onde a família ainda é prioridade face à carreira e ao individualismo. Onde ainda há espaço para o “nós” e menos competição em relação ao “outro”, seja ele quem for. Outro fator dessa busca por um relacionamento está no enorme grau de insatisfação dos homens suíços, bem mais alto do que o das mulheres suíças, o que justificaria, pelo menos em parte, o grande aumento de casamentos entre eles e as mulheres dos países em desenvolvimento aqui citados, pois podem, assim, constituir com estas uma família mais estruturada. Segundo o Rapport sur les Familles (2004), o grau de insatisfação entre as pessoas que vivem sozinhas é bem maior entre os homens (31%) do que entre as mulheres, quase a metade (17%). A seguir, o que dizem Reis, André e Mike:

C’est de moins en moins important. Il y a de moins en moins de gens qui se marient, de plus en plus de gens qui se séparent en Suisse. Il y a 50% des mariages qui connaissent des séparations après. C’est de **moins en moins un acte religieux** comme c’était à l’époque. C’est suivant une

signature. C'est **administratif** un peu. C'est **plus quelque chose d'obligatoire.** C'est **quelque chose qu'on peut choisir si on a envie mais la société s'est développée de telle manière qu'on peut aussi bien vivre ensemble sans être marié, même avoir des enfants.** (Reis)

De par mes expériences et en discutant avec mes amis, mes collègues, je vois **un peu comme un standard. Les choses se font très correctement, les gens vivent en couple très correctement.** Qui présente une image du couple qui répond à un standard, **une forme, une norme,** etc. **Tranquille! Comme les suisses.** (André)

Mais justement le mariage en Suisse, **entre les Suisses, ça peut être la même chose avec une fille étrangère ou un homme étranger,** c'est que aujourd'hui, on veut **une vie moderne où chacun travaille, chacun fait son business** et puis après **si on ne s'entend plus, on divorce, on a chacun notre argent et puis qu'est ce qui reste de la vie?** Il reste **peut être des enfants qui sont séparés de leurs parents** ou de l'autre et puis **c'est la tristesse.** (Mike)

O casamento é cada vez menos importante, cada vez menos pessoas se casam e cada vez mais se separam na Suíça, é o que diz Reis. E continua com sua reflexão sobre o casamento em seu país, ao afirmar que se tornou menos um ato religioso, como era em tempos passados, para se tornar algo administrativo e não obrigatório, pois a sociedade mudou de tal maneira que se pode escolher casar ou só viver junto, mesmo tendo filhos.

André, o mais pragmático de todos os perquiridos, vê o casamento na Suíça e ao seu redor como algo padronizado, ou seja, um padrão, uma forma, uma norma, tranquilo. Como os suíços. Para ele, as coisas se fazem de maneira correta e as pessoas vivem corretamente, como se tudo fosse o filme de Charles Chaplin – Tempos modernos, de 1936 –, tudo na linha de produção, sem descarrilamentos, tudo muito mecânico.

Mike, por outro lado, diz que o casamento com uma suíça ou com uma estrangeira nessa vida moderna que vivemos, com cada um trabalhando de seu lado, cada um levando sua própria vida, se não se entendem por algum motivo será o divórcio, pois cada um tem o seu próprio dinheiro e não depende do outro e se não dependemos um do outro, o que nos resta nesta vida? Talvez crianças que ficarão separadas de seus pais, o que, para ele, é uma tristeza.

Tanto a percepção do que é família como a de casamento, o modo como dizem querer para si, é contrastante da maneira como relatam em seus discursos, como a percebem na sociedade em que vivem, ou seja, na Suíça. O tema abordado a seguir será a percepção dos entrevistados em relação às diferenças e

semelhanças de seus casamentos e o dos entre suíços e suíças, assim como percebem a fidelidade.

4.7 Diferenças, semelhanças, fidelidade

André conheceu sua esposa na empresa em que trabalhavam na Suíça e tem uma visão do Brasil e das brasileiras que não pode ser confundida com os estereótipos quando estrangeiros se referem às mulheres de países ditos “exóticos”. Ao contrário, está bem consciente deles e durante toda a conversa sempre deixou claro que generalizações estavam fora do que pretendia fazer, mas dentro do contexto da conversa era impossível dar a opinião do que achava sem cair em algum estereótipo.

Quando abordada a questão das diferenças e/ou semelhanças entre os casamentos com as mulheres suíças e as dos países com quem se casaram, André esclarece que nunca foi casado com uma mulher suíça e assim não tem como fazer a comparação, mas como foi casado com uma francesa, que acredita ser mais ou menos a mesma coisa, deu sua opinião, ressaltando, contudo, ser necessário não fazer generalizações. André e sua esposa Andréia têm, por exemplo, o hábito de fazer programas que saem do ordinário, mesmo no meio da semana, do mês ou do ano. Têm o costume de fazer coisas improvisadas e, quando André fala com os colegas e amigos suíços, percebe que não agem do mesmo modo, que esse tipo de coisa não é usual para eles, pois tudo na vida deles é programado. Afirmou não haver a menor espontaneidade em suas vidas, e a espontaneidade é o que de bom a cultura de sua esposa brasileira lhe traz, pelo menos uma das coisas que considera como positivas.

Je ne sais pas puisque je n'ai jamais été marié avec une femme suisse. Ma dernière femme est française. Mais on peut imaginer que c'est la même chose. De nouveau il ne faut pas généraliser. C'est vrai qu'avec Andréa, on est plus amené à faire des choses qui sortent de l'ordinaire. Dans le courant de la semaine, du mois, de l'année, on fait des choses tout d'un coup, organiser des choses à la sauvette, faire une fête pour un oui ou pour un non. Il me semble que quand je discute avec des amis ou des collègues suisses, ce n'est pas des choses qui arrivent tellement. Tout est programmé. Il y a moins cette spontanéité que peut amener la culture brésilienne.
(André)

As maiores mudanças em sua vida, advindas do casamento, se centram na diminuição de vezes que viaja ao Brasil, o que teria feito mais se não estivesse casado; mas, por outro lado, conheceu gente no Brasil que não teria conhecido se não fosse por sua esposa, e em Genebra fala e se encontra com brasileiros ou portugueses, coisa que dificilmente faria se não tivesse se casado com Andréia. André diz ainda que a fidelidade é algo importante, não pelo lado da apropriação, mas pelo fato de que se o outro não é fiel é porque ele não soube fazer o que deveria e como deveria.

Oui je pense. Pas par l'aspect d'appropriation mais par le fait que **si l'autre n'est plus fidèle ça veut dire qu'on n'a pas fait ce qu'il fallait.** C'est plus sous cet aspect-là que c'est embêtant. Il y en a, si on prend le prototype de machiste et tout, il va péter un câble s'il constate de l'infidélité et sortir une arme à feu ou je ne sais pas quoi. Je ne sais pas si c'est un... que je décris. Par contre, **ça peut me blesser par le fait si finalement il y a de l'infidélité, ça veut dire que je n'ai pas su faire ce qu'il fallait pour que ma femme reste avec moi pour qu'on se suffise, qu'on se satisfasse.** (André)

Acrescenta que a infidelidade é frustrante porque pode atingí-lo e ferí-lo, pois, se há uma infidelidade, quer dizer que o homem não soube fazer o que era necessário para que sua mulher permanecesse com ele, de modo que se bastassem um ao outro, que se satisfizessem um ao outro. Suas falas vão ao encontro do que Georg Simmel (2004) aponta como sendo a fidelidade: um “sentimento particular que não é dirigido para a posse do outro como o bem eudemonístico de quem a sente, nem para o bem-estar do outro como um valor extrínseco e objetivo, mas para a preservação da relação com o outro” (p. 38). O autor acrescenta que a fidelidade possibilita que os indivíduo sem relação se mantenham fortemente unidos.

Pierre explica as mudanças a partir de seu casamento com Patrícia, nas falas que seguem:

Lorsqu'on rentre dans une relation, on forme un nouveau cercle familial. Avant de nous marier chacun avait son cercle familial, celui de nos parents. **On avait donc nos références qui sont le cercle familial de nos parents.** Mais **quand on se marie avec quelqu'un, on forme un cercle familial et il y a de nouveaux valeurs qui se mettent, un nouvel équilibre** qui se fait, qui est cette nouvelle famille de nous deux avec nos enfants. C'est déjà cette différence et **ce cercle familial sera teinté de ce côté interculturel avec un mariage interculturel.** Donc c'est cet équilibre qui doit se former et par rapport à ça **il y a tout le côté tranquille,** on se pose pas de question **contrairement par exemple à ma maman qui s'inquiète des invitations une semaine avant le jour. Chez nous, si quelqu'un vient, c'est beaucoup plus relaxe.** C'est beaucoup plus tranquille et **on peut**

programmer les choses relativement au dernier moment. Ce n'est pas un problème. **Ce côté plus ouvert et relaxe me va bien.** (Pierre)

Quando entramos numa relação conjugal, formamos um novo círculo familiar, é como Pierre percebe o começo das mudanças a partir de seu casamento. Afirma, ainda, que antes de se casar cada um tinha seu próprio círculo familiar, o dos pais, e quando se casa com alguém passa-se a formar um novo, com novos valores que se acrescentam, um novo equilíbrio e, no caso dele, o círculo familiar será matizado pelo lado intercultural, pelo casamento intercultural. Pierre considera que eles encontraram uma certa tranquilidade como casal, culturalmente falando, e dá um exemplo de como ficou mais relaxado com a informalidade dos programas de sua esposa brasileira, contrariamente aos de sua mãe, que uma semana antes começa a se preocupar com os convidados etc. As coisas com ele e sua esposa são encaradas de maneira mais relaxada e podem mesmo “programar” as coisas “relativamente” de última hora, o que considera um lado positivo no casamento intercultural. É uma mudança positiva a partir dele. Assim pensa Pierre sobre a fidelidade:

Super important parce que **la fidélité c'est aussi un élément de la construction** et **pourquoi sortir de cette fidélité pour quelque chose qui est extrêmement temporaire?** Notre relation à nous va bien, on la trouve très équilibrée où **chacun voit dans la fidélité une signification claire.** Moi **je sais pourquoi je suis fidèle** et toi aussi parce qu'on sait **qu'on construit quelque chose qui a du sens pour nous** mais c'est peut être difficile à dire si dans un autre cas, j'aurais la même idée, la même conception de cette fidélité. Et **on construit les choses pour pouvoir conserver cette fidélité** aussi. C'est-à-dire le fait de garder de l'originalité dans notre couple, le fait de se surprendre. Tout cela permet que la construction de la fidélité soit logique. **Moi je ne verrai par exemple le portable de ma femme** et elle non plus. **Cette confiance qu'on a, pourquoi la gâcher avec une question de fidélité? J'ai tellement à gagner...** c'est une vraie richesse de vivre dans une relation comme on la vit et **je ne vois pas pourquoi je vivrais autrement.** (Pierre)

Para ele, a fidelidade é também um elemento na construção da relação e não vê razão em ser infiel por algo que é extremamente temporário. Acredita que, em seu casamento, tanto ele como a esposa veem na fidelidade um claro significado, algo que faz sentido e que eles fazem o necessário para conservá-la. E dá o exemplo do telefone móvel, ao dizer que de maneira nenhuma iria espiar o celular de sua esposa à procura de algo e se têm esse tipo de confiança um no outro, porque estragá-la sendo infiel? O que normalmente é visto como um consenso no

casamento não é percebido da mesma maneira por Brás, como se verá a seguir em sua fala.

Ao ser perguntado se a fidelidade era importante para ele, Brás responde imediatamente: “*Fidelidade? Nem um pouco.*” E avança dizendo ser a mesma coisa para homens e mulheres. Vale transcrever o desenvolvimento da conversa com a autora deste trabalho (ME):

[ME: Por que a fidelidade não é nem um pouco importante para você?]

Porque ninguém é fiel.

[ME: Ninguém é fiel? Por quê?]

Porque todo ser humano, quer dizer não posso pensar que todo mundo pensa como eu, mas eu sou um ser humano e todo ser humano pensa aproximadamente a mesma coisa, então eu acho que a fidelidade foi um dogma criado pela educação judaico-cristã, então nós somos "encucados" a sermos fiéis, mas eu acho que o ser humano não foi feito pra ser fiel. O homem não poderia dizer "é minha mulher, é minha esposa, é minha namorada", entendeu? O homem e a mulher são companheiros que sentem necessidade tanto pra um lado quanto pro outro e que, se se gostam, fazem uma vida juntos, mas não têm obrigação nenhuma de, tendo uma atração por outro, ficar lá retido por causa da obrigação da fidelidade, entendeu? Mas eu acho que eu não penso como todo mundo, eu tolero perfeitamente a infidelidade, nem acho que seja infidelidade. Infidelidade é outra coisa, infidelidade pra mim é uma vida dupla, entendeu? A pessoa está vivendo com outro, o outro não está sabendo e acaba usando da boa-vontade de um, ou aproveitando da boa vida com um para estar com outro – tanto para o homem quanto para a mulher. Eu acho que a fidelidade não deveria ter a importância que tem hoje, acho que a cultura da gente é que faz a fidelidade e a imaturidade. Porque eu fui muito ciumento e aprendi que o ciúme não traz a nada e, muito pelo contrário, que quanto menos ciúme eu tenho, quanto mais liberdade eu dou pra minha parceira, mais possibilidade eu tenho de ser fiel – não que eu queira a fidelidade, mas... não sei se você entende o que eu quero dizer.

[ME: Entendi.]

Eu acho que o ser humano foi feito pra ser livre, de qualquer maneira ele não é obrigado a ser fiel, e não é obrigado também a ser infiel, mas eu acho que a liberdade hoje em dia, do jeito que nós vivemos, ela tem que ser um pouco mais...

[ME: O que você quer dizer com "hoje em dia como nós vivemos"?)

A individualidade de cada um, todo mundo é responsável daquilo que faz, tanto da mulher quanto com o homem, o homem é responsável daquilo que faz e a mulher é responsável daquilo que faz. Então, hoje em dia não... antigamente se dizia "ah, é infiel porque a mulher provocou". Tanto é que a gente sabe que uma em cada cinco mulheres violadas dão queixa. Por que uma em cada cinco violadas dão queixa? Porque elas têm medo de botar a coisa e as pessoas acharem que foi ela que provocou o estupro, não é? E na realidade o estupro é um estupro, né? Mas eu não sei se é isso bem que você perguntou...

[ME: Não, mas acabou que você não só respondeu à pergunta como abrangeu mais a questão.]

É, porque a liberdade antigamente era culpa... ah, porque a mulher provocou e por isso o homem foi lá e estuprou. Não é assim. E por que foi sempre o homem que estuprou a mulher? Porque o homem tem sempre essa superioridade sobre a mulher. Mas eu não acho que o homem tenha superioridade sobre a mulher. Eu acho que a mulher é muito mais superior, inclusive eu que tive uma filha eu vi que a mulher tem muito mais vivacidade e é muito mais natural, né? Mas a sociedade faz com que os homens fiquem mais perversos, provocadores, porque ele em relação aos amigos tem que "ir pra cima" da mulher pra poder provar que ele é homem. Então é mais uma questão de cultura, eu acho.

Vale salientar que, de todos os sujeitos da pesquisa, Brás foi o único a considerar que a fidelidade não é importante no casamento e que é, inclusive, super valorizada, em contrapartida com André, que afirma que tem tanto a ganhar com sua relação que não vê porque viveria de outra maneira e porque iria procurar em outro lugar o que pode ter em casa. Pierre também pensa diferente de Brás, quando diz não ver porque sair da fidelidade por algo extremamente temporário. Além de ter um discurso diferenciado sobre fidelidade, Brás aponta para a maior liberdade da mulher na atualidade de uma forma bem peculiar. A seguir, as falas de Mike acerca de como percebe as mudanças em sua vida a partir do casamento:

J'ai fait un choix. Et j'entends, que ce soit une femme suisse ou une femme Philippine, que si on arrive à se comprendre et que chacun met du sien, on vit la même chose. C'est un cas peut-être un peu plus difficile avec une femme Suisse parce qu'elle est peut-être plus évoluée à travailler qu'à rester à la maison.

Aucun changement. Il faut rester soi-même.

Oui! c'est ce qui est le plus important dans le couple. Ça doit être **la même chose pour les hommes et pour les femmes.** (Mike)

Mike acredita ter feito uma escolha e que não tem importância se a mulher é suíça ou filipina; o que é necessário é que cada um se comprometa com a relação. Acredita que só se pode estar bem em uma relação se os dois estiverem comprometidos a fazê-la durar e que a nacionalidade é o de menos. Contudo, reconhece que seria mais difícil a vida de casado com uma mulher suíça, visto que elas são, talvez, um pouco mais inclinadas a trabalhar fora do que a ficar em casa. No entanto, quanto a mudanças a partir de seu casamento acredita não ter tido nenhuma, pois é preciso ser fiel a si mesmo, embora acredite que a fidelidade é o mais importante em um casal, tanto para a esposa como para o marido. Thyago também considera que a fidelidade seja importante tanto para os homens como para as mulheres. Note-se o que diz sobre as diferenças entre os casamentos com as

suíças em relação aos com as mulheres da Tailândia e que mudanças ocorreram desde o seu casamento:

Toutes ces questions **des différences entre les femmes suisses et thaïlandaises ne sont pas forcément que des généralités.** Elles dépendent d'une personne à l'autre. **Je compare avec d'autres relations que j'ai eues avant avec d'autres filles, d'autres femmes, j'ai beaucoup plus de compréhension, de communication de la part de mon épouse thaïlandaise. C'est peut être aussi moi avec les années qui ont évolué; Je ne veux pas dire que la faute revient forcément à l'autre,** mais plus de compréhension.

Plein des choses. Au niveau personnel, **l'envie de changer, de s'améliorer,** de devenir une meilleure personne pour pouvoir vivre avec quelqu'un et puis au niveau de la vie de tous les jours, **le fait de s'installer en couple, de revenir, de décider de revenir de l'Asie ou j'habitais avant, de revenir faire une vie ici qui paraissait plus stable dans l'optique de fonder une famille.** C'est une vie plus stable ici que de vouloir rester là-bas et d'essayer de vivre là-bas. **C'est de gros changements au niveau personnel et au niveau pratique, matériel aussi.** (Thyago)

Assim como André, Thyago reforça, mais uma vez, que falar de diferenças entre o casamento com suíças e estrangeiras seria fazer generalizações, pois tudo depende de cada pessoa, o que o faz decidir falar da diferença que percebe em relação aos relacionamentos que teve, no passado, com mulheres suíças, o que, na verdade, era o propósito da questão, saber acerca de suas próprias vivências. Acredita que tem uma maior compreensão, comunicação, da parte de sua esposa tailandesa, mas que pode ser devido também ao seu amadurecimento ao longo dos anos. Assim, acredita que talvez não possa colocar a culpa no “outro”, com certeza há mais compreensão.

Quanto às mudanças advindas a partir do casamento, considera que houve muitas, pois vivia na Tailândia durante anos e, ao decidir casar, achou que era mais estável pela perspectiva de formar uma família de o fazer na Suíça. Além de voltar para a Suíça por acreditar ser mais seguro e estável, houve uma grande mudança para ele em nível pessoal e material. Sobre o mesmo assunto, Reis afirma:

Depuis qu'on s'est rencontré on a vécu une relation à distance. Elle avait sa vie de célibataire au Brésil et moi la mienne en Suisse. On n'était donc libre et on rencontrait d'autres personnes. **Chacun organisait sa journée et on était complètement ou pratiquement indépendants l'un de l'autre. On s'est marié et elle est venue en Suisse.** On a commencé à construire notre vie ensemble, d'aménager notre appartement ensemble, d'organiser des voyages ensemble, de sortir et de faire des choses en commun. **Ça c'est le changement le plus grand qu'il y a eu depuis son arrivée.**

Oui. Le cliché général, c'est que les hommes sont moins fidèles que les femmes, la fidélité est moins importante pour eux que les femmes. **Moi je ne suis pas convaincu de ça. Si un couple décide d'être fidèle, il y a les mêmes pour les deux.** Et s'il y a quelqu'un qui n'est pas fidèle, il y a aussi deux qui sont impliqués. **On ne peut pas être fidèle tout seul.** Pour moi **personnellement c'est important, c'est une base.** Après on peut aussi définir jusqu'où va la fidélité.

Pour moi ce n'est pas juste de rencontrer d'autres personnes, de s'amuser avec des personnes de sexe opposé. Ce n'est pas être infidèle pour moi. **Je fais une grande confiance à ma femme et elle aussi envers moi.** C'est à peu près de **ne pas abuser de ça.** C'est clair qu'il **y a des limites qu'il faut à mon avis pas franchir** parce que ça commence à devenir plus compliqué pour se faire confiance. (Reis)

Durante vários anos, Reis e sua esposa tiveram um relacionamento à distância, com muitas idas e vindas dos dois entre o Brasil e a Suíça para se encontrar. Mesmo estando em um relacionamento, diz que cada um seguia sua vida com seus compromissos individuais, pois não viviam juntos. Quando se casaram sua esposa foi viver na Suíça e, a partir daí, é que começaram uma vida conjunta, o que considera ser a grande mudança para ele. No entanto, ele se foca nisso porque, usualmente, há um tempo de reajuste dos casais que vivem junto antes do casamento e, mesmo que não vivam junto, normalmente, vivem na mesma cidade ou pelo menos no mesmo país, o que com eles foi de “supetão”, após o casamento.

Quanto à fidelidade, considera que é importante e que não está convencido da verdade desses clichés de que o homem seja mais infiel ou que seja menos importante para ele ser fiel porque, se decidem ser fiéis, deve ser o mesmo para os dois lados, pois não se pode ser fiel sozinho. Pessoalmente, considera a fidelidade como a base do casamento. Assim, como ele e sua esposa têm confiança um no outro, acredita que há limites que não devem ser ultrapassados.

É possível observar, neste capítulo, que as mudanças apontadas nos dados estatísticos analisados no segundo capítulo são também aqui percebidas, nas vivências e nas falas dos sujeitos entrevistados, como uma realidade em suas vidas e não como algo que se passa com o outro, em outro bairro, em outra cidade, em outro país, a exemplo dos casamentos entre suíços e suíças, que em 1970 eram de 74,7% e, em 2009, decresceram para 51,4%. Ou os casamentos interculturais, que tiveram um aumento, no mesmo período, de 15,8% para 35,8%. O que perfaz um decréscimo de casamentos entre suíços de 23% entre si e, por outro lado, um aumento de 20% nos casamentos com estrangeiros. Ou seja, as falas dos sujeitos aqui apresentadas coincidem com o apresentado nas tabelas e gráficos sobre a

mudança do perfil dos casamentos na Suíça e como cada vez mais os homens se casam com estrangeiras e cada vez menos com mulheres de seu próprio país.

Mesmo Mike, que dentre os perquiridos é o único que construiu uma vida familiar bem “patriarcal”, percebe que muitas mudanças afloraram na sociedade em que vive e que, por isso, tudo está desmoronando. A família não tem mais a estrutura de outrora, pois a democratização da vida pessoal (GIDDENS, 1992), embora tenha sido um processo menos visível do que na vida pública, causou profundas implicações nas relações interpessoais, tornando-se um processo em que as mulheres exerceram o papel principal, no final, trazendo benefícios a todos.

No entanto, vive-se em uma sociedade em que as mudanças nem sempre são feitas ou acontecem na mesma sintonia, porque os diferentes níveis de realidade social não se transformam, sempre, no mesmo compasso, e as formas de agir e de pensar podem sobreviver a uma mudança nas condições de existência (BOURDIEU; SAYAD, 2006). Isso é percebido, por exemplo, nas diferentes formas das mulheres e dos homens apreenderem sobre a família, a masculinidade e as relações de gênero na atualidade; percebe-se também que o homem está alguns passos atrás, tentando se reequilibrar para acompanhar todas as mudanças que gestaram a partir da emancipação feminina. Como Bourdieu (2007) salienta, a dominação não é um efeito ideológico, mas resultante de um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos, que impõe aos oprimidos obstáculos nas suas expectativas de pensamento e de ação. E é isso que está sendo mostrado aqui. Apesar de décadas após a revolução feminina, ainda há valores, pensamentos, ações que se encontram incrustados nos sujeitos e muitos deles ainda têm dificuldade de acompanhar e se desenvencilhar deles.

Assim, as crenças e os valores tradicionais não foram completamente eliminados pelas ideologias individualistas vinculadas às sociedades euro-americanas, mas o fato de a sociedade basicamente ser heterogênea determina instabilidades e cria novos domínios. A instabilidade dos processos socioculturais é ainda mais acentuada nos centros urbanos, que têm como característica marcante a criação de novos formatos de vida, cada vez mais acelerados, e novas visões de mundo que podem levar os sujeitos envolvidos a uma identidade fragmentada. Deste modo, a intensificação desses fluxos migratórios, assim como dos culturais,

no mundo globalizado da atualidade, pode provocar tanto o enfraquecimento quanto o fortalecimento de identidades nacionais, locais, pessoais.

O processo de globalização é, ao mesmo tempo, homogeneizador e diferenciador (REZENDE, 2009), pois estimula a pluralidade cultural e é nesse duplo sentido que a globalização vem a ser um desafio para a construção de identidades – tanto afrouxando-as como arrefecendo-as. Enfim, esses deslocamentos migratórios e o caleidoscópio de estilos de vida obrigam a desenvolver novas formas de pensar a relação no tempo e no espaço, as identidades como seres sociais que somos. Mas, o caminho da reconstrução identitária pode se tornar bastante espinhoso.

Nas mudanças das últimas gerações as mulheres realmente foram responsáveis pela transformação nas relações de gênero e os relacionamentos afetivos foram se decompondo pela insegurança advinda dos questionamentos das identidades dos sujeitos em questão. Assim, não há porque começar ou continuar uma relação já que as expectativas são tão altas que se tornam difíceis ou mesmo impossíveis de alcançar e, se o que se objetiva é um relacionamento perfeito, em que a pessoa em si passa a ter menos valor que o próprio relacionamento, este passa a ser mais descartável, visto que se baseia na relação e não no ser humano o que vem acontecendo cada vez mais nos países de Baixo Contexto. A relação está centrada no individualismo e o eu passou a estar em primeiro lugar, a relação em segundo e o outro em último. Como Scott (1989) assinala, as mudanças na organização das relações sociais obedecem sempre à transformação nas reproduções de poder, mas nem sempre essa mudança se direciona em um único sentido.

Assim, é perceptível, no fato de alguns homens estarem constituindo família com mulheres de outros países que não o seu de origem, como no caso deste estudo, uma tentativa de conseguir, para si, um relacionamento onde o “eu” não seja o centro da relação, mas o “nós”. Mas, também, que o que buscam é formar uma família mais coesa, mais “tradicional”, na qual o “não há longo prazo”, o “flexível” e a precariedade não estejam presentes. E isso se reflete em suas falas, seja qual for a nacionalidade da esposa, contrariando a percepção inicial que se pudesse ter de que, talvez, o foco de suas escolhas estivesse nas características ou nos traços das mulheres por suas nacionalidades. Na verdade, o foco está, exatamente, pelo

menos o mais forte, no fato desses países terem uma cultura familiar mais coesa e seus membros terem uma interação maior entre si.

Por outro lado, tanto no caso das mulheres em suas reivindicações na busca da igualdade, para terem reconhecido o seu lugar como seres sociais com direitos como cidadãs na sociedade em que vivem, como mostrado nas mudanças na sociedade suíça (Capítulo II), como no caso dos homens, ao buscar outras formas de família, como as aqui apresentadas, ou seja, interculturais, ou, ainda, ao constituírem associações pró-masculinidade (Capítulo III), mostram, esses, serem sujeitos com agência e com projetos de vida. Do mesmo modo, estão exercendo seus poderes de agência, face ao conflito com que se deparam em sua sociedade e em suas relações interpessoais.

Seguindo essa linha de raciocínio, não é possível determinar que as relações de poder entre os gêneros se mantenham iguais ou que as mulheres se apresentam sem poder de ação na sociedade euro-americanas. Ao contrário, ao longo do trabalho tornou-se claro que a mulher está tomando para si a decisão do que fazer de sua vida, como o fazer e quando o fazer, mesmo que ainda não se esteja perto de uma relação de igualdade real. Em uma entrevista à Revista Amanhã (ESBER, [s/d]), Mirian Goldenberg fala sobre sua pesquisa e pontua as diferenças percebidas nas mulheres brasileiras e nas alemãs, a respeito de como se percebem como profissionais e como mulheres.

Sim, mesmo depois da guerra. Quando os homens voltaram, criou-se um problema, porque elas não queriam abrir mão daquelas atividades que tiveram de assumir enquanto eles estavam fora. Você vê que na Alemanha Oriental, hoje, me parece que 30% dos homens ficam em casa, cuidando dos filhos, e as mulheres vão trabalhar. Elas não querem aceitar ficar em casa cuidando dos filhos, elas querem trabalhar. O resultado, lá, é a existência de uma cultura mais igualitária, de mulheres que já não precisam provar nada (Mirian Goldenberg por Eugênio Esber / Revista AMANHÃ).

No entanto, ao se referir às mulheres brasileiras, a autora mostra como o panorama entre as relações de gênero se configura de forma bem diferente, visto que a alemã não faz o mesmo tipo de escolha que a mulher brasileira. A primeira escolhe entre um ou outro, enquanto a segunda não abre mão dos dois papéis. “A alemã decide que ou fará isso ou fará aquilo. É algo como "ou eu vou ser mãe e criar meus filhos" ou "eu vou investir tudo na carreira". A brasileira, não. Ela quer isso e aquilo.” (Mirian Goldenberg por Eugênio Esber/Revista AMANHÃ) Deste modo,

enquanto a brasileira não abre mão do seu papel de esposa e de mãe e quer casar, ter filhos, constituir uma família, papel que na Europa muitas mulheres não desejam mais, em contrapartida, “na Alemanha, por exemplo, 50% das mulheres não querem ter filhos. Elas investem muito no trabalho. Aqui, no Brasil, as mulheres querem conciliar o trabalho com a posição de mãe e esposa, o que é uma coisa muito complicada.” (Mirian Goldenberg, por Eugênio Esber/Revista AMANHÃ) Não obstante, esse tipo de escolha da brasileira pode levar a “uma insatisfação feminina muito grande por causa de uma dupla frustração. Afinal, no mercado de trabalho elas não têm o mesmo prestígio, remuneração e poder dos homens. E por outro lado não conseguem ser mães e esposas em tempo integral.” (Mirian Goldenberg por Eugênio Esber/Revista AMANHÃ) E, como agravante, as que pretendem optar por serem mães e esposas em tempo integral, embora não seja uma escolha de forma massiva, essa ação não é percebida como “um comportamento muito aceitável”, nem pelos homens nem pela sociedade em geral, dado que o homem brasileiro já não quer bancar a casa sozinho.

Contudo, ao contrário das alemãs, a autora afirma que a mulher brasileira, mesmo tendo alcançado várias conquistas, não é segura em relação a elas e tenta compensar pelo busca do corpo perfeito.

Aqui nós temos que provar permanentemente que podemos. Então é óbvio que o fato de ser mulher acrescenta um problema. Os homens também têm que ser competentes e tal, e também são questionados, mas a mulher tem que provar o tempo todo que pode... Ela não é vista como uma igual. Ela tem que provar que é uma igual. E tudo isso com outros agravantes, aqui no Brasil. Porque a Dilma teve que fazer plástica. A Yeda eu não sei. A Marta Suplicy fez quantas plásticas? A Dona Marisa fez quantas plásticas? (Mirian Goldenberg por Eugênio Esber / Revista AMANHÃ)

No entanto, Mirian Goldenberg aponta a importância que as mulheres brasileiras dão para o marido ou, melhor dizendo, que embora o corpo tenha uma grande importância e seja um “capital”, um marido vale mais do que um belo corpo.

Vale. Por quê? Porque mesmo as gordinhas que eu pesquisei se diziam felizes porque estavam com um marido há 30 anos... E, por outro lado, as mulheres mais bonitas, mais jovens, mais bem-sucedidas que eu ouvi, me diziam ter inveja de outras mulheres nem tão bonitas ou bem empregadas porque não tinham um marido. Não tinham esse capital. Lamentavam, dizendo "eu nunca vou ter uma relação de 30 anos, porque já estou com 50". (Mirian Goldenberg por Eugênio Esber / Revista AMANHÃ)

Em contrapartida, pode-se verificar que há várias formas diferentes das manifestadas pelos entrevistados e que, de fato, a masculinidade é um fenômeno do nível discursivo e do discurso enquanto prática e que, portanto, se constitui num campo de disputa de valores morais, onde há uma enorme distância entre o que se diz e o que se faz (VALE DE ALMEIDA, 2000). Um exemplo das masculinidades diferentemente vividas e percebidas pelos sujeitos é quando Mike afirma ser um chefe de família em sua casa. As hierarquias são bem definidas em sua família, enquanto todos os outros entrevistados afirmassem não haver um chefe de família, pois os dois tomam as decisões em conjunto, mesmo no caso das esposas que neste momento não trabalham, por terem optado por criar os filhos, como Patrícia, ou no caso de Rita, que está terminando o mestrado. Ken afirma ter mais qualidades de “dono-de-casa” do que a esposa e diz que, se necessário for, ficará em casa para cuidar dos filhos enquanto a esposa vai trabalhar, dado que ela tem as “qualidades mais masculinas” do que ele. Reis afirma que a competitividade, a que ele chama de “briga de galos”, não está em sua natureza, talvez por ter sido criado entre mulheres; acredita, também, ter qualidades mais femininas. As masculinidades aqui são apresentadas como idealizadas, hegemônicas, hierárquicas (mais ou menos masculino), nos termos de Vale de Almeida (1996), quando assinala que, em determinado contexto, há de se lidar com um modelo dominante de masculinidade e outros que a ele se subordinam ou com ele dialogam, dado que a masculinidade hegemônica é um consenso experimentado por cada homem, do mesmo modo que a masculinidade subordinada, por estar contida na hegemonia.

Em última instância, é preciso desconhecer completamente os problemas de identidade para acreditar que os homens criados nos antigos moldes de educação conseguiriam, em uma geração, de um só golpe, o perigoso salto triplo (BADINTER, 1993). Ou seja, o requestionamento de sua masculinidade ancestral, a aceitação de uma feminilidade ou qualidades mais femininas e a invenção de uma nova masculinidade, compatível com ela. Assim, o fato de contestar a identidade dos pais ou antepassados não torna uma geração automaticamente apta a uma reconciliação com sua nova identidade. E, mesmo com esta aceitação, não está garantida a capacidade de descobrir a masculinidade que lhes convém, sobretudo se esta se tornou objeto de tantas interrogações e polêmicas.

Em sequência, será abordado primeiramente o turismo afetivo-conjugal, modo como muitos homens e mulheres conheceram seus pares, em seus momentos de lazer, quando de férias em um país diferente do seu de origem, seguindo-se o reverso da moeda, a saber, a migração afetivo-conjugal para, finalmente, relatar as possíveis dificuldades encontradas na vida conjugal intercultural.

5 O TURISMO AFETIVO-CONJUGAL E A MIGRAÇÃO AFETIVO-CONJUGAL

Ni citoyen, ni étranger, ni vraiment du côté de
Même, ni totalement du côté de l'Autre, il se situe
en ce lieu «bâtard» dont parle aussi Platon, la
frontière de l'être et du non-être social.

Pierre Bourdieu

5.1 Breves considerações sobre o turismo

O capítulo II aborda como os sujeitos da pesquisa encontraram seus pares, ou seja, como alguns deles se conheceram no decorrer de seu dia a dia, de seu cotidiano, como, por exemplo, na igreja, Lôtus; na lavanderia, Kat; no trabalho, Andréia, enquanto outros se conheceram em seus momentos de lazer, fora de seu cotidiano, em suas viagens de turismo.

A descoberta do turismo talvez tenha acontecido pela curiosidade do ser humano e/ou pela necessidade de descoberta da existência de lugares ainda não vistos, do desconhecido. Para alguns estudiosos, sua origem se deu com as peregrinações religiosas, para outros, pelas viagens dos exploradores e comerciantes. Mas, independentemente de como tenha surgido, o turismo é um fato constante em nossa sociedade.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo seria a soma de relações interpessoais e de serviços, resultante de uma mudança de residência temporária e voluntária motivada por razões diversas, pessoais, a negócios ou profissionais. Pode definir, também, as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos daqueles em que vivem usualmente, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros. O que mais se destaca, entre as mais variadas definições de turismo, é que o tempo de permanência no destino turístico não pode ultrapassar

os sessenta dias em um mesmo local⁶⁷, nem ser inferior a vinte e quatro horas, e o deslocamento não pode ser de caráter lucrativo⁶⁸.

Visto que a viagem e a estada acontecem fora do lugar de residência, as pessoas desenvolvem atividades diferentes de seu cotidiano. O movimento de pessoas também é peculiar, por ser temporário, já que o turista tem em mente voltar para casa ou é obrigado, sob o risco de deixar de ser turista para passar a ser migrante ilegal. A visita ao local escolhido não visa lucro nenhum; deste modo, as motivações obedecem a razões imateriais, pessoais, íntimas. Os elementos mais característicos das definições de turismo são o tempo de permanência, o caráter não lucrativo da visita e, sobretudo, a procura do prazer por parte dos turistas. O turismo é uma atividade em que se busca lazer e prazer por livre e espontânea vontade. Portanto, a categoria de *livre escolha* (BARRETTO, 2005) deve ser incluída como fundamental no estudo do turismo, e é dentro deste contexto de livre escolha que muitos homens buscam, em seus momentos de lazer, quando em uma viagem de turismo uma possibilidade de realizar o desejo de constituir uma família.

Mas, ainda que haja muita divergência quanto aos impactos causados nas culturas autóctones, os milhões de pessoas se deslocando de um país para o outro não deixam dúvidas de que se trata do maior fenômeno de deslocamento voluntário da história da humanidade, proporcionando que turistas e residentes vivenciem a alteridade. Conseqüentemente, em termos gerais, o turismo é um tipo específico de deslocamento praticado por um tipo específico de viajante, o turista. Em 2013, segundo a OMT, o turismo internacional ultrapassou as expectativas, com 1,1 bilhões de recepções no mundo inteiro, com um aumento de 52 milhões (5%)⁶⁹.

⁶⁷ Normalmente, é possível pedir prorrogação de mais sessenta dias junto à Polícia Federal. Além de que varia entre países, pois em alguns são noventa dias.

⁶⁸ Há exceções, segundo alguns teóricos como, por exemplo, o turismo de negócios e evento. "Turismo de Negócios & Eventos compreende o conjunto de atividades turísticas decorrentes dos encontros de interesse profissional, associativo, institucional, de caráter comercial, promocional, técnico, científico e social". Segundo o volume editado pelo Ministério do Turismo, o turista de negócios e eventos, doméstico e internacional, apresenta algumas características comuns: escolaridade superior; poder aquisitivo elevado; exige praticidade, comodidades, atendimento e equipamentos de qualidade; representa organizações e empresas; realiza gastos elevados em comparação a outros segmentos; permanência média de quatro dias (doméstico) e de oito dias (internacional). (Marcos Conceituais – Ministério do Turismo/MTur) Acesso em 08/07/2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/negocios_eventos.html>

⁶⁹ <[Organização Mundial do Turismo](#)> (OMT). Acesso em: 10/07/2014. Disponível em: <<http://www.veilleinfotourisme.fr/tourisme-international-92350.kjsp>>

É possível afirmar que esse fluxo de deslocamento de massas visando o turismo começou em grande escala quando Thomas Cook organizou sua primeira viagem, em 1841. Vários estudiosos do turismo (THEOBALD, 2002; CAMARGO, 2001; BARRETTO, 2005) pesquisaram sua história e como ele organizou o *Handbook of the trip*, considerado o primeiro itinerário descritivo de viagens, um *tour* com a participação de guias de turismo, que levou 350 pessoas a uma viagem à Escócia, em 1846, além de ter criado o cupom de hotel, ou como hoje é conhecido – o Voucher -, em 1851. Thomas Cook também fundou a primeira agência de viagens, a Thomas Cook & Son, popularizando a excursão organizada, ou o pacote turístico, barateando, desta maneira, as viagens, permitindo que uma grande parte da população tivesse acesso às viagens de férias. Já na década de 70 e 80 (século XX), com a crise do petróleo, o custo do turismo aumentou, mas surgem os voos *charter* e começa-se a falar em indústria turística e em políticas de cooperação internacional. A OMT é criada em 1974 e aparecem a classificação de mercados emissores e receptores e a concentração empresarial. Na década de 90 começa a despontar, mas é no século XXI que surge com força a consciência ecológica e cultural e a segmentação de turismo ecológico transformando o turismo no maior movimento de massas já ocorrido na história da humanidade. Atualmente, há uma enorme variedade de segmentos de turismo,⁷⁰ assim como uma maior variedade de pacotes turísticos.

Não obstante, um segmento de turismo não se encontra entre os usualmente oferecidos nos pacotes de agências de viagens: o turismo afetivo-conjugal.

5.2 Turismo afetivo-conjugal

Embora tivesse assistido filmes sobre relacionamentos inter-raciais, religiosos ou culturalmente mistos, e eu mesma fizesse parte de uma família intercultural e

⁷⁰Turismo de aventura; Turismo de montanha; Turismo de litoral (praia); Turismo científico ou de estudos e intercâmbio; Turismo de compras; Turismo cultural; Turismo desportivo; Turismo ecológico (ou ecoturismo); Turismo étnico; Turismo de eventos; Turismo de negócios; Turismo gastronômico; Turismo histórico; Turismo de lazer; Turismo religioso; Turismo rural (ou agroturismo); Turismo de saúde e bem estar; Turismo de repouso; Turismo espacial; Turismo político; Turismo comercial; Geoturismo, Turismo sexual, Turismo gay, Turismo LGBT.

estivesse inserida numa relação afetivo-conjugal intercultural, essa tomada de consciência de que muitos homens estavam realmente viajando para encontrar uma esposa ocorreu, pela primeira vez, quando um amigo do meu marido lhe perguntou se podia vir passar as férias conosco, no Brasil, e se seria possível, para nós, apresentar-lhe mulheres de família, porque gostaria de iniciar um relacionamento sério. Esse comentário veio-me à memória anos depois e me fez perceber que os nossos amigos e mesmo familiares estavam contando conosco, como casal, para lhes facilitar o acesso a uma possível esposa. E isso ficou mais claro quando um deles se virou para o meu marido e lhe disse: “Se tu conseguiste, porque não eu?”⁷¹

Assim, ao começar a estudar as famílias formadas entre homens euro-americanos e mulheres brasileiras e, mais tarde, homens suíços e mulheres brasileiras, denominei de Turismo Afetivo (CÉU RODRIGUES, 2001; NOURA RITTINER, 2006) o fluxo turístico desses homens com a intenção de formar uma família com mulheres dos países de destino turístico. Além disso, um tipo de turismo pode levar a outro, o que faz que nem sempre o turista comece pelo turismo afetivo, mas pode vir a se tornar um turista afetivo-conjugal, como no caso de Paulo, que viajou para turismo cultural no Brasil, com um amigo, e acabou conhecendo sua atual esposa.

Durante o tempo em que Paulo namorou sua hoje esposa Paula, viajou várias vezes ao Brasil para vê-la, tornando-se um turista afetivo, assim como ela viajou para encontrá-lo na Suíça -, sendo ela, nesse momento, também, uma turista afetiva, já que a razão da viagem era o relacionamento afetivo entre eles e não o turismo cultural ou outro -, até que finalmente se casaram. Outro casal desta pesquisa que se conheceu em uma viagem de turismo foi Reis e Rita, que se encontravam de férias na Espanha, fazendo turismo, cada um com seus respectivos amigos. Este casal ficou muito tempo namorando online, por telefone, e indo e vindo do Brasil para a Suíça e, nessas viagens, deixaram de ter como foco principal o turismo cultural, ecológico ou outro, e passaram a ter como intenção o turismo afetivo.

⁷¹ Quando olham para mim, por eu ser mestiça, percebem-me como sendo brasileira, embora eu seja portuguesa e minha herança mestiça se deva ao fato de ser descendente de avós negras, angolanas, e avós brancos, portugueses.

Assim, o turismo afetivo-conjugal (NOURA RITTINER, 2006) é uma ação frequente de indivíduos que fazem viagens organizadas usando a infraestrutura e redes de apoio do turismo – hotéis, agências de viagens, translados, entre outros –, estimulados subjetivamente pela vontade de encontrar alguém para constituir família em terras distintas da sua de origem. Ou seja, turistas que buscam um relacionamento afetivo-conjugal em seu período de férias, ou que, em decorrência de serem turistas, acabaram se tornando turistas-afetivos. No caso específico deste estudo, os homens e mulheres pareciam estar buscando um “par ideal”, que correspondesse a um tipo de casamento mais coeso, estável, diferente do que os homens aqui perquiridos descrevem como sendo o casamento atual entre os suíços, na Suíça. No entanto, ao contrário dos outros segmentos de turismo, como, por exemplo, o turismo LGBTT⁷² ou o turismo sexual, não há pacotes de turismo afetivo-conjugal nas agências de viagens, embora haja redes de ajuda para facilitar o encontro desses casais, como as redes de amigos, as agências matrimoniais e os sites de relacionamentos virtuais, que serão abordados mais adiante.

Com o aumento da demanda do turismo LGBTT, segundo Juliana Hauser (2006), os empresários começaram a apostar em uma programação especializada direcionada para esse tipo de turista. Atualmente, as agências de viagens especializadas neste setor têm uma clientela e serviços selecionados como, por exemplo, a Inter-Rainbow, que movimentava mais de R\$ 400 mil por mês. Mesmo assim, os empresários da área ainda dizem trabalhar em um mercado invisível. Mas, até pouco tempo, era inviável encontrar este tipo de serviço e de turismo em agências de viagens e agora existem agências especializadas e outras que trabalham em conjunto. O governo de São Paulo, por exemplo, em seu prospecto⁷³

⁷² São muitos e grandes os eventos que ocorrem na cidade de São Paulo. Anualmente, o Observatório de Tendências (OT) seleciona alguns para efetivar pesquisas de campo objetivando identificar o perfil do seu público, incluindo turistas motivados pelo assunto. No primeiro semestre de 2011, destacamos cinco temas: moda (SPFW), samba (Carnaval no Sambódromo), lazer cultural (Virada Cultural), esporte/automobilismo (Fórmula Indy 300), gay week/Parada LGBT. (Observatório do Turismo da cidade de São Paulo. Boletim semestral - 2011/1, Observatório de Tendências São Paulo Turismo, p.17). Acesso em 09/08/2014. Disponível em: <http://www.cidadedesapaulo.com/sp/images/stories/observatorio/boletim_observatorio_turismo_2011_1.pdf>

⁷³ Acesso em 09/08/2014. Disponível em: <http://www.investe.sp.gov.br/uploads/midias/documentos/folder_um_mundo_chamado_sp_portugues_2014_05_08.pdf>

do setor de Turismo e Cultura, pontua a maior Parada de LGBT do mundo como sendo um dos três maiores atrativos da cidade.

Contudo, uma das razões para que o turismo afetivo esteja aumentando ou que cada vez mais casais se encontrem em uma situação de turistas afetivos-conjugal pode ser o fato de o homem estar fugindo de uma situação com a qual não quer ou não pode lidar. Para não serem violentos ou para tentar adiar a gestão de uma situação difícil, alguns homens – a que Sophie Pioro (2004) chama de homens em renegociação –, optam pela fuga. Reconhece-se aí uma crítica frequente das mulheres, dirigida aos homens, e é mesmo um ponto de discussão dentro da própria equipe de pesquisa⁷⁴ de que Pioro faz parte. Na mesma linha de pensamento, Catherine Serrurier (1996) afirma que os homens, por sua vez, fogem, por puro medo de uma relação da qual sairão perdedores.

A fuga ou, dito de forma mais amena, a partida da cena da altercação, seja qual for o assunto em questão, leva a apontar algumas particularidades nas relações homens/mulheres, como, por exemplo, quando os valores humanos diferem e as palavras não mais suficientes, quando a frustração ou a raiva invadem o espaço pessoal ou conjugal em que, frequentemente, os homens apelavam para o uso de suas armas de virilidade. Hoje, eles estão fugindo. No entanto, é difícil saber se essa postura vai continuar ou se vai mudar para uma nova recomposição da masculinidade (PIORO, 2004). Eles estão fugindo do conflito conjugal, como fogem do conflito em seu trabalho ou de qualquer outro. Uma dessas fugas é através da procura de um relacionamento em que tudo não se transforme em uma arena, da negociação e renegociação. Isso porque, ao procurar pelos direitos e ao colocá-los em exposição pelas demandas dos sujeitos em questão, a família se transforma em uma “arena” de negociação desses direitos (SCOTT, Russell, 2011).

Com isso, não se quer afirmar que esses homens suíços não tenham mudado a sua mentalidade patriarcal ou que não estejam, pelo menos, tentando, que não

⁷⁴ Este trabalho faz parte do projeto “Et les hommes?” desenvolvido de 2002 a 2004 na França, Bélgica e Grécia, por iniciativa de Daniel Welzer-Lang (Universidade de Toulouse - Le Mirail et Association Les Traboules), François Delor (Observatório da Aids e das sexualidades – Facultés Universitaires Saint-Louis – Bruxelles e associação Ex æquo) e Sophie Pioro (na época, encarregada da política de igualdade homens/mulheres no Gabinete da Ministra do Emprego na Bélgica), e o parceiro grego era Kethi (seu cargo era mais ou menos equivalente ao Ministério do Direito das mulheres na França). A equipe foi reagrupada por Yannick O. Quentrec (sociólogo), que codirigiu a parte dos estudos sobre os sindicalistas, e Martine Corbière, que codirigiu a parte sobre os homens políticos e os homens responsáveis por cargos administrativos elevados.

queiram igualdade de direitos entre homens e mulheres. Significa, sim, que eles querem formar uma família e muitas vezes isso se torna difícil no meio social em que vivem, pois as mulheres estão empenhadas em manter a igualdade de direitos que adquiriram a duras penas e não pretendem colocá-la em risco com um casamento ou um filho, por achar que, provavelmente, acabariam tendo um retrocesso profissional. Assim, os homens, pelo menos alguns, como percebido em suas falas, mudaram em favor da igualdade, ainda que, para muitos, suas práticas sejam mais igualitárias do que seus discursos onde ainda são reproduzidas visões naturalistas ou essencialistas, como a mulher amar de forma mais intensa que os homens por os terem concebido. Outros, como Giddens (1993) assinala, ainda são retardatários nas transições que estão ocorrendo, pelo menos nas sociedades euro-americanas, visto que estão pela primeira vez “descobrimo que eles próprios são homens, ou seja, possuem uma “masculinidade” problemática” (p. 69, 70).

Consequentemente, o autor deve ser levado em consideração quando diz que descrever o homem como sendo “incapaz de expressar seus sentimentos” pode ser um exagero. Seria melhor dito: “Muitos homens são incapazes de construir uma narrativa do eu que lhes permita chegar a um acordo com uma esfera da vida pessoal cada vez mais democratizada e reordenada” (GIDDENS, 1993, p. 132). Assim, indo ao encontro do que dizia Sophie Piro, Giddens pontua que, quanto mais as mulheres fazem pressão nos homens para “uma ética do amor confluyente”⁷⁵, mais tornam a dependência emocional masculina insustentável, o que implica em uma maior dificuldade, para muitos deles, em lidar com a pobreza moral que tudo isso implica.

Pode-se então dizer que uma dessas formas de fuga consiste na procura, cada vez maior, de formação de famílias interculturais. E alguns homens o conseguem com mulheres migrantes em seus países ou em viagens de turismo, como foi o caso de alguns sujeitos desta pesquisa.

Deste modo, os casamentos interculturais estão aumentando a cada ano, quer seja pelo aumento da migração, quer seja pelo aumento do turismo. Entretanto,

⁷⁵Para Giddens, o amor confluyente seria como um amor ativo, contingente, que entra em choque com as categorias “para sempre” e “único”, contrariando a ideia do amor romântico, ou ainda, uma troca igual no dar e no receber emocionalmente falando, e quanto mais assim for, mais o laço amoroso se aproximará do protótipo do relacionamento puro quando o amor só se desenvolve na mesma medida que a intimidade, até alcançar o ponto de partilhar de maneira total, ou seja, estar diante do outro completamente vulnerável; e não consiste, necessariamente, em um amor monogâmico.

ao fazer uma comparação entre os países emissores de turistas para a Suíça e os países de origem das esposas estrangeiras com quem os suíços mais se casam, verifica-se que cinco países, inclusive o Brasil, estão entre os dez países de origem das esposas com quem os suíços mais se casam. Ou seja, o Brasil está entre os países de maior importância, tanto como exportador de esposas como de emissor de turistas para a Suíça, como se pode ver na tabela 7, de pernoites na Suíça, na temporada de 2011/2012, segundo o país de origem dos hóspedes.

Tabela 7 - Pernoites na Suíça, segundo o país de origem dos hóspedes (em milhões, valores arredondados) – 2011-2012

País de origem dos hóspedes	Anodo 2012	Temporada de inverno 11/12	Temporada de verão 2012
Total	34,8	15,3	19,3
Suíços	15,7	7,1	8,5
Estrangeiros	19,1	8,2	10,8
Total Europa (sem a Suíça)	13,0	6,2	6,8
Allemagne	4,6	2,1	2,5
Royaume-Un'i	1 1,5	0,8	0,8
France	1,3	0,7	0,6
Italie	1,0	0,5	0,5
Pays-Bas	0,7	0,3	0,4
Belgique	0,6	0,3	0,3
Pays nordiques ²	2 0,5	0,3	0,2
Russie	0,6	0,3	0,2
Espagne	0,4	0,2	0,3
Autriche	0,4	0,2	0,2
Autres pays d'Europe	1,3	0,6	0,7
Total América	2,2	0,8	1,4
Etats-Unis	1,5	0,5	1,0
Canada	0,2	0,1	0,1
Brésil	0,2	0,1	0,1
Autres pays d'Amérique	0,2	0,1	0,1
Total Ásia	3,3	1,0	2,3
Japon	0,5	0,1	0,4
Chine (y compris Hongkong)	0,8	0,3	0,6
République de Corée	0,2	0,1	0,1
Israël	0,2	0,1	0,1
Inde	0,5	0,1	0,4
Autres pays d'Asie	1,1	0,4	0,7
Total Africa	0,3	0,1	0,2
Total Austrália, Oceânia	0,3	0,1	0,2

Fonte: Fédération Suisse du Tourisme (FST)

¹ Grande-Bretagne et Irlande du Nord

² Danemark, Finlande, Norvège, Suède e Islândia

Por outro lado, ao se comparar os países turísticos preferidos pelos homens suíços verifica-se que três dos quatro países de origem das esposas desta pesquisa fazem parte também dos países de destino turístico dos homens suíços (Brasil, República Dominicana, Tailândia), como se pode verificar na tabela 8.

Tabela 8 - Países turísticos preferidos pela população suíça

Voyageurs suisses				Nuitées			
Europa	2011	2010	+/- en %	2011	2010	+/- en %	Ø nuits
France	5 700 000	5 500 000	4,0	30 000 000	28 100 000	6,8	5,3
Allemagne	2 301 482	2 028 423	13,2	4 764 553	4 186 422	13,8	2,1
Italie	1 882 921	1 1 810 501	4,0	7 908 268	520 097	4,4	4,2
Espagne	1 373 483	1 157 485	18,6	3 111 995	2 554 009	21,8	9,2
Autriche	1 198 957	1 053 566	13,8	4 276 846	3 796 837	12,6	3,6
Grande-Bretagne	768 000	623 000	23,3	4 318 000	3 686 000	17,1	5,6
Grèce	361 405	274 418	31,7	2 891 240 ¹	2 201 940 ¹	31,2	8,0 ¹
Turquie	328 825	303 115	8,5	797 042	944 408	-15,7	4,8
Hongrie	273 000	222 000	23,0	1 719 900	1 393 000	23,3	6,3
Pays-Bas	201 243	181 300	11,0	425 040	369 600	15,0	2,1
América d Norte e do Sul							
USA	476 502	390 591	22,0	9 291 789	8 593 002 ¹	7,8	19,5
Canada	110 723	107 220	3,2	1 755 592	1 671 992 ¹	5,0	16,0
Brasil	65 951	69 995	-5,8	1 582 824 ¹	1 539 890 ¹	2,7	24,0
México	29 550	28 675	3,1	384 150 ¹	372 847 ¹	3,0	13,0 ¹
Rép. Dominicana	26 522	29 577	-10,3	236 311	272 700	-13,3	8,9
Ásia / Oceânia							
Thaïlande	180 720	165 582	9,1	2 909 592	2 450 614	18,7	16,1
Singapour	79 021	74 376	6,3	238 643	226 846	5,0	3,0
China	75 300	74 300	1,3	301 200 ¹	297 225 ¹	1,3	4,0
Hongkong	51 170	46 670	9,6	204 680 ¹	182 013 ¹	12,5	4,0
Dubaï	50 557	51 870	-2,5	213 390	186 548	14,3	4,2
África							
Égypte	140 148	196 714	-28,8	1 606 156	1 971 298	-18,6	11,5
Maroc	67 636	71 640	-5,6	126 000	155 661	-19,1	1,9
Tunisie	42 486	96 319	-55,9	220 927 ¹	501 085	-56,0	5,2
Áfrique du Sud	40 728	39 725	2,5	733 104 ¹	715 050 ¹	2,5	18,0 ¹
Île Maurice	24 362	18 580	31,1	328 887 ¹	260 120 ¹	26,4	13,5

Fonte: Fédération Suisse du Tourisme (FST)

¹ Estimativa sem nenhum valor contratual.

Em conjunto, estes dados demonstram que seis dos países de destino turístico preferido dos suíços, na temporada de 2010 e na de 2011, são também seis dos dez de origem das mulheres com quem mais os homens suíços se casam: Brasil, Espanha, Tailândia, Reino Unido, Estados Unidos e Países Baixos. Possivelmente não aparecem mais ainda porque a pesquisa abrangeu as mulheres dos dez países de cada continente com quem mais os suíços se casam e aqui só

são apresentados cinco países de destino. Assim, pode-se constatar que esses casais se encontram ou mesmo se buscam tanto pelo turismo como pela migração.

Gabrielle Varro (2003) salienta um outro fator importante nesses casais, mais especificamente nas mulheres inseridas em um casamento intercultural. Ela identificou uma série de características em comum em muitas das mulheres que se casam com homens de outras culturas ou se casam em outros países. Elas tendem a estar mais bem preparadas para o casamento e mostram níveis de comprometimento, diferenciação do outro, tolerância e respeito mais elevados do que a maioria das mulheres e, em geral, o comprometimento e a flexibilidade delas podem acrescentar vitalidade às suas famílias. Isso porque os casais interculturais, muitas vezes, têm de se confrontar com questões complexas, como a religião a ser seguida, a forma de educar os filhos, já que são de culturas, idiomas, nacionalidades distintas, entre outras questões, o que os faz estar mais abertos e ter uma maior habilidade de distinguir e abordar questões sobre as ideias trazidas das suas respectivas culturas de origem do que outros casais que não tiveram que se confrontar com elas no dia a dia.

Seguindo esta linha de pensamento, o *inter* pode ser percebido como uma instância onde são incorporados elementos das culturas dos dois cônjuges, na qual se ultrapassa os limites do etnocentrismo de cada sujeito. É, ainda, um espaço onde o casal pode equilibrar as diferenças e ser flexível, de modo a aceitar o outro e seus diferentes pontos de vista. No *inter*, cada cônjuge pode vir a alcançar o equilíbrio entre preservar a sua cultura e aceitar a do cônjuge, ou seja, um equilíbrio entre o “eu” e o “outro”.

Porém, a complexidade não se reduz somente a uma questão de crise do masculino nas relações de gênero na Suíça ou mesmo nos países euro-americanos, como aparentemente se supõe, visto que, em contrapartida, existe um reverso da moeda do que foi percebido nos estudos anteriores desta pesquisadora, acerca do turismo afetivo-conjugal. Ou seja, todas as mulheres aqui apresentadas se encontram em situação de migrantes e, também, em um relacionamento afetivo-conjugal. Desta maneira, dentro do contexto deste trabalho sobre de famílias e relacionamentos afetivo-conjugais interculturais, a mulher deste estudo foi denominada “migrante afetivo-conjugal”, a saber, as mulheres que se tornaram migrantes em razão do casamento intercultural, ao ir viver no país de origem do

esposo, e as que, como resultado de sua migração, conheceram e casaram com um autóctone.

5.3 Migração afetivo-conjugal

A partir da década de setenta os estudos sobre as mulheres começaram a despontar, vários temas foram abordados e a migração feminina foi um deles. As mulheres deixaram de ficar na obscuridade e passaram a ser o ponto focal dos estudos, não mais sendo percebidas como meras acompanhantes na trajetória de vida do homem. Mais tarde, outros temas foram abordados; um deles diz respeito às mulheres inseridas na indústria transnacional do sexo, mas esses dois pontos – a migração e a indústria do sexo – raramente eram abordados juntos. Adriana Piscitelli aborda, em seus vários trabalhos (2011; 2008; PISCITELLI; ASSIS; OLIVAR, 2011) as mulheres que migram para trabalhar na indústria transnacional do sexo, mas afirma que, mesmo atualmente, raramente essas mulheres são inseridas nos estudos de migração. Isso porque há uma tendência “a apagar as ações de pessoas que migram voluntariamente para desempenhar esse tipo de trabalho, em diversos planos, por motivos vinculados a lutas políticas” (PISCITELLI, 2008, p. 1).

Os estudos sobre os profissionais da indústria transnacional do sexo estão quase sempre relacionados com o turismo sexual⁷⁶, ou seja, “à prostituição e à exploração sexual de crianças por estrangeiros. E ambos, o turismo sexual e a migração internacional para trabalhar na indústria do sexo, são frequentemente relacionados com o tráfico⁷⁷ internacional de pessoas com fins de exploração sexual” (PISCITELLI, 2008, p. 2). No entanto, a oferta de serviços sexuais internacionais, ou seja, as pessoas que se deslocam para oferecer serviços sexuais no exterior, e a migração estão, muitas vezes, intrinsecamente ligadas. Piscitelli faz

⁷⁶ A Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo sexual como viagens organizadas internamente no setor turístico ou fora dele, mas que usam as estruturas e redes do setor, com o objetivo primário para a efetivação da relação comercial sexual do turista com os residentes no destino. Determinando, assim, consequências sociais e culturais da atividade, especialmente quando exploram diferentes gêneros, idades, situações econômicas e sociais nas destinações visitadas.

⁷⁷ Para um maior aprofundamento sobre o tráfico de pessoas, ver Piscitelli (2008).

um retrato de como pode ser cruel a vida das pessoas que são vítimas do tráfico, mas, por outro lado, mostra também como as pessoas inseridas na migração internacional de sexo se percebem. Afirma que parte substantiva das mulheres com quem trabalhou tem preocupações que não estão vinculadas ao tráfico de pessoas; elas se preocupam, por exemplo, em poder oferecer seus serviços nas melhores condições possíveis, ou em relação à quantidade de horas de trabalho, lucros, risco de deportação, porque estão sem papéis de residente. E esse distanciamento com as preocupações do tráfico de mulheres deve-se, também, ao fato de o perceberem como uma coisa que acontece com migrantes de outras regiões do mundo como, por exemplo, o Leste Europeu e a África, pois associam à máfia e à ideia de trabalho forçado, o que não é o caso de muitas delas, visto que estão lá por escolha. Essa percepção de algumas mulheres inseridas no mercado de sexo acontece porque elas viajaram por meio de intermediadores dos mais variados lugares da Espanha, mas, sobretudo, por inserção em redes femininas de vizinhas, amigas, conhecidos e parentes que já se encontravam nesse país e lhes adiantam dinheiro para passagem, vagas em apartamentos até que consigam instalar-se por conta própria. Tudo a ser devolvido com os respectivos juros. Assim, Piscitelli (2008) acredita que “essas brasileiras migraram com o objetivo de desenvolver um projeto de mobilidade social, como parte de estratégias familiares, mas também perseguindo projetos individuais” (p.11).

Pode-se perceber, nessas mulheres, o movimento em direção ao que Gilberto Velho (2008) define como projeto, ou seja, uma conduta organizada para atingir certos fins específicos, uma ação com um propósito predeterminado. O projeto tem como característica o fato de que os indivíduos têm uma escolha; o projeto interage ou participa com seus círculos sociais, pois não existe um projeto social puro devido à necessidade de referência ao outro ou ao social, visto que são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de vivências e interações interpretadas, ou seja, é dinâmico; e, enquanto conjunto de ideias, está sempre referido a outros projetos e condutas, no tempo e no espaço; não é puramente interno, subjetivo, pois é formulado dentro de um *campo de possibilidades*. Isso porque é algo que pode ser comunicado e identificado pela verbalização, ou seja, através de um discurso e, conseqüentemente, pode fornecer indicações mais precisas sobre projetos individuais; as emoções estão ligadas aos indivíduos, o que

as torna matéria-prima e, de certa forma, constituem o projeto, dado que há sentimentos e emoções valorizados ou condenados dentro de um grupo, de uma sociedade.

Consequentemente, da mesma forma como se percebe um distanciamento do deslocamento transnacional de pessoas para oferta de serviços sexuais e a migração, o mesmo acontece com o deslocamento transnacional de pessoas para concretizarem seu projeto de construção de um relacionamento afetivo-conjugal intercultural. Mais ainda, os sujeitos inseridos em um casamento intercultural passam despercebidos e não estão inseridos nos estudos sobre migração; quando o são, muitas vezes, é dentro do contexto de turismo sexual, com tráfico de pessoas, como submissão, como ascensão social.⁷⁸ Não se leva em conta, como disse Adriana Piscitelli em relação às mulheres que oferecem serviços sexuais, que a mulher dentro de uma relação afetivo-conjugal intercultural tenha migrado também conscientemente e com o objetivo de desenvolver um projeto de vida, mesmo que esteja inserida, de certa forma, em uma mobilidade social, mas, mesmo assim, perseguindo seus projetos individuais e, sobretudo, como atores empoderados. Essa mulher migrante que se desloca em busca de um casamento, como resultado de um ou em decorrência de já ser migrante, acaba por entrar em um relacionamento afetivo-conjugal intercultural, consequentemente, estaria inserida em um tipo de migração feminina diferenciada da migrante relacionada à indústria do sexo ou da migrante laboral.

As pesquisas até hoje realizadas pela autora deste trabalho (CÉU RODRIGUES, 2001; NOURA RITTINER 2006) foram basicamente qualitativas, às vezes, utilizando dados secundários de bancos de dados estatísticos; desse modo, não há aqui a pretensão de fazer generalizações e tampouco negar que o turismo sexual existe e, nem mesmo, que muitos dos casamentos interculturais tenham começado com o turismo sexual ou com a migração para trabalhar na indústria transnacional do sexo⁷⁹.

⁷⁸ Com isso, não pretendo dizer que muitos desses relacionamentos não tenham começado dentro de um contexto de turismo sexual, serviços sexuais transnacionais, ou que, por exemplo, não haja a intenção de uma ascensão social vertical.

⁷⁹ Leis contra casamentos forçados. Responsável pela elaboração de um relatório seguindo o movimento de Tschümperlin, o Escritório Federal de Migração (Office Fédéral des Migrations -ODM) encomendou à Universidade de Neuchâtel o primeiro estudo em profundidade sobre os casamentos forçados, suas causas, formas e extensão, cobrindo toda a Suíça. Em 14 de setembro de 2012, o Conselho Federal publicou o relatório sobre a realização do movimento Tschümperlin e um

Mas o fato é que, como no caso da migração para trabalhar na indústria transnacional do sexo – muitas vezes classificada como tráfico de pessoas e não como estudos diferenciados, já que foi por uma escolha pessoal – os sujeitos inseridos em um relacionamento afetivo-conjugal intercultural precisam ser estudados de forma diferenciada da migração laboral e do turismo sexual, por ser uma escolha consciente de casamento como seres empoderados.

É possível então afirmar que o fluxo de migração de mulheres para a Suíça, por motivos culturais, econômicos, sociais, turísticos, entre outros, possibilita e mesmo contribui para que cada vez mais mulheres de diversos países se casem com homens suíços ou com os dos outros países euro-americanos em geral. No entanto, esse fato levou a perceber que essas mulheres, ao se casar, tornavam-se um diferente tipo de migrante⁸⁰ do que eram inicialmente, visto que passaram a estar inseridas em um contexto de formação de família intercultural, que é o caso específico deste estudo. Foi o caso de Lôtus, Kat, Maria. Mas, um segundo grupo do fluxo migratório também chamou a atenção, constituído pelas mulheres que migram por motivos afetivo-conjugais, ou seja, viajavam para a Suíça por ser casadas ou estar para se casar com homens suíços. Foi o caso de Rita, Paula, Patrícia, Luz, Thai e Tichadi, o que levou a denominar a esse tipo de migração ligada diretamente à formação de família, aos relacionamentos afetivo-conjugais interculturais, de *migração afetivo-conjugal*.

Contudo, outro tipo de fluxo migratório foi percebido ao longo desta pesquisa: mulheres que intencionalmente viajavam ou buscavam viajar, usando suas redes sociais, familiares ou, ainda, frequentando pontos turísticos em seus países, com o objetivo de encontrar um estrangeiro para se casar. Ou seja, um fluxo de migração para a Suíça, da parte de algumas mulheres que têm como projeto de vida o casamento intercultural, como foi o caso de Paula e Patrícia. Nestes casos, a

programa nacional para combater o casamento forçado, que irá complementar a nova lei contra o casamento forçado. (Em 11 de dezembro de 2009, o conselheiro nacional Andy Tschümperlin fez uma demanda de um estudo sobre os casamentos forçados, que porta, hoje, o seu nome) <<https://www.bfm.admin.ch/content/bfm/de/home/themen/integration/themen/zwangsheirat.html>>

⁸⁰ As entrevistadas, Lôtus, Kat e Maria, na ocasião de seu casamento não tinham nacionalidade suíça. É necessário viver legalmente por 12 anos na Suíça para poder pedir a nacionalidade e nenhuma das entrevistadas vivia. Após o casamento, pode ser pedido o passaporte suíço, se se viveu durante cinco anos consecutivos no país. Deste modo, somente após os cinco anos de casados e, se for feita a demanda de nacionalidade suíça, deixariam de ser migrantes e passariam a ser concidadãs.

casualidade não entra como fator de se terem casado com um estrangeiro, mas a intencionalidade.

Jordi Roca (2008), em seu estudo sobre os casamentos mistos entre homens espanhóis e mulheres, sobretudo dos países eslavos e de brasileiras, a que ele denomina de “migrantes de amor”, mostra que, a exemplo da Suíça, os espanhóis se casam bem mais com estrangeiras do que as espanholas com estrangeiros. Por exemplo, em 2008, a maioria dos casamentos entre homens espanhóis e mulheres estrangeiras foi com brasileiras.

Em contrapartida, Piscitelli (2010) alerta para a pouca importância dada à agência das mulheres dos países pobres, nos estudos sobre casamentos mistos desenvolvidos na União Europeia, que classificam:

(...) os casamentos ‘mistos’ envolvendo mulheres de partes pobres do mundo em diferentes categorias de matrimônios: 1) resultado de relacionamentos sentimentais; 2) arranjados; 3) de conveniência (para driblar regulamentações referidas ao ingresso ou permanência em um país estrangeiro, envolvendo a “venda” de casamentos, e/ou por conveniência em termos econômicos); 4) forçados; 5) vinculados à reunificação familiar e 6) casamentos de reparação da honra. Considera-se que os casamentos por conveniência, os forçados e também os de reunificação situam as mulheres em risco de violência doméstica e também de exploração sexual. Assim, só os casamentos que resultam de relacionamentos sentimentais seriam “seguros” para as mulheres. Essa leitura é ingênua e, em certos casos, etnocêntrica. Entretanto, o que me interessa sublinhar são os seus pressupostos, que delineiam uma separação radical entre sentimentos e interesses e concedem escassa margem de agência às mulheres de regiões pobres do mundo (p. 15).

Nas entrevistas com algumas das esposas, esse projeto de vida e intenção de formar uma família intercultural se torna bastante evidente em seus discursos.

Consequentemente, serão mostrados dois exemplos bastante distintos entre si: o primeiro, dentro de um contexto do que foi mencionado, ou seja, o turismo sexual,⁸¹ no qual a esposa veio de uma classe de renda baixa e tinha o primário incompleto como nível de instrução na época em que conheceu seu atual esposo; o outro se diferencia bastante deste perfil, já que a esposa é de classe média, tem

⁸¹ Na verdade, esta foi a única entrevista em que o casamento intercultural aconteceu em um contexto de turismo sexual, tanto neste trabalho como nos dois anteriores (CÉU RODRIGUES, 2001; NOURA RITTINER, 2006). Isso pode ser devido ao fato de eu sempre ter evitado fazer as entrevistas em lugares onde obviamente havia turismo sexual. Desta vez fui viver no “bairro vermelho” de Genebra, o Pâquis, mas não obtive nenhuma entrevista dentro desse contexto, além da de Paula, mas o contato foi feito pela internet e não no bairro em questão.

curso universitário e, portanto, suas trajetórias de vida são bastante distintas entre si.

No entanto, os relatos levam a perceber que tanto uma como outra tinham como projeto de vida, pelo menos como um deles, casar com um homem estrangeiro. O destaque a estes dois relatos se justifica por apresentarem, de modo nítido, aspectos que configuram seus projetos de casamento, embora deixando claro que não exemplificam o projeto de todas as mulheres entrevistadas, até porque muitas delas já se encontravam vivendo e trabalhando na Suíça quando conheceram seus esposos.

Seguindo essa linha de pensamento, para uma melhor compreensão de como algumas das mulheres desta pesquisa, empoderadas que são, se organizaram para concretizar seu sonho de casamento com um estrangeiro, serão abordados os relatos de Paula e Patrícia, que explicam como transcorreram seus projetos, suas estratégias para viver fora de seus países de origem, ou seja, se tornar uma migrante afetivo-conjugal, mostrando-se agentes de suas próprias vidas. Ou seja, essa busca pelo “par” não é somente da parte do homem, mas também das mulheres.

5.4 “Um dia não era nada, outro dia tudo aquilo. E ainda me chamando a *beautiful*. “Bonita, bonita”, pô!”

Paula nasceu no Recife, morou em Jaboatão dos Guararapes com uma mãe alcoólatra que abortava sempre que podia e, quando não podia, dava os filhos; mesmo assim, ficou com alguns dos filhos, que não pôde dar ou abortar. Não sabe quem é seu pai e foi criada vendo entrar e sair de casa os vários amantes de sua mãe.

Então, nós vivíamos com ela, mas era abaixo de tortura psicológica, física, né? Que é a pior coisa. Às vezes, a física é mais leve do que a psicológica... Parecia um monstro, um palhaço na rua e um monstro dentro de casa, com meus irmãos. (Paula)

Com cerca de treze anos saiu de casa, pois acreditava estar chegando a um ponto em que algo de ruim iria acontecer com ela ou com a mãe, pois a situação em casa estava insustentável. Acabou virando menina de rua durante um tempo, envolvendo-se com todo o tipo de degradação física, moral, psicológica, até que conseguiu um emprego como empregada doméstica. Além de fazer as tarefas domésticas, tomava conta das crianças da casa e acredita que, como fazia bem o seu trabalho, durava nas casas em que trabalhou. Mas o outro fator que a fazia ficar era, na verdade, a necessidade.

E eu durava, nas casas. Durava porque a necessidade me obrigava também era boa no que eu fazia. Acabado de completar quinze anos. Já sofrida, já massacrada, eu já passei por muitas coisas também. Até tentativa... Já tentaram me matar. Aí uma das últimas casas, na casa próxima tinha uma menina, e ela trabalhava também de limpeza. Na época era Cruzados, não existia nem o Real. E eu olhava assim, sabe? Ela com relógio, com roupa, com tudo. E eu "pô, como é que pode? Essa pessoa ganha o mesmo que eu, tudinho, e tem tudo isso?". Aí eu fui atrás dela. "Quero fazer amizade com essa menina, quero saber qual o segredo". Ela chegou pra mim e disse "olha, eu conheço um lugar aonde vão muitos estrangeiros, homens do mundo todo. E é muito bom porque, se tu conhece eles, eles te dão presente, te leva pra restaurante, pra piscina, tu fica em hotel".... Cara! Eu escutando aquilo pra mim era música. Entendeu? (Paula)

Entre a crença e a descrença do que tinha acabado de ouvir, começou a pesar os prós e os contras da situação e, tentada pelo discurso da amiga que lhe apontava somente as vantagens da situação, como os presentes, os restaurantes e hotéis caros, e, principalmente, a beleza dos estrangeiros, considerados mais bonitos do que os das novelas, pois eram loiros e de olhos azuis, ela acabou por sentir o desejo de ver do que se tratava de perto.

Eu, poxa! "Será verdade?". Eu ainda fiquei pensando, será que é verdade o que essa menina está me dizendo? Eu não era mais virgem, eu já era também mais... bem vividinha, assim... Aí ela dizia: "oxe, os homens é mais bonito do que esses que tu vê nas novela, branco do olho azul". Gringo né?" Porra, eu fiquei com aquilo na cabeça. Aí, quando foi no outro dia aí eu disse "oh, 'fulana', eu não tenho nada a perder. Não, eu quero ir. Me leva lá nesse lugar, eu quero ver. Eu quero"... (Paula).

Mas o foco de Paula, desde o início, era encontrar alguém com quem formar uma família.

Não ter, assim... Eu não queria, necessariamente, ter relógio, joia, não. Até porque eu sou simples. Mas eu já idealizava ter um casamento e construir aquela família que eu não tive, de ter alguém que cuidasse de mim (Paula).

Piscitelli (2010) alerta que, entre os “relacionamentos sexuais e afetivos, a “ajuda” é frequentemente trocada por sexo, não necessariamente vinculado à prostituição, nem dissociado de afeto”, e isso pode ser verificado em relação à fala da amiga de Paula. A autora acrescenta que “a “ajuda” pode contribuir para ter futuro, noção associada a uma vida sem dificuldades econômicas. Esses dois termos nativos, “ajuda” e “ter futuro”, são reconfigurados no exterior” (p. 18) e, como percebido nestas falas de Paula, também são reconfigurados no Brasil, como se percebe quando Paula afirma querer “alguém que cuidasse de mim” e quando sua amiga afirma: “eles te dão presente, te leva pra restaurante, pra piscina, tu fica em hotel”.

Assim, quando a amiga a convidou para ir à sua casa e ela pôde ver todas as coisas que ela tinha, dadas pelo namorado italiano, não resistiu.

E no dia eu fui na casa dela que eu vi assim, as coisas... E ela “Olha, meu namorado italiano me dá isso, me dá aquilo, manda todo mês, ajuda minha família”. E eu “porra! É isso que eu estou querendo” (Paula).

Aí fui, menina. Fui lá, eu disse “vamos lá”. Aí cheguei lá, de cara eu conheci um americano, uma coisa linda, né? Aí, do dia pra noite, lá no restaurante... Era até umas churrascarias que tinham por ali, por Boa Viagem, antigamente. Hoje em dia não existe mais. Porra! Um homem branco, olho azul, com dinheiro pagando um dos melhores da cidade, entendeu? Pra quem outro... Um dia não era nada, outro dia tudo aquilo. E ainda me chamando a *beautiful*. “Bonita, bonita”, pô! Eu me senti em um paraíso. Eu não tinha noção da prostituição, entendeu? Eu não tinha noção que eu era uma vítima da pobreza. Porque se eu tivesse noção, eu jamais iria para ali. E hoje eu, o que eu aprendi ali, é que a pessoa pode ter sido prostituta, mas não é uma vagabunda e, às vezes, tu nunca foi prostituta e pode ser uma vagabunda a vida inteira. Entendeu sabe?

Depois de um tempo frequentando os bares e restaurantes de Boa Viagem, acabou por conhecer seu atual marido. No entanto, não o achou muito bonito e se sentiu mais atraída pelo amigo dele, mas logo percebeu que o amigo tinha jeitinho de safado. Consciente do que queria e do porquê estava ali, decidiu que só “boniteza” não era suficiente se não lhe trouxesse a família que queria constituir.

Aí conheci meu marido. No começo eu não gostei dele não, sabe? Meio gordinho, cabelo estranho, bigodinho, dançando. Eu achava que ele era veado, oxe. Coisa estranha, né? A gente... Um choque, assim, (risos). “Você é o quê?”, porque ele era todo abestalhado nessa época. Eu assim... Eu gostei do amigo dele, mas... o amigo dele, um jeitinho de safado, sabe? Aí ele “quantos anos tu tem?”. “Eu tenho dezoito”. Já tinha uma carteira de identidade falsa. (Paula)

Uma das coleguinhas de Paula conseguiu com alguém no centro do Recife uma carteira falsa com todos os dados dela exatos, excetuando o ano de nascimento. Dessa maneira, não só se livrava das batidas da polícia, como da vigilância nos hotéis que frequentava, mas, também, lhe permitia mentir para os homens com quem se encontrava com mais segurança.

A única coisa que muda é o ano que você nasceu. Até porque, se a polícia te parar, ela faz assim né? "Como é o nome da tua mãe? Como é que não sei, o que?". Né? Ali não, você só tinha que decorar o ano do seu...nascimento. Aí, depois eu conheci ele, aí ele já mostrou que era um gringo bom. Eu disse "pô! É. Acho que eu vou ficar com esse daí mesmo". (Paula)

Entre o amigo do atual marido, a quem considerava e ainda considera um "namorado merda", e que até hoje "as suíças sofre a peia na mão dele, e ainda quer ser gatinho, é velho metido a gatinho" (Paula), ela preferiu ficar com o menos bonito, por ter o perfil do que ela procurava, alguém que queria formar uma família.

Aí, depois, ele perguntou: "você sempre vem aqui?". Eu disse "oh, vim aqui, mas não gosto de vir aqui". Aí ele "você está procurando o quê?". Eu disse "o que eu estou procurando é alguém pra ter uma relação estável, que me tire dessa vida, que me dê uma vida melhor. Entendeu? E que, quem sabe, um dia, a gente possa ter filhos e construir aquilo, tudinho". Aí, só sei que a gente começou a namorar, nesse tempo ele foi umas três vezes pro Brasil, ficávamos juntos... aquela história. Foi quando ele disse, né? "Você quer casar, você quer morar, vir morar comigo?". Mas ele já tinha uma desconfiançazinha que eu era de menor. Entendeu? Aí, nisso, ele jogou aquilo, foi quando eu disse: "olha, eu sou de menor." Ele "ah... Já sabia. Já desconfiava sim, mas eu não queria me arriscar". Eu disse "e aí, você quer?... (Paula)

Apesar das dificuldades encontradas em seu casamento, Paula não só conseguiu a família que desejava, como deixou de estar em desvantagem em relação à sociedade em que vive. Não obstante, ela ainda acredita que a localidade em que vive precisa de um órgão de apoio às mulheres estrangeiras, ou mesmo aos casais interculturais, como fica claro, detalhadamente, em suas falas mais adiante. A seguir, as falas de Patrícia e como se deu sua trajetória para conseguir o casamento com um estrangeiro, como tanto queria.

5.5 “Aí eu falei: 'Menina, esse homem, esse loiro do olho azul, eu tenho que arranjar um loiro pra mim'.”

O planejamento de construção intencional de uma vida conjugal intercultural está claro nas falas de Patrícia, que se casou com o ex-marido da filha de sua madrinha; embora não o tenha conhecido durante todo o tempo em que ele foi casado, pois sua madrinha sempre fazia algo para impedir que se conhecessem.

Patrícia ouviu falar pela primeira vez em Pierre durante uma visita à sua madrinha, foi quando soube que Yara, a filha de sua madrinha, estava se preparando para viajar e casar com Pierre, um suíço que ela tinha conhecido e que falava francês. Nessa época, ainda não falava nenhuma língua estrangeira, fazia confusão entre o francês e o inglês e estava curiosa para escutar alguém falando a língua francesa. Quando ele ligou para Yara, ao ouvi-la falar com ele pediu que a deixasse ouvir a voz dele, pois queria saber como era a voz de alguém que falava francês. Mas sua madrinha disse para a filha que não a deixasse escutar. Assim, acabou por nunca o conhecer e sequer viu uma foto dele durante todo o tempo em que esteve casado com a primeira esposa.

No entanto, durante a estadia na casa da madrinha, mesmo com esta sempre tentando atrapalhar seus planos, começou a pedir a Yara que, quando fosse para a Suíça, lhe arranjasse também um marido suíço.

Eu nunca ouvi e nem falei com ele e nem vi foto dele. Aí com essa brincadeira de, sempre, como, no assunto de 'ah, arranja um marido lá pra mim, arranja um namorado, me apresenta', porque esses homens são muito bonitos. Para mim o que encantava era a beleza porque esforçada eu sempre fui e sempre quis minha parte, é, independente, pessoal, individualista assim neste sentido do trabalho, né? Eu sempre pensei também em mim, eu nunca, independente de, é, de cor, de raça, de país, nunca pensei de depender de ninguém. Eu queria ver porque eu achava muito bonito, eu queria essa mistura, da beleza, do charme, dessa coisa diferente. (Patrícia)

Assim, quando Yara foi viver na Suíça, pediu-lhe que, se conhecesse alguém que quisesse conhecer uma brasileira, lhe mandasse uma foto dele: “*aí, tu me manda aí pra eu ver se é bonito, se é legal, porque eu também não quero qualquer um, né? Paciência. [Risos]*”. (Patrícia) Outra opção era vir a ser a babá dos filhos de Yara.

Aí eu assim, 'quando tiver um filho, quando tiver um filho, aí tu me chama', né, porque eu gosto de ver primeiro, aí 'tu me chama pra ser a babá, aí quem sabe, de repente dou uma sondada lá'... aí a tia dela, tia dela caçula falou assim, 'Ô Patrícia dá uma foto pra ela', porque de repente pode olhar uma foto pode dizer assim que ela tem um amigo, 'deixa eu olhar uma brasileira aí'. Aí eu falei, 'Ai, 3x4?', geralmente 3x4 é feia, né? Aí ela falou assim 'Não, me dá!. Aí eu não quis, aí eu me senti assim um pouco, é, invasiva, assim pra dar minha foto. (Patrícia)

Mais uma vez a madrinha entrevistou para atrapalhar seus planos e disse à filha que não aceitasse a foto, mas a tia aconselhou-a a dar a foto mais tarde, escondida da madrinha, quase como uma conspiração.

E a minha madrinha falou assim 'Ó, fulana [para esposa, né], não pega foto não, pega nada'. E a tia dela falou assim 'Olha, tu dá escondido pra Yara, pra ela levar'. Mas ela falava pra mim porque no momento assim oportuno assim, né, não diretamente. Aí a outra 'Dá, Patrícia, porque você é uma morena muito bonita, eles gostam de morena'. Aí eu falei: 'Menina, esses homem, esses loiro do olho azul, eu tenho que arranjar um loiro pra mim'. [Risos] E daí ficava nessa brincadeira. Aí depois eu dei uma fotinha pra ela. Eu dei, eu cheguei a entregar. Ele até hoje tem, né amor? Depois pode até mostrar pra ela. [Risos] A fotinha até hoje tá na sua carteira. É a mesma foto, ela me devolveu depois do nosso casamento, ela me devolveu. Aí ele 'eu já vi essa foto, a foto que eu vi lá em casa'. Aí eu falei: 'ah, então pega', né? então eu devolvi a foto, mas foi daí. (Patrícia)

Nessa história de foto vem, foto vai, acabou que ela não conheceu e nem ouviu a voz de nenhum suíço falando francês durante anos e Yara acabou por se divorciar de Pierre e devolveu-lhe a foto quando Pierre e Patrícia estavam para se casar. Mas Patrícia nunca deixou de tentar tanto ouvir a voz dele, como de encontrar alguém para se casar durante anos, mesmo enfatizando aqui e ali que falava de “brincadeira”.

A madrinha, por outro lado, continuava a tentar impedir que ela falasse com ele ou o conhecesse e não lhe dava nem o número de Yara, e nem lhe entregava as fotos que Yara enviava para ela. No entanto, anos depois, acabou por conseguir o número com a irmã de Yara. De vez em quando ligava para a prima e falava com ela, até que um dia ele atendeu e, finalmente, ela conseguiu ouvir a sua voz.

E depois que ela casou e tal eu entrei poucas vezes, acho que eu entrei duas vezes ou três vezes em contato com ela. Aí, eu consegui uma vez o telefone porque, se não me engano, foi até a irmã dela me deu, aí eu liguei uma vez pra ela e quem atendeu foi ele. Aí eu liguei acho que sete horas da noite (no Brasil), acho que aqui (na Suíça) era meia-noite, uma da manhã. E coincidência ele falou assim 'Patrícia, aqui já tá tarde', eu falei 'ah, queria falar com...', e ele 'coincidência, tu me acordou, eu tô aqui no banheiro', você tá falando comigo porque eu tô no banheiro, eu falei 'ah, então tá bom,

fique fazendo necessidades e depois tu... eu te ligo, amanhã', foi a hora que eu ouvi a voz dele falando que ia passar pra ela, foi o único momento que eu ouvi. E depois eu falei pra ela 'Ó, tu não mandou nem uma foto pra mim, tu falaste que ia mandar e tal', aí ela falou 'ah, mas eu mandei uma foto pra minha mãe e pedi pra ela te entregar' porque ela (a madrinha) sabia que eu ia pra Brasília, então ela não me entregou, entendeu? [Risos] Mas eu nunca dei em cima e nem tinha a visão, e nem queria ele. Foi uma coisa assim depois...

Nesse meio tempo Pierre se divorciou e acabou se encontrando com Patrícia no Maranhão, quando ela foi visitar seus pais, e durante uma semana eles se falaram. Entretanto, ele teve de viajar e ela precisou voltar para Brasília, onde morava, mas ele reprogramou toda a sua viagem de maneira a ir conhecer Brasília, pois sua intenção era ficar com ela e conhecê-la melhor. E foi a partir dessa visita que decidiram ficar juntos.

...assim porque ele viajou, mas ele passou e-mail, passou os contatos pra entrarmos pela internet e depois passou assim na minha cabeça assim, 'ah, vai ser paquera, namoro de verão', porque namoro de verão a pessoa conhece um aqui e às vezes fica naquele fogo de palha que a gente fala, né? É, tá legal, tá simpático, ficou encantado, mas vai embora, cabou. Cabou o romance, cabou aquilo aí, cada um volta assim, digamos, na vida normal, dia-a-dia... E quando ele mandava as mensagens, quando eu abria, porque eu acordava, não sou de acordar cedo nem nada, mas quando acordava pela ansiedade, a primeira coisa que abria era meu computador pra ver se mandou alguma mensagem, né? [Risos] E eu vi a mensagem dele ali, aí e eu falei 'hossa, que legal', falei 'ai, meu Deus, será que esse homem quer me iludir, quer brincar com meu sentimento?', porque tem homem que é doido, né? Tem gente que fica ali só que é pra brincar, fazer que, né, tem poder e tal, mas eu não levei muito a sério, e, querendo ou não querendo pelo tempo, deixei as coisas rolar, né, então...

Apesar de ter os pés no chão, pode-se perceber que, mesmo depois de anos passados desde o casamento de Yara e da primeira conversa sobre arranjar um estrangeiro para marido, Patrícia ainda tinha a intenção de conhecer um estrangeiro, de preferência lindo e de olhos azuis. Ao chegar a Brasília, depois de duas semanas juntos, decidiram que iriam ficar noivos. No entanto, embora tivesse um sonho de conhecer e se casar com um homem loiro e de olhos azuis e quisesse um homem bonito para casar, não deixou de seguir os conselhos do pai, que lhe dizia:

'olha, minha filha, homem bonito, com carro assim, sai, cai fora. O melhor homem bonito, casamento pra vocês, é o estudo, o emprego, depois isso vem com a maior facilidade, vem, vai e volta, mas esse aí é que vocês tem que ir atrás'. E quando eu fui pra Brasília meus pais continuaram em São Luís, né, e eu fui pra estudar, fazer curso, melhorar de vida porque eu não tive oportunidade já em São Luís, então eu fui morar em Brasília.

A despeito dos esforços de sua madrinha para tentar impedir que os dois se conhecessem, Patrícia não só o conheceu como se casou com ele e está criando, na Suíça, a filha de Yara de treze anos, juntamente com seu próprio filho com Pierre, de 6 anos.

Analisando os relatos, verifica-se que tanto Paula como Patrícia, de uma maneira bastante radical, pois se inseriu no mercado do sexo para encontrar um homem estrangeiro que quisesse formar uma família, tinham como projeto formar uma família intercultural, um sonho de se casar com um homem estrangeiro.

Contudo, Paula e Patrícia estão inseridas num contexto migratório e em um casamento intercultural, o que as diferencia das vítimas de exploração sexual do tráfico, das mulheres que oferecem seus serviços sexuais. Isso as coloca, em contrapartida, em um contexto migratório afetivo-conjugal. Assim, percebe-se a migração afetivo-conjugal como um movimento em que os sujeitos – homens e mulheres –, migram, com o objetivo de encontrar para si um relacionamento afetivo-conjugal, pelo fato de já serem migrantes e virem a se casar com um sujeito autóctone ou como resultado de um relacionamento intercultural. Conforme já explicitado, isto se aplica a Patrícia e Paula, que migraram por ter se casado com Pierre e Paul.

Desta forma, e dentro do contexto deste trabalho, desde que haja um deslocamento de suas moradias por mais de 24 horas, tanto homens como mulheres são migrantes, do mesmo modo que turistas. Isso porque o turismo é um tipo de migração, mesmo que temporário.

Ao viajar para o país deles várias vezes, para vê-los, por exemplo, Rita e Paula se tornaram turistas afetivo-conjugais e, conseqüentemente, migrantes afetivo-conjugais, por estarem em um relacionamento afetivo fora de seu país de origem. Paulo, Pierre e Reis, ao viajarem para os países de suas atuais esposas, conseqüentemente também são migrantes e turistas afetivo-conjugais.

No entanto, esses casamentos não estão isentos de conflitos. Deste modo, é importante conhecer como a adaptação pode ser difícil em alguns casos, para algumas dessas mulheres, principalmente quando não têm uma boa rede social, familiar e de amizade nos países para onde migraram. Esta é a abordagem que se segue.

5.6 “Menina, eu dei um *kimura* nele, nesse filho da mãe, que ele caiu aí”.

Paula foi uma das poucas pessoas que entraram em contato comigo, pedindo – quase exigindo – que eu a fosse encontrar, pois acreditava que poderia ajudar as mulheres e, conseqüentemente, os homens suíços inseridos em um relacionamento afetivo-conjugal intercultural. Fez questão que eu colocasse o seu nome verdadeiro na pesquisa porque não tinha nada a esconder, mas acabamos concordando em colocar, simplesmente, o apelido da rede social da internet onde fizemos o primeiro contato, pois definia exatamente o seu estado no momento em que nos conhecemos, ou seja, uma Paula revoltada. Atualmente, Paula vive na Suíça, tem dois filhos, faz várias modalidades de artes marciais e boxe, trabalhou mais de três anos como ajudante de cozinha, tem paixão pela sua horta e seu jardim e fala, além do suíço alemão, língua de origem do seu marido, um pouco de espanhol e italiano, o que é incrível para uma pessoa que só fez até a terceira série da escola primária. Como é esforçada e lê muito em português, pois tem várias assinaturas de revistas em português, sua escrita é acima da média para quem só tem o primário incompleto. Faz frequentemente cursos de aprimoração da língua alemã e outros cursos oferecidos em sua comunidade, como arte, artes marciais, entre outros. É importante entender o porquê de sua revolta.

Paula considera que as estrangeiras, principalmente as que têm poucos estudos, precisam de maior ajuda para se integrar à sociedade suíça e isso deve vir não só da sociedade suíça, mas das outras estrangeiras, pois as experiências de cada uma delas podem ajudar as outras em momentos de dificuldade. A preocupação de Paula está no aprendizado das mulheres para lidar com os amigos dos maridos e sua nova família: aprender quando ficar calada para não causar conflitos, mas, sobretudo, quando se impor, para não perder a autoestima e o respeito por si mesma e não permitir ser humilhada por sua escolha de vida, assim como por sua origem.

Quando chegou à Suíça, recém-casada, Paula tinha quinze anos. Sua trajetória de vida se mostrou verdadeiramente surpreendente. Principalmente, a maneira espontânea como ela se abriu ao contar tudo pelo que passou para concretizar seu sonho de ter uma família.

Como era menor de idade, precisava ter contatos e dinheiro para poder providenciar os papéis para viajar. Viajou várias vezes para a Suíça como menor e sem autorização da mãe, pois, conforme conta, na época, na Polícia Federal o fator importante era o dinheiro.

Aí você chegava lá, chega na pessoa "ó, aqui é tanto. Aqui é mil dólares. Eu quero isso aqui". Você conseguia na hora. Assim, brincando. Igual como você vai na padaria e pede uns pãezinhos, sabe? Hoje em dia não sei. (Paula)

E continua contando como antigamente se podia ver os estrangeiros com as menores nos shoppings, em Olinda, Boa Viagem e por toda a orla da cidade do Recife.

Era aquela bagunça do jeito que o diabo gosta, né? Hoje em dia, não. Hoje em dia, quando eu vejo assim, que até nos aviões, eles já vão dando indicações, "tenha cuidado"... (Paula)

No entanto, está consciente de que todos sabem que uma boa parte dos turistas estão ali no avião:

Porque está querendo meninas novas, está querendo jovens, conhecer tudinho. Aí eles já dão aquele aviso. Antigamente, não. Antigamente, até na Vasp você fumava cigarro... (risos) Ia fumando do Brasil até a Europa, (riso), bebendo, né?" (Paula)

Quando chegou à Suíça, ficou deslumbrada, como a maioria das brasileiras, estrangeiras.

Você não toma um choque. O choque vem depois. Engraçado, é isso. Tem país que você vai você de cara fica... Não, aqui você se encanta. A beleza, a limpeza, as pessoas vêm: "hallo! wie geht es dir!"⁸² (Paula)

Começa a se ambientar ao seu novo lar, indo às festas da cidade com o marido, todo mundo tratando-a com educação e aí:

Você diz: "ganhei o paraíso", né? Aí, depois é que você começa a ver como é. Aqui, primeiro você está em uma sociedade para a qual você não está preparada, que você é como criança, tem que aprender a falar, andar, né? (Paula)

⁸² Olá, como está?

Mas, acaba percebendo que, na verdade, a maioria daquelas pessoas que lhe dão um sorriso, um bom dia, que se interessam em saber o seu nome, e tudo isso, na verdade, não estão interessadas em conhecer a pessoa que ela é.

Quando seu primeiro filho nasceu, chamaram um amigo do marido e colega de trabalho para ser o padrinho. No entanto, esse senhor acabou por se revelar a razão dos problemas de Paula e o motivo de sua grande revolta e quase separação do marido, por sempre ter tido uma atitude de menosprezo em relação a ela. Mas, o que culminou na desavença com o compadre foi que, depois de muito beber, uma noite, ele começou a ser de novo inconveniente, ao fazer muitas perguntas sobre como o casal se tinha conhecido e porque o amigo estava com ela e esse tipo de comentário, mesmo após 14 anos de casamento.

E começou a fazer perguntas a ele, "onde foi que tu conheceu a tua esposa? Onde é que ele te conheceu? Porque, me desculpa, mas pra mim tu é um nada". Aí começou. Eu disse "o quê? Quem és tu pra dizer que eu não sou nada? Primeiro, que você sabe onde você está?". Ele "não". "Você está dentro da minha casa". (Paula)

Quando compreendeu que o compadre já tinha ido longe demais e o marido, escutando tudo, não a defendia, a revolta foi crescendo e ela acabou por expulsá-lo de sua casa. No entanto, ele se recusou a sair, pois estava, como ele mesmo disse, na casa do amigo, e ainda foi para cima dela. Paula pegou uma faca e virou-se para a namorada do compadre, dizendo:

E eu "olha, puta, pega teu macho e dá o *lavra* daqui. Peguei uma faca, porque eu pedir pra ele sair e ele veio me perguntar o porquê. Eu disse "porque eu poderia ser a pior vagabunda na tua mente suja, porco, mas aqui é minha casa e eu quero que tu saia. E ele falou "não". (...) E não queria sair. Aí só sei que quando disse isso eu disse "você vai sair". Ele "não". Aí ele pegou e veio me empurrar. Querendo se aproveitar, veio me empurrar. Quando ele me empurrou... porque eu faço boxe, eu luto. Menina, eu dei um *kimura* nele, nesse filho da mãe, que ele caiu aí. Eu disse "sai, nojento". (Paula)

O marido, que já estava bastante bêbado, só fez dizer: "*Ô Paula, você está falando coisas negativas, o que está acontecendo?*" (Paula) Inicialmente, ela achava que a maneira como o compadre se comportava com ela era normal, e que, como ele era amigo há anos do seu marido, a melhor atitude era evitar conflitos.

Não se deve esquecer que ela só tinha quinze anos, ou seja, era só uma adolescente e estava lidando com adultos quando chegou à Suíça. No entanto, deu-

se conta de que precisava reagir e não se deixar maltratar por seja lá quem fosse e que teria de deixar sua vida passada para trás e começar uma nova, sem continuar a fazer comparações entre o que era sua vida anterior e a atual, achando que não estava tão mal na atual, devido ao quão pior era sua vida anterior.

É muita comparação com o passado. E se você só ficar a sua vida toda comparando o passado aqui você não vai progredir nunca. Nunca, porque aí você para no tempo. Aí você nem vive com um pé lá no teu país, nem vive com o pé aqui. Coisa que prejudica a relação também. Então, à medida que eu fui me dando conta... (Paula)

Nas ocasiões em que tentou falar com o marido sobre como estava se sentindo em relação a esse amigo dele, o marido tentava passar “panos frios” e achava que ela estava exagerando. No entanto, o amigo sempre fazia comentários inconvenientes e Paula começou a reagir e a contar para o marido:

"olha... toda vez que vem aqui é uma piadinha. Da última vez ele veio aqui, olhou pra minha cara e, conversando uma coisa que não tinha nada a ver...ele “não, me desculpa. Mas sem Félix você está enforcada”. Aí eu “o que? Porque você está dizendo que eu estou enforcada? Primeiro, porque eu tenho saúde, quem tem saúde tem tudo. Segundo, eu sou jovem, posso recomeçar minha vida, e ele sabe muito bem disso. Não, porque, eu estou morta?”. (Paula)

Contudo, mais uma vez deixou passar em branco, pois ela e o marido não tinham convívio diário com o compadre. Encontravam-se, ocasionalmente, em um churrasco, mas depois de repetidas vezes e ter aguentado durante anos, achou que era importante se impor e falar sobre esse tipo de situação para alertar as outras mulheres a não deixarem que coisas desse tipo fossem tão longe quanto ela deixou.

Então, nesses momentos, em uma conversa, sempre vinha algo negativo. Ou era falando de estrangeiro... alguma coisa. E eu percebi, não só comigo. A maioria das brasileiras passa por situações onde sempre um amigo, ou um colega, ou um irmão... Você pergunta “a tua sogra gosta de ti?”. “É, ela é boa”. “Boa por quê? Por que ela não te insulta? Por que ela não faz nada?”. “Não, ela me trata bem”. Quando você vai ver o me trata bem é aquela coisa, como você é esposa do filho dela e ela não tem como fazer nada, então ela aceita você, te respeita. Mas não tem, assim, contato de avó. Avó é mãe duas vezes. Eu não tive isso, mas eu sei o que é isso. São muito distantes, não são apegadas com os netos. Vê ali a pessoa estrangeira que não tem família, não tem nada, não vai ter coragem de visitar. Minha sogra é a mesma coisa. Eu até falei várias vezes pra ele, eu disse “poxa eu acho triste isso, né? É uma pena que ela”... E ele “não, não, não sei o quê...” Sabe? E pra evitar problema a gente não toca mais no assunto. (Paula)

Nesta sua fala, Paula deixa bem claro o que deseja como família e seu lado afetivo, assim como sua vontade de criar laços familiares mais fortes com a sogra se torna difícil de realizar e não corresponde ao que ela idealizava, pois as culturas são diferentes e a segunda mãe que pensava que iria encontrar na sogra, assim como a avó carinhosa que ela queria para seus filhos é uma pessoa pacata e muito na sua, bastante formal. Tudo isso a fez perceber que a única pessoa com quem poderia realmente contar era com o seu marido e, dado que ele não a defendia face a essas agressões vindas dos amigos e ela não podia contar com a sogra como aliada, precisou começar a se impor e a querer buscar associações de estrangeiros, tanto para receber ajuda como para ajudar. E esse foi um dos motivos pelo qual me chamou para conversar, para mandar um recado para as outras mulheres, para que elas possam fazer e dizer como ela:

Não. Que ela saiba ser mulher. E aí é que está o problema. Por que a pessoa, ela está tão sem noção, e ela começa a sugar uma energia negativa, que ela se torna uma pessoa frágil. Ela não sabe mais se defender. Sabe como é? Só quando ela está muito mesmo... Mas ela não se dá conta. Primeiro, que ela não se dá conta que ela vive com um homem... porque ela é a esposa dele e não porque vive de favor. Por ele ter, ser o europeu de condições, tirar da cabeça que não é sorte dela encontrar ele, é sorte dos dois encontrarem ambos. Segundo, o maridinho de todas, quando essas situações, pequenas situações, que tu deve ter passado também, é que você está ali, que você é atacada direto, às vezes indiretamente, ou sempre há algo pra vê se atinge você, eles não abrem nem a boca. Eles não falam e quando você vai debater "ah não, não é bom, que é pra evitar problema, e não sei o que"... Não. (Paula)

Paula acredita que o marido é sempre considerado como “*o muito bom da história*” e que a esposa é:

(...) uma pessoa que teve muita sorte de encontrar uma pessoa como ele. Eu até inclusive, conversando com ele, eu disse "eu não gosto desses pensamentos que eles não dizem diretamente, mas se comportam como tal. (Paula)

E ela continua seu desabafo, relatando a conversa que teve com o marido e lhe pergunta se ele sabe o porquê dele também ter sorte.

Porque eu acho, tendo a minha idade, pra ti também foi uma grande sorte ter encontrado uma pessoa como eu. Quando eu cheguei aqui eu já tinha noção de muitas coisas, mas nem por isso te peguei pra ir gastar o teu dinheiro com bebida, com drogas, com joias, ou com roupas. Não, eu estava buscando em ti tudo aquilo que eu não tive, que era construir uma família. (Paula)

Paula entra em detalhes de como no dia a dia as mulheres acabam por ser minadas, ficando sem outra opção a não ser reagir para não se sentir sem identidade. Conta que várias garotas que conhece se sentem do mesmo jeito e, quando não são os amigos, é a família do marido. Conta sobre uma brasileira a quem considera uma boa esposa e uma boa mãe, que também tem problemas com a família do marido por serem distantes e não os visitarem com frequência. Decidiu aconselhar a amiga a reagir, ou seja, já que a família do marido não a vinha ver, que ela tomasse a dianteira e fosse vê-los.

Aí eu cheguei pra ela e disse “vem cá, por que tu não vai? Mesmo que ela não vá, um dia tu não chama...?”. Aí eu fazia como maioria aqui, só tem mais contato quando é a gente que toma iniciativa, ficar chamando. Só que tem de dar continuidade, elas não dão. A mesma coisa é com a vizinha, as vizinhas. É a mesma coisa. (Paula)

Paula deu-se conta de que não poderia esperar que os suíços fossem como ela e que, se queria contato mais aprofundado com sua nova comunidade, teria de, muitas vezes, ser ela a tomar a iniciativa, visto que os suíços têm mais dificuldade em demonstrar sinais de afeição a recém-conhecidos. Sua decisão vem como uma rejeição à alternativa de se sentir mal vinda. Depois de um tempo na Suíça e ao perceber que os suíços não se aproximavam, decidi parar de ir às festas comunitárias e a ficar em casa, o que a tornava mais isolada ainda. O fato de ela ser muito nova também não ajudava, pois não era levada a sério. Daí ter decidido que os filhos não seriam prejudicados por ela ser estrangeira e decidi mudar sua atitude e ir até as pessoas. Sua reação aconteceu também em relação às pessoas que considerava que não a tratavam de maneira adequada.

Ao invés de fugir das situações, começou a enfrentá-las, porque considerava que, à medida que o tempo passa e uma pessoa continua a sentir-se maltratada, e para de procurar adaptar-se à cultura local é pior ainda, mas acredita também que é necessário que os maridos se imponham e não as façam sentir como se tudo estivesse em suas cabeças.

Mas eles, como eles não sofreram nada, acham que não. Acha que é da cabeça, acha que a pessoa não está indo porque não tem brasileiro... Não entende que a pessoa não está indo porque começa a se sentir mal... Que quando ela é atingida eles não abrem a boca pra defender. (Paula)

E ela continua contando que os maridos não reagem em defesa das esposas e, em contrapartida, ela fica calada, para não ter conflito e ser melhor aceita no meio em que vive, mas que isso é ilusório, pois não vai nunca ser respeitada se não se posicionar e dar um basta.

Vê como é uma coisa totalmente retorcida? E eles não se dão conta que é o contrário, porque é justamente por ela ser estrangeira, e que aquela pessoa, vivendo com ele... se comportam, ficando caladinho, é que eles acham assim “ah, coitada”. E depende do marido que não vai dizer nada. Entendeu? E com o esposo eles acham assim, “ah, o esposo não disse nada porque, como ela depende dele pra tudo, então ela que aguente, ele não quer problema por causa dela.” (Paula)

Assim, a adaptação pode ser facilitada pelos maridos, se prestarem atenção a situações como as relatadas aqui; parte do que precisa ser feito está nas mãos deles. No entanto, nem sempre se dão conta que se casaram com uma estrangeira e esperam que ela reaja a esse tipo de confronto do mesmo jeito que, normalmente, uma mulher suíça reagiria, pois são diretas e independentes e saberiam se defender sem precisar que um homem as “salvasse” desse tipo de situação. O interessante é que, nesse aspecto, a cultura dos homens, a maneira como eles foram educados sobressai, ou seja, por terem sido criados com as mulheres tendo os mesmos direitos que eles e sabendo que elas sabem se defender, pois aprenderam a se posicionar lado a lado com eles, demoram a perceber, em momentos realmente cruciais para suas esposas, que elas, exatamente por ser estrangeiras, precisam que eles se posicionem para dar um limite ao que se pode ou não fazer até elas conhecerem as regras do jogo local. Sem contar que não estão em seus países, onde teriam maior facilidade de se posicionar por conhecer as regras e a linguagem do jogo.

Deste modo, por serem, exatamente, estrangeiras e não conhecer os costumes locais, hesitam em se defender, assim como os confrontos, o que pode levar a mal entendidos. Daí a revolta de Paula quando seu marido não se posicionou imediatamente em relação ao seu compadre:

“Ele era um racista de bosta que chegava aqui e abria a boca e falava merda, e você sendo o homem da casa em nenhum momento chamou a ele à atenção”, então por isso que ele disse “perfeito, um estrangeiro estúpido, que eu vou chegar lá e vou tirar vantagem” né? Com outra, uma suíça eles não tomam esse atrevimento. Mas com estrangeiros eles se sentem na confiança, que o marido vai ficar contra você e a favor deles. (...) Aproveitei, e disse pra ele “olha, se tu alguma vez duvidou que eu nunca te amei, então

esse momento eu vou te mostrar agora. Se é verdade ou não, se eu estou contigo por dinheiro... como esse vagabundo chegou na nossa casa, na frente dos nossos filhos, dizendo que tenha muito cuidado porque tem muita estrangeira que só sabe fazer isso, por causa disso... Eu disse “Eu tenho muita possibilidade e eu sei as qualidades, como mulher, como amiga, como puta, como amante... e sei que eu posso arrumar outro homem como tu ou quem sabe até melhor. Agora, a minha raiva de você é porque, se isso chegou até tal ponto, a culpa é sua. Sabe porquê? Porque eu sou casada com você, eu estava lá no hospital pra dar, duas vezes, vida aos teus filhos. Eu nunca dei motivo aqui pra que tu achasse que eu sou uma vagabunda ou uma nojenta. Não é à toa que tu estás comigo há quatorze anos. Então, se eu significo... Eu significo na tua vida?”

Ele "sim", chorando. Eu disse “se eu significo tanto, então porque eu não tenho tanta significância pra tu abrir a boca no momento certo e me defender? Eu sou tua esposa. O que esse nojento aqui... e como eles fazem... isso aqui não é aceito nem aqui e nem em lugar nenhum. Em lugar nenhum se chega faltando com respeito, ainda mais a esposa. Porque ele faltou com respeito, em primeiro lugar, a mim, mas ele te desmoralizou porque tu, normalmente, que é o homem da casa, ele faltou com respeito a mim, contigo, com teus filhos e com tua casa. Tu é um banana, filho da puta. E já que tu não é capaz de abrir a boca pra me defender... Eu fiz errado de ter deixado minha casa, mas foi só por uma noite. Quem tem que sair é tu. Se eu puder manter, não sei, isso é problema meu. Mas vai”. (Paula)

O acúmulo de pequenas situações ao longo dos anos acabou por se tornar demais um dia, que culminou com a saída de Paula de casa, mas como ela mesma disse, somente por uma noite. Daí, expulsou o marido de casa, mas também não durou, já que realmente gostam um do outro e queriam ficar juntos. No entanto, dois anos após o sucedido ainda se sentia revoltada com toda a situação e tinha necessidade de falar com alguém. Procurou, como mencionado anteriormente, associações de ajuda às mulheres, mas não sentiu que elas ajudariam, pois eram direcionadas para mulheres espancadas, o que não era o seu caso.

Aí, quando você pensa que você passava por uma situação dessa, outra brasileira tendo isso, aí vão se unir, se apoiar? Não. Não é. Entendeu agora? Primeiro que Bâle fica no cu do mundo. Tudo é longe. É longe de Zurique, é longe de Genebra. De todas que, normalmente, onde tem uma associação, a Raízes, que eu já ouvi falar... Aqui não tem nada. O espaço Ufar⁸³ Eu estive no espaço Ufar. E te digo, cá pra nós, é uma porcaria. (...) Aí eles perguntam “foi seu marido que deu em você?”. “Não”. “Então por que foi?”. Aí você fala “não... é”. (Paula)

Se o caso for, realmente, de violência física, as mulheres recebem ajuda na pequena cidade onde mora ou em qualquer outra cidade, mesmo que pequena, principalmente após a nova campanha de “Não à violência contra as mulheres” e do

⁸³ A Ufar é uma associação de ajuda aos imigrantes.

decreto-lei sobre os casamentos forçados. Como este não era o caso de Paula, ela acabou por se sentir mais sozinha ainda, por não ter com quem dividir essa angústia.

Não é a mesma ajuda. Na teoria é uma coisa, na prática é totalmente diferente. Não sei em Genebra, mas pelo menos aqui é assim. E eu não sou a única que precisou de algum apoio de associação de mulher não. (Paula)

Entre suas amigas e conhecidas, várias precisaram de ajuda por também terem problemas, quer relacionados com o próprio marido, um parente ou ao trabalho.

Sabe como é? De sofrer bullying, alguma coisa, e no final deixar pra lá porque não tem ninguém. Primeiro, muitas vezes, a grande maioria, mesmo que trabalhe, não tem o mesmo capital que um marido. A maioria que trabalha ou é em firma de limpeza, restaurante, ajudante de cozinha... (Paula)

Como resultado de todo esse estresse, Paula começou a ficar nervosa e embora nunca tenha batido nos filhos, reconhece que não os tratava da mesma maneira, pois, com os nervos à flor da pele, gritava com eles e tinha frequentemente crises de choro.

Esse nojento, além de fazer a merda aqui, ele foi a causa que eu perdi meu emprego... Porque eu trabalhava em um restaurante de um amiguinho dele e, depois desse problema, por coincidência, eu passei, depois de três anos e meio de trabalho, começaram a fazer comigo bullying. Sabe o que é bullying? (...) Eu te digo, eu nunca pensei em me matar nem nada, mas eu fiquei mal emocional, tendo crise de choro... Tomei pânico, cada vez que eu saía na rua... Você fica, você muda muito. Aqui, a maioria das brasileiras dizem "ah, eu tenho depressão". Não, depressão mesmo. A pessoa depressiva, ela está ali com a faca já querendo enfiar, já quer fazer uma merda. Porque eu vejo é gente que é atacada, dia a dia, indiretamente, que fica emocional. É como um bullying. (Paula)

Então, saí do emprego, estava muito emocional. Fomos de férias... foi um inferno. Porque eu estava doente. Eu disse pra ele, "o que as pessoas, porque esses vagabundos, essas pessoas, que tu não teve coragem de me defender, o que fizeram comigo foi me adoecer. Emocional". Meu filho... esse maior, ele viu muitas vezes eu aqui, eu chorando, derramando lágrimas. Inclusive, eu até já vi meu filho chorando por me ver mal. E essa mágoa... Me desculpe, eu sei que a pessoa diz "não, não guarde não". Não, eu guardo. Eu guardo, e um dia, quando eu puder, se eu puder um dia descontar, eu vou descontar. Por enquanto, só conto com a justiça de Deus. Rapaz...(Paula)

Paula decidiu começar a trabalhar para se sentir útil, não porque precisava de dinheiro ou porque o marido a tinha obrigado, mas, quando seus meninos já

estavam grandes achou que a casa, o jardim e a academia não eram suficientes para ocupar o seu dia. Mas, desde que perdeu seu emprego não voltou a trabalhar. Precisou de um bom tempo para se recuperar e, dois anos após o acontecido, quando nos encontramos, ainda estava procurando alguém que a ouvisse e, até mesmo, que validasse que as mulheres estrangeiras precisam de ajuda para se reajustar em suas novas vidas fora de seu contexto social. Para Paula, o casamento é uma associação de cumplicidade e foi disso que ela sentiu falta.

Casamento é isso, é cumplicidade. Quando eu era menina de rua e eu me juntava com outro menino... ou com outra menina de rua... eu estava buscando um cúmplice. Quando eu não queria, então eu ficava sozinha. Então cúmplice é isso. Ele te apoia, ele está ao teu lado. Ele sabe teus valores, não precisa tu ir pedir, falar, como eu vejo aqui... (Paula)

No entanto, pode-se perceber que, ao longo de todo o seu discurso, Paula nunca deixou de estar consciente das desigualdades nas relações de gênero, do poder social dos maridos e de como as esposas ficavam expostas a situações de conflito na nova sociedade em que vivem, por não saber lidar com as regras do novo local em que moram. Então, elas precisam, às vezes, que o marido se posicione em sua defesa. Daí o questionamento que fez ao seu marido:

Mas você já viu ele atacar a esposa de alguém assim como ele fez aqui, comigo? Não. Ele fez isso porque ele viu uma brecha. Ele viu que você que era o homem da casa, o que deveria defender o teu lar, ficou calado. E isso reforça... (Paula)

Para Esther Perel (2002), o “inter” é gerido pelo conceito de uma rede de ligações em que cada sujeito faz parte de uma história e de uma tradição familiar e nacional, vivendo essa lealdade comunal. Deste modo, o casamento não acontece apenas entre duas pessoas, mas também entre duas famílias, mesmo dois países onde os sujeitos podem ser considerados, dentro de suas próprias casas, como “(...) migrantes ou turistas. Algumas vezes, eles passam por essa transição na sala da própria casa” (p.194). Este foi o caso de Paula, considerada como uma estrangeira dentro de sua própria casa, como se não estivesse em sua casa, mas na casa do marido. Isso se dá porque o reajustamento cultural é feito aos poucos e o migrante só se vai inteirar desse novo mundo pouco a pouco, imitando-o, identificando e interiorizando seus aspectos principais, assim como familiarizando-se com suas

referências e onde estará continuamente à mercê dos eventos, das divisões, das crises e dos ciclos de vida pelos quais deve passar.

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se dizer que, pelo fato de Paula ter passado por esse tipo de situação, estava interessada em contar sua experiência, não só para ajudar outras mulheres na sua situação, como para averiguar a possibilidade de encontrar uma associação onde a ajuda fosse mais direcionada para casais interculturais, pois acredita que os homens também devam ser alertados dessas situações para não deixarem suas esposas se sentindo sozinhas, preteridas, em relação aos amigos ou à família dele.

Eu agora entendo o que leva muitas estrangeiras, que já vem aqui adoecida emocional, e tem tudo pra ser feliz, e acaba se tornando uma merda como mulher, como uma amiga... Não é nem culpa delas não, é deles também. Que você chega tão despreparada, e você começa a aceitar uma vida que ele está te impondo, que ele está te mostrando, que ele quer que você participe. Agora, o negócio é você saber se você está preparada, ou saber se adequar.

Graças a Deus, como eu digo, ele teve a sorte e eu também. Mas, eu acho que muitos problemas acabaram a partir do momento que nós aprendemos, e eu disse pra ele “eu quero um cúmplice. Eu não quero um marido, eu quero um cúmplice que esteja disposto a me defender”. Não precisa... Se não gosta de mim porque eu sou brasileira, está no seu direito. Agora, faltar com respeito, não. Não, ninguém tem o direito... (Paula)

Todas as relações interpessoais podem vir a ter problemas de reajustamento de vários gêneros. No entanto, quando se está em seu próprio entorno, em sua própria sociedade, tem-se os amigos, a família a quem recorrer. No caso das mulheres inseridas em um casamento intercultural, que vivem nos países dos maridos, esse reajustamento pode ser maior e mais longo. Isso porque, embora os homens suíços se casem com mulheres dos países em desenvolvimento, foram criados para ser independentes e as relações de gênero, em seu país, são bem mais igualitárias do que nos países de suas esposas. Mesmo estando em busca de uma relação mais coesa e menos independente, nem sempre se dão conta de que suas esposas, por estarem fora de seu ambiente, não se impõem imediatamente, para evitar conflitos, não os magoar ou não ser consideradas como “entronas”; mas, na verdade, o que muitas delas precisam e esperam é que se posicionem do seu lado e as defendam em situações de conflito. Como Gilberto Velho (2006) aponta, este pode vir a ser um constante e ininterrupto processo de negociação da realidade

em que os projetos podem ser adaptados ou alterados, com transformações tanto institucionais como individuais.

Partindo desse foco de registro, é preciso considerar que essas mulheres, dentro de um contexto de família ou relacionamento afetivo-conjugal intercultural, estão inseridas em uma forma distinta de migração feminina, ainda pouco explorada como tal, e que precisam ser estudadas fora do contexto de tráfico e exploração sexual, fora de uma conjuntura de turismo sexual, mas dentro daquilo em que realmente estão inseridas: famílias interculturais. Além disso, é necessário que elas sejam percebidas como agentes de suas próprias vidas, pois a agência está intrinsecamente ligada ao poder em contextos de dominação e resistência, assim como à ideia de intenção, com os projetos de pessoas culturalmente constituídas no mundo em que vivem, com desenvoltura para realizar esses mesmos projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais de homens suíços e mulheres dos países em desenvolvimento foram o foco principal desta tese. A partir dos discursos e da trajetória dos sujeitos inseridos em uma relação afetivo-conjugual intercultural, este trabalho buscou compreender o(s) elemento(s) provocador(es) do grande aumento desses relacionamentos, nas últimas décadas.

Os formatos são os mais diversos, assim como os tamanhos da família ocidental e esta mostra uma tendência a diminuir, em quase todas as sociedades, assim como ao longo dos tempos vem sofrendo ressignificações.

No entanto, assim como a cultura, a família não é estática, o que leva a perceber que, longe de estar em via de extinção, ela está sendo ressignificada, atualizada. Isso se percebe no modo como alguns homens e mulheres encontram meios de formar suas famílias. Por exemplo, alguns homens buscam mulheres em países em desenvolvimento, pois elas tendem a se casar e ter filhos mais cedo do que as mulheres euro-americanas. Há uma tendência, nas mulheres suíças e, pode-se dizer, nas euro-americanas de se casar cada vez mais tarde, em relação às mulheres dos países em desenvolvimento.

Por outro lado, mulheres dos países em desenvolvimento imigram por diversos motivos, o que as leva a conhecer seus maridos nos países onde são migrantes. Outras buscam, em outros países, como, por exemplo, os europeus, homens para se casar por considerarem que são menos machistas, mais tolerantes ou, ainda, mais participativos nos afazeres de casa. Esses são alguns dos fatores percebidos como razão para o grande aumento dos casamentos interculturais, nas últimas décadas.

Essa busca por um casamento intercultural com mulheres dos países em desenvolvimento é uma tendência em vários países europeus: por exemplo, já em 2004, a Alemanha era o país em que mais homens se casam com brasileiras, seguido da Suíça, em segundo lugar, conforme a *Conférence Européenne des Relations Binationales/Biculturelles: "les familles mixtes, ici et là bas"*,⁸⁴ na França.

⁸⁴ Agenda da Conferência disponível em: <<http://www.yabiladi.com/article-agenda-149.html>>

Na pesquisa *Turismo Afetivo* (CÉU RODRIGUES, 2001) evidenciou-se um fluxo de homens que buscam, através do turismo, um meio de formar uma família. A pesquisa mostrou como o imaginário do homem euro-americano percebia a mulher brasileira. Ou seja, uma mulher mais sensual, afetiva, carinhosa. Em *Ser Estrangeiro* (NOURA RITTINER, 2006), a pesquisa mostrou os anseios, o negativo e o positivo de uma relação intercultural. Mas, deixou claro, também, as motivações dos homens ao escolherem um relacionamento intercultural com uma brasileira: mais afetiva, mais caseira, mais família, reafirmando o que já tinha sido apontado no estudo anterior.

Neste momento, ao tentar apreender se as motivações das escolhas de casamento por outras nacionalidades – visto que, alguns deles, tinham um perfil bastante diferente do Brasil e das brasileiras –, estavam relacionadas a estereótipos, como alguns encontrados em relação à mulher brasileira, a pesquisa mostrou que o que há em comum na escolha dos homens é o fato dos países de origem de suas esposas terem um formato de família mais unida, mais coesa, em que há primazia da mulher pela família, a despeito do trabalho, segundo o discurso dos entrevistados.

Embora a maioria das mulheres trabalhe e tenha formação superior, são vistas por seus parceiros como mulheres “mais família” do que as europeias, como apontado por André, que foi casado com uma francesa, por Mike, que afirma ter noção que o tipo de família que quer para si seria difícil com uma suíça, pois suas compatriotas tendem a priorizar o trabalho. Ou ainda por Thyago, ao apontar como, no país de sua esposa, a família é mais unida e os idosos são cuidados em suas próprias casas.

Ao longo deste trabalho, outras questões foram observadas. Uma delas foi o aumento da migração feminina, nas últimas décadas, que contribuiu para que homens e mulheres de culturas e nacionalidades diferentes se encontrassem mais facilmente, aumentando o número dos casamentos interculturais. Foi possível perceber que a imigração feminina é, atualmente, maioria, assim como há uma vertente da migração, e neste caso específico, da feminina, que tem como motivação o casamento e a formação de uma família.

Assim, do mesmo modo que o homem se utiliza da infraestrutura do turismo para encontrar um relacionamento afetivo-conjugal, a mulher, em muitos casos, usa

a migração com o intuito de encontrar um homem para se casar. Essa motivação foi percebida na pesquisa *Enquete Suisse sur la Population Active* (ESPA), em 2008, e pela *Organisation de Cooperation et de Developpement Economique* (OCDE), em 2012.

Pode-se assim afirmar que a este processo de busca por um “par”, tanto da mulher como do homem, estão vinculados três conceitos essenciais da agência (ORTNER, 2006), ou seja, intencionalidade, universalidade e poder, em que os agentes interfeririam com um projeto, metas, desejos, vontades, no mundo em que vivem, o que lhes dá um caráter intencional, sendo ou não de forma totalmente consciente. Ou seja, seriam todas as formas de ação cognitiva e emocional para atingir um propósito, sendo então a agência uma ação intencionalizada, que neste caso seria a busca por um casamento, sendo propositado ou não o fato de ser intercultural. O caráter universal estaria exatamente no fato de todo ser humano ter capacidade de agência e esta ser cultural e historicamente construída, embora assuma formas específicas e diferenciadas para cada sujeito, dado que suas vidas variam nos diferentes tempos, espaços; e as motivações e por que são acionadas também são variadas. O terceiro ponto é a relação entre agência e poder, visto que os atores agem dentro de contextos de relações desiguais, de assimetrias, de forças sociais e poder, dado que as relações de poder estão inseridas nas de gênero.

Em suma, a agência está relacionada ao poder e ao fato dos sujeitos perseguirem seus projetos, o que é percebido, por exemplo, nas suas decisões ao escolher um casamento onde possam ter um relacionamento mais próximo de como julgam que este deva ser e não como o percebem em seu entorno, em sua sociedade de origem. Um casamento em que possam exercer seus direitos como pais e homens e ser mais ativos nas decisões e afazeres domésticos. Ou, no caso das mulheres, ao decidirem casar ou não, ao prorrogar o momento em que se casam, priorizando suas carreiras, adiando o momento de ter filhos ou, mesmo, decidindo não os ter.

Como foi verificado no segundo capítulo, os casais interculturais se encontram das formas mais diversas, e uma delas é através da migração. A teoria da migração considera que a ação do migrante é resultado de determinada lógica racional inscrita numa estratégia individualizada de maximização do interesse econômico pessoal entre a oferta e a demanda do mercado. Dentro do debate sobre

migração há fatores que resultam das razões que levam à migração, ou seja, fatores causais econômicos e não-econômicos. Em uma abordagem micro, ambas as variáveis podem ser levadas em conta quando da decisão de migrar, questão que dependerá de uma série de fatores pessoais, como idade, estado civil, grau de escolaridade, motivações, sexo, redes sociais, local de origem, e tudo isso vai determinar o local de destino. No caso deste estudo, os fatores de motivação de muitas migrantes foram pessoais, não-econômicos, visto que sua motivação é constituir uma família; é o caso de Rita, Paula, Patrícia, Thai e Luíza.

Outro fator que pesa na decisão de migrar são os ganhos que poderão ser obtidos, tanto no local de origem como no de destino, o que é de alguma forma determinado pelas características pessoais de cada indivíduo. Isto é percebido nas falas de algumas entrevistadas: pelas profissões que exercem, pelo aprimoramento em seus estudos e em seu trabalho; das dez mulheres entrevistadas, sete têm graduação e três têm mestrado. Por outro lado, na abordagem macroestrutural o que determina as escolhas são as características do emprego e o salário, que irão determinar as motivações para se migrar.

Segundo Jordi Roca (2009), a maioria das investigações sobre migração baseou-se, pelo menos inicialmente, na premissa de equilíbrio, ou seja, na migração como um mecanismo que equilibraria as desigualdades socioeconômicas entre as regiões de diferentes níveis de desenvolvimento geográfico, através da realocação dos trabalhadores de pontos de baixa produtividade para pontos de alta produtividade no contexto de um processo de interação e assimilação. Mais tarde, essa abordagem passou a ser individualista e baseada na teoria da dependência, que tinha como objetivo superar o etnocentrismo evolutivo anterior por uma visão histórica focada nas desigualdades inerentes ao sistema capitalista global e na divisão internacional do trabalho, o que explicaria as relações de dependência dos países periféricos aos chamados países centrais e o uso de trabalhadores estrangeiros como "exército de reserva". Essa nova perspectiva focava os migrantes como atores essencialmente econômicos, deixando de valorizar as razões não-econômicas, tanto do processo como da existência e, da mesma forma, no caso da teoria clássica, as de caráter não-individual.

No entanto, essa abordagem tem suas limitações como, por exemplo, a incapacidade para explicar por que somente alguns países "pobres" fornecem mão

de obra e, por outro lado, por que nem todos os países "ricos" recebem a mesma mão de obra. Outros estudos tiveram seu foco nas dinâmicas, políticas e processos de adaptação dos migrantes, na utilização de conceitos como a assimilação, aculturação e incorporação. Este tipo de abordagem tem marcado fortemente a forma de conceituar, teorizar a migração e, incidentalmente, contribuiu para inferir, implicitamente, que todos os migrantes são socialmente inferiores, pobres, ignorantes, analfabetos, marginalizados, desesperados etc., levando a perceber a necessidade de adoção de um novo quadro teórico, como a consideração de novas geografias e tipologias relacionadas com a migração.

É dentro desse contexto que surge a teoria da migração transnacional. Para Schiller; Basch; Blanc-Szanton (s/d), o transnacionalismo pode ser definido como o processo pelo qual os migrantes constroem campos sociais que ligam o seu país de origem e o país de migração e com os quais os migrantes constroem redes sociais denominadas transmigrantes ("transmigrants"), a saber, o desenvolvimento e a manutenção de múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas –, que ultrapassam as fronteiras nas quais vivem. O transmigrante seria agente nas duas culturas, a de origem e a de destino, e desenvolveria identidades e relações com as duas culturas e não tendo uma em rejeição à outra. E é dentro deste contexto que se encontra a maioria das famílias deste estudo, ou seja, entre uma cultura e outra, como, por exemplo, as esposas que ajudam os familiares com remessas de dinheiro, idas e vindas aos seus países de origem, umas vezes em casal, outras em família ou mesmo sozinhas, com a transmissão da língua materna aos filhos e ao marido, com uma segunda casa no país de origem, entre outros.

Alejandro Fortes (2005) pontua que tanto as condições dos países de origem como dos de acolhimento influenciam no transnacionalismo da migração. No entanto, as ações dos governos incentivando a saída dos atores, como incentivo para o envio de remessas de dinheiro para o país de origem, não caracterizam os migrantes em questão como estando em uma situação de transmigração. Isto porque um dos fatores que configuram a transmigração é que as atividades transnacionais em todos os campos partam da iniciativa dos próprios migrantes, que mobilizaram suas redes à distância com este propósito. Daí, que nem todo migrante se insere em um contexto de transmigração; um exemplo disso são as migrações

devido a uma situação de violência no país de origem, que faz com que os migrantes busquem uma integração rápida na sociedade de acolhimento, deixando para trás a angústia de não mais poder voltar e tentando esquecer todo o sofrimento a que foram submetidos. Ou, por exemplo, os migrantes que mantêm relações estreitas com outros migrantes de seu país de origem, o que dificulta, de certa forma, a integração no país em que vivem.

Tudo isso leva a perceber que o transnacionalismo não é a forma dominante dos grupos de migrantes. Uma grande parte deles parece levar a vida em seu novo país dentro de uma relativa negligência em relação ao que eles deixaram para trás, com expectativa de adaptação. Estes resultados suportam a posição "canônica" na teoria da migração, que enfatiza a assimilação dos migrantes na sociedade de acolhimento.

Em contrapartida, os dados também mostram que as atividades transnacionais são reais, que há um núcleo de ativistas comprometidos e empresários transnacionais, e que uma minoria significativa de migrantes participa, pelo menos ocasionalmente. Mas, em todas as formas de migração abordadas não estão incluídas as migrações afetivo-conjugais, ou seja, as migrações que objetivam, resultam ou são resultado de um relacionamento afetivo-conjugal.

No entanto, é preciso reconhecer que a teoria da migração transnacional estabeleceu o conceito de "rede migratória" (ROCA, 2009), ou seja, um vínculo interpessoal entre os migrantes, os migrantes que os precederam e os não migrantes nas áreas tanto de origem como de destino. Os vínculos que compõem essas redes podem ser de diversas naturezas, como parentesco, amizade, trabalho, etnicidade etc., já que o propósito das redes é permitir que seus membros tenham acesso à informação, apoio e recursos, entre outros, e, deste modo, gerenciar o risco através de uma ferramenta racional e coletiva que possibilitaria aos migrantes compartilhar o risco do projeto de migração e, àqueles que permanecem, a possibilidade de ampliar suas opções profissionais, de amizade, familiares. Esta foi uma das dificuldades encontradas por Paula: não ter tido uma rede migratória que a ajudasse a se adaptar mais facilmente ao seu novo lar.

Houve um aumento de estudos sobre o feminino na academia, o que contribuiu para abrir as portas para o estudo do masculino; e este não é dado como

certo nem como homogêneo. As masculinidades são hegemônicas e assimétricas, assim como as relações de gênero.

Embora os *women's studies* tivessem se iniciado com mulheres estudando a sociedade e os problemas que as afetavam pelo prisma das próprias mulheres, levaram, mais tarde, ao surgimento dos *men's studies*, que trouxeram a percepção do masculino para além do essencialismo heterossexual e mostraram que a masculinidade é uma construção, é hegemônica. Mas ela não é alcançada por todos os homens, embora exerça sobre todos eles um efeito controlador através dos seus ritos de passagem, pela incorporação, pelo discurso, como pontua Vale de Almeida (2000). A hegemonia determina as masculinidades subordinadas, ou seja, as representações masculinas que não se enquadram somente no perfil de dominador. Isso é percebido nos discursos dos homens, nas diferentes formas que se veem como homens, quando se dizem com dotes ou qualidades mais femininas que os outros homens. Ou, ao se referirem à esposa como tendo mais qualidades masculinas e menos femininas. O modelo de masculinidade continua sendo hierarquizante, pois ainda tem em si espectro da feminilidade como parâmetro do ser mais ou menos feminino. Isso é percebido, por exemplo, quando Reis afirma que o fato de ter crescido entre mulheres influenciou sua personalidade masculina. Ou quando André aponta que o homem ainda tem um lugar mais valorizado do que a mulher na sociedade se referindo ao salário e a como os amigos e conhecidos ainda percebem a mulher, ou seja, como inferior.

Outra questão observada foi como os homens ainda estão se adaptando às mudanças advindas da emancipação feminina. Eles ainda estão descobrindo quem são e como fazer face a essa nova mulher mais independente e participativa que surgiu a partir da revolução feminina.

Contudo, o lugar do homem na sociedade suíça, segundo os entrevistados, não pode ser considerado como seguro. Suas falas variam entre a percepção de que há ainda muito a ser mudado para a mulher ter igualdade real, a um discurso de o homem ainda ter um papel reduzido a provedor, principalmente quando se relaciona à questão de divórcio e direitos paternais, em que transparece uma sensação de perda para eles. Ora, se há perda, há relações de poder em questão e, neste caso específico, o conflito aparece na perda de espaço no trabalho, com a

sensação de que as mulheres lhes estão tomando os lugares de trabalho, e na perda de direitos paternais.

Na Suíça já existem várias associações que tentam defender os direitos dos homens, como homens e como pais. Uma das associações é a Crop, resposta à necessidade de reorganização por parte de alguns homens, pois se sentem lesados financeira e psicologicamente, mas, sobretudo, nos seus direitos de pais, por pagar por ser pais das crianças, sem o direito a uma relação de qualidade com seus filhos. Ou seja, se percebem com obrigações, mas sem direitos e ao buscar ajuda em instituições pró-masculino, revelam não só intencionalidade como agência em seus projetos de vida.

No entanto, em uma sociedade como a Suíça, onde as ações individualistas estão em voga, onde a satisfação e realização pessoal é priorizada, e onde as relações afetivo-conjugais estão decrescendo a cada década e diminuindo, continuamente, a taxa de natalidade, alguns homens encontram como driblar a situação para constituir uma família. Ou seja, buscam se casar com mulheres de países circunvizinhos ou mesmo longínquos, como no caso deste estudo.

Contudo, muitos temas deixaram de ser pesquisados, pela delicadeza do objeto de pesquisa – por se tratar de um assunto de foro íntimo –, e devido ao curto tempo para aprofundá-los outros temas.

Inicialmente, a pesquisa tinha o propósito de perceber, pelo discurso dos homens suíços, as mudanças na sociedade suíça, na família, no casamento, e sua percepção sobre o masculino na atualidade, além de apreender a motivação por um casamento com alguém de uma cultura e nacionalidade diferente da sua. No entanto, graças aos importantes dados colhidos nas entrevistas com algumas esposas sobre suas experiências como migrantes, seus objetivos, suas conquistas, seus projetos de vida, vi uma riqueza de dados em suas falas que resultou em um acréscimo de foco, as mulheres migrantes.

Contudo, a multiplicidade de situações sociodemográficas dos homens suíços e de suas esposas migrantes participantes deste trabalho – estudantes, trabalhadoras, dona de casa, graduadas, pós-graduadas –, leva a perceber que muito ainda precisa ser incluído em futuros estudos sobre os relacionamentos afetivo-conjugais interculturais. Por exemplo: não foi possível abordar e cruzar os dados socioeconômicos dos suíços e de suas esposas migrantes; os dados sobre as

rendas dos casais; os dados dos casamentos com pessoas de outros países europeus para tentar perceber a dimensão desse fenómeno. Além do estudo sobre a mulher migrante inserida em um casamento intercultural e da migração inserida na indústria do sexo, há necessidade de abordar outros aspectos dessas imigrações, por exemplo, aquele referente a uma “fuga de cérebros”. Isto porque, na pesquisa de Mestrado “Ser Estrangeiro” (NOURA RITTINER, 2006), todas as esposas tinham curso universitário e, na atual pesquisa sete das dez entrevistadas também tinham curso superior. O que mostra que outras questões estão envolvidas além da submissão feminina diante do homem europeu. Ou mesmo de um homem europeu interessado em mulheres dos países em desenvolvimento pela sua submissão, sua pobreza ou falta de instrução.

Deste modo, no rol dessas mudanças na sociedade suíça o masculino está, também, sofrendo transformações, a partir da desconstrução do patriarcalismo, como sobressai nos discursos dos sujeitos perquiridos, homens ainda resistindo às mudanças, conscientes de que elas estão acontecendo. Um homem que idealmente deveria ser algo que ainda não é, mais participativo, tanto como marido quanto como pai, aceitando a possibilidade de papéis “invertidos” na família, lutando por seus direitos paternais. Tudo isso faz perceber que vivemos um período de transição, de transformação da hegemonia masculina, mas também, histórica, cultural, social e individual, em que os conflitos foram colocados a nu, permitindo que sejam pensados dentro de uma multiplicidade de escolhas.

Isso é perceptível no fato de alguns homens estarem constituindo família com mulheres de países em desenvolvimento como uma tentativa de constituir um relacionamento afetivo-conjugal em que a família seja mais coesa, mais “tradicional”, na qual o “não há longo prazo” e o “flexível” não sejam prioridade. E é o que reflete nas falas dos sujeitos entrevistados, seja qual for a nacionalidade da esposa, contrariando a percepção inicial de que o foco de suas escolhas estivesse nas características ou nos traços físicos das mulheres; por elas serem de classe de baixa renda, sem estudos ou submissas. Na verdade, o foco principal mostrou estar no fato desses países terem uma cultura familiar mais coesa e seus membros possuírem uma interação maior entre si.

Do ponto de vista das mulheres, em suas reivindicações na busca da igualdade para serem reconhecidas como seres sociais com direitos como cidadãos

na sociedade em que vivem, como mostrado nas mudanças na sociedade suíça, como no dos homens, ao buscar formas diferentes de família, como as aqui apresentadas, a saber, interculturais, ou ao buscar associações pró-masculino, mostram-se sujeitos com agência, face ao conflito com que se deparam em sua sociedade e em suas relações interpessoais.

Seguindo essa linha de raciocínio, não pode aqui ser determinado que as relações de poder entre os gêneros prevaleçam iguais ao que era no passado ou que as mulheres se apresentam sem escolha ou poder de ação na sociedade atual. Ao contrário, o trabalho deixou claro que atualmente a mulher tomou para si a decisão do que fazer de sua vida, como o fazer e quando o fazer, mesmo que ainda não se esteja perto de uma relação de igualdade real.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: _____. (Orgs.). **Language and politics of emotion**. New York: Cambridge University Press, 1990.

ACHARD, Pierre. La norme par rapport à la notion de mariage mixte: tradition et modernité. p. 251-276. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte, Paris: Economica, Anthropos, 1998, 311p.

AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997a.

_____. Introdução. Para uma revisão das Ciências Humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres. p. 49-67. In: AGUIAR, Neuma. (Org.). **Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997b.

ARILHA, Margareth. **Homens jovens, gênero e masculinidades**. In: SEMINARIO LATINOAMERICANO, 2000.

ARILHA, Margareth et al. **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2º ed. São Paulo: Ecos Ed. 34,2001, 301p.

ARLETTAZ, Gérald. Emigration et colonisation suisses en Amérique 1815-1918. **Archives Federales Suisses**, p.149-178,1979. Chapitre 7: Le Brésil.

ASTRACHAN, Anthony. **Como os homens sentem**: sua relação às reivindicações femininas de igualdade e poder. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Imago, 1989, 568p.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1993, 266p.

BANDUCCI Jr., Álvaro; BARRETO, Margarita (Orgs.). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papyrus, 2001, (Coleção Turismo) 208p.

BARBARA, Augustin. **Les couples mixtes**. Bayard Editions. 1993, 338p.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 14ª. ed. Campinas: Papyrus, 2005, (Coleção Turismo) 160p.

_____. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça**. 2003. 204f. Dissertação (Mestrado) Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 11ªed. São Paulo: Senac, 2006, 539p.

BLION, Reynald. Economies et transferts migratoires, révélateurs des contradictions entre politiques et pratiques migratoires. In : BLION, Reynald; REGONI, Isabelle. **D'un voyage à l'autre**: des voix de l'immigration pour un développement pluriel. Paris: Institut Panos Paris et Editions Karthala, 2001, 303p.

BLION, Reynald; REGONI, Isabelle. **D'un voyage à l'autre**: des voix de l'immigration pour un développement pluriel. Paris: Institut Panos Paris et Editions Karthala, 2001, 303 p.

BOECHAT, Walter (Org.). **O masculino em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, 259p.

BORGHINO, Béatrice (Org.) **L'égalité des femmes et des hommes**: une question de genre. Rencontre organisée le 3 décembre 2004 par la Délégation régionale aux droits des femmes et à l'égalité de la Région Provence - Alpes - Côte d'Azur avec la collaboration du CIDF phocéén, 2004. Acesso em: 09/05/2014. Disponível em: (CIDF phocéén) <<http://www.infofemmes13.com>>

BOURDIEU, Pierre. À propos de la famille comme catégorie réalisée. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 100, p. 32-36, dec 1993. Acesso em: 24/07/2014. Disponível em: <[web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070](http://web.revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070)>

_____. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neo-liberal. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, 160p.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 322p.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, p. 46-81, 1994.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191, 1996.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o saber cultural. **Revista de Sociologia e Política**, n. 26, p. 41-60, 2006.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS, Dario (Org.). **Homens**: comportamento, sexualidade, mudança/identidade, crise, vaidade. São Paulo: Senac, 1997, 164p.

CAMARGO, Haroldo L. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. p. 33-85. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). **Turismo**: como aprender, como ensinar. São Paulo: Senac, 2001, 320p.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. 25^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, 126p.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Pierre Bourdieu sobre gênero e educação**. (s/d). Acesso em: 19/07/2010. Disponível em: http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero1/arquivos/artigos/pierre_bourdieu.htm

CASTELAIN-MEUNIER, Christine. Flexibilité des identités et paternités plurielles. **Revue enfances, familles, générations**, Paris, n.3, 2005. Acesso em: 24/04/2014. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/efg/2005/v/n3/012532ar.html>

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.v 1: A sociedade em rede.

_____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 530p. v. 2: O poder da identidade

CÉU RODRIGUES, Maria Eduarda Noura. **“Turismo Afetivo”**: relacionamentos interculturais. (Trabalho de Iniciação Científica – CNPq/Unicap). Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2001.

COGO, Denise Maria; BADET SOUZA, Maria. Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil - Bellaterra: Instituto Humaitas Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013, 105p.

COLLET, Beate. Intégration et mixogamie en France et en Allemagne. p.139-171, In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte, Paris: Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»)

COMBES, Danièle. Couples mixtes” et la construction de la parenté. p. 240-250, In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte, Paris: Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»)

COMMAILLE, Jacques. Conclusion générale: le “couple mixte” ou la tentative de construction d’une qualification sociale en exemplaire de recherche. p. 277-283, In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, Egalité, Mixité...conjugales**: une sociologie du couple mixte, Paris: Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»)

CONFÉDÉRATION SUISSE. Acesso em: 12/02/2014. Disponível em:
<<http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/fr/index/themen/01/07/blank/key/04/04.html>>

_____. Section Démographie et Migration Neuchâtel. Acesso em: 02/03/2014.
Disponível em:
<<http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/fr/index/dienstleistungen/forumschule/them/02/02b.html>>

_____. Office Fédéral de la Statistique. **La population de la Suisse, 2012.** Section Démographie et Migration Neuchâtel. Neuchâtel, 2013. Acesso em: 04/03/2013.
Disponível em
<<http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/fr/index/news/publikationen.html?publicationID=5379>>

CONGRESSO SOBRE MIGRAÇÕES, 36, 2007. Lisboa. **Relatório do 36º congresso sobre migrações.** Fédération Internationale des Ligues des Droits de l'Homme. Acesso em: 20/02/2013. Disponível em:
<http://www.fidh.org/IMG/pdf/KIT_PORT.pdf>

CORBIERE, Martine. Résistances masculines aux changements: le cas des décideurs économiques et administratifs. p.47-57. In: BORGHINO, Béatrice (Org). **L'égalité des femmes et des hommes:** une question de genre. Rencontre organisée le 3 décembre 2004 par la Délégation Régionale aux Droits des Femmes et à l'Égalité de la Région Provence - Alpes - Côte d'Azur avec la collaboration du CIDF phocéén, 2004. Acesso em: 09/05/2014. Disponível em: (CIDF phocéén)
<<http://www.infofemmes13.com>>

COSTA, Rosely Gomes. **De clonagens e de paternidades:** as encruzilhadas do gênero. **Cadernos Pagu**, p.157-199, 1998.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; FRANKEN, Ieda; RAMOS, Natalia. **Gênero e qualidade de vida no contexto da imigração Internacional.** In: Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23 a 26 agos. 2010.

CROP. Acesso em: 23/04/2014. Disponível em: <<http://www.pptg.ch/crop-presentation.html>>

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

DA MATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues.** 1978. Acesso em 05/03/2014. Disponível em:
<http://ppgasmuseunacional.web565.kinghost.net/Boletim_MN/Boletim%20do%20Museum%20Nacional%2027.pdf>

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 12º ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2001, 126p.

_____. Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina. p. 31-49 In: CALDAS, Dario. **Homens:** comportamento, sexualidade, mudança/identidade, crise, vaidade. São Paulo: Senac, 1997, 164p.

DIAS FILHO, Antonio Jonas **Fulôs, Ritas, Gabrielas, gringólogas e garotas de Programa:** falas, práticas, textos e imagens em torno de negras e mestiças, que apontam para a construção da identidade nacional, a partir da sensualidade atribuída à mulher brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

DORAIS, Michel. Pour une approche masculiniste. In: WELZER-LANG, Daniel; FILIOD, Jean Paul. **Des hommes et du masculin.** Centre d'Etude Féminines De L'université De Provence, Centre de Recherches et d'Etudes Anthropologiques, Presses Universitaires de Lion, p.193-203, 1992.

_____. **O erotismo masculino.** São Paulo: Loyola, 1994a. 173p.

_____. **O homem desamparado, crises masculinas:** compreendê-las para enfrentá-las. São Paulo: Loyola, 1994b. 103p.

DURHAN, Eunice Ribeiro. **Família e reprodução humana:** perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1983a.

_____. **Família e casamento.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 3. v. 3., p. 31-48, 1982. Acesso em: 06/10/2004. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1982/T82V1A002.pdf>

_____. **Família e sociedade:** centros de estudos rurais e urbanos. São Paulo, 1983b. (Cadernos Ceru nº 18 – 1º série)

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2002, 155p.

ESBER, Eugénio. A brasileira se sente infeliz. Entrevista a Mirian Goldenberg. **Revista amanhã.** Disponível em: <<http://www.amanha.com.br/NoticiaDetalhe.aspx?NoticialD=431781b1-7690-4136-ae91-564b07d24b1f>>

FLAUGERGUES, Amélie de. **Les comportements démographiques des familles en Suisse de 1970 à 2008.** Section Démographie et Migration Neuchâtel, septembre 2009. Acesso em: 28/02/2014. Disponível em: <www.statistique.admin.ch>

FEDERATION SUISSE DU TOURISME. **Le tourisme suisse en chiffres 2012:** chiffres structurels et de branche. Berne, juillet 2013. Acesso em: 09/07/2014. Disponível em: <www.swisstourfed.ch>

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, 2128p.

FONSECA, Claudia. **L'identité ethnique ambiguë des personnes d'origine mixte en milieu sous-prolétarien. Vers des sociétés pluriculturelles:** études comparatives et situation en France. In: COLLOQUE INTERNATIONAL de l'AFA, Paris 1986/01/09-11. Bondy, Ed. l'Orstom, 1987, p. 309-313. Acesso em: 15/07/2014. Disponível em: <http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers4/23682.pdf>

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 46^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, 668p.

FULCHIRON, Hugues. Le cadre juridique de la mixité. p. 43-61. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte. Paris: Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»).

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp. 1993, 228p.

_____. **O mundo em descontrolado**. 4^oed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 108p.

_____. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 233p.

GILLIARD, Charles. **Histoire de la Suisse**. 4^o ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2003, 126p.

The Global flow of people: Where everyone in the world is migrating - in one gorgeous chart. Acesso em: 20/04/2014. Disponível em:
<<http://qz.com/192440/where-everyone-in-the-world-is-migrating-in-one-gorgeous-chart/>>

GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000, 188p.

_____. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012.

_____. **A brasileira se sente infeliz**. Acesso em: 01/08/2014. Disponível em:
<http://miriangoldenberg.com.br/content.php?option=com_content&task=view&id=89&Itemid=106>

_____. **“No Brasil, o corpo é um capital!”**. Acesso em: 01/08/2014. Disponível em:
<http://www.saude.com.br/site/materia.asp?cod_materia=208>

GOLDSCHMIDT, Eliana Rea. **Casamentos mistos**: liberdade e escravidão em São Paulo colonial. São Paulo: Annablume, 2004.

GRASSI, Marzia. **Casar com o passaporte no espaço Schengen**: uma introdução ao caso de Portugal. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2005 <www.ics.ul.pt> Acesso em: 09/05/2014. Disponível em:
<http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2005/wp2005_4.pdf>

GULDIMANN, Joana; FREYMOND, Christoph. **Rapport sur les familles 2004**: structures nécessaires pour une politique familiale qui répond aux besoins. Office Fédéral des Assurances Sociales; Office Fédéral de la Statistique. Acesso em: 28/09/2005. Disponível em:
<http://www.bsv.admin.ch/forschung/publikationen/familienbericht_f.pdf>

GUTMANN, Matthew C. Trafficking in men: the anthropology of masculinity. **Annual Review of Anthropology**, v. 26. p. 385-409, 1997

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins da Fonte, 2005, 258 p.

_____. **A linguagem silenciosa**. Trad. Manuela Paraíso. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1994, 235p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12^o ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HAMMOUCHE, Abdelhafid. Le couple mixte comme indicateur de l'interculturalité: l'inscription des couples franco-maghrébins dans leur environnement depuis les années cinquante. p. 117-138. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales: une sociologie du couple mixte**. Paris : Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»).

HARRIS, John H.; TODARO, Michael P. Migração, desemprego e desenvolvimento: uma análise com dois setores. In: MOURA, Hélio Augusto de (Org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB, t. 1, p. 173-209, 1980.

HAUSER, Juliana. Turismo GLBT: um segmento promissor. 29/12/2006. Acesso em: 09/08/2014. Disponível em:
<<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=11713>>

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002, 349p.

HOTVEDT, Mary. O casamento intercultural: o encontro terapêutico. In: ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.153-169, 2002.

JÉLIN, Elizabeth. **Las familias en América Latina**. Familias: Siglo XXI, Santiago: Isis Internacional, 1994.

JOINT ACTION OF THE COUNCIL OF EUROPE AND THE EUROPEAN COMMISSION. Insights from intercultural cities. Rapport établi suite à la visite les 19 & 20 avril 2011 du groupe d'experts du Conseil de l'Europe composé de Paolo Attanasio, Oliver Freeman, Irena Guidikova et Phil Wood. Acesso em: 03/04/2014. Disponível em: <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/cities/Geneva-InterProfile_fr.pdf>

KABIS, Veronika. **Le rapport Fabienne sur les familles et les couples binationaux en Europe** - Commission européenne/Direction générale emploi et social/Bruxelles - Ministère Fédéral de la Famille, des Personnes âgées, de la Femme et de la Jeunesse/Berlin. (Verband binationaler Familien und Partnerschaften, iaf e.V. Cornelia Spohn, Bundesgeschäftsführerin). Frankfurt, 2001.

KIMMEL, Michel. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, a. 4. n.9, p.103-117, 1998.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 205 p.

LAPLANTINE, François. **Transatlantique: entre Europe et Amériques Latines**. Paris: Essais Payot, 1994, 298p.

LEHMAN-CARPZOV, Ana Rosa. **Turismo e identidade** - construção de identidades sociais no contexto do turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade do Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

LUTZ, Catherine. **Unnatural emotions**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. The anthropology of emotion. **Annual Review of Anthropology**, n. 15, p. 405-436, 1986.

MACHADO, Cacilda da Silva. A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991). **Revista Brasileira de História**, [online], v.17, n.34, p.75-100, 1997, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200004&lng=en&nrm=iso>.

MEMO. **Le site de l'Histoire**. Acesso em: 04/03/2014. Disponível em: <http://www.memo.fr/article.asp?ID=PAY_SUI_CON_008>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8º ed. São Paulo: Hucitec, 2004, 269p.

_____. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, 80p.

M'SILI, Marine. Caractère originaux des couples mixtes dans le marché matrimonial: le cas des acquérants de la nationalité française. p. 63-81. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales: une sociologie du couple mixte**, Paris : Economica, Anthropos, 1998, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»).

MOURÃO, Daniele Ellery. **Identidades em trânsito: África "na pasajen" identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas**. Campinas: Arte Escrita, 2009.

_____. **Identidades em trânsito: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza**. (Monografia), Universidade Fédéral do Ceará, Fortaleza, 2004.

NANCHEN, Gabrielle. **Amour et pouvoir**: des hommes, des femmes et des valeurs. Éditions FAVRE, S.A., 1990, 205p.

NEVES, Siloé Pereira. **Homem-mulher e medo**: metáforas da relação homem - mulher. Petrópolis: Vozes, 1986, 199p.

NICOULIN, Martin. **La gênese de Nova Friburgo**: emigration et colonisation suisse au Brésil 1817-1827, 6^a ed. Edition Universitaires Fribourg Suisse, 2005.

NOURA RITTINER. **Ser estrangeiro**: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo-conjugais interculturais helvético-brasileiras. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

_____. **A experiência dos casamentos interculturais: as mulheres culturalmente transplantadas**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA EUROPA, 1. Barcelona: Coletivo Brasil Catalunya, p. 65-72, 2010.

OFFICE FEDERAL DE LA STATISTIQUE - Suisse. **Les comportements démographiques des familles en Suisse de 1970 à 2008**. Acesso em: 30/12/2012. Disponível em: <<http://www.bfs.admin.ch/bfs/portal/fr/index/news/publikationen.html?publicationID=3716>>

OLIVEIRA, Maria Coleta de; BILAC, Elisabeth D.; MUSZKAT, Malvina. Os homens, esses desconhecidos.... **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo: v. 11, n. 1, 1994.

ORGANISATION DE COOPERATION ET DE DEVELOPPEMENT ECONOMIQUE. Groupe d'experts sur les migrations. **Rapport de la Suisse 2012/2013**. Disponível em: <<https://www.bfm.admin.ch/content/dam/data/migration/berichte/sopemi/sopemi-2012-2013-f.pdf>>

ORGANISATION MONDIALE DU TOURISME (OMT). Acesso em: 2/05/2014. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/fr>>

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. 5^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 148p.

ORTNER, Sherry B. “Uma atualização da teoria da prática”. In: GROSSI, Miriam Pilar; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter (Orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, p. 19-44, 2007a. Disponível em: Revista Vibrant <www.vibrant.org.br>

_____. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: _____. p. 45-80, 2007b. Disponível em: Revista Vibrant <www.vibrant.org.br>

_____. A máquina de cultura: de Geertz a Hollywood. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, out. 2007c.

_____. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**, a. 13, n. 28, p.375 – 405, 2007d.

_____. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, agos. 2011. Acesso em: 17/06/2010. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000200007>>

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2001, 88p.

PAPP, Peggy. **Casais em perigo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PEREIRA, Micael. Amor por catálogo. **Correio da Manhã**. 16 de maio de 2004. Acesso em: 09/05/2014. Disponível em:
<<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/amor-por-catalogo>>

PEREL, Esther. Uma visão turística do casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais. p.193-294. In: PAPP, Peggy. **Casais em perigo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PICHE, Victor. **Les fondements des théories migratoires contemporaines**. Introdução. 2013. Acesso em: 01/09/2013. Disponível em:
<http://oppenheimer.mcgill.ca/IMG/pdf/Piche_-_Les_fondements_des_theories_migratoires_contemporaines_-_2013.pdf>

PIORO, Sophie. Les hommes en changement. p.35-46. In: BORGHINO, Béatrice (Org.). **L'égalité des femmes et des hommes**: une question de genre. Rencontre organisée le 3 décembre 2004 par la Délégation Régionale aux Droits des Femmes et à l'Égalité de la Région Provence - Alpes - Côte d'Azur, avec la collaboration du CIDF Phocéén, 2004. Acesso em: 09/05/2014. Disponível em:
<<http://www.infofemmes13.com>>

PERROT, Martyne. **Emmigration, mariage, identité. Le choix du conjoint français chez les femmes créoles de l'île Maurice. Vers des sociétés pluriculturelles: études comparatives et situation en France**. In: COLLOQUE INTERNATIONAL DE L'AFA, Paris, 1986/01/09-11. Bondy: Ed. l'Orstom, p. 309-313, 1987. Acesso em: 15/07/2014. Disponível em:
<http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers4/23682.pdf>

PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte. Paris: Economica, Anthropos, 1998a, 311p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»).

_____. Réflexions préliminaires. p. XVII-XXX. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte. Paris: Economica, Anthropos, 1998a, 311 p. (Col. «Exploration interculturelle et science sociale»).

PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: **Gênero, sexo, amor e dinheiro**:

mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas: Unicamp, Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero, p. 537–582, 2011.

_____. The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 2, p. 211-219, 1994. Acesso em: 06/04/2014. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/pagu02.09.pdf>>

_____. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. (Org.). **Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 49-67, 1997.

_____. **Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais:** comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil). (s/d). Acesso em: 03/04/2014. Disponível em: <<http://www.desafio.ufba.br/gt6-009.html>>

_____. **Brasileiras na indústria transnacional do sexo:** migrações, direitos humanos e antropologia. Número 7 - 2007, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, mis en ligne le 12 mars 2007, 2008. Acesso em: 2014. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document3744.html>>

_____. **Geografia política do afeto:** interesse, “amor” e migração. In: Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, 1. Barcelona: Coletivo Brasil Catalunya, p.14 - 22, 2010.

PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro:** mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. São Paulo: Unicamp, 2011. (Coleção Encontros. Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero).

PORTES, Alejandro. Convergencias teóricas y evidencias empíricas en el estudio del transnacionalismo de los inmigrantes. **Migración y Desarrollo**, n. 4, p. 2-19, 2005. Red Internacional de Migración y Desarrollo México. Acesso em: 01/05/2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66000401>>

PRADO, Danda. **O que é família**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981, 93p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O pesquisador, o problema da pesquisa**. A escolha de técnicas: algumas reflexões. p.13-29, 1992. (Textos 3, Ceru. 2ª Série)

_____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: TA Queiroz, 1991.

REVISTA AMANHÃ. **A brasileira se sente infeliz**. Entrevista a Mirian Goldenberg por Eugênio Esber. Disponível em: <<http://www.amanha.com.br/NoticiaDetalhe.aspx?NoticialD=431781b1-7690-4136-ae91-564b07d24b1f>>

REZENDE, Cláudia. **Retratos do estrangeiro**: identidade brasileira, subjetividade e emoção. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, 128p.

_____. Identidade e contexto: algumas questões de teoria social. **BIB**, São Paulo, n. 64, p.29-41, 2007.

REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO, Eunice. **Família e mulher**. Família e Sociedade: centros de estudos rurais e urbanos. p.7-47, 1983. (Cadernos nº 18 – 1º Série, maio de 1983).

RIBEIRO, Marcos (Org.). **O prazer e o pensar**. São Paulo: Gente, 1999, v.1, 356p.

ROCA, Jordi. La excepción reveladora: esposas brasileñas de uniones mixtas en España, Suiza, Italia Y Portugal. p. 73-80. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA EUROPA, 1. Barcelona: Coletivo Brasil Catalunya, 2010.

_____. "Quien lejos se va a casar...": migraciones (re)negadas. **Alteridades**, v. 19, n. 37, p. 133-155, 2009.

_____. **Amor importado, migrantes por amor**: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España. Tarragona: Universidad Rovira i Virgili. 2008, 386p.

_____. Migrantes por amor: la búsqueda y formación de parejas transnacionales. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v.2, n. 3, p. 430-458, 2007.

ROCA, Jordi; GOLDENBERG, Mirian. Em busca do amor perdido: um diálogo sobre o casamento entre homens espanhóis e mulheres brasileiras. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p.183-201, 2008.

ROSA, Renata Melo de. **Vivendo um conto de fadas**: ensaio sobre cor e "fantasia" entre cariocas e estrangeiros. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). Trad. de Deborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro. **Mana**, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997a.

_____. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). Trad. de Deborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro. **Mana**, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997b.

SANDER, Nikola; ABEL, Guy J.; BAUER, Ramon. **The global flow of people. Where everyone in the world is migrating—in one gorgeous chart**. At the <[Wittgenstein Centre for Demography and Global Human Capital](http://www.global-migration.info/?_ga=1.46004964.1790197212.1408201200)>. Acesso em: 01/05/2014. Disponível em: <http://www.global-migration.info/?_ga=1.46004964.1790197212.1408201200>

SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. Dinâmica socioespacial, habitação e família na metrópole do Rio de Janeiro. **Cadernos Metr pole**. 1999.

SANTISO, Javier. O centro e a periferia. **Jornal Valor Econ mico**, v. 20, n. 36, p. 11-15. Acesso em 10/07/2014. Disponível em:
<<http://www.oecd.org/dev/40512655.pdf>>

_____. **Os Brics e o equilíbrio de poder global**. Acesso em: 10/07/2014.
Disponível em:
<<http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/BRICs/Os%20BRICs%20e%20o%20equil brio%20de%20poder%20global.pdf>>

SARTI, Cynthia A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. **La double absence**: des illusions de l' migr  aux souffrances de l'immigré. Éditions du Seuil, 1999, 439p.

_____. **L'immigration ou les paradoxes de l'alt rit **: l'illusion du provisoire. Paris: Éditions Raisons d'Agir, 2006, 217p.

SCHILLER, Nina G.; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina.
Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**. (s/d). Acesso em: 29/06/2014 .Disponível em:
<https://www.academia.edu/457018/Transnationalism_A_New_Analytic_Framework_for_Understanding_Migration_and_A_Global_Perspective_on_Transnational_Migration_Theorizing_Migration_Without_Methodological_Nationalism_>

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Trad. de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia  vila. New York: Columbia University Press, 1989.
Acesso em: 10/04/2014. Disponível em:
<http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>

_____. O enigma da igualdade. Trad. de Já Klanovicz e Susana Born o Funck.
Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SCOTT, Russell Parry. **Famílias brasileiras**: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Universitária da UFPE, 2011a, 235 p. (Série Família e Gênero, n.14).

_____. Introdu o. p. 11-19. In: _____. **Famílias brasileiras**: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Universitária da UFPE, 2011, 235p. (Série Família e Gênero, n.14)

_____. Família, gênero e poder no século XX no Brasil. In: _____. **Famílias brasileiras**: poderes, desigualdades e solidariedades. Recife: Universitária da UFPE, 2011, 235 p. (Série Família e Gênero, n.14)

_____. **A família espanhola e a receptividade a migrantes brasileiros**. In: ENCONTRO NACIONAL DE MIGRA OES, 5.Linha temática Migra o internacional, remessas e barreiras   emigra o: o caso brasileiro. Campinas: Nepo, out. 2007.

_____. Patriarcalismo e idéias salvacionistas. p. 227-244. In: SCOTT, Russell Parry; ZARUR, George. (Orgs.). **Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina**. Recife: Universitária da UFPE, 2003, 280p.

_____. Famílias sem casais e a diversidade conjugal no Brasil. **INTERSEÇÕES. Revista de Estudos Interdisciplinares. Dossiê Comportamentos Familiares**, Rio de Janeiro, a. 3, n.2, p. 93-112, 2001.

SCOTT, R. Parry; ZARUR, George. (Orgs.). **Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina**. Recife: Universitária da UFPE, 2003, 280p.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010, 204p.

SERRURIER, Catherine. **O que é que há com nossos maridos?** São Paulo: Summus, 1996.

SIMMEL, Georg. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Trad. de Maria João Costa Pereira e Michael Knoch. Lisboa: Relógio D'Água, 2004, 248p.

_____. Fidelidade e gratidão. p. 31- 53. _____ In: SIMMEL, Georg. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Trad. de Maria João Costa Pereira e Michael Knoch. Lisboa: Relógio D'Água, 2004, 248 p.

SOIHET Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. (Org.). **Gênero e ciências humanas, desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 95-114, 1997.

STOLCKE, Verena. Homo clonicus? O sexo da biotecnologia. In: GROSSI, Miriam Pilar; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter (Orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, p. 117-145, 2007a. Acesso on line em inglês na Revista VIBRANT – <www.vibrant.org.br>

_____. Gênero mundo novo: interseções. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In: GROSSI, Miriam Pilar; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter (Orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, p. 83-116, 2007b, Acesso on line em inglês na Revista Vibrant – <www.vibrant.org.br>

THEOBALD, Willian F. Significado, âmbito e dimensão do turismo. p. 27-44. In: _____. (Orgs.). **Turismo global**. Trad. de Anna Maria Capovilla e João Ricardo Barros Penteadó. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2002, 510p.

TRAJANO Filho, Wilson; MARTINS, Carlos Benedito. Introdução. p. 13-38. In: TRAJANO FILHO, Wilson; LINS RIBEIRO, Gustavo. (Orgs.). **O campo da Antropologia no Brasil**. Associação Brasileira da Antropologia, 2004.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998, 236p.

ULSON, Glauco. Ser homem nos dias atuais. p. 72-80. In: BOECHAT, Walter (Org.). **O masculino em questão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 203p.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. "Masculinidades". p.122-123. In: MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luíza. **Verbetes no Dicionário da crítica feminina**. Porto, 2005.

_____. **Off Line: livros on line de textos inéditos de 2004**, 2004.

_____. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 2000, 264 p.

_____. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 161-189, 1996

VARRO, Gabrielle. **Sociologie de la mixité**: de la mixité amoureuse aux mixités sociales et culturelles. Paris: Editions Belin, 2003, 256p.

_____. Critique raisonnée de la notion de mixité. p. 1-31. In: PHILIPPE, Claudine; VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte. Paris: Antropos, 1998, 311p.

_____. **La femme transplantée**: une étude du mariage franco-américain en France et le bilinguisme des enfants. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984, 190p.

VARRO, Gabrielle; NEYRAND, Gérard. **Liberté, égalité, mixité... conjugales**: une sociologie du couple mixte. Paris: Antropos, 1998, 311p.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a, 148p.

_____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. p.13-40. In: _____ **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

_____. Parentesco, individualismo e acusações. p. 69-83. In: _____. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008c.

_____. Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto. p. 107-113. In: _____. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008d.

_____. Memória, identidade e projeto. pp. 94-105. In: _____. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Subjetividade e Sociedade**: uma experiência de geração. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, v. 1, 112p.

_____. **Projeto e metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

_____. Destino e violência. In: _____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

_____. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p.227-234, 1995.

_____. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006. Acesso em: 01/06/2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009>

VERO, Judith. **Alma estrangeira**: pequenas histórias de húngaros no Brasil, processos identitários. São Paulo: Agora, 2003, 175 p.

VIEIRA, Érika Souza. Amor sob encomenda: um estudo antropológico sobre as agências de encontros. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, jun., 2006a.

_____. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. In: BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. Colonial rule and cultural sabir. **Ethnography**, v. 5, n. 4, p. 544-586, 2006b.

_____. Esclarecer o *Habitus*. **Educação & Linguagem**. a. 10, n. 16, p. 63-71, jul.-dez, 2007. <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewFile/126/136>>

WELZER-LANG, Daniel. L'intervention auprès des hommes... aussi.... *Empan*, n. 65, p. 42-48, 2007. Acesso em: 02/07/2013. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-empan-2007-1-page-42.htm>>

WELZER-LANG, Daniel; FILIOD, Jean Paul. **Des hommes et du masculin**. Lion: Centre d'Etudes Féminines de l'Université de Provence. Centre de Recherches et d'Etudes Anthropologiques, Presses Universitaires de Lion, 1992.

WENDEN, Catherine Wihtol de. **La question migratoire au XXI^e siècle**: migrants, réfugiés et relations internationales. Paris: Presses de Sciences Po, 2010. Collection Références. 264p.

WINDISCH, Uli. et al. **Suisse-immigrés**: quarante ans de débats 1960-2001. Lausanne : Editions L'Age d'Homme, 2002, 270p.

WOORTMANN, Klaas. **A idéia de família em Malinowski**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 23. Família e Sociedade. s/d.

ZAKABI, Rosana Veja, Edição 1 741- 6 de março de 2002. Acesso em: 09/05/2014. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/060302/p_063.html>

APÊNDICE A

Foto 1 - Solicitação de ajuda para a pesquisa nas redes sociais

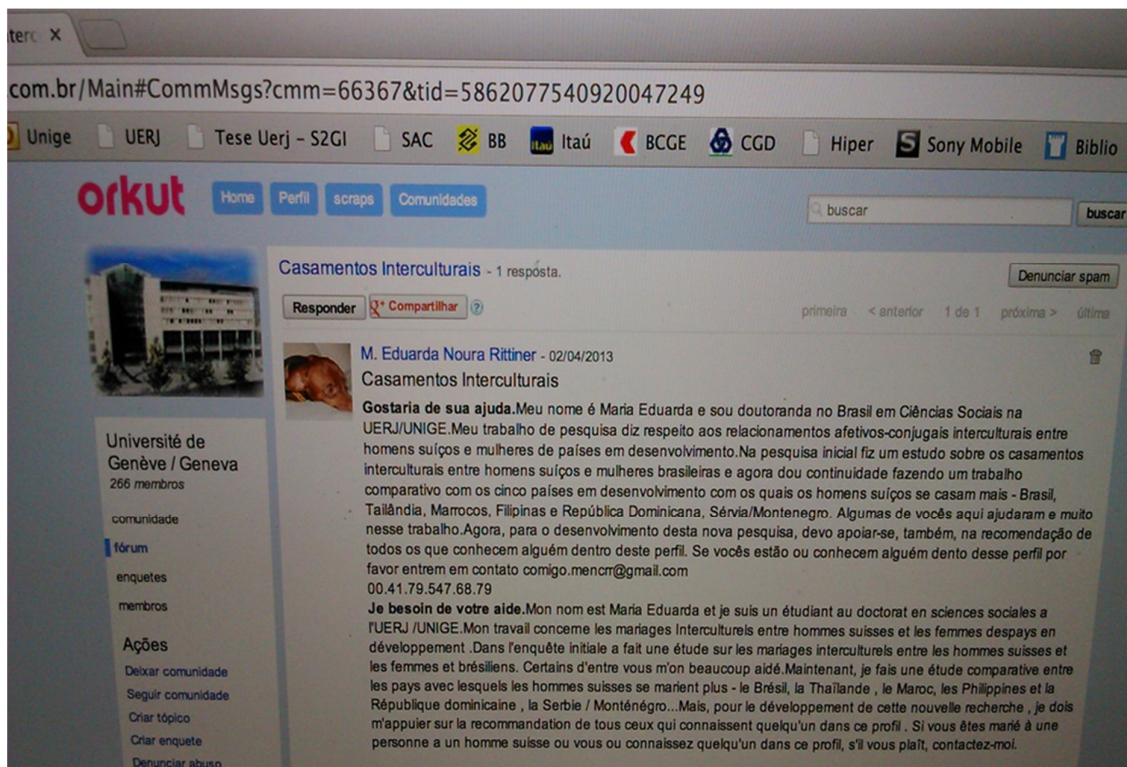


Foto: Noura Rittiner, 2014

APÊNDICE B

Tabelas dos casamentos dos(as) suíços(as) com estrangeiros dos 10 países com quem mais se casam de cada continente entre 1987 a 2011 por ano, continente, país e sexo

Tabela 9 - Casamentos interculturais em 1987, por continente

Mariages en 1987			
	Total	H	F
EUROPE			
Italie	1737	747	990
Allemagne	1240	1 082	158
France	858	701	157
Espagne	608	236	372
Portugal	509	232	277
Autriche	499	444	55
Yougoslavie 1)	334	183	151
Royaume-Uni	180	141	39
Turquie	172	37	135
Pays-Bas	146	117	29
ASIE	Total	H	F
Philippines	207	188	19
Thaïlande	189	176	13
Vietnam	73	16	57
Japon	43	39	4
Chine	40	17	23
Sri Lanka	37	5	32
Iran	34	17	17
Israël	22	21	1
Malaisie	14	11	3
Indonésie	13	10	3
AFRIQUE	Total	H	F
Maurice	89	82	7
Maroc	86	67	19
Tunisie	27	22	5
Algérie	24	18	6
Afrique du Sud	23	22	1
Kenya	17	15	2
Cap-Vert	14	5	9
Togo	14	13	1
Cameroun	13	12	1
Ghana	12	11	1
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	156	120	36
Canada	51	43	8
Mexique	44	38	6
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	51	39	12
Haïti	14	10	4
Costa Rica	9	6	3
El Salvador	9	6	3
Dominique	8	6	2
Jamaïque	6	6	0
Bahamas	4	4	0
Panama	4	4	0
Guatemala	3	3	0
Honduras	2	1	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	256	237	19
Pérou	61	53	8
Chili	58	34	24
Colombie	30	25	5
Uruguay	18	11	7
Venezuela	15	14	1
Bolivie	5	3	2
Paraguay	4	4	0
Equateur	3	2	1
Trinité-et-Tobago	2	2	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	22	20	2
Nouvelle-Zélande	4	4	0
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 10 - Casamentos interculturais em 1988, por continente

Mariages des Suisses en 1988			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1716	721	995
Allemagne	1163	990	173
France	868	688	180
Espagne	595	243	352
Portugal	557	226	331
Autriche	474	412	62
Yougoslavie 1)	368	190	178
Turquie	257	42	215
Pays-Bas	165	128	37
Royaume-Uni	140	99	41
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	273	251	22
Philippines	229	206	23
Vietnam	68	11	57
Sri Lanka	58	4	54
Japon	43	42	1
Chine	35	23	12
Iran	32	16	16
Israël	22	18	4
Malaisie	17	12	5
Cambodge	16	1	15
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	99	80	19
Maurice	75	67	8
Algérie	31	25	6
Tunisie	29	20	9
Cameroun	21	21	0
Kenya	18	18	0
Congo (Kinshasa)	17	8	9
Afrique du Sud	17	16	1
Ghana	15	12	3
Ethiopie	12	6	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Canada	65	54	11
Mexique	40	35	5
Etats-Unis	185	150	35
A. CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	95	77	18
Haiti	23	21	2
Guatemala	7	6	1

Costa Rica	5	5	0
Jamaïque	5	5	0
Cuba	5	4	1
El Salvador	4	3	1
Honduras	3	2	1
Nicaragua	3	3	0
Panama	3	2	1
A. DU SUD	Total	H	F
Brésil	242	212	30
Pérou	66	58	8
Colombie	59	51	8
Chili	46	20	26
Venezuela	14	12	2
Equateur	11	7	4
Uruguay	11	8	3
Bolivie	8	4	4
Trinité-et-Tobago	4	4	0
Paraguay	3	2	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	29	24	5
Nouvelle-Zélande	8	7	1
Fidji	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 11 - Casamentos interculturais em 1989, por continente

Mariages des Suisses en 1989

EUROPE	Total	H	F
Italie	1804	765	1039
Allemagne	1262	1 074	188
France	980	799	181
Portugal	692	304	388
Espagne	582	237	345
Autriche	542	453	89
Yougoslavie 1)	517	285	232
Turquie	381	41	340
Royaume-Uni	177	135	42
Pays-Bas	174	126	48
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	331	299	32
Philippines	264	243	21
Sri Lanka	244	7	237
Vietnam	51	15	36
Chine	48	30	18
Japon	42	33	9
Iran	41	18	23
Cambodge	22	9	13
Inde	16	13	3
Malaisie	15	10	5
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	118	90	28
Maurice	64	58	6
Algérie	32	18	14
Tunisie	28	17	11
Kenya	25	24	1
Ghana	19	11	8
Cameroun	19	16	3
Ethiopie	18	10	8
Congo (Kinshasa)	16	6	10
Afrique du Sud	15	13	2
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	178	145	33
Canada	71	56	15
Mexique	50	42	8

AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	140	108	32
Haïti	31	28	3
Jamaïque	8	8	0
Costa Rica	7	5	2
El Salvador	7	7	0
Guatemala	6	6	0
Panama	4	4	0
Honduras	3	2	1
Cuba	3	3	0
Nicaragua	3	2	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	318	281	37
Pérou	92	81	11
Colombie	68	51	17
Chili	49	19	30
Bolivie	15	10	5
Venezuela	15	13	2
Equateur	13	11	2
Uruguay	7	6	1
Paraguay	5	1	4
Trinité-et-Tobago	2	1	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	32	29	3
Nouvelle-Zélande	6	5	1
Fidji	1	1	0
Papouasie-N-Guinée	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 12 - Casamentos interculturais em 1990, por continente

Mariages des Suisses en 1990			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1820	748	1072
Allemagne	1378	1 150	228
France	862	717	145
Portugal	740	283	457
Espagne	592	223	369
Yougoslavie 1)	569	301	268
Autriche	533	454	79
Turquie	388	52	336
Royaume-Uni	165	111	54
Pays-Bas	161	129	32
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	416	387	29
Sri Lanka	310	4	306
Philippines	286	265	21
Chine	78	46	32
Japon	67	57	10
Vietnam	63	14	49
Iran	30	14	16
Liban	25	14	11
Inde	17	12	5
Indonésie	17	16	1
AFRIQUE	Total	H	F
Maurice	69	57	12
Algérie	47	34	13
Tunisie	45	38	7
Cameroun	32	29	3
Ghana	28	20	8
Congo (Kinshasa)	26	7	19
Kenya	25	23	2
Afrique du Sud	25	22	3
Madagascar	13	9	4
Ethiopie	12	6	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	195	160	35

Canada	64	55	9
Mexique	47	44	3
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	163	118	45
Haïti	29	26	3
Cuba	8	7	1
El Salvador	7	6	1
Guatemala	7	6	1
Jamaïque	5	4	1
Costa Rica	3	3	0
Honduras	2	2	0
Panama	2	2	0
Dominique	2	0	2
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	419	371	48
Pérou	101	84	17
Colombie	76	59	17
Chili	60	35	25
Venezuela	24	19	5
Equateur	15	13	2
Uruguay	15	7	8
Bolivie	9	7	2
Paraguay	7	5	2
Trinité-et-Tobago	4	2	2
OCEANIE	Total	H	F
Australie	36	32	4
Nouvelle-Zélande	13	12	1
Fidji	2	2	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor : NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 13- Casamentos interculturais em 1991, por continente

Mariages des Suisses en 1991			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1921	866	1055
Allemagne	1540	1 325	215
France	993	805	188
Portugal	866	311	555
Yougoslavie 1)	831	460	371
Autriche	643	557	86
Espagne	594	276	318
Turquie	404	71	333
Pays-Bas	216	173	43
Royaume-Uni	187	133	54
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	545	514	31
Sri Lanka	394	13	381
Philippines	310	290	20
Vietnam	86	27	59
Chine	82	54	28
Japon	82	75	7
Iran	36	20	16
Israël	29	27	2
Liban	25	8	17
Malaisie	25	18	7
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	393	304	89
Tunisie	72	50	22
Maurice	65	64	1
Cameroun	60	58	2
Algérie	58	40	18
Ghana	40	32	8
Congo (Kinshasa)	30	9	21
Kenya	26	24	2
Ethiopie	25	2	23
Angola	19	3	16
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	234	198	36

Canada	79	69	10
Mexique	44	41	3
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	323	260	63
Haïti	27	23	4
Dominique	23	12	11
Jamaïque	9	7	2
Guatemala	7	5	2
Cuba	6	6	0
Costa Rica	5	5	0
Nicaragua	4	4	0
El Salvador	3	3	0
Honduras	2	2	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	579	511	68
Pérou	158	128	30
Colombie	91	70	21
Chili	73	38	35
Argentine	54	48	6
Venezuela	22	16	6
Equateur	20	19	1
Bolivie	13	9	4
Uruguay	11	7	4
Paraguay	5	5	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	36	30	6
Nouvelle-Zélande	17	16	1
Fidji	3	3	0
Samoa	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 14 - Casamentos interculturais em 1992, por continente

Mariages des Suisses en 1992			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1735	713	1022
Yougoslavie 1)	974	304	670
Allemagne	953	733	220
Portugal	891	287	604
France	741	551	190
Espagne	508	189	319
Autriche	386	313	73
Turquie	348	55	293
Royaume-Uni	138	90	48
Pays-Bas	132	93	39
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	542	10	532
Thaïlande	429	390	39
Philippines	222	194	28
Vietnam	109	23	86
Chine	60	28	32
Japon	50	40	10
Indonésie	23	19	4
Iran	23	8	15
Liban	18	7	11
Malaisie	18	11	7
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	279	194	85
Ghana	57	41	16
Maurice	52	48	4
Congo (Kinshasa)	45	16	29
Tunisie	45	26	19
Algérie	40	31	9
Cameroun	37	32	5
Ethiopie	27	7	20
Cap-Vert	21	2	19
Kenya	21	19	2
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	152	122	30

Canada	45	34	11
Mexique	45	37	8
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	326	217	109
Haïti	29	25	4
Cuba	10	9	1
Costa Rica	8	8	0
Jamaïque	8	5	3
Dominique	4	3	1
El Salvador	3	1	2
Guatemala	3	3	0
Honduras	3	1	2
Panama	3	3	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	436	380	56
Pérou	152	113	39
Colombie	72	54	18
Chili	63	32	31
Argentine	38	26	12
Equateur	22	21	1
Venezuela	20	15	5
Bolivie	18	10	8
Uruguay	12	8	4
Paraguay	6	4	2
OCEANIE	Total	H	F
Australie	27	19	8
Nouvelle-Zélande	8	7	1
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 15 - Casamentos interculturais em 1993, por continente

Mariages des Suisses en 1993			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1728	703	1025
Allemagne	1176	946	230
Yougoslavie 1)	828	261	567
Portugal	808	291	517
France	712	543	169
Espagne	451	181	270
Autriche	397	341	56
Turquie	268	52	216
Pays-Bas	175	129	46
Royaume-Uni	144	100	44
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	580	4	576
Thaïlande	447	403	44
Philippines	261	241	20
Vietnam	81	17	64
Japon	75	61	14
Chine	74	47	27
Iran	28	9	19
Indonésie	22	19	3
Israël	21	14	7
Cambodge	20	4	16
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	257	191	66
Congo (Kinshasa)	52	19	33
Maurice	47	41	6
Algérie	37	23	14
Ghana	37	32	5
Cameroun	32	28	4
Ethiopie	31	5	26
Cap-Vert	21	6	15
Tunisie	21	18	3
Afrique du Sud	19	16	3
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	170	138	32

Canada	56	44	12
Mexique	46	40	6
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	330	230	100
Haïti	32	30	2
Costa Rica	10	8	2
Cuba	10	6	4
El Salvador	8	6	2
Jamaïque	8	8	0
Dominique	5	4	1
Guatemala	4	4	0
Honduras	3	2	1
Nicaragua	2	1	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	411	358	53
Pérou	159	113	46
Colombie	79	60	19
Chili	57	29	28
Equateur	37	29	8
Argentine	29	22	7
Bolivie	11	6	5
Uruguay	10	5	5
Venezuela	9	7	2
Paraguay	5	5	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	35	28	7
Nouvelle-Zélande	17	16	1
Tonga	1	1	0
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 16 - Casamentos interculturais em 1994, por continente

Mariages des Suisses en 1994			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1640	744	896
Allemagne	1147	921	226
Serbie-et-Monténégro	852	212	640
Portugal	814	252	562
France	730	560	170
Espagne	462	214	248
Autriche	428	356	72
Turquie	295	67	228
Bosnie et Herzégovine	191	26	165
Russie	169	134	35
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	618	8	610
Thaïlande	450	399	51
Philippines	245	220	25
Vietnam	76	30	46
Japon	63	52	11
Chine	60	28	32
Iran	30	15	15
Indonésie	20	15	5
Cambodge	19	5	14
Inde	17	8	9
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	237	176	61
Cameroun	55	49	6
Maurice	42	33	9
Tunisie	34	19	15
Congo (Kinshasa)	33	15	18
Algérie	31	20	11
Kenya	26	24	2
Ghana	23	19	4
Cap-Vert	23	6	17
Ethiopie	22	6	16
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	150	114	36

Canada	63	48	15
Mexique	48	43	5
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
R. Dominicaine	328	239	89
Cuba	31	30	1
Haïti	15	9	6
Costa Rica	9	8	1
Guatemala	7	6	1
Jamaïque	6	5	1
Honduras	4	4	0
Dominique	4	4	0
El Salvador	3	2	1
Nicaragua	3	3	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	505	433	72
Pérou	192	135	57
Colombie	92	63	29
Chili	51	32	19
Equateur	40	32	8
Argentine	33	27	6
Venezuela	22	16	6
Bolivie	15	11	4
Paraguay	7	4	3
Uruguay	3	2	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	39	32	7
Nouvelle-Zélande	10	6	4
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 17 - Casamentos interculturais em 1995, por continente

Mariages des Suisses en 1995			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1553	704	849
Allemagne	1130	919	211
Portugal	778	228	550
Serbie-et-Monténégro	762	165	597
France	752	607	145
Espagne	444	217	227
Autriche	350	302	48
Turquie	301	78	223
Bosnie et Herzégovine	223	26	197
Russie	188	150	38
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	437	406	31
Sri Lanka	399	12	387
Philippines	242	216	26
Japon	82	75	7
Vietnam	76	30	46
Chine	73	51	22
Indonésie	41	38	3
Iran	27	9	18
Cambodge	22	8	14
Corée, Rép (du Sud)	18	14	4
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	346	269	77
Cameroun	59	53	6
Algérie	39	27	12
Maurice	38	30	8
Tunisie	38	25	13
Congo (Kinshasa)	34	16	18
Kenya	30	27	3
Côte d'Ivoire	25	20	5
Somalie	24	4	20
Angola	21	3	18
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	140	117	23

Canada	51	42	9
Mexique	44	40	4
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	329	228	101
Cuba	21	17	4
Haïti	11	9	2
El Salvador	8	6	2
Honduras	8	6	2
Jamaïque	7	6	1
Costa Rica	4	4	0
Guatemala	3	3	0
Nicaragua	3	3	0
Panama	3	2	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	520	433	87
Pérou	138	91	47
Colombie	117	83	34
Chili	47	32	15
Argentine	38	28	10
Equateur	29	23	6
Venezuela	28	21	7
Bolivie	19	14	5
Paraguay	4	3	1
Uruguay	4	2	2
OCEANIE	Total	H	F
Australie	29	23	6
Nouvelle-Zélande	10	10	0
Fidji	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER,

2013.

Tabela 18 - Casamentos interculturais em 1996, por continente

Mariages des Suisses en 1996

EUROPE	Total	H	F
Italie	1515	644	871
Allemagne	1095	863	232
Serbie-et-Monténégro	914	199	715
Portugal	848	246	602
France	762	570	192
Espagne	445	207	238
Autriche	381	326	55
Bosnie et Herzégovine	366	61	305
Turquie	269	82	187
Russie	234	200	34
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	420	378	42
Sri Lanka	405	12	393
Philippines	228	206	22
Vietnam	104	57	47
Japon	81	73	8
Chine	76	42	34
Iran	33	17	16
Indonésie	32	29	3
Inde	23	17	6
Cambodge	18	5	13
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	328	254	74
Cameroun	64	56	8
Maurice	46	40	6
Tunisie	43	27	16
Ethiopie	32	11	21
Algérie	32	23	9
Congo (Kinshasa)	30	14	16
Kenya	28	25	3
Côte d'Ivoire	25	23	2
Somalie	23	3	20
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	132	103	29

Canada	65	51	14
Mexique	55	44	11
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	289	227	62
Cuba	60	44	16
Haïti	17	16	1
Jamaïque	10	9	1
Costa Rica	7	6	1
Guatemala	5	5	0
Honduras	3	3	0
Nicaragua	3	2	1
Dominique	3	0	3
El Salvador	2	0	2
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	624	525	99
Pérou	146	106	40
Colombie	111	88	23
Chili	53	35	18
Equateur	46	36	10
Argentine	27	22	5
Venezuela	26	24	2
Bolivie	22	16	6
Paraguay	5	4	1
Uruguay	3	3	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	25	22	3
Nouvelle-Zélande	7	7	0
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-Nouvelle-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 19 - Casamentos interculturais em 1997, por continente

Mariages des Suisses en 1997			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1380	593	787
Allemagne	1108	851	257
Serbie-et-Monténégro	1023	264	759
Portugal	738	206	532
France	714	536	178
Espagne	397	193	204
Bosnie et Herzégovine	373	91	282
Autriche	337	281	56
Turquie	332	94	238
Russie	239	192	47
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	475	7	468
Thaïlande	443	403	40
Philippines	216	196	20
Vietnam	106	52	54
Chine	84	51	33
Japon	72	63	9
Iran	30	17	13
Inde	28	18	10
Indonésie	27	24	3
Liban	17	14	3
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	308	230	78
Cameroun	71	68	3
Algérie	47	28	19
Maurice	47	40	7
Tunisie	44	36	8
Angola	35	13	22
Côte d'Ivoire	35	33	2
Somalie	33	3	30
Kenya	29	26	3
Ethiopie	25	10	15
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	121	97	24

Canada	59	47	12
Mexique	42	37	5
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	262	201	61
Cuba	64	53	11
Haïti	14	13	1
Costa Rica	9	9	0
Guatemala	8	4	4
Honduras	8	8	0
Jamaïque	6	6	0
El Salvador	4	3	1
Nicaragua	3	1	2
Sainte-Lucie	2	2	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	566	470	96
Pérou	146	112	34
Colombie	143	103	40
Equateur	54	39	15
Chili	40	27	13
Venezuela	33	27	6
Argentine	24	21	3
Bolivie	21	17	4
Paraguay	8	7	1
Uruguay	7	3	4
OCEANIE	Total	H	F
Australie	30	25	5
Nouvelle-Zélande	9	6	3
Fidji	1	0	1
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-Nouvelle-Guinée	0	0	0
Tonga	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 20 - Casamentos interculturais em 1998, por continente

Mariages des Suisses en 1998			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1397	660	737
Allemagne	1105	829	276
Serbie-et-Monténégro	767	162	605
Portugal	717	192	525
France	686	511	175
Espagne	399	194	205
Turquie	347	118	229
Autriche	293	248	45
Bosnie et Herzégovine	282	69	213
Russie	219	179	40
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	655	11	644
Thaïlande	481	438	43
Philippines	212	187	25
Chine	129	96	33
Vietnam	94	50	44
Japon	71	64	7
Liban	41	34	7
Indonésie	32	31	1
'Corée, Rép (du Sud)	26	23	3
Inde	24	16	8
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	327	251	76
Cameroun	108	100	8
Tunisie	45	31	14
Algérie	41	23	18
Côte d'Ivoire	40	36	4
Kenya	37	31	6
Somalie	31	5	26
Ethiopie	28	8	20
Maurice	28	26	2
Congo (Kinshasa)	27	14	13
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	132	109	23

Canada	73	58	15
Mexique	51	46	5
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	246	199	47
Cuba	69	54	15
Jamaïque	15	11	4
Haïti	14	12	2
Dominique	7	6	1
Honduras	6	4	2
Costa Rica	5	5	0
Panama	5	4	1
Nicaragua	4	4	0
El Salvador	3	3	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	617	513	104
Colombie	148	104	44
Pérou	109	84	25
Chili	58	38	20
Equateur	52	43	9
Venezuela	27	19	8
Bolivie	22	14	8
Paraguay	6	4	2
Uruguay	5	2	3
Barbade	1	1	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	29	21	8
Nouvelle-Zélande	8	8	0
Tonga	1	0	1
Fidji	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER,

2013.

Tabela 21 - Casamentos interculturais em 1999, por continente

Mariages des Suisses en 1999			
EUROPE	Total	H	F
Italie	1282	625	657
Allemagne	1101	837	264
Serbie-et-Monténégro	991	176	815
France	674	484	190
Portugal	659	172	487
Espagne	396	182	214
Turquie	388	139	249
Russie	290	235	55
Autriche	285	237	48
Bosnie et Herzégovine	236	42	194
ASIE	Total	H	F
Sri Lanka	806	9	797
Thaïlande	553	507	46
Philippines	179	163	16
Chine	132	92	40
Vietnam	99	58	41
Japon	91	77	14
Indonésie	35	26	9
Inde	32	14	18
Liban	32	25	7
Iran	26	12	14
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	322	234	88
Cameroun	119	109	10
Tunisie	60	31	29
Maurice	52	42	10
Côte d'Ivoire	43	36	7
Kenya	40	35	5
Ethiopie	37	16	21
Congo (Kinshasa)	36	20	16
Algérie	33	16	17
Congo (Brazzaville)	33	20	13
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	133	98	35

Canada	87	62	25
Mexique	59	51	8
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	227	174	53
Cuba	95	69	26
Haïti	15	12	3
Costa Rica	11	10	1
Jamaïque	10	8	2
Honduras	8	7	1
Trinité-et-Tobago	4	4	0
El Salvador	3	1	2
Panama	2	2	0
Dominique	2	2	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	665	539	126
Colombie	226	159	67
Pérou	128	87	41
Equateur	80	63	17
Chili	51	28	23
Venezuela	43	34	9
Argentine	39	32	7
Bolivie	24	14	10
Uruguay	3	3	0
Paraguay	1	1	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	38	30	8
Nouvelle-Zélande	9	7	2
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Kiribati	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 22 - Casamentos interculturais em 2000, por continente

Mariages des Suisses en 2000

EUROPE	Total	H	F
Italie	1276	622	654
Serbie-Monténégro	1094	186	908
Allemagne	1093	821	272
Portugal	662	182	480
France	661	469	192
Espagne	393	199	194
Turquie	377	137	240
Russie	333	263	70
Croatie	275	103	172
Russie	275	224	51
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	631	549	82
Sri Lanka	318	10	308
Chine	180	120	60
Philippines	148	130	18
Vietnam	121	69	52
Japon	103	90	13
Indonésie	30	25	5
Iran	29	14	15
Corée, Rép (du Sud)	24	22	2
Inde	23	11	12
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	324	244	80
Cameroun	120	111	9
Algérie	61	40	21
Tunisie	61	31	30
Côte d'Ivoire	55	44	11
Ethiopie	51	23	28
Maurice	43	33	10
Angola	38	6	32
Somalie	35	6	29
Kenya	34	30	4
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	134	101	33

Canada	90	72	18
Mexique	57	46	11
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	217	165	52
Cuba	84	69	15
El Salvador	9	7	2
Guatemala	9	9	0
Jamaïque	8	6	2
Nicaragua	7	7	0
Haïti	6	6	0
Honduras	3	3	0
Dominique	3	2	1
Costa Rica	2	1	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	710	570	140
Colombie	171	126	45
Pérou	135	109	26
Equateur	70	51	19
Chili	56	37	19
Argentine	45	38	7
Venezuela	45	39	6
Bolivie	17	13	4
Paraguay	4	2	2
Uruguay	4	3	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	33	21	12
Nouvelle-Zélande	7	6	1
Samoa	1	1	0
Iles Salomon	1	0	1
Kiribati	1	1	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTNER, 2013.

Tabela 23 - Casamentos interculturais em 2001, por continente

Mariages des Suisses en 2001

EUROPE	Total	H	F
Italie	1252	569	683
Allemagne	1140	821	319
Portugal	681	166	515
Serbie-Monténégro	674	212	462
France	631	439	192
Turquie	503	165	338
Espagne	391	178	213
Bosnie et Herzégovine	278	58	220
Croatie	275	103	172
Russie	275	224	51
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	683	602	81
Sri Lanka	264	19	245
Chine	174	121	53
Philippines	138	112	26
Vietnam	127	70	57
Japon	88	72	16
Indonésie	45	44	1
Iran	34	14	20
Pakistan	29	18	11
Inde	28	19	9
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	303	211	92
Cameroun	152	130	22
Tunisie	60	40	20
Algérie	55	29	26
Côte d'Ivoire	50	39	11
Maurice	48	43	5
Kenya	42	36	6
Congo (Kinshasa)	34	19	15
Ethiopie	32	19	13
Ghana	29	15	14
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	134	96	38

Canada	96	75	21
Mexique	56	47	9
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	235	160	75
Cuba	81	63	18
Haïti	14	8	6
Jamaïque	9	8	1
Costa Rica	6	6	0
Guatemala	6	5	1
El Salvador	3	1	2
Nicaragua	3	2	1
Dominique	3	3	0
Honduras	2	1	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	766	617	149
Colombie	163	103	60
Pérou	134	98	36
Equateur	68	48	20
Chili	67	42	25
Argentine	46	35	11
Venezuela	31	26	5
Bolivie	27	18	9
Paraguay	6	5	1
Uruguay	6	3	3
OCEANIE	Total	H	F
Australie	38	27	11
Nouvelle-Zélande	6	5	1
Samoa	1	1	0
Iles Salomon	1	0	1
Kiribati	1	1	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTNER,

2013.

Tabela 24 - Casamentos interculturais em 2002, por continente

Mariages des Suisses en 2002

EUROPE	Total	H	F
Italie	1171	503	668
Allemagne	1057	726	331
Serbie-Monténégro	679	229	450
Portugal	645	147	498
France	546	375	171
Turquie	503	166	337
Espagne	358	177	181
Maroc	342	224	118
Russie	334	251	83
Croatie	280	112	168
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	762	665	97
Chine	215	154	61
Sri Lanka	212	19	193
Philippines	149	124	25
Vietnam	133	73	60
Japon	98	92	6
Inde	39	18	21
Maurice	38	29	9
Liban	38	33	5
Iraq	35	6	29
AFRIQUE	Total	H	F
Cameroun	174	142	32
Tunisie	67	33	34
Côte d'Ivoire	56	40	16
Algérie	51	31	20
Kenya	44	41	3
Congo (Kinshasa)	35	15	20
Nigéria	31	29	2
Ethiopie	28	17	11
Afrique du Sud	28	23	5
Ghana	23	17	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
États-Unis	156	112	44

Canada	94	66	28
Mexique	56	49	7
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République Dominicaine	205	129	76
Cuba	85	63	22
Haiti	17	10	7
Costa Rica	10	10	0
Honduras	7	5	2
Nicaragua	7	6	1
El Salvador	6	4	2
Guatemala	5	4	1
Jamaïque	4	3	1
Panama	4	4	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	758	580	178
Colombie	174	119	55
Pérou	119	91	28
Equateur	69	49	20
Chili	67	45	22
Argentine	60	50	10
Venezuela	49	36	13
Bolivie	38	29	9
Paraguay	14	14	0
Uruguay	5	3	2
OCEANIE	Total	H	F
Australie	37	30	7
Nouvelle-Zelande	9	7	2
Fidji	1	1	0
Papouasie-N-Guinée			0
Fidji			0
Tonga			0
Nauru			0
Vanuatu			0
Samoa			0
Iles Salomon			0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 25 - Casamentos interculturais em 2003, por continente

Mariages des Suisses en 2003

EUROPE	Total	H	F
Italie	1095	501	594
Allemagne	1034	713	321
Serbie-Monténégro	727	266	461
Portugal	625	125	500
Turquie	571	171	400
France	540	362	178
Espagne	362	153	209
Maroc	307	205	102
Russie	297	232	65
Croatie	281	112	169
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	825	725	100
Chine	264	181	83
Philippines	170	134	36
Sri Lanka	125	20	105
Japon	110	93	17
Vietnam	108	65	43
Indonésie	35	28	7
Iran	34	12	22
Cambodge	32	24	8
Liban	31	24	7
AFRIQUE	Total	H	F
Cameroun	166	144	22
Tunisie	71	45	26
Côte d'Ivoire	55	49	6
Kenya	49	41	8
Algérie	46	25	21
Maurice	37	30	7
Congo (Kinshasa)	36	15	21
Ethiopie	32	18	14
Angola	23	9	14
Sénégal	22	16	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	144	110	34

Canada	75	56	19
Mexique	62	51	11
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	202	138	64
Cuba	85	62	23
Haïti	13	9	4
Costa Rica	10	8	2
Guatemala	6	5	1
Nicaragua	6	5	1
Jamaïque	4	3	1
Honduras	3	2	1
Dominique	2	2	0
Guatemala			0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	825	592	233
Colombie	186	119	67
Pérou	142	98	44
Equateur	93	60	33
Argentine	69	53	16
Chili	53	30	23
Venezuela	47	36	11
Bolivie	37	21	16
Paraguay	7	6	1
El Salvador	1	1	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	45	27	18
Nouvelle-Zélande	10	9	1
Fidji	0	0	0
Tonga	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 26 - Casamentos interculturais em 2004, por continente

Mariages des Suisses en 2004			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1071	723	348
Italie	986	442	544
Serbie-Monténégro	712	995	-283
Portugal	626	153	473
France	543	345	198
Turquie	466	187	279
Espagne	355	182	173
Russie	339	262	77
Ukraine	298	240	58
Croatie	278	123	155
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	729	623	106
Chine	220	159	61
Philippines	184	160	24
Japon	105	88	17
Sri Lanka	92	19	73
Vietnam	87	56	31
Inde	32	17	15
Indonésie	26	22	4
Iran	26	17	9
Cambodge	25	16	9
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	314	224	90
Cameroun	146	124	22
Algérie	69	43	26
Kenya	63	52	11
Tunisie	58	35	23
Côte d'Ivoire	49	36	13
Ethiopie	38	21	17
Liban	35	30	5
Congo (Kinshasa)	30	15	15
Angola	26	7	19
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	115	83	32

Canada	84	55	29
Mexique	69	57	12
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	205	142	63
Cuba	67	50	17
Haïti	13	7	6
Jamaïque	12	9	3
Nicaragua	11	9	2
El Salvador	8	6	2
Panama	8	7	1
Guatemala	5	3	2
Costa Rica	4	2	2
Honduras	4	2	2
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	903	640	263
Colombie	134	90	44
Pérou	110	81	29
Equateur	81	56	25
Chili	56	32	24
Argentine	43	26	17
Venezuela	39	26	13
Bolivie	34	21	13
Uruguay	14	11	3
Paraguay	13	8	5
OCEANIE	Total	H	F
Australie	45	34	11
Nouvelle-Zélande	9	6	3
Iles Salomon	1	1	0
Kiribati	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 27 - Casamentos interculturais em 2005, por continente

Mariages des Suisses en 2005			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1200	766	434
Italie	1104	505	599
Serbie-et-Monténégro	818	379	439
Portugal	593	122	471
France	518	351	167
Turquie	423	194	229
Espagne	345	162	183
Russie	323	248	75
Ukraine	322	244	78
Croatie	264	115	149
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	644	573	71
Chine	227	167	60
Philippines	158	132	26
Japon	90	78	12
Vietnam	86	60	26
Sri Lanka	58	19	39
Liban	39	32	7
Indonésie	32	28	4
Iran	30	22	8
Corée du Sud	29	22	7
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	322	218	104
Cameroun	173	146	27
Tunisie	75	43	32
Congo (Kinshasa)	63	29	34
Algérie	55	38	17
Ethiopie	46	33	13
Côte d'Ivoire	45	34	11
Nigéria	32	26	6
Sénégal	31	23	8
Maurice	29	25	4
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	132	99	33

Canada	87	63	24
Mexique	78	69	9
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	232	177	55
Cuba	66	51	15
Costa Rica	13	12	1
Haïti	12	6	6
Honduras	9	5	4
Nicaragua	8	4	4
Jamaïque	6	4	2
Panama	3	3	0
El Salvador	2	2	0
Guatemala	2	2	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	923	654	269
Colombie	172	109	63
Pérou	125	105	20
Equateur	86	60	26
Chili	65	40	25
Argentine	64	54	10
Bolivie	47	35	12
Venezuela	41	28	13
Paraguay	16	11	5
Uruguay	7	6	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	33	22	11
Nouvelle-Zélande	4	4	0
Fidji	1	1	0
Tonga	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 28 - Casamentos interculturais em 2006, por continente

Mariages des Suisses en 2006			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1292	843	449
Italie	982	450	532
Serbie-Monténégro	776	411	365
Portugal	561	130	431
France	550	350	200
Turquie	470	201	269
Russie	338	266	72
Ukraine	307	237	70
Espagne	286	152	134
Croatie	279	135	144
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	617	543	74
Chine	244	187	57
Philippines	148	115	33
Japon	105	95	10
Vietnam	101	71	30
Corée, Rép (du Sud)	36	34	2
Sri Lanka	75	33	42
Liban	38	32	6
Indonésie	32	30	2
Iran	29	25	4
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	352	243	109
Cameroun	178	135	43
Tunisie	70	52	18
Kenya	44	38	6
Algérie	60	36	24
Côte d'Ivoire	43	34	9
Congo (Kinshasa)	68	31	37
Maurice	32	29	3
Ethiopie	37	23	14
Madagascar	22	20	2
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	125	84	41

Mexique	89	83	6
Canada	93	67	26
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	197	147	50
Cuba	96	77	19
Costa Rica	15	15	0
Nicaragua	11	10	1
Haïti	17	10	7
Jamaïque	9	7	2
El Salvador	10	7	3
Honduras	8	6	2
Guatemala	7	6	1
Panama	5	4	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	949	653	296
Pérou	145	112	33
Colombie	140	109	31
Equateur	83	58	25
Argentine	43	38	5
Venezuela	46	34	12
Bolivie	55	33	22
Chili	48	26	22
Paraguay	12	11	1
Uruguay	4	4	0
OCEANIE	Total	H	F
Australie	26	16	10
Nouvelle-Zélande	13	9	4
Fidji	1	1	0
Tonga	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTNER, 2013.

Tabela 29 - Casamentos interculturais em 2007, por continente

Mariages des Suisses en 2007			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1364	891	473
Italie	986	505	481
Serbie-Monténégro	914	487	427
Portugal	554	127	427
France	503	307	196
Turquie	410	196	214
Russie	336	256	80
Ukraine	321	234	87
Espagne	318	163	155
Croatie	272	149	123
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	593	538	55
Chine	217	155	62
Philippines	131	109	22
Japon	115	98	17
Vietnam	83	60	23
Sri Lanka	104	44	60
Corée, Rép (du Sud)	31	28	3
Liban	35	27	8
Indonésie	32	24	8
Iran	32	21	11
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	290	184	106
Cameroun	167	135	32
Algérie	72	51	21
Tunisie	81	50	31
Kenya	51	44	7
Côte d'Ivoire	43	31	12
Madagascar	24	23	1
Ethiopie	40	22	18
Congo (Kinshasa)	52	19	33
Maurice	23	17	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	147	98	49

Canada	73	59	14
Mexique	59	52	7
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	187	131	56
Cuba	68	51	17
Costa Rica	15	12	3
Nicaragua	12	8	4
Panama	6	6	0
Haïti	8	6	2
Honduras	5	4	1
Guatemala	6	4	2
Jamaïque	6	2	4
El Salvador	2	1	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	976	673	303
Pérou	141	114	27
Colombie	149	100	49
Equateur	98	67	31
Bolivie	60	36	24
Venezuela	38	29	9
Chili	55	29	26
Argentine	36	23	13
Paraguay	18	10	8
Uruguay	6	4	2
OCEANIE	Total	H	F
Australie	29	21	8
Nouvelle-Zélande	9	7	2
Fidji	0	0	0
Iles Marshall	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Kiribati	0	0	0
Micronésie	0	0	0
Nauru	0	0	0
Palau	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 30 - Casamentos interculturais em 2008, por continente

Mariages des Suisses en 2008

EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1685	1 048	637
Italie	1002	494	508
Serbie-Monténégro	955	498	457
Portugal	549	139	410
France	532	331	201
Turquie	442	211	231
Russie	334	243	91
Espagne	294	161	133
Ukraine	275	217	58
Croatie	226	98	128
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	591	522	69
Philippines	166	145	21
Chine	193	135	58
Japon	109	87	22
Vietnam	76	54	22
Sri Lanka	88	37	51
Mongolie	33	29	4
Indonésie	33	27	6
Liban	39	27	12
Corée, Rép(du Sud)	31	24	7
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	265	170	95
Cameroun	162	123	39
Tunisie	89	58	31
Algérie	65	42	23
Kenya	44	36	8
Côte d'Ivoire	45	33	12
Congo (Kinshasa)	56	24	32
Maurice	27	24	3
Egypte	26	20	6
Madagascar	23	19	4
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	167	114	53

Mexique	87	82	5
Canada	90	63	27
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	202	149	53
Cuba	74	60	14
Costa Rica	15	14	1
Honduras	11	7	4
El Salvador	7	5	2
Nicaragua	8	5	3
Guatemala	6	4	2
Panama	5	4	1
Haïti	3	3	0
Jamaïque	5	3	2
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	1030	687	343
Pérou	140	103	37
Colombie	162	102	60
Argentine	78	56	22
Equateur	80	46	34
Venezuela	56	42	14
Chili	54	34	20
Bolivie	53	26	27
Paraguay	19	11	8
Uruguay	7	3	4
OCEANIE	Total	H	F
Australie	39	20	19
Nouvelle-Zélande	9	8	1
Fidji	0	0	0
Iles Marshall	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Kiribati	0	0	0
Micronésie	0	0	0
Nauru	0	0	0
Palau	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION

Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 31 - Casamentos interculturais em 2009, por continente

Mariages des Suisses en 2009			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	1825	1 083	742
Italie	1003	515	488
Serbie-Monténégro	994	528	466
France	633	391	242
Portugal	593	170	423
Turquie	447	209	238
Russie	360	271	89
Espagne	273	137	136
Croatie	265	126	139
Macédoine	261	151	110
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	529	468	61
Chine	214	165	49
Philippines	175	142	33
Japon	93	77	16
Vietnam	97	66	31
Corée, Rép (du Sud)	40	36	4
Sri Lanka	91	35	56
Indonésie	46	32	14
Liban	47	27	20
Inde	28	22	6
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	259	168	91
Cameroun	123	96	27
Tunisie	100	65	35
Algérie	61	44	17
Kenya	39	32	7
Côte d'Ivoire	38	31	7
Madagascar	24	22	2
Congo (Kinshasa)	59	21	38
Maurice	20	17	3
Sénégal	23	16	7
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	173	127	46
Mexique	96	81	15
Canada	83	51	32
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	181	123	58
Cuba	61	45	16
Honduras	15	10	5
Costa Rica	10	8	2
Nicaragua	11	7	4
Guatemala	8	7	1
Haïti	6	5	1
El Salvador	9	5	4
Jamaïque	4	2	2
Panama	2	2	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	916	581	335
Colombie	157	103	54
Pérou	97	67	30
Argentine	53	39	14
Chili	58	38	20
Venezuela	41	32	9
Bolivie	62	28	34
Equateur	58	25	33
Paraguay	13	7	6
Uruguay	9	6	3
OCEANIE	Total	H	F
Australie	44	37	7
Nouvelle-Zélande	19	9	10
Fidji	0	0	0
Tonga	0	0	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 32 - Casamentos interculturais em 2010, por continente

Mariages des Suisses en 2010

EUROPE	Total	H	F
Allemagne	2009	1 150	859
Italie	975	464	511
France	645	392	253
Kosovo	605	339	266
Portugal	592	151	441
Turquie	487	204	283
Serbie	186	222	-36
Russie	402	276	126
Macédoine	330	172	158
Espagne	316	150	166
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	497	437	60
Chine	209	146	63
Philippines	154	131	23
Japon	107	92	15
Vietnam	122	88	34
Sri Lanka	124	46	78
Indonésie	45	39	6
Inde	30	28	2
Iran	53	24	29
Cambodge	25	24	1
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	240	149	91
Cameroun	117	87	30
Tunisie	111	69	42
Algérie	62	36	26
Kenya	33	31	2
Côte d'Ivoire	46	31	15
Congo (Kinshasa)	64	27	37
Maurice	28	22	6
Nigéria	26	19	7
Sénégal	24	18	6
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	177	127	50

Mexique	91	78	13
Canada	108	75	33
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	165	114	51
Cuba	55	44	11
Costa Rica	11	11	0
Nicaragua	13	9	4
Honduras	8	7	1
Haiti	7	6	1
El Salvador	8	5	3
Panama	7	5	2
Jamaïque	8	4	4
Guatemala	4	4	0
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	842	548	294
Colombie	135	90	45
Pérou	99	80	19
Argentine	62	50	12
Equateur	81	37	44
Bolivie	84	37	47
Chili	54	35	19
Venezuela	33	21	12
Paraguay	18	10	8
Uruguay	6	3	3
OCEANIE	Total	H	F
Australie	32	24	8
Nouvelle-Zélande	8	7	1
Fidji	2	2	0
Tonga	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013.

Tabela 33 - Casamentos interculturais em 2011, por continente

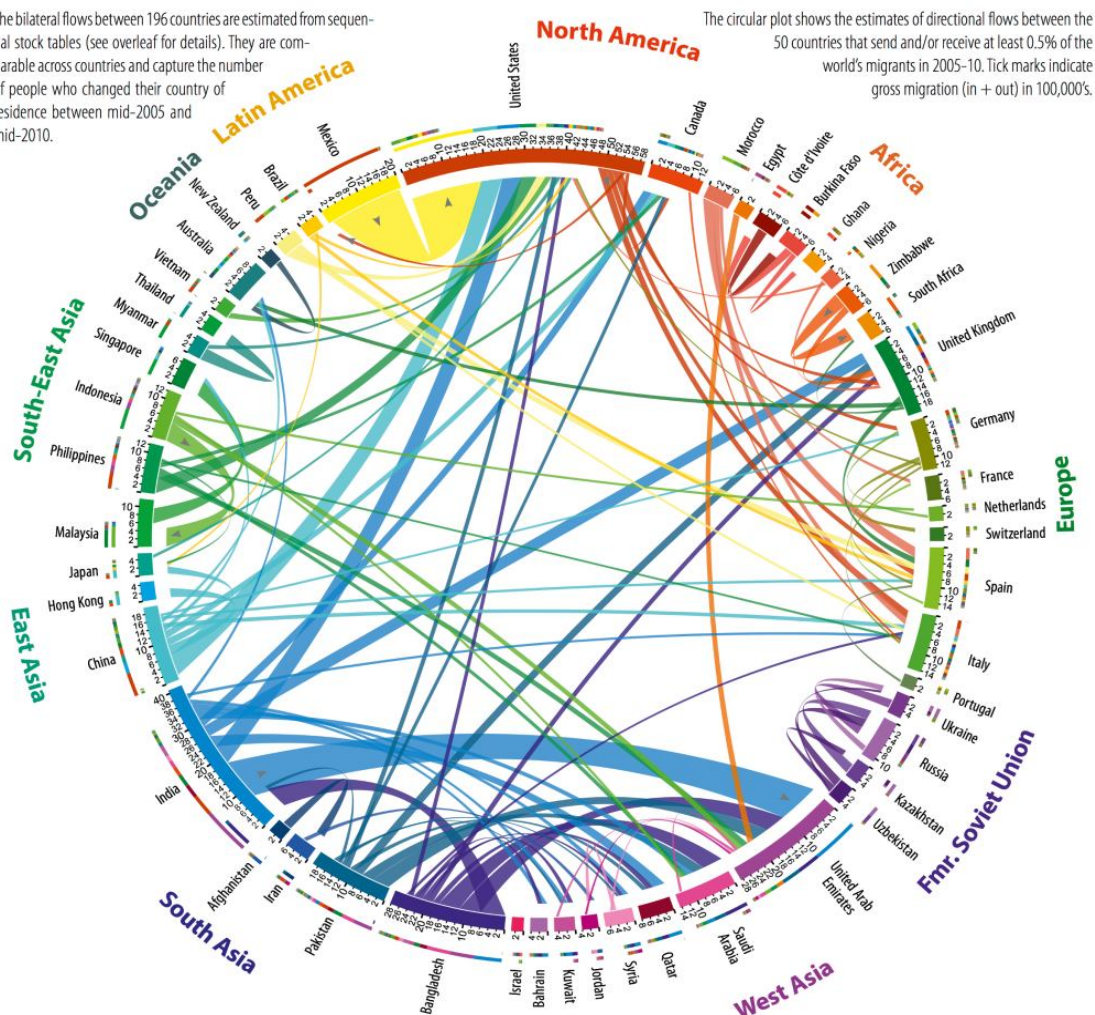
Mariages des Suisses en 2011			
EUROPE	Total	H	F
Allemagne	2113	1 224	889
Italie	946	460	486
Kosovo	631	321	310
France	617	357	260
Serbie	543	262	281
Portugal	504	130	374
Turquie	485	213	272
Russie	351	249	102
Macédoine	348	203	145
Espagne	298	162	136
ASIE	Total	H	F
Thaïlande	523	470	53
Philippines	171	146	25
Chine	180	118	62
Japon	93	85	8
Vietnam	92	57	35
Sri Lanka	104	35	69
Corée, Rép (du Sud)	35	31	4
Indonésie	32	25	7
Iran	52	22	30
Inde	33	22	11
AFRIQUE	Total	H	F
Maroc	200	118	82
Cameroun	112	85	27
Tunisie	103	59	44
Algérie	56	32	24
Kenya	35	29	6
Sénégal	29	23	6
Afrique du Sud	24	21	3
Côte d'Ivoire	36	19	17
Ethiopie	36	18	18
Egypte	22	17	5
AMERIQUE DU NORD	Total	H	F
Etats-Unis	197	137	60
Canada	99	76	23
Mexique	80	64	16
AMERIQUE CENTRALE	Total	H	F
République dominicaine	165	120	45
Cuba	41	37	4
Costa Rica	10	8	2
Haiti	7	6	1
Nicaragua	7	4	3
El Salvador	7	4	3
Jamaïque	5	4	1
Panama	3	3	0
Guatemala	3	3	0
Honduras	3	2	1
AMERIQUE DU SUD	Total	H	F
Brésil	629	426	203
Colombie	117	89	28
Pérou	93	69	24
Argentine	46	37	9
Equateur	57	35	22
Chili	42	31	11
Venezuela	37	25	12
Bolivie	45	24	21
Paraguay	19	17	2
Uruguay	7	6	1
OCEANIE	Total	H	F
Australie	31	26	5
Nouvelle-Zélande	8	5	3
Fidji	1	1	0
Tonga	1	1	0
Nauru	0	0	0
Vanuatu	0	0	0
Papouasie-N-Guinée	0	0	0
Samoa	0	0	0
Iles Salomon	0	0	0
Tuvalu	0	0	0

Fonte: OFFICE FÉDÉRAL DE LA STATISTIQUE - OFS/SECTION DÉMOGRAPHIE ET MIGRATION
 Autor: NOURA RITTINER, 2013

ANEXOS

Gráfico 15 - The global flow of people.⁸⁵
 Where everyone in the world is migrating—in one gorgeous chart

The bilateral flows between 196 countries are estimated from sequential stock tables (see overleaf for details). They are comparable across countries and capture the number of people who changed their country of residence between mid-2005 and mid-2010.



Fonte: <[Wittgenstein Centre for Demography and Global Human Capital](#)>

Autor: SANDER, Nikola; ABEL, Guy J.; BAUER, Ramon

⁸⁵ SANDER, Nikola; ABEL, Guy J.; BAUER, Ramon. O fluxo global de pessoas. At the <[Wittgenstein Centre for Demography and Global Human Capital](#)>. Acesso em 01/05/2014. Disponível em: <http://www.global-migration.info/?_ga=1.46004964.1790197212.1408201200>